

bestseller do USA Today

MERLINE LOVELACE

autora vencedora do RITA AWARD

A ESPOSA DO SOLDADO

cherish
BOOKS



SUMÁRIO

[Capa](#)
[Forte Laramie](#)
[Capítulo Um](#)
[Capítulo Dois](#)
[Capítulo Três](#)
[Capítulo Quatro](#)
[Capítulo Cinco](#)
[Capítulo Seis](#)
[Capítulo Sete](#)
[Capítulo Oito](#)
[Capítulo Nove](#)
[Capítulo Dez](#)
[Capítulo Onze](#)
[Capítulo Doze](#)
[Capítulo Treze](#)
[Capítulo Quatorze](#)
[Capítulo Quinze](#)
[Capítulo Dezesseis](#)
[Capítulo Dezesete](#)
[Capítulo Dezoito](#)
[Capítulo Dezenove](#)
[Capítulo Vinte](#)
[Capítulo Vinte e Um](#)
[Capítulo Vinte e Dois](#)
[Capítulo Vinte e Três](#)
[Capítulo Vinte e Quatro](#)
[Capítulo Vinte e Cinco](#)
[Capítulo Vinte e Seis](#)
[Capítulo Vinte e Sete](#)
[Nota da Autora](#)
[Notas](#)

A ESPOSA DO
SOLDADO

MERLINE
LOVELACE

cherish
BOOKS

Copyright 2001© Merline Lovelace
Copyright 2019© Cherish Books

Lovelace, Merline

A Esposa do Soldado (The Horse soldier) / Cherish Books; Rio de Janeiro; 2019

Edição Digital

1.Romance Histórico 2. Literatura Estrangeira 3.Ficção

A Esposa do Soldado © Copyright 2019 — Cherish Books

Texto revisado segundo novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, através de quaisquer meios, sem a prévia autorização do autor.

Esta é uma obra de ficção. Qualquer semelhança com nomes, pessoas, locais ou fatos, terá sido mera coincidência.

Preparação de Texto: Elimar Souza

Tradução: Bianca Carvalho

Revisão: Luciane Rangel

Capa: André Siqueira

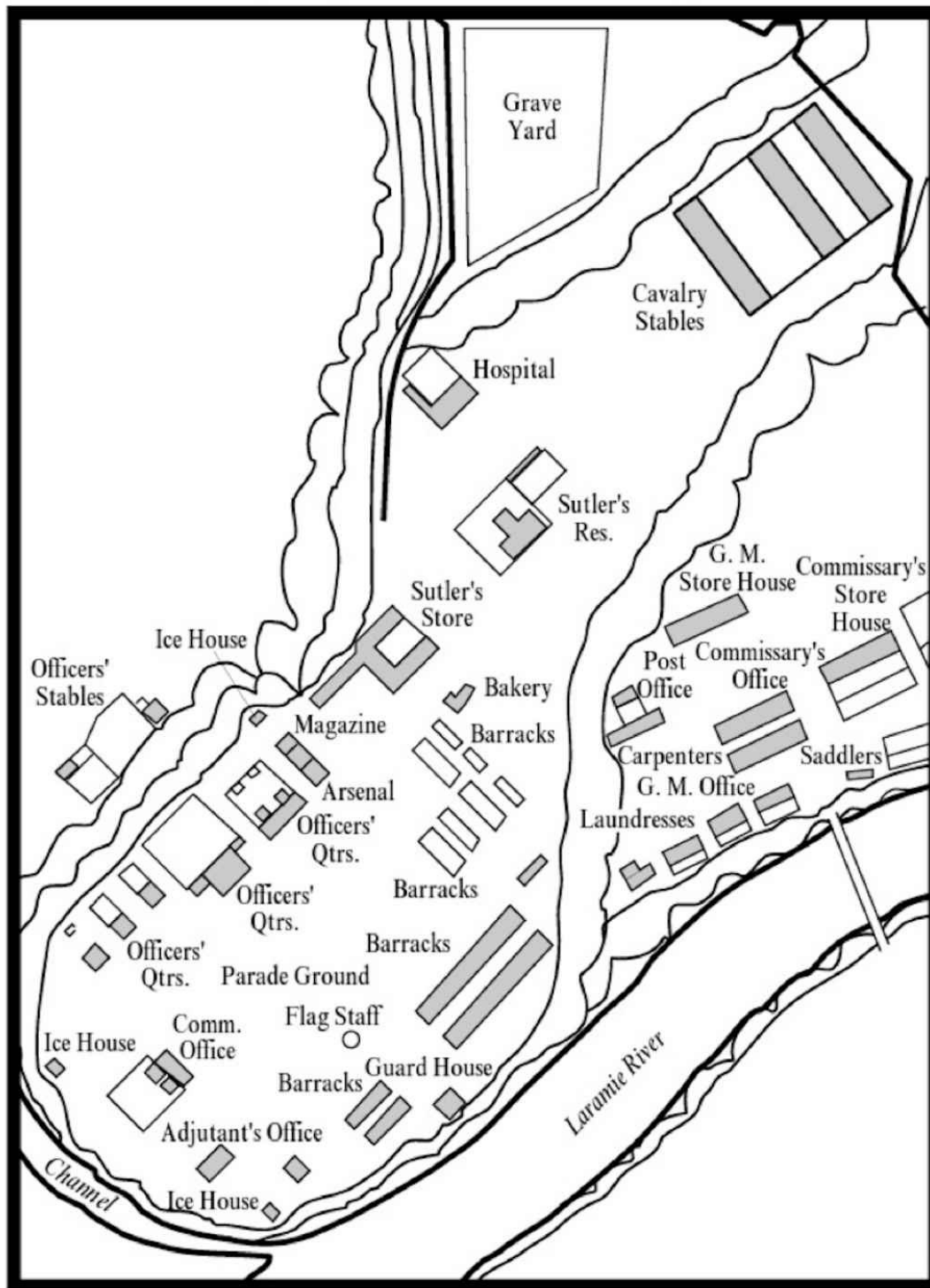
Diagramação: A.J Ventura

*Este livro é dedicado aos militares e suas famílias que, ao longo dos séculos,
serviram seu país em postos avançados, bases cobertas de neve ou locais
desertos longe de casa.*

E para...

*O jovem e bonito capitão que me fez perder o ar em meu segundo dia na ativa!
Obrigada pelos quarenta anos de romance e aventura, e por explorar tantos
locais históricos maravilhosos comigo, meu querido.*

Army map of Fort Laramie, 1867





*Forte Laramie, Território da Dakota
Na área conhecida como Absaraka pelos Sioux,
Wyoming, pelos soldados ali estabelecidos
Junho de 1867*

— **E**u não vou aceitar!

O protesto agudo foi claramente transmitido ao oficial que guiava sua montaria até uma íngreme inclinação na direção dos vagões acampados nos baixos penhascos.

— Eu não vou aceitar, estou te dizendo!

O major Andrew Garrett olhou para as carroças circulares iluminadas pelas fogueiras tremeluzentes e pelo brilho suave da lua de verão. Pelo que parecia, pelo menos um dos membros do último grupo de viajantes a interromper a jornada em Forte Laramie estava sentindo a tensão depois de semanas de trilha.

— Chega, Augusta...

— Nada de “Chega, Augusta”, Hiram Hottenfelder! — Como o grasnado de um corvo, a resposta raivosa sobrepôs-se à confusão dos bois que pastavam. — Aquela mulher não vai seguir mais um único quilômetro conosco. Nem um único quilômetro, até que pague sua parte dos suprimentos que você comprou com o comerciante. E que suprimentos caros! — A voz subiu para um guincho ultrajado. — Como você pôde pagar um dólar... um dólar!... Por uma lata de pêssegos?

Andrew balançou a cabeça em uma mescla de simpatia e exasperação. Os preços exorbitantes do mercador produziam um fluxo constante de reclamações, não apenas dos viajantes que paravam em Forte Laramie para reabastecer seus

suprimentos para a próxima etapa de sua jornada pelas planícies, mas também do pessoal que fazia paradas naquele ponto.

Além de estabelecer diretrizes gerais de operação, o Exército exercia pouco controle sobre o comerciante que operava a loja no forte. Tratava-se de um civil, um contratado cujas conexões em Washington haviam garantido a lucrativa licença. Ele cobrava todo o valor que achava que poderia obter por seus bens. Uma vez que sua loja se localizava no posto, no entanto, o Exército ouvia o peso das queixas. Ou melhor, o Exército, na pessoa do Major Andrew Garrett, comandante do 2º Regimento de Cavalaria, e atualmente o segundo oficial da hierarquia em Forte Laramie.

— Você não precisa continuar reclamando por causa de uma lata de pêssegos, Augusta. Você sabe como...

— Não preciso continuar reclamando? — o grito indignado explodiu em um berro. — *Não preciso continuar reclamando!* Já estou segurando minha língua há semanas, Hiram, mas não mais. Tudo o que aquela... aquela puta francesa tem que fazer é levantar as saias, e você compra pêssegos ao invés da farinha e do bacon que precisamos. Estou te dizendo na sua cara, não vou aceitar.

Pelo fogo do inferno e pelos trovões! Por um momento covarde, Andrew realmente pensou em puxar o freio, girar Júpiter e descer a encosta. Havia passado os últimos cinco dias em patrulha e retornado apenas algumas horas atrás para encontrar o comandante do posto nadando em seu habitual estupor induzido pelo láudano. O cirurgião, o capelão e o comandante da companhia de infantaria estavam todos alinhados no quartel-general, aguardando impientemente com assuntos que exigiam a atenção imediata de Andrew. A última coisa da qual ele precisava ou queria era mediar uma disputa entre um mestre da carroça e sua esposa irada.

Mais precisamente um mestre de carroças que declarara sua intenção de avançar até o Território de Montana apesar dos conselhos do ajudante e do chefe dos vigias de Forte Laramie. Ambos pediram ao major que colocasse algum juízo na cabeça do homem antes de saírem na manhã seguinte.

Andrew concordara, embora soubesse que conversar não ajudaria muito. Aqueles viajantes que invadiram as Grandes Planícies estavam todos muito desesperados. Muito determinados a seguirem seus sonhos. Milhares de pessoas foram atraídas para o oeste por histórias de fazendas ricas no Oregon, outras milhares, pela descoberta de ouro na Califórnia em 1849. Cinco anos depois, os seguidores de Joseph Smith arrastaram-se atrás de carrinhos de mão com todas as suas posses empilhadas, suportando calor escaldante e tempestades de neve amargas para chegarem ao Zion, fundado por Brigham Young, ao lado de Great

Salt Lake. E a Lei de Povoamento, assinada pelo presidente Lincoln em 1862, reabriu as comportas.

Por décadas, esses imigrantes haviam passado pelo Forte Laramie, deixando rastros permanentes de carroções na grama e tribos cada vez mais hostis de Sioux, Cheyenne e Arapaho em seu rastro. A recente descoberta de ouro no Território de Montana iniciou outra debandada. Exploradores ansiosos, liderados por John Bozeman, construíram uma nova estrada para as escavações em Bismarck e Virginia City. A trilha cortava a região do rio Powder – o coração da região de Sioux e os últimos campos de caça onde os índios das planícies ainda vagavam livres.

Colonos, mineiros e cargueiros, que abasteciam as escavações de Montana, lotaram a nova estrada. Indignados, os Sioux e seus aliados intensificaram os ataques a vagões e aos fortes ao longo da trilha. Em dezembro passado, um grupo inteiro de 80 homens, sob o comando do Capitão Fetterman, foi massacrado do lado de fora do Forte Phil Kearny, a cerca de trezentos quilômetros ao norte de Forte Laramie. Como resultado, a circulação de civis ao longo da trilha tornou-se não apenas arriscada, mas francamente imprudente.

E era isso o que Andrew informaria ao mestre da carroça... se o homem conseguisse calar sua esposa por tempo suficiente para que qualquer outra pessoa proferisse em uma palavra ou duas.

— Ela o enfeitiçou — a mulher guinchou. — Você e metade dos homens nesta unidade. Já observei o jeito como olha para ela. Vejo quando tropeça em suas próprias botas toda vez que ela sorri para você.

Fazendo uma careta ao pensar em intervir no que parecia muito com um assunto particular, Andrew guiou Júpiter até um espaço entre os vagões circulares. Toda a companhia deveria ter se reunido para dar apoio aos combatentes. Os homens estavam vestidos com as habituais calças de lona e chapéus flexíveis, feitos de pele de búfalo, sendo garimpeiros e proprietários. Suas mulheres bronzeadas usavam botas resistentes, saias caseiras e gorros.

Exceto por uma. Ela ficava sozinha, magra e rígida. Estava de costas para Andrew, mas ele não podia ignorar a rigidez dos ombros e a linha inflexível de seu pescoço sob a pesada coroa de cabelos. Espessos e negros sob uma leve camada de poeira da trilha, as tranças entrelaçadas atraíam o olhar estupefato de Andrew.

Por um momento, apenas um momento, uma dor esquecida há muito tempo revirou seu estômago. Certa vez passara as mãos por uma massa de fios com o mesmo tom de preto azulado. Certa vez enterrara o rosto na fragrância perfumada de mechas muito similares. Deliberadamente, ele trancou a porta de seus pensamentos. Passara muitos meses no inferno para ressuscitar as memórias

da mulher que o colocara lá.

— Eu não enfeitei ninguém — uma voz fria soou: — Estou apenas tentando seguir a viagem de uma forma mais agradável, com sorrisos ao invés de reclamações.

A resposta apunhalou Andrew. Ele puxou as rédeas, fazendo Júpiter recuar um ou dois passos. Mesmo depois de todos aqueles anos, ele não podia confundir aquela voz. Clara, orgulhosa, com uma nota cadenciada que traía suas origens crioulas.

— Sorrisos! — O rosto da esposa do mestre da carroça ficou roxo. — Você realmente tentou tornar a viagem mais agradável, mas não com sorrisos, eu aposto!

Andrew não prestou atenção ao discurso que a mulher vomitava. Permaneceu sentado, congelado, o punho enluvado apertando as rédeas, a atenção concentrada na figura delgada e rígida vestida em seda de papoulas.

Era Julia. Só poderia ser Julia. A certeza cortou seus pensamentos caóticos como uma espada. Ninguém, a não ser a Bela de Nova Orleans, vaidosa e mimada, tentaria uma árdua viagem terrestre vestindo seda. E ninguém, a não ser a Bela de Nova Orleans, poderia acender tantas chamas de paixões.

Aquelas chamas haviam quase consumido Andrew. Agora, pareciam prestes a consumir a esposa furiosa do mestre da carroça.

— Quantas vezes você saiu do vagão no meio da noite, de forma sorrateira? — ela gritou. — Quantas vezes estendeu um cobertor no chão? Que mulher decente escolheria dormir desta forma?

— Alguém que queria descansar um pouco! — o alvo de seu veneno retrucou. — Você ronca, Augusta. Muito alto.

Com um grito, a furiosa Augusta se lançou para frente. Seu marido a pegou por um braço e plantou suas duas botas no chão para segurá-la.

A boca de Andrew se torceu. Certamente era Julia. Ela poderia causar estragos com um único movimento de seu cabelo preto azulado. Ela facilmente o deixara de joelhos. Estava tentado a ver o desenrolar da cena, mas sabia que era melhor intervir ou teria que chamar as tropas para acabar com um possível motim.

Com um breve comando para os homens que bloqueavam seu caminho, ele cutucou Júpiter para que seguisse em frente. O cavalo bem treinado abriu caminho através da multidão com um tilintar de rédeas e o trotar de seus cascos de ferro.

O mestre da carroça cumprimentou Andrew com alívio, dirigindo à sua esposa um olhar fulminante. O terceiro elemento do drama pegou a direção de seus olhares e girou lentamente para enfrentar o recém-chegado.

Os anos tinham sido gentis com ela, Andrew percebeu imediatamente. Muito mais gentis do que para ele, embora houvesse pouco da garota que ele conhecera na mulher que agora inclinava o queixo e encontrava seu olhar de frente. Suas feições delicadas mostravam certa tensão, a pele macia se esticava em maçãs do rosto mais proeminentes do que ele se lembrava. Havia algumas linhas discretas desenhadas nos cantos de sua boca. Os oblíquos olhos de ametista que costumavam rir, brincar e flertar tão escandalosamente, agora não continham nada além de repugnância e irritação.

Andrew não ficou surpreso por ela não ter conseguido reconhecê-lo. Com o crepúsculo do verão mergulhando rapidamente na escuridão, as fogueiras tremeluzentes lançavam apenas uma luz irregular. Mas mesmo que o sol estivesse brilhando diretamente no alto de sua cabeça, ele duvidava que ela o conhecesse. Três anos de guerra brutal e onze meses em Andersonville haviam deixado suas marcas, assim como os anos de serviço de fronteira que se seguiram. Ele não era o mesmo homem que ela provocou e tentou seis anos atrás, assim como ela certamente não deveria ser a mesma mulher por quem ele uma vez arriscou sua vida e sua honra.

Sua mandíbula apertou quando uma antecipação sombria revirou seu estômago. Aquele era o momento que ele havia imaginado, a ilusão que brincara uma e outra vez em sua mente durante os meses sombrios que viveu, até que a sede, a fome e os ratos expulsaram todos os pensamentos de sua cabeça, exceto a sobrevivência. Agora que o momento chegara, ele pretendia saboreá-lo.

Desmontando, passou as rédeas de Júpiter para um dos homens que se aglomeravam ao lado dele e marchou para frente. O chapéu de feltro cinza, que usara em patrulha, sombreando seus olhos. Sua espada balançando, presa à lateral de seu corpo. Havia tirado a poeira do seu rosto depois de chegar à sede, mas não teve tempo de trocar o uniforme.

Sal cobria sua blusa azul-escura, uma consequência inevitável do patrulhamento no calor de quarenta graus de junho. Uma camada de poeira nublava a trança de ouro em suas ombreiras e roubava o brilho de suas botas. Ele não se barbeara, pois fora chamado às pressas, e sabia que se parecia muito mais com um fora da lei do que com um oficial.

A mulher que o encarava evidentemente também achava isso. Seu lábio se curvou, embora suspeitasse que o desdém que passava por seu rosto provavelmente se devia tanto ao ódio residual que todo sulista derrotado sentia pelos ianques quanto por sua péssima aparência. Dois anos haviam se passado desde que a Guerra da Secessão terminara em Appomattox. As cicatrizes estavam se curando, mas lentamente.

Andrew parou a alguns passos dela e prendeu os polegares atrás da fivela

do cinto. Deliberadamente, deixou o olhar vagar pelo rosto da moça, passando por seu pescoço e para os seios amontoados e firmes sob a seda listrada. Chegou à cintura, à qual ele ainda poderia circular com as mãos, e os quadris sedutoramente arredondados pela agitação de sua saia.

Um tom escarlate surgiu em suas faces por conta daquela inspeção descarada. Seus olhos brilharam.

— Espero melhores maneiras de um oficial, senhor. Até mesmo de um que usa um uniforme azul.

— É mesmo, Julia?

A resposta demorada fez com que suas sobrancelhas se erguessem em uma expressão questionadora. Um olhar de confusão substituiu a raiva em seu rosto.

— Eu conheço você?

Tirando o chapéu, ele se curvou e sorriu. Lentamente. Selvagemmente.

— Você já conheceu um dia.

O resultado foi exatamente o que ele previu. Os olhos de Julia se arregalaram. Todo vestígio de cor se esvaiu de seu rosto. Olhou para ele em estado de choque, incrédula, em horror. Então, sem soltar qualquer ruído, ela se encolheu.

Praguejando, Andrew deu um salto para frente. Sentiu o osso do quadril apunhalá-lo como uma espada, por causa do movimento, mas ele a pegou antes que ela caísse no chão. Mal teve tempo de registrar a sensação do corpo leve como uma pena da mulher em seus braços antes de um grito agudo rasgar a noite.

— Ela está doente! Eu te disse, Hiram, a mulher está doente!

— Chega, Gussie...

— Ontem eu a vi inclinada sobre uma roda, tão tonta que mal podia ficar de pé. Agora ela desmaiou e está parecendo morta.

Sussurros retumbaram da multidão que assistia. O grito estridente de Augusta se elevou acima deles.

— Ela está doente, tenho certeza! Precisamos agradecer à nossa sorte se ela não tiver trazido cólera ou varíola para nós — a mulher terminou em um lamento.

Andrew se virou, segurando uma Julia inconsciente em seus braços. O mestre da carroça alarmado e sua esposa já estavam recuando. Outros seguiram o exemplo, quase tropeçando na pressa de retornar. Andrew sabia muito bem que a ameaça de uma doença poderia espalhar o pânico mais rápido do que um furioso incêndio de pradaria ou gritos de guerra vindos da colina seguinte.

Com um rápido olhar para a mulher em seus braços, não identificou nenhum dos sintomas da cólera ou da varíola que ele aprendera a reconhecer ao

longo dos anos, mas o desmaio profundo lhe roubou todos os sinais vitais. Ela estava mole como uma boneca de pano nos braços de Andrew... e quase não pesava nada.

Se ele possuísse um pouco de juízo, jogaria a mulher no chão e a deixaria ali para resolver suas diferenças com o mestre da carroça e sua esposa se e quando acordasse. Porém, essa opção fazia suas entranhas se revirarem.

Praguejando novamente, ele seguiu pelo chão empoeirado em um passo irregular. Jogando seu fardo sobre a sela de seu cavalo, como faria com um saco de grãos, enfiou o pé no estribo e montou. Uma vez sobre o animal, ele a puxou para si e a ajeitou em seus braços, furioso consigo mesmo, com ela, com a maldita reviravolta do destino que trouxera Julia Robichaud para sua vida pela segunda vez.



Conforme o deus homônimo, Júpiter tropejou pelo caminho até o posto localizado abaixo da planície. O cavalo bem treinado precisava de pouca orientação, pois conhecia o caminho, bem como qualquer uma das outras montarias ali estabelecidas.

Situado na junção estratégica dos rios Platte e Laramie, o forte do exército foi construído no lugar de um antigo centro de comércio de peles. A fortaleza já havia desmoronado quando o governo a comprou em 1848 e o rebatizou de Forte Laramie. Os planos originais do exército exigiam uma paliçada de madeira ao redor do quartel, e a sede que abrigava as tropas fora construída às pressas durante seus primeiros meses de ocupação. Orçamentos apertados e a falta de uma ameaça imediata levaram a atrasos sucessivos e, finalmente, ao abandono de quaisquer planos para muros defensivos externos.

A confusão de edifícios, que agora se espalhavam pelas planícies definidas por uma curva ao rio, era uma mistura de cal, concreto, madeira e adobe. De acordo com a tradição do exército, a maioria das estruturas rodeava o campo retangular. Alguns edifícios externos haviam surgido onde a natureza era mais adequada à necessidade. O curral e os estábulos estavam a favor do posto principal, as latrinas, rio abaixo.

No fim da tarde, o mensageiro já havia soado o primeiro toque de recolher, portanto, esperava-se que toda a tropa, exceto os guardas, estivesse nos quartéis, preparando-se para dormir com as luzes apagadas. O cirurgião-coronel, Henry Schnell, já teria deixado o hospital e retornado à sua casa. Era para lá que Andrew se dirigia.

Consistindo em uma estrutura de dois andares de madeira e tijolos de barro, os alojamentos do médico refletiam tanto seu prestígio quanto sua posição como um dos líderes da pequena comunidade de Forte Laramie. A elegante cerca branca e as roseiras, que possuíam mais espinhos do que flores, indicavam a determinação de sua esposa em esculpir seu próprio pedaço de civilização no meio do deserto varrido pelo vento das Grandes Planícies.

Schnell era um bom homem, um bom soldado e um bom cirurgião. Chegara a Forte Laramie no outono de 1865, ainda assombrado pelos campos de matança de Gettysburg e Antietam. Exatamente como acontecera com Andrew e o resto dos regulares que respiraram a fumaça sufocante dos canhões e os tiros de fuzis durante os anos de guerra, Henry encontrou consolo nos céus abertos e nos ventos limpos e cortantes do Wyoming.

Livrando-se dos estribos, Andrew jogou uma perna sobre o lombo do cavalo e deslizou para fora da sela com uma quase-morta em seus braços. A força com que bateu no chão fez a dor novamente perfurar seu quadril como uma lança. Ignorando a sensação com a qual aprendera a viver há muito tempo, carregou seu frágil fardo pelos degraus e bateu à porta do médico.

O soldado musculoso que servia como ajudante de Henry atendeu um momento depois. Os grandes olhos azuis do irlandês se arregalaram ainda mais ao deparar-se com o segundo em comando do regimento de Forte Laramie carregando uma mulher desacordada contra seu peito.

— O Coronel Schnell está?

— Sim, senhor — Rafferty respondeu com seu sotaque. — Mas ele, assim como a senhora Schnell, já se recolheu.

— Apresento minhas desculpas por perturbá-los tão tarde, Rafferty, mas tenho alguém que requer sua atenção imediata.

— Sim, senhor.

Enquanto o soldado subia as escadas para transmitir a mensagem, Andrew entrou na casa. A sala de teto alto continha a habitual combinação de móveis austeros fornecidos pelo Exército e as lembranças pessoais reunidas ao longo de uma extensa carreira militar. Espadas cruzadas estavam penduradas acima da lareira. Fotografias e estandartes de trabalhos anteriores decoravam as paredes. Uma passadeira cobria uma mesa redonda com garras ao lado do sofá de franjas.

Andrew acabara de se inclinar para depositar seu fardo no sofá quando o cirurgião surgiu na sala. O cabelo branco de neve de Henry sobressaía-se em tufo de ambos os lados da cabeça, quase tão espessos quanto suas costeletas e a barba de bode. Vestia suas calças do uniforme e enfiara as bordas da sua camisa do seu pijama de linho cru dentro delas. Chinelos de tapeçaria cobriam os pés descalços.

— Rafferty disse que você trouxe uma mulher. Nenhuma das nossas, pelo que posso ver.

Levando em consideração que apenas alguns oficiais tinham esposas, e que havia uma dúzia de lavadeiras e uma governanta, ainda não casadas, em residência no posto, Andrew não ficou surpreso ao perceber que Henry sabia, só de olhar de relance, que sua paciente não era uma das dependentes do exército.

— Ela estava no vagão de trem acampado nas falésias.

— O que há de errado com ela?

— Desmaiou.

— Bem, afaste-se, homem. Deixe-me dar uma olhada nela.

Curvando-se no sofá, o cirurgião ergueu as pálpebras de Julia, testou o pulso e depois se inclinou para ouvir o ritmo de sua respiração. Finalmente, colocou as costas da mão contra as bochechas dela.

— Sem febre ou pele úmida. As pupilas não estão dilatadas. Não me parece nada sério.

Andrew soltou um suspiro lento. O nó apertado no peito aliviou. Aborrecido pelo fato de este ter sequer se formado, ele cruzou os braços e franziu o cenho enquanto Henry continuava o exame.

O médico encontrou camadas de um corpete muito apertado feito de ossos de baleia e lançou-lhe um olhar de aborrecimento.

— Malditos espartilhos! Se as mulheres parassem de usar essas abominações, não desmaiariam com tanta frequência. Jamais deixaria a Sra. Schnell trazer um para casa, muito menos usá-lo em torno de sua cintura.

Murmurando sobre as tolices da vaidade feminina, ele balançou a cabeça.

— Que mulher usaria um espartilho no calor do verão, enquanto viaja pelas planícies?

— Esta usaria.

A resposta cáustica garantiu a Andrew um olhar penetrante do médico.

— Você a conhece?

— Sim.

— Bem, quem é ela, homem?

Andrew olhou para o rosto que amara um dia e praguejou com igual paixão. Um músculo espasmava, bem ao lado de sua mandíbula, enquanto ele buscava a resposta no poço escuro onde há muito tempo enterrara todos os pensamentos sobre Julia Robichaud.

— Ela é minha esposa



.



CAPÍTULO DOIS

Julia despertou para encontrar-se em um quarto estranho, em uma cama estranha. Alguém tirou seu vestido e afrouxou o espartilho. Também soltaram suas tranças das presilhas que as prendiam em seu couro cabeludo. Sentou-se rapidamente, ofegando, enquanto seus sentidos pareciam entorpecidos. Engolindo a náusea e o pânico em grandes e rápidos goles, ela procurou a sombria escuridão.

— Suzanne?

— Você está doente, mamãe?

A pergunta assustada de sua filha fez Julia virar a cabeça em um estalo. Suzanne se encolheu na beira da cama larga, observando-a com seus olhos castanhos enormes. Seu polegar pairava a uma polegada de seus lábios, e ela segurava a boneca de porcelana, que era seu bem valioso, contra seu peito.

O pânico sufocante de Julia se dissipou. Com um soluço de alívio, ela abriu os braços.

— *No, ma petite papillon*¹, só estava cansada. Venha, deixe-me te abraçar.

A menina de cinco anos de idade não precisou de mais insistência. Debatendo-se no colchão, ela se aconchegou contra a mãe sob o edredom de pena de ganso. Julia colocou os braços ao redor da criança e tentou entender os pensamentos confusos que rodeavam sua cabeça.

Seus pensamentos começaram a pulsar na parte de trás de seu crânio; uma dor que a atormentara nos últimos dias. Pontos negros giratórios dançaram diante de seus olhos. Ela apertou as pálpebras, enterrou o nariz nos cabelos castanhos sedosos da criança e se entregou ao vazio.



Acordou pela segunda vez com o toque penetrante de uma corneta e o aroma tentador de bacon e café. Café moído fresco, feito a partir de grãos de verdade. E pão. Pão quente e assado! Uma mera baforada foi suficiente para fazer o estômago de Julia sofrer câimbras.

Sua boca salivou, e ela ouviu quando a última nota da corneta soou. Seu primeiro instinto foi virar-se para o lado, enrolar-se seu corpo como uma bola e roer o dedo indicador para não gritar e implorar por um gole, apenas um gole, daquele café tentador. O orgulho forçou-a a ficar imóvel e permitiu que pudesse fazer uma avaliação dos arredores.

Onde estava? De quem era aquele quarto? Não reconhecia nem os retratos ovais na parede de gesso, nem o xale de franjas que cobria a mesa ao lado da cama. E onde estava Suzanne? A cama ao lado encontrava-se vazia, exceto pela boneca de cabelos louros enfiada cuidadosamente entre os lençóis.

O som de passos do lado de fora do quarto levou Julia a um estado de alerta. Lutando contra outra onda de tontura, forçou-se a sentar-se na cama.

— Ah, que bom, você está acordada.

Uma matrona gorducha e alegre, vestida em um vestido negro de bombazine, entrou apressada, com uma bandeja nas mãos.

— Você conseguiu dormir bastante, não foi? Achei que poderia estar com fome, então, eu lhe trouxe algo para comer.

Comer! Aquela estranha a estava convidando para comer! Não apenas bacon – ela viu quando a mulher se inclinou para colocar a bandeja na mesa ao lado da cama –, mas também o pão. Fatias grossas de pão branco, cobertas com banha e o que parecia geleia de groselha.

O estômago de Julia se contraiu de novo, tão cruelmente que seus joelhos se encolheram sob o cobertor de plumas. Com um esforço que fez sua testa transpirar, ela ignorou as dores e polidamente recusou a bandeja.

— Eu não estou... não estou com fome, obrigada. Mas minha filha...

— Ela está lá embaixo — a mulher mais velha assegurou. — Terminou o café da manhã mais cedo, enquanto você ainda estava dormindo. Aquela menina come como um soldado! Limpou o prato duas vezes, e ainda sobrou espaço para os bolos de mel que o assistente do coronel fritou para ela.

Julia recostou nos travesseiros, ao mesmo tempo confusa, grata e mais do que um pouco desesperada. Não tinha ideia de como chegara naquela cama, muito menos como pagaria àquela mulher por comida ou alojamento. Vendera todas as joias que lhe sobraram, até mesmo o anel de casamento, para levar

Suzanne até o Omaha de trem. O pouco que restara de seu precioso tesouro serviu para garantir-lhes lugares no vagão do Hottenfelder e pagar por sua parte dos suprimentos.

Aquela parte deveria ter sido suficiente, mais do que suficiente, para mantê-las até chegarem ao território de Montana. Se as tempestades de verão não tivessem alagado os rios e atrasado as travessias por dias a fio.... Se um raio não tivesse iniciado um incêndio nas pradarias e obrigado as carroças a desviarem por trinta ou mais quilômetros do caminho pelo qual seguiam... Se Julia não tivesse dado suas escassas parcelas das rações restantes para Suzanne, algo que a deixou tão tonta e fraca...

Os "se" pulsavam em sua cabeça como porretes atingindo um tambor de lata.

Se o pai dela não tivesse morrido e a deixado sob a tutela de um tio.

Se a empresa de navegação Robichaud não tivesse falido.

Se o marido não a tivesse abandonado.

Suspirando, afastou os pensamentos inúteis. Ela e a filha tinham chegado tão longe. Conseguiriam seguir pelo resto do caminho. De alguma forma.

— Vou deixar esta bandeja com você — a mulher mais velha disse, com seu sorriso alegre. — Há água no jarro no lavatório, se você quiser se lavar primeiro.

Engolindo em seco, Julia desviou o olhar do bacon e do pão fresco.

— Obrigada, senhora...?

— Meu Deus, eu deveria ter me apresentado, não deveria? Sou Maria Schnell. Meu marido é o médico aqui de Forte Laramie. Ele cuidou de você ontem à noite depois que desmaiou.

— Obrigada, Sra. Schnell, mas não estou com fome.

— Com fome ou não, é melhor você comer tudo. Não queremos que desmaie outra vez, queremos?

Orgulho e vergonha travaram uma batalha feroz dentro dela. A única maneira de vencê-los, Julia havia aprendido nos últimos meses, era dar um sorriso e admitir a verdade, por pior que fosse.

— A senhora é muito generosa, mas temo estar temporariamente sem dinheiro. Não posso pagar pela comida ou pela hospedagem que nos deu na noite passada. Vou ter que assinar uma nota promissória e enviar-lhe dinheiro quando nós...

— Misericórdia, criança, não estou esperando que me pague por um pouco de pão e bacon. Vá em frente, beba seu café antes que esfrie e me chame se quiser mais. Vou lá embaixo dar uma olhada em Suzanne enquanto você toma seu café da manhã.

Com outro sorriso, ela saiu apressada, e Julia ficou olhando para a porta

fechada por dois segundos antes de pegar uma fatia de pão. Apenas sua dignidade esfarrapada foi o que a fez resistir, impedindo-a de enfiar tudo em sua boca de uma vez. Em contrapartida, a primeira fatia desapareceu em quatro mordidas vorazes, e a segunda quase com a mesma velocidade. A textura do pão era grossa, a crosta macia e succulenta, mas constituía no primeiro alimento sólido que ela comia em três dias. Nenhuma baguete fresca, nenhum brioche escamoso ou massa recheada com creme de um dos vendedores ambulantes de Nova Orleans jamais lhe parecera tão maravilhoso.

Ela atacou o bacon também, e acabava de erguer a xícara de café de porcelana quando outra corneta penetrante soou, aparentemente do lado de fora de sua janela. Assustada, Julia despejou líquido escuro sobre os lados do copo e no pires. Com medo de manchar o edredom de penas de sua anfitriã, ela rapidamente pousou a xícara na bandeja.

Som de botas e de rédeas tilintantes seguiu o grito de clarim, lembretes vívidos de que chegara a um posto militar no dia anterior. Ou fora há dois dias?

Erguendo uma mão trêmula, Julia pressionou sua têmpora. Lembrava-se das carroças se detendo até pararem. Lembrava-se de sentir o estômago revirar por dentro e por fora enquanto ela e as outras mulheres esperavam que os homens comprassem suprimentos frescos na loja do comerciante. Lembrava-se também de ter rezado fervorosamente para que pudesse convencer Hiram Hottenfelder a aceitar uma nota promissória e que ele lhe comprasse suprimentos para que ela e Suzanne pudessem chegar ao próximo estágio de sua jornada.

Pêssegos! Lembrou-se de Augusta gritando algo sobre pêssegos e chamando-a de vagabunda. Julia mandara Suzanne para a carroça, sabendo que as tensões que vinham se avolumando há mais de uma semana estavam prestes a explodir, e realmente explodiram, à frente de todo o acampamento.

O acampamento inteiro... e um estranho.

Julia esfregou a palma da mão sobre a testa, mortificada mais uma vez por um forasteiro ter testemunhado a cena humilhante. Não apenas um estranho. Um oficial. Um oficial ianque.

Sua mão caiu. Ela respirou rapidamente, subitamente lembrando-se com clareza do major que havia se adiantado, com as pernas rígidas e sem sorrir.

Um calafrio percorreu suas veias e se espalhou como gelo no peito. Por um momento, quando aquele sorriso selvagem cruzou o rosto do major, ele pareceu...

Não! A fome fizera sua mente pregar truques. Truques cruéis e viciosos. Ela apenas enxergou seus olhos. O brilho castanho de seu cabelo. Havia uma semelhança passageira com outro homem, isso era tudo. Não se permitira pensar naquele desprezível *bâtard*² em anos. Não faria isso agora.

Era melhor que se vestisse, pegasse Suzanne e fosse resolver seus problemas com Augusta. A mulher não era cruel, não de verdade, apenas vaidosa e absurdamente ciumenta em todos os assuntos relacionados ao seu marido gordo e de pescoço largo.

Mordendo o último pedaço de bacon, Julia mastigou pensativamente enquanto endireitava as meias e anáguas, e lutava com as cordas de seu espartilho. Uma esfoliação rápida com sabão e um pano de linho a fizeram desejar de todo o coração um banho completo. Infelizmente, não tinha tempo nem meios para tal luxo. Arrumando as mechas errantes da trança que chegava quase até a cintura, ela a prendeu em uma coroa sobre a cabeça e a ancorou de volta no lugar. Os grampos de osso cavaram em seu couro cabeludo, mas ela estava muito acostumada com aquele incômodo para reparar.

Seu vestido de caminhada tristemente enrugado estava ao pé da cama. Ela o havia tirado de seu baú na tarde anterior, na esperança equivocada de que estando mais bonita seria mais fácil para ela engolir seu orgulho e implorar a Hiram para levar a ela e a Suzanne para o Território de Montana com uma promessa de pagamento na chegada. Em vez disso, conseguira apenas alimentar o ciúme de Augusta.

Sacudindo a cabeça com a própria insensatez, Julia vestiu a saia e amarrou as fitas atrás das coxas antes de abotoar a blusa e a meia jaqueta de seda. Depois de endireitar as cobertas sobre a cama, ela pegou a bandeja e abriu a porta do quarto.

Um longo corredor a saudou, decorado com pinturas de caça emolduradas e retratos de família. Passando pelas portas fechadas dos outros quartos, ela se dirigiu às escadas. Os degraus estreitos caíam em um ângulo íngreme, depois giravam para a direita, de forma acentuada, em um patamar no meio do caminho. Erguendo suas saias com uma mão, Julia equilibrou a bandeja com a outra e começou a descer. Conseguiu dar apenas alguns passos até que o som de vozes masculinas desacelerou sua descida.

— Não, senhor.

O sotaque era tão intenso que Julia mal entendeu as palavras.

— Ela não vai descer ainda. A Sra. Schnell está na cozinha, no entanto.

— Por favor, diga a ela que estou aqui, Rafferty.

As palavras fizeram Julia parar onde estava. Seu coração bateu contra o osso de baleia de seu espartilho e a louça na bandeja começou a tremer. Reconhecia aquela voz profunda e suave. Já a tinha ouvido recentemente, nos vagões. E antes, tantos anos antes...

— Sim, senhor. Prefere sentar-se na sala de estar, então?

— Não, eu vou esperar no corredor.

Com o pulso acelerado, Julia deu outro passo e alcançou o patamar. No corredor abaixo, ela viu o chapéu escuro de um oficial de cavalaria. As borlas de ouro cruzadas na aba larga brilhavam à luz do sol que entrava pelas janelas.

Enquanto ela observava com os olhos incrédulos, ele tirou o chapéu e espanou-o impacientemente contra a faixa amarela na perna da calça. Como havia acontecido na noite anterior, o brilho acobreado dos cabelos castanho-escuros atraiu seu olhar angustiado.

Julia não conseguia respirar. Mal podia enxergar, pois pontos negros dançavam diante de seus olhos. Seus joelhos cederam. Ela sentou-se na escada com um baque, chacoalhando a porcelana.

Ele olhou para cima, e seu coração parou em seu peito.

Por um momento atordoado, os anos retrocederam. Para Nova Orleans, nas primeiras semanas da guerra, quando as mulheres ainda usavam aros largos e rendas, e dançavam alegremente em bailes organizados para arrecadar fundos para seus galantes homens no campo. Para uma mansão na rua Lafayette, com uma fachada que era uma obra-prima de grades de ferro, janelas altas abertas para a noite quente de verão. Para o libertino arrojado que cortejava uma menina tola e ingênua com habilidade consumada e sangue frio.

Seus olhos, os mesmos olhos azuis de aço que brilharam para ela na noite em que se encontraram, fitaram-na com desdém frio. Outra coisa seguiu o desprezo, algo que rapidamente surgiu e rapidamente desapareceu. Algo tão perto do ódio que o sangue de Julia gelou.

Ele tinha motivos para odiá-la, Julia reconheceu amargamente. Quase tantos quanto ela tinha para odiá-lo também.

Ele subiu as escadas, avançando a cada degrau lentamente, os olhos duros nunca deixando seu rosto. Ela queria gritar com ele. Queria jogar a bandeja em seu rosto. Queria se arrastar ainda mais para trás e fugir, de maneira infame, para longe daquele estranho, forte e perigoso, que acabava de pisar com sua bota no degrau abaixo do dela e a prendia ao piso com um olhar de aversão fulminante.

Em vez disso, por ser quem era, ela inclinou o queixo e lutou para conseguir falar.

— Eu... eu pensei que você estava morto.

Sua boca retorceu-se no mesmo sorriso selvagem que ele lhe mostrou na noite passada.

— Cheguei a desejar a morte. Muitas vezes.

Ele estava tão perto... perto demais. Julia teve que inclinar a cabeça para trás para ver o rosto dele. A borda do degrau da escada machucou suas costas.

— Eu te vi — ela sussurrou. — Naquela noite em que voltou para Nova Orleans, eu te vi deitado em uma poça do seu próprio sangue.

— A pontaria do seu tio era péssima. A bala atingiu meu quadril.

Julia mal podia acreditar na evidência de seus próprios olhos! Por tantos anos, acreditou que ele estivesse morto. Agora ele estava ali, pairando sobre ela, um espectro de seu passado. O amara com toda a paixão de seu coração jovem e tolo, e ele a traíra. Toda a dor, toda a infelicidade que sofrera como uma adolescente de dezesseis anos se despedaçou e voltou apressada ao seu peito.

— *Trître*³! — ela cuspiu. — Eu gostaria que a bala tivesse atingido seu coração.

— Não tenho a menor dúvida de que sim. Mas só para esclarecer as coisas, não traí ninguém. Eu era um soldado, como sou agora.

A afirmação veemente despertou sua fúria. Seu corpo inteiro tremia. Com medo de quebrar a porcelana, que sacudia como ossos velhos, ela empurrou a bandeja de lado.

— Você era um espião! Um espião ianque! Foi até a casa do meu tio, comeu de sua comida, bebeu de seu vinho e jogou seus joguinhos comigo, tudo para obter informações sobre os barcos a vapor e os horários de Robichaud!

Ele se inclinou, forçando a cabeça dela para trás. Julia viu sua própria raiva refletida na linha tensa de sua mandíbula.

— Eu fui à casa de seu tio e bebi de seu vinho para obter informações. Você, minha bela e mimada Julia, foi um bônus inesperado.

Sua raiva irrompeu em uma onda apaixonada. Curvando os dedos em garras, ela se lançou para ele, ou tentou.

— *Cochon! Fits d'une cochonne!* Eu vou te estrangular com minhas próprias mãos. Eu vou... Oh!

A dor a atingiu em cheio quando ele segurou seus pulsos e os jogou de volta contra as escadas. Chutando, contorcendo-se, cuspiendo epítetos em francês, em dialeto e em inglês, tentou se libertar.

— Antes que qualquer um de nós estrangule o outro — ele rosnou —, quero que me explique sobre a menina.

Ela ficou imóvel. Completamente imóvel.

— A menina?

— A criança que o mestre da carroça trouxe para esta casa na noite passada, uma hora depois de eu tê-la carregado para cá.

— O nome dela é Suzanne, é minha filha.

— Sua filha? — ele repetiu, com uma voz baixa e tão ameaçadora que o coração de Julia martelou contra suas costelas. — Ou nossa?

— Minha!

Ele a segurou com mais crueldade.

— Você estava grávida quando eu a deixei em Nova Orleans, Julia? Por

acaso entrou em pânico e informou ao seu tio? Foi por isso que ele estava esperando por mim com uma pistola carregada na noite em que retornei?

— Não — ela sussurrou. — Não!

— Ele atirou sob a escuridão, antes mesmo de eu desmontar do cavalo. Você mostrou a ele o meu bilhete, disse que eu voltaria para vê-la naquela noite?

Ela olhou para os olhos gelados dele, ouvindo novamente o estalo da pistola de seu tio, ouvindo também o eco de seu próprio gemido quando correu para a janela e viu Andrew deitado de bruços sobre a rua de paralelepípedos.

Havia descoberto a verdade devastadora sobre ele apenas uma semana antes. O homem com quem flertou e riu, por quem se apaixonou perdidamente, o homem com quem se casou em uma cerimônia secreta no St. Lucien, o homem que prometeu retornar para ela, era um agente da União.

Andrew Garrett certamente retornaria, seu tio zombara quando lhe apresentou a prova incontestável. Voltaria para obter mais detalhes sobre os cronogramas de envio da linha Robichaud. Para conseguir mais informações sobre tonelagem e capacidade de carga. Para se aproveitar um pouco mais da puta estúpida que levantou as saias e caiu com tanta ansiedade no colo dele.

Julia não acreditara em seu tio, recusara-se a acreditar... até que ele lhe mostrou o relatório que recebera, junto com a ficha de Andrew Garrett. Tenente Andrew Garrett, 2º Dragão, Cavalaria dos Estados Unidos. Um graduado de West Point. Um oficial comissionado no odiado Exército da União.

— Sim — ela sussurrou, marcada pelas memórias cruas. — Eu disse ao meu tio que você iria me ver naquela noite. Mas não porque estava grávida. Porque você mentiu para mim. Porque me usou para obter informações sobre nossos barcos a vapor. Porque você era o inimigo.

Ele abriu a boca, mas Julia prosseguiu.

— Nunca gerei uma criança sua em minha barriga, Andrew. Suzanne não é sua filha.

— Então é de quem...?

Ele interrompeu-se, prendendo o ar. Por um momento, algo parecido com compaixão brilhou em seus olhos.

Julia adivinhou imediatamente o que ele estava pensando. A vergonha a percorreu, consumindo-a com rapidez. A mesma vergonha que sentira na primeira vez em que percebera que o tio que assumira sua tutela, junto com a administração dos navios a vapor de seu pai, possuía por ela um afeto muito além do paternal.

— Não! — ela cuspiu. — Eu nunca deixei que ele me tocasse. Nunca!

Ela não devia nada àquele homem. Não devia explicações. Nenhuma justificativa de sua conduta pessoal. Nada! Apenas a necessidade de proteger sua

filha forçou-a a continuar falando:

— Suzanne é filha de Philip.

Os olhos azuis a poucos centímetros dos dela se estreitaram perigosamente.

— Philip?

— Philip Bonneaux. Meu marido.

Ele sibilou por entre os dentes.

— Eu o conheci em Natchez — disse ela em um rompante de ódio e mágoa.

— Foi para onde meu tio me enviou para tentar evitar o escândalo de ter meu nome ligado ao seu. Nós nos casamos e nos mudamos para a casa dele em Mobile. Philip está no Território de Montana agora, nos campos de ouro. Estamos viajando para nos juntarmos a ele, Suzanne e eu.

O silêncio se instalou entre eles, tão pesado e espesso que Julia pensou que poderia engasgar com ele. Seu pescoço doía naquele ângulo estranho, seus pulsos também, do aperto implacável. Ela tentou se mexer para cima ou para baixo para aliviar o incômodo do degrau em suas costas, mas Andrew a segurou com facilidade.

Finalmente, ele quebrou o silêncio, mas sua voz emitia um sotaque cruel e deliberado.

— Parece, senhora, que você colecionou um bom número de maridos.

— Não, eu tenho apenas um!

— Nós nos casamos, Julia, na igreja que você escolheu, e sua religião não permite o divórcio. Você pode ter pensado que eu estava morto quando se casou com esse seu Philip, mas, como pode ver, ainda estou muito vivo.

— Você não é meu marido agora — ela rebateu furiosamente. — Nunca foi, na verdade. Depois que descobrimos a verdade sobre você, meu tio solicitou ao bispo que anulasse nossos votos matrimoniais.

— Com qual alegação? Consumamos a união... várias vezes, se bem me lembro.

O lembrete sarcástico enviou uma onda de calor ao seu peito e suas faces. Recusava-se a permitir que se perdesse em pensamentos das horas que passara nos braços daquele homem, não queria pensar, nem por um momento, na paixão ardorosa que despertara em seu corpo ansioso e intocado.

— Nenhum detalhe foi informado — ela disse. — E meu tio informou que você não era católico. Com isso, o bispo declarou a cerimônia inválida, Andrew. Nós nunca nos casamos! Nunca! Não aos olhos da Igreja. Certamente não em meu coração. Agora me solte, seu desgraçado, ou eu juro que vou...

— Mamãe!

A pequena e chocada exclamação a deteve no meio da ameaça.

— Por que você está deitada na escada? Com este homem em cima de

você?

Julia inclinou a cabeça para o lado. O calor explodiu em seu pescoço e faces quando avistou não apenas sua filha, mas a Sra. Schnell, um oficial bigodudo, que só podia ser o médico, e um soldado gigante, ruivo, todos olhando estupefatos para o casal entrelaçado tão intimamente nas escadas.





Mortificada, Julia soltou-se de Andrew e sibilou para ele.

— Saia de cima de mim!

O sussurro furioso não era necessário. Andrew já a estava soltando e se colocando de pé. Seu rosto parecia ter sido esculpido em uma rocha quando ele se abaixou para ajudá-la.

Engolindo o impulso de bater em sua mão, Julia subiu um degrau ou dois, puxou as saias amassadas e ficou de pé sem ajuda. Seus olhos dispararam um aviso feroz antes que ela se inclinasse para pegar a bandeja e retomasse sua descida. Seus nervos, ainda estilhaçados, sobressaltaram-se a cada baque das botas nos degraus de madeira atrás dela.

— Eu tropecei descendo as escadas — ela disse à filha de olhos arregalados com veracidade escrupulosa, embora sem uma exatidão precisa. — Quando o major Garrett apareceu, eh... para me ajudar, nós acabamos nos embolando um pouco.

O olhar que Maria Schnell trocou com seu marido barbudo dizia a Julia que a explicação simplista exigiria mais detalhes depois. Àquela altura, sua única preocupação era acabar com o espanto de Suzanne e se acalmar.

A promessa nos olhos de Andrew, de que ainda conversariam depois, não ajudou em nada. Nem o silêncio que mais uma vez se instalou no corredor depois que a porta da frente se fechou atrás dele.

— Não foi nada — Julia assegurou à sua filha desnorteada. — Apenas um acidente bobo.

— Mas ele estava em cima de você, mamãe.

Outra onda de calor queimou suas faces.

— Sim, sim, eu sei. — Passando por Suzanne, ela estendeu a mão para o

médico. — Sua esposa me disse que você cuidou de mim ontem à noite. Estou muito grata.

— É para isso que estou aqui. — Com um olhar aguçado, ele avaliou sua condição ainda instável. — Você deve ficar na cama por mais um dia e recuperar suas forças. Deixe que a sopa de Maria devolva um pouco de cor ao seu rosto.

Seu sorriso envolveu tanto o cirurgião quanto a esposa.

— É muito gentil da sua parte, mas Suzanne e eu precisamos voltar ao vagão. Deveríamos sair hoje de manhã e temo que eu possa tê-los atrasado.

— Se você está se referindo ao trem que estava acampado nos penhascos, ele já partiu. Saíram bem antes do amanhecer.

Julia lutou contra uma onda de pânico. Ainda não se recuperara do confronto com Andrew Garrett. Não estava preparada para outro golpe tão cedo, muito menos um tão devastador.

— Você tem certeza? — ela perguntou, sua voz aguda de desespero.

— Com certeza. Eu vi que eles se foram quando fui até o hospital para fazer minhas rondas matinais.

O peso da deserção dos Hottenfelders se assentou como um saco de cem quilos nos ombros de Julia. Eles a tinham abandonado e a Suzanne. Deixaram-nas a centenas de quilômetros do seu destino, com nada mais do que as roupas do corpo!

Em um momento mais racional, Julia supôs que não os culparia. Todo mundo precisa pagar suas contas, tanto na vida quanto em uma jornada através das planícies. Ela tinha, apenas, ficado sem recursos para pagar as dela.

— Sem dúvidas eles quiseram seguir o mais longe possível antes que o calor fique mais intenso — o médico explicou de forma grosseira.

Ela assentiu, entorpecida demais para informar que conhecia muito bem a necessidade de poupar os animais do calor.

O soldado ruivo pigarreou:

— Com licença, senhor.

— Bem, o que foi?

— O Major Garrett trouxe algo para a moça quando chegou.

Dando um passo para o lado, o soldado apontou em direção a um pequeno baú.

Incrédula, Julia olhou para o objeto. Fechado por tiras de couro, continha tudo o que ela e Suzanne agora possuíam. Dois vestidos para a filha dela, outros para ela mesma. Botas resistentes, pesadas saias de algodão listradas e camisas usadas para trilha. Conjuntos extras de roupas de baixo de linho, chemises, um envoltório de seda. A Bíblia da família Bonneaux. As cartas que Philip lhe enviara de St. Louis, de Omaha, de algum lugar chamado Adler's Gulch, no

Território de Montana.

Três cartas. Apenas três, em quase dois anos. O bonito e irresponsável Philip Bonneaux não era bom com caneta e papel tanto quanto não era em administrar suas finanças.

Ela certamente escolheu bem seus maridos, Julia pensou em um rompante de algo perigosamente próximo da histeria. O primeiro tinha iludido sua mente boba com mentiras, o segundo ganhara seu coração com o charme. E o charme irresponsável, Julia descobrira para seu desgosto, podia ser tão pesado quanto mentiras.

Como se sentisse o quão à beira do desespero sua hóspede estava, Maria Schnell se adiantou e assumiu o comando.

— Bem, agora que recebeu o seu baú, o que você precisa é de um banho quente e de uma nova muda de roupa.

Julia aceitou a oferta. Certamente, ela poderia pensar com mais clareza quando lavasse a poeira do cabelo e da mente.

— Isso seria maravilhoso. — De alguma forma, ela conseguiu abrir um sorriso para sua filha. — O que me diz, *ma petite*? Vamos ver quantas bolhas de sabão podemos estourar?

Suzanne, delicada e meticulosa, saltitou ansiosa pelo corredor.



Como Andrew havia antecipado, a notícia de que major Garrett tinha uma esposa – que não era realmente sua esposa – se espalhou pelo posto como um incêndio de pradaria abanado pelos ventos incessantes.

Henry Schnell havia emitido ordens estritas para sua esposa, seu soldado e sua empregada para que segurassem suas línguas. Tanto ele quanto Andrew reconheceram a futilidade de tal ordem, no entanto. A fofoca fluía mais rápido do que o uísque naqueles postos avançados isolados, onde oficiais e soldados ansiavam por qualquer desvio da monotonia cotidiana das tarefas fatigantes.

Sem dúvidas o soldado Rafferty contara apenas a seu companheiro de beliche, que provavelmente lhe jurou a mais estrita confiança. E a empregada de Schnell certamente sussurrara apenas uma palavra ou duas para sua prima, uma lavadeira casada com um soldado da 4ª Companhia de Infantaria D. Ou a confiança murmurada teria desencadeado uma reação rápida e inevitável.

Os soldados da cavalaria teriam mastigado a notícia junto à refeição do meio-dia de feijão e bacon. As lavadeiras teriam telegrafado as deliciosas fofocas com cada estender de fardas molhadas. De qualquer uma dessas fontes,

os rumores tinham circulado até os oficiais e suas esposas com a velocidade de um clarão de relâmpago de verão.

Por essa razão, Andrew não ficou surpreso quando o policial encarregado do dia correu pela parada, logo após a chamada das duas horas.

— Cumprimentos do Coronel Cavanaugh, senhor. Ele gostaria de falar com você.

Retribuindo a saudação do soldado, o major reconheceu a ordem.

— Diga ao coronel que vou falar com ele em breve.

— Com seu perdão, senhor. Ele disse imediatamente.

— Está certo.

Ordenando que o sargento do regimento prosseguisse com o treinamento, Andrew atravessou a parada até um prédio de madeira de dois andares pintado de branco. Longas varandas de frente para cada nível davam à estrutura uma fachada graciosa. O maior edifício em Forte Laramie servia como o centro administrativo e social do posto. As áreas de trabalho e moradia do comandante ocupavam uma ala. Oficiais solteiros ocuparam outra. No meio ficava a bagunça dos soldados, várias salas de armazenamento e uma combinação de sala de bilhar e de jogos. As festas animadas dadas pelos residentes solteiros do edifício há muito tempo já rendiam ao prédio o apelido de Old Bedlam, que significava Velha Balbúrdia.

Andrew encontrou o tenente-coronel Jonathan Cavanaugh em seu escritório, encolhido na cadeira atrás de sua mesa. O veterano da Campanha Cumberland, muito condecorado, olhou para seu subordinado através de olhos avermelhados.

— Bem, Garrett, o que você tem a dizer em sua defesa?

As palavras arrastadas e o uniforme descuidadamente abotoado disseram a Andrew que Cavanaugh estava tendo outro de seus dias ruins. Infelizmente, os ruins andavam superando os bons nos últimos meses.

— Em relação a quê, senhor?

— Você sabe ao quê. Quem é a...? — Franzindo a testa, o coronel passou a língua pelos lábios secos e rachados e recomeçou. — Quem é a mulher de quem estou ouvindo rumores?

— Eu a conhecia como Julia Robichaud — Andrew respondeu rigidamente.

— Bem? Ela é sua esposa ou não é?

— Ela foi uma vez.

— E agora?

— Agora ela é casada com um homem chamado Philip Bonneaux.

Cavanaugh se recostou na cadeira. Um sorriso astuto levantou as pontas do bigode grisalho. Ele estava gostando disso, Andrew sabia. Em níveis pessoal e

profissional, ele e o coronel eram completos opostos. Cavanaugh compartilhava o tradicional desdém da infantaria pela cavalaria. Na maioria dos casos, a rivalidade entre este tipo de soldados era bem-humorada, particularmente em postos fronteiriços como Forte Laramie, onde a mobilidade era tão importante quanto o poder de fogo.

No caso do coronel, no entanto, o láudano que ele entornava na garganta para atenuar a dor causada pelo tiro que levou em Chancellorsville obscurecia tanto seu julgamento quanto suas habilidades. Ele se ressentia pelo fato de o Congresso ter recentemente criado quatro novos regimentos de cavalaria para proteger a fronteira, enquanto reduzia severamente a infantaria. Ressentia-se ainda mais com os hostis Sioux e Cheyenne, cujas demandas pelo fim da invasão de suas terras levaram a anos de derramamento de sangue nas planícies. Como a maioria dos homens que serviam na fronteira, ele tomara como seu credo pessoal o sentimento proclamado por tantos jornais orientais, que homem vermelho bom era homem vermelho morto.

Aquele velho cavalo de batalha deveria ter sido afastado anos atrás. Infelizmente, ele tinha muitos amigos em Washington para se aposentar discretamente, e orgulho demais para aceitar o fato de que o resto do posto recorria cada vez mais ao major Garrett como comandante de fato. Andrew suportara o rancor do coronel durante meses. Só ele sabia que o ópio e a frustração estavam rapidamente transformando rancor em ódio.

— Se você não tem mais perguntas, senhor, eu vou...

Uma batida na porta cortou sua retirada. Ao grunhido do coronel, o encarregado do dia se apresentou.

— Desculpe incomodá-lo, senhor.

— O que foi?

O olhar do cabo disparou do comandante para o major e vice-versa.

— A senhora Bonneaux está aqui. Ela chegou com o vagão e agora quer falar com o senhor.

Um brilho malicioso de prazer se iluminou através da névoa nos olhos de Cavanaugh. Andrew praguejou em voz baixa.

— Traga-a, Gottlieb.

— Sim senhor.

O cabo saiu batendo os saltos da bota. Com a precisão de alguém que servira cinco anos no exército prussiano antes de emigrar para a América, ele deu meia-volta.

— Por aqui, senhora.

Andrew se preparou, mas Julia, que se aproximou com um farfalhar de saias de seda um instante depois, surpreendeu-o tanto quanto surpreendeu a

Cavanaugh. Ela usava o mesmo vestido que vestira na noite passada, a mesma trança brilhante. Mas sua caminhada continha um balanço confiante e seu sorriso ofuscava o tenente-coronel, o major e o pelotão.

— Obrigada — disse ela a Gottlieb.

Ele se recuperou, estalou os calcanhares mais uma vez e fechou a porta atrás dela. Julia deslizou para frente, seus passos vacilando por um momento ao avistar Andrew. Pontos de cor surgiram em suas faces, mas ela desviou o olhar e assentiu para o comandante.

— É gentil da sua parte me receber, senhor. Sei o quão ocupado deve estar.

O brilho malicioso nos olhos de Cavanaugh se aprofundou.

— Chegou na hora certa, senhora. Estávamos discutindo sobre você.

— Estavam?

Sua suave risada flutuou pelo ar. Por um momento ela se pareceu tanto com a Bela de Nova Orleans que Andrew sentiu um nó no estômago.

— Que sorte eu ter vindo neste momento, então. Posso me sentar?

— Claro.

Com um farfalhar de suas saias, ela pegou a cadeira em frente à mesa.

— Não sei o que o major Garrett pode ter lhe dito sobre mim — ela começou.

— Não muita coisa. Espero que você satisfaça a minha curiosidade.

Sua cor se aprofundou, mas ela calmamente tirou as luvas e alisou-as no colo antes de responder.

— Há realmente muito pouco para contar. Como o senhor pode ter sido informado, o major e eu passamos por uma cerimônia de casamento que mais tarde foi declarada inválida. Eu me casei com outro homem logo depois.

Andrew precisava admirar sua postura. Ela recitou os fatos sem um traço de emoção, como se a paixão que os levara a uma união desastrosa nunca a tivesse engolfado.

— Minha filha e eu estávamos a caminho de nos juntarmos ao meu marido...

— Seu marido atual? — Cavanaugh perguntou com as sobrancelhas erguidas.

Seus lábios se estreitaram com a provocação, mas ela continuou de uma maneira serena.

— Estávamos a caminho de nos juntarmos ao meu marido no Território de Montana quando desmaiei. Estou bastante recuperada agora e pronta para continuar minha jornada. Infelizmente, a companhia com a qual viajávamos já deixou o posto.

— Entendo. Eles não podem ter avançado mais de vinte quilômetros.

— Sim eu sei.

Ela alisou as luvas novamente. Cruzando os braços, Andrew esperou para ver como ela explicaria ao coronel que a companhia a havia deixado intencionalmente, assim como sua filha, para trás e que eles não a receberiam de volta. A esposa do mestre da carroça deixara isso bem claro na noite anterior.

Por fim, Julia evitou a explicação estranha.

— A Sra. Schnell ofereceu-se, muito generosamente, para que eu ficasse com ela por alguns dias. Também me informou que há uma linha telegráfica para Virginia City. Pensei, talvez, que você pudesse gentilmente enviar um telegrama para meu marido.

— Certamente, senhora.

Andrew entrou na conversa pela primeira vez.

— As linhas telegráficas ficam entre Forte Reno e Forte Smith. Elas foram cortadas ontem.

Dois rostos se voltaram para ele; um desanimado, um indignado.

— Por que não fui informado? — Cavanaugh exigiu.

— O relatório está na sua mesa.

A resposta ácida proporcionou um rubor no rosto do homem mais velho.

— Foi por isso que foi bater na porta dos meus aposentos na noite passada?

— Sim, senhor.

— Você deveria ter me adiantado o conteúdo do relatório, major!

Andrew se absteve de apontar que havia, sim, falado. Duas vezes. Com o rompante de um de seus súbitos ataques de raiva, o punho de Cavanaugh atingiu a escrivaninha.

— Isso é coisa do Nuvem Vermelha. O selvagem massacra nossos homens, corta nossas linhas telegráficas e assedia as tripulações da estrada de ferro, e o que fazem aqueles idiotas em Washington? Cedem aos pagãos tentando fazer as pazes com eles!

Sua veemência surpreendeu Julia, que lançou um rápido olhar para Andrew. Ele ficou em silêncio, incapaz de explicar, sem enervar Cavanaugh ainda mais, sobre as complexas e prolongadas negociações para eliminar as reservas Sioux e Cheyenne do vasto território que se estendia das Black Hills no leste até as Montanhas Bighorn no oeste. O superior de Andrew, tendo uma mente antiquada, considerava a negociação e o apaziguamento apenas um passo acima da covardia.

Esforçando-se corajosamente para esconder seu desalento, Julia voltou-se ao coronel.

— Quanto tempo até as linhas serem consertadas?

— Forte Smith terá que enviar uma patrulha para encontrar o estrago — ele

resmungou. — Eles têm menos da metade dos funcionários presentes agora. Pode levar semanas.

— Semanas!

— Ou meses. Os Sioux e Cheyenne puxam os fios assim que os amarramos. — Ainda aquecido de raiva, o coronel se afastou de sua mesa. — É melhor planejar uma estadia prolongada em Forte Laramie, Sra. Bonneaux. Tenho certeza de que seu marido – seu ex-marido — corrigiu ele com desdém — fará todo o possível para deixá-la à vontade.

A cor retornou para as faces da visitante. Com a boca em linha reta, ela recolocou as luvas, murmurou um agradecimento educado e saiu.

Praguejando em voz baixa, Andrew pediu permissão para se retirar.

— Mais alguma coisa, senhor?

O coronel deixou-o esperar por vários tic-tacs do relógio da lareira antes de assentir.

— Você está dispensado.

Velho idiota. Com uma onda de desgosto pelos jogos mesquinhos do homem, Andrew se virou e saiu. Gottlieb e o funcionário da companhia voltaram a atenção para ele, conforme passava.

Alcançou Julia na varanda da frente de Old Bedlam. Ela estava inclinada para frente, olhando para o chão empoeirado. Suas mãos agarravam o corrimão da escada como se aquele apoio fosse tudo o que a segurava de pé.

— Julia...

— Sim?

A máscara que caiu instantaneamente sobre o rosto dela pesou em sua consciência. Ele amara aquela mulher uma vez, mas a odiara também. Agora ele não sentia nada além de um incômodo senso de obrigação do qual não conseguia se livrar, não importava o quanto tentasse.

— Maria Schnell me contou sobre sua situação.

Seu queixo se inclinou.

— Ela contou?

Andrew não precisava das informações de Maria para confirmar o que as fofocas já haviam telegrafado para metade do território. Apesar de suas sedas, da camisa engomada e do comportamento corajoso, Julia Bonneaux estava tão quebrada quanto qualquer soldado no dia seguinte ao pagamento.

— Estamos enviando um esquadrão para reforçar Forte Smith, que fica na fronteira com o Território de Montana. Embora seja contra os regulamentos do exército, eu poderia incluir uma carta sua com os despachos e pedir ao comandante que a envie ao seu marido quando um dos próximos vagões passar.

Uma expressão surpresa rompeu sua máscara.

— Você faria isso por mim?

— Sim.

— Por quê?

— Fomos casados uma vez. Suponho que tenha certa obrigação...

— Não faça isso! — ela vociferou. — Não se atreva a falar sobre nosso passado. Eu te entreguei meu coração, Andrew Garrett, mas cada sorriso, cada palavra que falou para mim eras mentiras.

— Nem todas as palavras.

Ele havia espalhado grãos de verdade suficientes entre as mentiras para evitar tropeçar em si mesmo. Até tentou avisá-la de que não era tudo o que parecia.

— Eu te disse que havia coisas sobre mim que você não sabia.

— E eu disse que sabia tudo o que importava. — Desgosto fez seus traços delicados convulsionarem. — Que idiota eu era! Uma idiota boba e teimosa, como meu tio gostava tanto de me dizer.

A simples menção de Justin Robichaud fez Andrew cerrar os punhos. Ele se lembrava muito bem de como o olhar ávido do homem costumava seguir a própria sobrinha. Julia era tão jovem naquela época, tão vulnerável. Sua mãe morrera no parto, e seu pai algumas semanas antes de seu décimo aniversário. Andrew certamente não pretendia sentir pena, mas uma luxúria crescente pela jovem moça que o provocava e atormentava surgiu. Jamais poderia ter previsto o desejo insano que crescera dentro dele para protegê-la de seu tio... e de si mesmo.

Ele deveria ter aceitado o que ela oferecia a cada beijo, pensou com raiva. Deveria ter devastado sua boca do jeito como ela devastara seus sentidos. Deveria tê-la possuído em um assento de carruagem, em um sofá ou na cama mais próxima. Levantado suas saias e mergulhado dentro dela em vez de lhe dar seu nome em uma cerimônia secreta em uma igreja paroquial, arriscando tudo para voltar para ela semanas depois.

— Não tente me convencer de que sua consciência passou a incomodá-lo tão tardiamente — ela disse com amargura, interrompendo seus pensamentos. — Depois de todas as mentiras que me contou em Nova Orleans, não queira me enganar fingindo que se importa com meus problemas agora.

— Não é isso — ele respondeu com candura brutal. — Mas enquanto estiver neste posto, você é responsabilidade do Exército.

— A autoridade do exército se estende até para as mulheres?

Pelo desprezo em sua voz, ela não tinha ideia do estrago que uma mulher sozinha poderia causar. Principalmente uma mulher como Julia.

— *Especialmente* para mulheres em postos avançados isolados como este.

Ela se virou novamente, os dedos enluvados segurando o corrimão. Andrew viu sua garganta engolir em seco enquanto ela fixava seu olhar inexpressivamente no mastro da bandeira no lado oposto da parada.

— Quais são seus planos? — ele perguntou.

— Eu não sei — ela murmurou, mais para si mesma do que para ele. — Eu não posso abusar da hospitalidade de Maria Schnell indefinidamente.

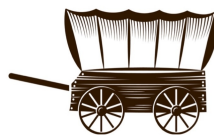
— Não, você não pode — ele concordou. — Henry Schnell é um dos melhores homens com quem já tive a honra de servir. Ele e Maria não falam sobre isso, mas ele gasta mais da metade de seu salário para suplementar a magra provisão de suprimentos médicos que o Exército fornece ao seu hospital. Eles passam por tantas dificuldades quanto o tenente mais jovem no posto.

Ela demonstrou que compreendeu seu pronunciamento com um único aceno de cabeça. Por um momento insano, Andrew ficou tentado a sugerir que ela se mudasse para seus aposentos. O desejo de protegê-la e de proteger sua filha coçava como um carrapato que se enterrara em sua pele. Considerando-se um perfeito idiota por se importar com o que poderia acontecer com aquela mulher, ele ofereceu a única outra alternativa que foi capaz de inventar.

— Um de nossos tenentes está em serviço, destacado com a 7ª Cavalaria de Custer em Forte Riley — ele disse bruscamente. — Sua esposa deu à luz um mês ou mais atrás e não tem ninguém aqui para ajudá-la. Eu poderia colocá-la em um alojamento temporário com ela, se você quiser.

A oferta relutante dissipou o pouco que restou do orgulho de Julia. Com todo o seu coração, ela desejava jogá-lo de volta na cara de Andrew. Por causa de sua filha, reuniu toda a sua dignidade esfarrapada e aceitou com um aceno de cabeça severo.

— Obrigada.





CAPÍTULO QUATRO

Julia segurou a mão de Suzanne com firmeza enquanto seguiam o soldado Rafferty ao longo do caminho de terra que contornava a parada.

O sol ardente da tarde incidia em suas cabeças e ombros. O calor não parecia afetar o oficial corpulento, abotoado até o pescoço em seu uniforme de lã azul. Com seu quepe de ponta achatada inclinado sobre uma das sobrancelhas, ele carregava o baú delas sobre um ombro musculoso e apontava os vários pontos turísticos ao longo do caminho.

Como Julia já havia descoberto, Forte Laramie era uma mistura de antiguidade e modernidade, de casas de madeira, barracões de adobe e tendas, todos dispostos em uma faixa plana de terra. Os principais edifícios cercavam o campo, um retângulo de terra batida com um mastro de madeira plantado no meio de um dos lados. O rio Laramie, que contornava o perímetro do posto, proporcionava proteção natural contra ataques. Uma passarela de madeira atravessava o rio cintilante e dava acesso aos prédios, tendas e tipis da margem oposta. Além do Laramie, planícies castanhas se estendiam até onde os olhos podiam ver.

Não havia uma única árvore à vista. Nem uma, nem no posto, nem nas planícies. A madeira para cozinhar e para as construções, o soldado Rafferty informou a Julia com seu jeito alegre, precisava ser trazida das encostas cobertas de pinheiros das Montanhas Laramie, a 65 quilômetros de distância.

— Coletar madeira não é exatamente o que gostamos de fazer, se é que você me entende, senhora. De maneira alguma é o tipo de trabalho adequado para soldados a cavalo.

Soldados a cavalo, ele explicou bem-humorado "eram os que ostentavam a faixa de cavalaria amarela nas pernas das calças", distinguindo-se do vermelho

da infantaria, ele prosseguiu explicando.

— Os Sioux chamam a infantaria de “Burros de carga” — Rafferty riu. — E não é que eles são mesmo?

Julia fez o melhor que pôde para digerir seus comentários durante a curta jornada dos aposentos do médico até a fileira de casas de madeira amontoadas como galinhas à beira da planície varrida pelo vento. Havia três delas, construídas em um design curioso que Rafferty descreveu como "sobrado do exército". Como o prédio da sede, as casas tinham dois lados separados, cada um com uma entrada privada.

— A Sra. Tenente McKinney tem um bom faro.

— Você sempre se refere às esposas pela posição de seu marido?

O soldado pareceu surpreso com a pergunta.

— E como mais poderíamos mostrar a elas o devido respeito?

Ela não tinha resposta para isso. O Exército, obviamente, mantinha uma estrutura social ainda mais rígida do que a da sociedade crioula aristocrática em que ela nascera.

Ao pensar em Nova Orleans, a saudade de casa a atacou em um rompante súbito e agudo. Ela quase podia sentir o cheiro de madressilva e jasmim derramando-se no ar espesso com o calor úmido. Quase podia provar os bombons recheados de noz-pecã que grudavam em seus dentes. Quase podia ouvir as provocações de seu pai quando ele a jogava para o alto, para seu prazer estridente.

Ela fora tão feliz quando criança, sentira-se tão segura do amor de seu pai que nunca chegou a sentir falta da mãe que sucumbira a uma febre logo após o seu nascimento. Fora tão mimada e amada, apesar dos esforços determinados das freiras carmelitas que haviam tentado ao máximo erradicar sua frivolidade. Então seu pai morreu, e Julia foi morar com a tia e o tio em sua mansão na rua Lafayette.

No calor escaldante da tarde de junho, arrepios dançaram ao longo de sua espinha. Ela agarrou a mão de Suzanne, lutando contra as memórias, incapaz de detê-las.

Em seus primeiros anos na rua Lafayette mal vira seu tio. Ele se manteve ocupado com sua própria firma de comercialização de cana e com as linhas de navegação que Julia herdou de seu pai. Mas foi quando a sobrinha começou a preencher seus vestidos que o tio a notou. Realmente a notou.

Ingênua e tola, ela riu do desconforto que lhe rendia calafrios sempre que os olhos escuros de Justin permaneciam muito tempo em seu rosto, sua garganta, seus seios. Então seu próprio olhar colidira com o de um belo estranho em um salão de festas lotado.

O coração de Julia martelou contra suas costelas, enquanto os acordes de uma valsa zumbiam nos ouvidos de suas memórias. Era tão jovem. E imperdoavelmente estúpida.

Andrew a arrastou para a valsa, depois se juntou a ela em um animado reel¹. Ele pediu para acompanhá-la até o jantar da meia-noite, mas Julia só pôde rir e dizer que fora prometida a outro. Andrew não a pressionou... não muito, para seu secreto desgosto. Mas ele apareceu em Lafayette Street na tarde seguinte, com um plano muito bem executado, e a pegou exatamente quando ela estava saindo para uma caminhada.

Ela não deveria ter caído em sua lábria, muito menos ter seguido com ele para um encontro secreto. Sua criada ficara escandalizada. Seu tio, quando ela voltou para casa, estava friamente furioso. Ainda mais quando Andrew a chamou novamente no dia seguinte e no seguinte. Finalmente, seu tio proibiu que ele fosse à sua casa novamente, mas então já era tarde demais. Tola que era, Julia já tinha se apaixonado.

Memórias a inundaram, uma após a outra. A tarde tempestuosa, quando Andrew lhe disse que precisaria sair de Nova Orleans. Sua apaixonada declaração de que esperaria por ele, para sempre, se necessário, não importando o que seu tio dissesse ou fizesse. A expressão sombria no rosto de Andrew com a menção de Justin Robichaud. O casamento apressado em St. Lucien e aquela noite selvagem em seus braços. Seu desânimo nas longas semanas de ausência, e sua alegria quando recebeu o bilhete dizendo que ele voltaria para ela na noite seguinte.

Sua devastação quando soube da traição e quando ouviu o estalo da pistola do tio rasgar a noite.

— Mamãe!

Pálida, Julia olhou para a filha.

— Você está machucando meus dedos!

Com um baque surdo, ela retornou à realidade de um posto poeirento à beira de um vasto mar de vazio.

— Sinto muito, *ma petite*.

Ela tornou-se plenamente consciente novamente no momento em que se voltaram para a passarela de madeira que levava à varanda da frente. Suzanne apertou sua preciosa boneca contra o peito. Com os olhos bem abertos sob a aba do chapéu, a menina observou a varanda ao redor, as persianas altas e o telhado de zinco.

— Vamos ficar aqui, mamãe?

— Por um tempo.

Os passos da garota se arrastaram. Uma expressão teimosa, que sua mãe

conhecia muito bem, surgiu em seu rosto.

— Eu não quero.

— Depois de semanas viajando naquele trem fuliginoso e depois na carroça do Hottenhelder, eu acho que você ficaria feliz em dormir em uma cama que não se move por um tempo.

Suzanne afundou em seus calcanhares.

— Você disse que íamos encontrar o papai.

— Eu vou escrever para ele, querida, e dizer-lhe onde estamos.

— Você escreveu para ele antes, e ele não respondeu. — Seu lábio inferior começou a tremer. — Você disse que íamos encontrá-lo.

Com o coração dolorido, Julia recolheu as saias e ajoelhou-se. Suzanne adorava Philip, e não era de se admirar. Ele a estragara atrozmente desde o primeiro dia em que a levantara do berço. Apesar de todas as outras falhas, Philip Bonneaux era um pai amoroso.

— Nós vamos encontrá-lo, *ma petite*, ou ele vai nos encontrar. Só pode demorar um pouco mais do que pensávamos.

— Eu não quero ficar aqui. — Lágrimas brotaram nos olhos cor de chocolate da criança. — Eu quero encontrar o papai, como você disse que aconteceria, eu quero morar em nossa própria casa em Mobile, como morávamos antes.

Triste por saber que o mundo de sua filha ruía sob seus pés delicados, Julia pôde apenas sorrir e tentar reunir seus ânimos.

— Nós conversamos sobre isso, lembra? Você sabe que a mamãe teve que vender a casa para pagar as contas. Agora chega de bobagem, por favor. Vamos conhecer a Sra. McKinney.

Lágrimas inundavam seus grandes olhos, com uma expressão de reprovação, mas a menina entrelaçou a mão na de Julia mais uma vez. Ela ainda estava fungando enquanto subiam os degraus e esperaram que o soldado Rafferty batesse na porta da frente.

A mulher que a abriu um momento depois era uns 15 centímetros mais baixa do que Julia. Mechas selvagens de cabelos alaranjados saltavam do coque preso ao acaso em sua cabeça. Dando um tapinha confortador no bebê de rosto vermelho que se contorcia contra seu ombro, ela sorriu em uma saudação aliviada.

— Você deve ser a Sra. Major Garrett. Ouvi dizer que viria para cá.

O constrangimento adicionou um rubor de calor no rosto de Julia.

— Meu nome é Bonneaux — ela corrigiu rigidamente. — Julia Bonneaux. As sobrancelhas da mulher se arquearam.

— O que é isso? Me contaram a história errada sobre você e o major, então?

— Sim, aparentemente contaram. — Percebendo que o policial e a menina de cinco anos estavam em ambos os lados dela, Julia convocou um sorriso tenso. — Talvez possamos levar nossa conversa para dentro, onde podemos ter mais privacidade?

— Oh, eu não sei onde estou com a cabeça! Deve ser o calor, e o bebê está fritando...

Ajeitando o bebê gentilmente nas costas, a mulher diminuta liderou o caminho para dentro. Julia viu de relance que os aposentos eram muito mais escassamente mobilhados do que os dos Schnells. A sala de estar estava vazia, exceto por um fogão preto e robusto. A sala de jantar continha apenas uma variedade de cadeiras que não combinavam e uma mesa baixa feita de uma caixa com carabinas do Exército dos EUA estampada nas laterais. Com o estômago afundando em um vazio desesperador, Julia lembrou a si mesma que um tenente não podia aspirar viver tão bem quanto um médico.

— Você tem certeza de que não vamos lhe incomodar, Sra. McKinney?

— Oh, eu deveria ter me apresentado, não deveria? Eu não sou a senhora McKinney. Eu sou Mary Donovan. Meu marido é sargento na companhia do tenente McKinney. Só vim para ajudar a moça com bebê um pouco. Agora que você está aqui, Sra. Major – quer dizer, Sra. Bonneaux – é melhor eu voltar para as minhas bacias de roupa suja.

Com isso, ela passou o bebê para Júlia, advertiu Rafferty a não ficar parado ali como se fosse um pedaço de pedra e prometeu voltar depois do primeiro sinal de retirada, para ver como todos se saíram. O oficial depositou o baú no chão e a seguiu momentos depois.

Julia estava no corredor, segurando o bebê com o rosto vermelho nos braços. O suor escorria entre seus seios. Um calor sufocante pulsava em suas têmporas. O desespero de estar tão longe de casa, totalmente dependente da bondade de estranhos, ameaçou dominá-la.

Ela teria adorado se deixar levar por um ataque de lágrimas, mas elas eram um luxo que ela não podia mais pagar. Segurando o bebê na dobra do braço, puxou um dos cachos castanhos da filha.

— Vamos conhecer a mãe do bebê, sim?



Victoria McKinney era ainda mais agitada do que sua criança irritada e, obviamente, ressentia-se por ter estranhos invadindo sua casa. Não expressou seus sentimentos com tantas palavras, mas eles ficaram bem claros ao longo dos

dias seguintes. Muito consciente de sua própria situação precária, Julia engoliu seu orgulho e segurou a língua. Mas isto tornou-se cada vez mais difícil a cada hora passada na companhia da mulher pálida e infeliz.

— Eu não deveria ter saído de Nova York — a jovem esposa reclamou para suas hóspedes relutantes na terceira noite de sua estada. Sentou-se em frente à caixa que servia de mesa, remexendo a comida pouco apetitosa em seu prato. — Meu pai é dono de um banco, sabe?

— Sim — Julia respondeu, cerrando os dentes —, você me disse.

Várias vezes, na verdade.

Segundo Victoria, a maioria das esposas dos oficiais vinha de lares ricos e urbanos. Muitas, como a mulher do tenente, encontraram uma vida sem empregados para ajudá-las e para cozinhar refeições insuportáveis. Algumas robustas, como Maria Schnell, consideravam viver na fronteira uma aventura. Victoria McKinney, descobriu Julia, considerava uma penitência.

Ordenando que Suzanne comesse o seu jantar e não provocasse o bebê enfiado em um berço feito de outro caixote, Julia olhou para a carne cozida. Embora as rações mensais para oficiais casados incluíssem duas latas de pêssegos, uma de ostras, tomates, ervilhas e milho, além de meio quilo de cavala seca, essas guloseimas eram guardadas para ocasiões especiais, como aniversários e feriados. Todos os outros suprimentos tinham que ser adquiridos na loja do comerciante a preços exorbitantes, isso quando podiam ser comprados. Como consequência, o padrão diário das mulheres e crianças em Forte Laramie espelhava o das tropas – bacon, feijão e carne bovina.

— Papai me avisou para não casar com William — confidenciou a sombria jovem mãe. — Ele me disse que os uniformes elegantes e bailes em West Point não eram um espelho da vida que eu iria levar na fronteira. Deveria tê-lo ouvido.

— Bem, você está aqui agora e tem uma casa confortável — Julia respondeu com uma alegria determinada. — Vou ajudá-la a fazer cortinas, se quiser, e talvez possa colocar algumas prateleiras para seus livros ou fotos.

— Não há sentido para isso. — Desconsoladamente, sua anfitriã perfurou seus grãos com o garfo. — William é o tenente júnior no cargo. Nós vamos sair destes aposentos quando outro oficial superior a ele chegar, assim como fizemos em Forte Riley. Tivemos que viver em uma tenda, então, por quase seis meses.

Julia mordeu o impulso de dizer àquela moça lamentosa que ela não era a única a perder uma casa. Seu peito doía sempre que se deixava pensar na moradia que vendera para pagar as dívidas de jogo de Philip.

— Termine sua carne — ela disse, em vez disso, com o mesmo tom que usaria com Suzanne. — Então vou servir um pouco de quindim para você.

— Quindim! — Alarmada, Victoria pulou da cadeira. — Não diga que

comprou ovos com o comerciante! Certamente você não os colocou em nossa conta, colocou?

— Não, claro que não.

Julia aprendeu, durante suas viagens, o custo astronômico associado ao transporte de produtos perecíveis, como manteiga e ovos, por centenas de quilômetros de pradaria em um vagão sacolejante.

— Eu usei a receita de Mary Donovan — ela assegurou à anfitriã preocupada. — Tudo o que é necessário são seis colheres de sopa de amido de milho, bem cozido e grosso, aromatizado com um pouco de açúcar e extrato de limão.

Que Deus abençoasse aquela lavadeira irlandesa, Julia pensou enquanto colocava a mistura em tigelas. Fiel à sua palavra, a sra. Donovan passava todos os dias para verificar a Sra. tenente McKinney, assim como Maria Schnell e várias outras damas dos oficiais. As esposas eram educadas o suficiente, mas Julia sentia o peso de sua curiosidade e silenciosa desaprovação em cada olhar.

Elas não sabiam o que fazer com ela. O divórcio era um assunto escandaloso demais para ser discutido em uma conversa educada, e um casamento que não era realmente um casamento estava fora de sua compreensão. Eles tratavam Julia com civilidade, mas, com exceção de Maria Schnell, não faziam tentativas de amizade.

Nem Mary Donovan, verdade fosse dita. Invariavelmente alegre, a esposa do sargento cuidava para não cruzar a linha entre a lavadeira e a dama. Felizmente, ela também possuía uma riqueza de informações e dicas práticas, tendo vivido na fronteira por quase uma década. O quindim, pensou Julia, era uma de suas melhores receitas.

Victoria devorou a guloseima, mas ainda conseguiu advertir sua convidada entre goles gananciosos:

— Você deve ter cuidado com o açúcar. Mesmo com as rações extras que o Major Garrett mandou para você e Suzanne, mal temos o suficiente para sobreviver.

Julia congelou com a colher a meio caminho da boca.

— Major Garrett enviou rações extras?

— É claro. Você não acha que William e eu poderíamos alimentar você e sua filha com nossa despesa deplorável, não é?

— Não — Julia respondeu com uma voz sufocada, colocando a colher de lado com cuidado exagerado. — Claro que não.

— Isso te perturba? Por que deveria? Todos no posto sabem do seu passado... Como devo dizer? Sabem de sua conexão anterior com o major. É adequado que seu sustento saia do bolso dele.

— É?

Dispensando o assunto com um elevar de seus ombros magros, Victoria olhou para a tigela de Julia avidamente.

— Se você não vai comer o resto do seu quindim, posso comê-lo?

— O quê?

— Seu quindim? Posso comê-lo? — O gemido lamentoso, muito familiar, rastejou de volta até sua voz. — Eu preciso manter minhas forças para amamentar.

Em silêncio, Julia empurrou a tigela de louça sobre a mesa de madeira.

Ela se sentiu mortificada além do que poderia imaginar. E muito, muito idiota. Como fora ingênua ao pensar que cozinhar, limpar e cuidar do bebê de Victoria McKinney constituiria uma troca justa por um colchão pequeno e cheio de palha onde ela e Suzanne comiam.

A ideia de depender da generosidade de Andrew Garrett destruía os últimos resquícios de seu orgulho. A percepção de que todos no posto aparentemente sabiam disso apenas aumentava a humilhação.



Até mesmo Mary Donovan, ela descobriu quando a esposa do sargento apareceu logo depois que os mensageiros soaram à noite. Julia levou uma das cadeiras para a varanda, tanto para escapar da petulância de Victoria quanto para pegar a brisa quente que soprava dos penhascos. Suzanne permaneceu lá dentro, embalando o bebê que ela achava tão fascinante quanto sua boneca.

Mary bufou durante a caminhada, com os cabelos alaranjados brilhando nos últimos raios do sol. Um sorriso apareceu no rosto dela quando avistou Julia.

— Boa noite para você, senhora.

— Boa noite.

Os degraus rangeram quando ela se juntou a Julia no alpendre coberto.

— Você está um pouco pálida — ela comentou, apoiando um quadril no corrimão. — A esposa do tenente está te aborrecendo com suas melancolias?

Victoria havia aborrecido Julia com mais do que apenas um pouco de suas melancolias. Ela estava perto de enlouquecê-la com todas as suas reclamações. Ao contrário de sua anfitriã, Julia preferiu não sobrecarregar os outros com seus problemas.

— É o calor — disse ela com o elevar de um ombro. — É tão desgastante.

— E eu não sei? É um alívio ficar longe daquelas bacias, isso eu posso lhe dizer.

Embora Julia pudesse imaginar que Mary tinha se trocado antes de ir vê-la, o suor ainda surgia seu rosto avermelhado e deixava manchas úmidas em seu vestido. Hesitante em se intrometer nos assuntos privados de outra pessoa, ela não pôde deixar de se aventurar em um comentário.

— Seu marido é sargento. Certamente você não precisa passar o dia inteiro debruçada sobre bacias, não é?

— Oh, querida, eu não preciso. Eu *quero*. Sean é meu terceiro marido, sabe?

— Não, eu não sabia.

— É uma vida difícil aqui fora, e essa é a verdade. Perdi dois maridos em sete anos. Antes de me casar com Sean, lutei com unhas e dentes para que colocassem meu nome nos papéis.

— Que papéis?

— Do exército.

— Você é parte do exército?

— Sou sim — respondeu Mary com orgulho. — Cada companhia permite uma lavadeira para cada dezenove e homens e meio. Não me pergunte de onde veio a metade!

Suas gargalhadas sinceras atraíram um sorriso de Julia.

— O Exército nos paga bem — continuou a lavadeira. — É um dólar por mês que tiramos para cada soldado de quem lavamos roupa, quatro dólares de cada oficial. Além disso, recebemos rações e as atenções do médico quando precisamos dele. Nossos aposentos também são bons, ficam lá embaixo, ao lado do rio.

Que estranho, Julia pensou E que ironia! Victoria McKinney e a maioria das esposas dos outros oficiais vinham de origens de riqueza e privilégio, mas não tinham status, exceto os derivados de seus maridos. No entanto, Mary Donovan e suas colegas lavadeiras, imigrantes sem instrução na maior parte, eram evidentemente consideradas uma parte intrínseca da estrutura do exército.

— Eu ganho um pouco mais no hospital — confidenciou Mary —, lavando os corpos dos doentes e limpando os mortos. Algumas garotas pegam um dólar ou mais para ajudar as esposas dos oficiais, mas não gosto desta parte.

Olhando para as janelas abertas atrás delas, Mary baixou a voz.

— Há algumas garotas ganhando um pouco mais em segredo. Não é o que eu gosto, te asseguro, mas uma mulher faz o que deve fazer para sobreviver.

— Sim, ela faz.

A resposta direta pegou Mary de surpresa. Seus astutos olhos azuis ficaram pensativos.

— Você não precisa se preocupar. O major cuidará das suas necessidades

enquanto estiver em Forte Laramie.

A boca de Julia se fechou. Por mais que desejasse contar a Mary e a todos os outros que, naquele posto varrido pelo vento, ela preferiria morrer de fome a permitir que o major "atendesse às suas necessidades", precisava pensar em Suzanne. Felizmente, um longo e penetrante toque de corneta a distraiu de seus pensamentos e atraiu a atenção de ambas para o mastro da bandeira na borda do campo de parada.

— Primeiro toque de recolher — Mary comentou em deleite. — Agora você verá algo do qual se orgulhar. O major Garrett e os soldados da Companhia C estão de volta da patrulha.

— Eu não sabia que eles tinham ido embora.

— Há três dias.

Então fora por isso que Julia não vira Andrew no posto. Não que estivesse procurando por ele entre os oficiais que se reuniam com os homens para montarem guarda e recuarem todos os dias. Ele sempre se fez notar pela ausência.

Fora impossível não vê-lo naquela noite, no entanto. Ele vinha cavalgando na cabeceira de uma coluna de tropas, de costas eretas, acomodando-se com facilidade em um enorme cavalo castanho. Os últimos raios oblíquos do sol cintilavam na espada pendurada em sua sela e se derretiam sobre os detalhes dourados de seu uniforme brilhante. Um chapéu de campanha azul protegia seus olhos.

Ela foi forçada a admitir que ele e seus homens constituíam uma visão interessante. Com as rédeas tilintando, os cascos erguendo nuvens de poeira no chão de terra batida, eles trotaram de quatro em quatro até o pelotão estar centrado no mastro da bandeira. A um comando certo, o pelotão executou uma curva à direita, depois acomodou-se em suas selas enquanto o resto dos homens formava fileiras quando as cornetas soaram novamente, o coronel Cavanaugh e seu oficial do dia saíram do prédio da sede para o campo de parada. O ordenado enviou um comando alto e longo que se revirou pelo campo.

— A-presentaaar armas!

O ar ecoou com o silvo de aço sobre aço quando cem sabres se soltaram das bainhas. Os clarins soaram mais uma vez, sinalizando o abaixar da bandeira. Mary se levantou com dificuldade. Julia se levantou mais devagar. A guerra era recente, e as cicatrizes ainda eram profundas demais para oferecer cortesias àquelas linhas e estrelas sem se sentir estremecer.

Julia viu a bandeira baixar, pensando em todo o sangue derramado durante os longos anos de guerra e todas as vidas destruídas, inclusive a dela. Olhando para trás, mal conseguia se lembrar da garota que dançara, flertara e perdera a

cabeça e o coração para um homem que havia traído a ambos.

Ela queria odiá-lo. Ao olhar para ele, tão alto e de ombros tão largos sobre a sela, tentou invocar a fúria que a rasgara por dentro quando ele a prendera sobre as escadas da casa de Maria Schnell. O ódio tinha gosto de cinzas em sua boca. A fúria não ardia tão quente e feroz como há três dias.

Ao menos serviu para endurecê-la quando a tropa se dispersou, e o major virou a montaria em direção à casa dos McKinney. Mary também notou sua reação. Seu olhar se voltou para a mulher ao seu lado. A lavadeira hesitou, depois falou o que tinha em mente, com a franqueza que Julia já esperava.

— Ele é um bom homem, sabe? Meu marido diz que ele faria qualquer coisa por seus soldados, e esse é o maior elogio que um oficial pode receber de Sean Donovan.

Julia selou os lábios e não disse nada. Depois de olhar para ela mais uma vez, Mary foi embora.

Andrew inclinou o chapéu para ela e desmontou. Ele enrolou as rédeas no poste de amarração na frente da casa e subiu as escadas. Seu andar irregular enviou uma punhalada ao peito de Julia. Eles tinham machucado um ao outro cruelmente, ela e Andrew.

Ele parou a alguns centímetros de distância, com os olhos sombreados sob a aba do chapéu. Ela não pôde deixar de compará-lo ao homem que conhecera em Nova Orleans. O rosto de Andrew estava tão magro, a boca não demonstrava sorrisos. Apesar de tudo, apesar de todas as intenções de evitar que aqueles velhos dias voltassem à sua mente, ela lembrou-se do seu sorriso libertino, lembrou-se também dos beijos que aqueles lábios haviam depositado nos dela. E suas mãos, suas mãos hábeis...

O calor atingiu o estômago de Julia, de forma tão veloz e cálida que quase a fez engasgar. Chocada por tamanha intensidade, ela cerrou seus punhos nas dobras de sua saia. Desejara aquele homem uma vez, com toda a paixão que pode sentir uma garota jovem e obstinada. Mas arrancaria seu próprio coração e o queimaria em uma fogueira antes de permitir que sentisse a mais ínfima ternura por ele novamente.

Um pouco de sua repulsa deve ter sido mostrado em seu rosto. O major cumprimentou-a com um breve aceno de cabeça.

— Vim aqui para lhe dizer que os reforços que enviamos para Forte Smith chegaram em segurança. Sua carta sairá com a próxima leva que irá em direção a Adler's Gulch.

Julia inclinou a cabeça.

— Obrigada.

Ele hesitou por um momento.

— Você e a Sra. McKinney estão se entendendo?

— Sim.

— Precisa de alguma coisa?

— Não.

Andrew reprimiu um xingamento. Suas respostas curtas o irritaram tanto quanto a expressão impassível em seu rosto. Obviamente, ela ainda o considerava algum inseto que havia escapado de debaixo de uma rocha.

Por que ele se importava com o que ela pensava dele ou com como ela estava, caramba? Não devia nada àquela mulher. A paixão equivocada que uma vez sentiram um pelo outro havia se extinguido há muito tempo. E, como ela tão acidamente lhe informara no dia de sua chegada, o breve casamento fora apagado dos livros. Ela era a esposa de outro homem agora. Responsabilidade de outro homem.

Então, por que a maldita mulher permanecera em seus pensamentos durante a longa marcha nos últimos dias? Por que imagens tentadoras de seus lábios rubros, sua cintura fina e seus seios firmes e redondos dançavam em suas pálpebras fechadas quando ele dormia à noite? E por que diabos ele sentia uma desesperadora vontade de subir aqueles degraus, puxá-la para seus braços e arrancar a beijos aquele olhar desdenhoso de seu rosto?

Completamente aborrecido consigo mesmo e com o volume enrijecido que se manifestava dentro de sua calça, Andrew levou dois dedos até a aba do chapéu e voltou para sua montaria.

Melhor ficar longe dela, ele decidiu selvagemente. Manter distância. Como ele aprendera, para seu profundo pesar, Julia podia destruir a paz de um homem com um piscar de seus olhos violeta.

Um talento, ele descobriu menos de uma semana depois, que havia aperfeiçoado desde os anos em Nova Orleans.





CAPÍTULO CINCO

— **M**as você tem que ir!

As lamúrias queixosas de Victoria McKinney arranhavam os nervos de Julia, como unhas arranhando uma tábua de carne.

— É o salto anual da Companhia. Todas as esposas dos oficiais devem comparecer.

— Eu não sou uma esposa de oficial.

— Mas eu sou. William diz que eu devo manter as aparências, e eu preciso de um pouco de diversão. Se você não for — Victoria fungou —, quem vai cuidar do bebê enquanto eu danço?

— Tenho certeza de que Maria Schnell estará lá. Mary Donovan também. Uma delas ficará feliz em cuidar dele.

Lá estava o olhar rabugento que Julia passara a reconhecer muito bem no rosto da mulher mais jovem.

— Eu acho que você deveria mostrar um pouco mais de gratidão. Afinal, eu abri minha casa para você, apesar de suas circunstâncias peculiares. Tenho certeza de que minha mãe e meu pai ficariam chocados em saber que uma mulher casada com dois homens está vivendo sob o meu teto.

Grata por ter mandado Suzanne brincar, Julia abaixou a roupinha de bebê que estava fazendo e contou até dez antes de responder.

— Eu já te disse várias vezes, Victoria, meu casamento com o major Garrett foi anulado pela igreja. Eu tenho apenas um marido.

— Bem, tenho certeza de que não me importo com o número de pessoas a quem você se entregou — sua anfitriã retrucou irritada. — Mas acho estranho que você tenha posto um marido de lado e que tenha acabado por perder outro.

— Eu não perdi Philip. Ele está no território de Montana.

— Como você sabe? — Com maldade, ela atacou os medos secretos de Julia. — A última carta que recebeu faz mais de um ano. Qualquer coisa poderia ter acontecido com ele em um ano.

Com entusiasmo, desejando nunca ter compartilhado aquela informação em particular, Julia jogou o vestido de bebê na caixa de madeira que servia de mesa. Ela tinha que sair da casa de Victoria McKinney, mesmo que por algumas horas, ou acabaria enlouquecendo.

— Tudo bem, eu vou acompanhá-la ao... como você o chama? O salto?

— É assim que os soldados chamam — disse sua anfitriã, iluminando-se como uma lâmpada de óleo acesa. — Provavelmente porque eles pulam tão energicamente. Você não tem que dançar com todos eles, sabe? Alguns são terrivelmente grosseiros. Mas um dos membros da Companhia A costumava ser um mestre de dança na corte do rei Leopoldo da Bélgica, acredite se quiser.

Julia certamente queria acreditar. No pouco tempo que passara no posto, descobrira que mais da metade dos soldados haviam sido recrutados apenas semanas ou meses depois de desembarcarem da Europa. Chegaram de todas as esferas da vida – chapeleiros, ferreiros, agricultores e instrutores de dança. Alguns tinham experiência militar anterior e encontraram um lar familiar no Exército de seu país adotivo. Outros foram levados aos recrutadores pela falta de empregos e pela grave depressão econômica que se seguiu à Guerra da Secessão.

— O soldado Lowenstahl valsa divinamente — Victoria disse, feliz por ter conseguido o que queria. — Você precisa dançar com ele ao menos uma vez.



O soldado Lowenstahl fazia mais do que apenas valsar divinamente, Julia descobriu naquela noite. Ele podia guiar uma mulher em torno do piso de tábuas de pinho em uma polca, uma dança alemã ou um passo de dois com sublime graça. Alto, esguio e bronzeado pelo sol, com bigodes loiros que lhe caíam esplendidamente bem, ele havia se juntado ao regimento há apenas seis meses e já era uma espécie de lenda.

Consciente de seu dever designado de cuidar do bebê, Julia não se demorou. Ela deixou Suzanne com as crianças do capitão que morava na casa ao lado, mas o bebê de Victoria precisava ser alimentado. Fora levado em uma cesta de vime para o quartel de um único andar, e agora observava o que acontecia com os olhos arregalados.

A Companhia A tinha motivos para se orgulhar. Os beliches duplos de madeira haviam sido empurrados para fora do caminho, formando um espaço

vazio no centro do quartel. A limonada para as damas estava servida em uma mesa de cavalete. A bebida refrescante era mantida gelada pelo gelo que fora cortado do rio no inverno e armazenado em palha no depósito de gelo para ocasiões como aquela. Evidentemente, os homens haviam reunido seus recursos e ido à loja do comerciante em busca de latas de ostras, pés de porco em conserva e geleias.

Músicos voluntários que tocavam banjo, gaita e violino convenceram o baterista e o corneteiro da companhia. A improvisada orquestra lançava canções surpreendentemente melodiosas no ar. Se um cheiro distinto de terra, couro velho e suor permeava o quartel, ninguém parecia dar a menor atenção a isso.

Como Julia havia descoberto, um rigoroso sistema de castas regulava a vida social nos postos do exército, assim como a sociedade civil. Os oficiais e suas damas se reuniam em uma extremidade da sala. Os homens alistados e suas esposas, as lavadeiras e donzelas solteiras mantinham-se na outra. Dada à escassez de mulheres na fronteira, no entanto, as linhas se cruzavam sempre que a banda tocava; pois soldados solteiros não hesitaram em pedir permissão aos oficiais para se unirem às suas damas em uma dança.

O soldado Lowenstahl havia escolhido Julia logo depois de sua chegada. Ela recusou seu convite para dançar no começo, mas Maria Schnell tirou a cesta do bebê de suas mãos e a enxotou com instruções para que se divertisse. Conscientemente, Julia colocou a mão no braço do soldado e deixou-o levá-la ao centro da sala. Eles esperaram com vários outros casais pelos primeiros acordes da valsa. Ela não dançava há anos, não conseguia se lembrar da última vez em que Philip a tomara em seus braços e a rodopiara pelo chão. Ela gostava tanto quando menina...

Com um nó na garganta, ela olhou para o oficial ao lado do sargento da Companhia A. Ambos usavam uniformes de gala, golas altas e apertadas em volta do pescoço e as frentes da farda cobertas de dourado.

Por um momento, as paredes de madeira cobertas de lama e as lâmpadas a óleo penduradas nas vigas desapareceram da vista de Julia. Ela quase podia ver o brilho dos candelabros de cristal, sedas em tons de pedras preciosas, vasos de flores exuberantes. Podia ver, também, o sorriso preguiçoso de Andrew Garrett enquanto olhava para o chão do salão de baile.

Ele não usara uniforme naquela noite, lembrou Julia. Seus ombros esticavam as costuras de um casaco tipo fraque. Uma gravata branca como neve circulava sua garganta. Ela abriu o leque e escondeu o sorriso por trás do aparato de renda e marfim. Sua confiança juvenil lhe dissera que o forasteiro bonito iria falar com ela antes que a noite terminasse. E ele fizera exatamente isso, maldito fosse.

Andrew não mostrara a mesma inclinação para dançar com ela naquela noite. Encontrara o olhar de Julia pelo espaço de um batimento cardíaco, depois deliberadamente desviou o olhar. Uma rápida punhalada em seu coração. Rapidamente, Julia tentou ignorar a pequena pontada dolorosa. Não queria a atenção dele mais do que ele queria a dela.

Se o sorriso que ela subsequentemente abriu para o soldado Lowenstahl fora excessivamente simpático, ela sequer percebeu. Mas o rapaz notou, no entanto. Murmurando cumprimentos corteses e efusivos, ele a arrastou para a valsa.

Não demorou muito para que os outros na sala notassem a fascinação do soldado por sua parceira. Lentamente, o resto dos dançarinos liberou a pista. O salão inteiro ficou observando-os, enquanto Lowenstahl mergulhava e girava Julia ao redor da sala com uma destreza que nunca tinham visto antes.

— Basta olhar para isso! — Uma voz petulante atrás de Andrew reclamou. — Eu disse a ela que poderia dançar uma valsa, mas não imaginei que criaria um espetáculo. A mulher é tão ousada e atrevida quanto julgávamos.

Andrew não precisou se virar para identificar a fonte do despeito. Por que diabos William McKinney, que tinha todas as características de um bom oficial, havia se casado com uma megera que desconcertava a maioria dos homens que estavam no posto, inclusive seu comandante da companhia? Então, novamente, Andrew pensou sombriamente, Julia poderia tentar até mesmo um santo a sentir uma imensa inveja.

Ou a pecar.

Seu próprio estômago dera um nó no momento em que ela atravessara a porta do quartel, e ele certamente não tinha nenhuma inclinação à santidade.

Era só olhar para ela. A mulher tivera o bom senso de não se enfeitar com seda de lavanda enfeitada com renda preta? Ou de não usar um vestido com um corpete baixo o suficiente para mostrar as curvas de seus seios? Metade dos soldados na sala estava encarando avidamente aquela onda de carne macia, a outra metade perdia-se nos quadris que balançavam tão provocativamente a cada giro.

Desgosto, raiva e desejo agitaram-se no peito de Andrew. Ele não queria desejá-la, merda! Tinha tentado tirá-la de seus pensamentos. Mas quando a música finalmente terminou, e o soldado Lowenstahl conduziu sua parceira risonha e corada pelo salão, o corpo de Andrew endureceu, e seu colarinho ficou tão apertado que ameaçou sufocá-lo.

Depois disso, oficiais e soldados se alinharam em fila para dançar com ela. Para dar-lhe crédito, a moça tentou recusar graciosamente após a terceira ou quarta brincadeira. O entusiasmo ansioso dos homens superou suas objeções.

Infelizmente, também levou a uma briga próxima.

Nenhuma briga era permitida nos saltos da companhia, mas tantos soldados saíram do salão que o ar abafado dentro do espaço apertado adquirira um sabor próprio. Normalmente, Andrew e os experientes oficiais não comissionados presentes conseguiam julgar muito bem quando era hora de interromper as festividades e escoltar as senhoras para casa. Naquela noite, os assuntos chegaram a um ponto de fulgor muito mais cedo do que Andrew poderia ter previsto. Ele deveria ter esperado que Julia seria quem iria providenciar a faísca que a desencadeara.

Rindo e implorando por um descanso, ela retirou-se para os bastidores para se sentar depois de uma animada roda com o soldado Rafferty. Seu parceiro solícito tentou ajudar, arrancando o lenço de pescoço e acenando energicamente. No processo, ele esbarrou no oficial que esperava para reivindicar a próxima dança com a dama.

— Ei, cuidado com seus cotovelos, homem!

— Cuidado você, Hansen.

Com um caloroso empurrão, o segundo soldado tentou tirar Rafferty de sua posição. O galante parceiro de dança de Julia se recusou a ceder.

— Cuide de suas maneiras — gritou o forte soldado de Schnell. — Não está vendo que a dama está com muito calor e cansada para dançar com pessoas como você?

— Ela deixou você pisar no pé dela. Um imbecil teria causado menos danos em seus dedos.

A mandíbula do soldado cerrou-se. Os olhos do irlandês brilhavam.

— Eu mandei que cuide de suas maneiras, seu bebedor de uísque de merda. Ou está querendo que eu bata em você com meus punhos?

— Cavalheiros, por favor. — Com um sorriso apaziguador, Julia interveio. — É muito quente para dançar e para trocar palavras como estas. Será que um de vocês seria tão gentil a ponto de me trazer uma xícara de limonada?

— Eu vou pegar — disse o recém-chegado, apontando um olhar beligerante para seu rival. — Vamos dar uma volta pelo salão depois de você tomar um gole ou dois, madame.

Rafferty se enervou.

— O inferno que vai.

— Por favor — implorou Julia —, eu...

— Vou entrar na frente de vocês dois, senhores.

A voz profunda atrás dela acalmou a discussão instantaneamente.

— A próxima dança é minha... se a dama permitir.

— Sim senhor! — os dois homens choramingaram, recuando.

Querendo que o sorriso não desaparecesse de seu rosto, Julia deu uma meia-volta lenta. Todos os olhos da sala estavam sobre eles. Ela podia ver desde a careta reprovadora de Victoria McKinney até o olhar atento de Mary Donovan. Afastou o olhar da plateia fascinada, lançando-o para Andrew, que agora estava de pé, de frente para ela. Julia não podia – não iria – ser tomada por seus braços. De novo, não.

— Obrigada — Julia disse, com a voz o mais estável possível, dado o fato de que ela era o centro de tantos olhares especulativos. — Mas eu acho que estou bastante cansada. Não quero mais dançar esta noite.

— Então vou escoltá-la para casa.

Andrew estendeu o braço. Julia manteve-se imóvel.

— Tome meu braço — ele ordenou suavemente. — Você vai embora. Não quero que cause uma briga.

A injustiça de sua observação levou um rubor às suas bochechas. Balançando os cabelos em um girar de calcanhares, virou-se para ir embora. O olhar frio e duro nos olhos de Andrew a avisava que não deveria envergonhar de si mesma ao fazer uma grosseria tão vã.

Escondendo sua raiva, ela pousou os dedos sobre a manga dele. Sob o tecido, seus músculos pareciam tão duros quanto o aço e igualmente inflexíveis. Cabeça erguida, ela permitiu que ele a acompanhasse através da noite.

Assim que saíram, Julia o soltou.

— Você me envergonha e abusa de sua autoridade com táticas muito ríspidas, major.

— Você embarçou a si mesma.

A raiva brilhou em seus olhos.

— Por dançar?

Ele controlou seu próprio temperamento com um esforço visível.

— Sugiro que discutamos o assunto em seus aposentos em vez de no meio da parada.

Erguendo as saias, Julia se afastou. Uma lua cheia iluminava o caminho até o posto dos oficiais. O chamado das sentinelas, enquanto marchavam em sua vigília, formava um contraponto à música que flutuava no ar da noite.

Andrew combinou seu ritmo de caminhada com o dela. A cada passo, sua mistura carregada de raiva, desgosto e desejo se multiplicava. Só a visão das mechas úmidas que se enrolavam na parte de trás do pescoço de Julia já provocava uma luxúria que o irritava intensamente. Quando seu olhar se deslocou para os seios que subiam e desciam sob a renda preta, seus músculos se apertaram ainda mais. Xingando baixinho, ele lutou contra as lembranças que o atraíam como pinças quentes.

Apesar de seu esforço determinado, imagens vívidas preencheram sua cabeça. Julia rindo para ele por trás de seu leque. Julia rodopiando ao redor de um salão de baile em seus braços. Julia suada, corada e ofegante na noite em que consumaram seu casamento apressado e secreto.

Sua virilha se apertou quando as lembranças daquela noite surgiram para insultá-lo. Tentou não pensar em como ela se esparramara na cama em seu hotel. Como ele tirou a roupa de baixo lentamente, banqueteadando os olhos com a carne deliciosa que havia sob o tecido. Como ela logo superara sua timidez inicial e se contorceira nos lençóis emaranhados.

Ele se forçou a se conter, para prepará-la com a boca e as mãos trêmulas até que ela estivesse molhada e pronta. Só então Andrew separou suas coxas e penetrou o escudo de sua virgindade com um único impulso.

Julia gritou de surpresa e tentou se afastar, ele lembrou, enquanto suava debaixo do paletó do uniforme. Mas ele segurou-a e beijou-a, entrando no ritmo que, muito mais cedo do que qualquer um deles esperava, arrancou outro grito de sua garganta.

Andrew nunca dormira com uma mulher como Julia, nem antes, nem depois. Pensar em outro homem, outro marido, mergulhando em sua carne quente e sedosa, fez com que ele enganchasse um dedo em seu colarinho. Raivosamente, puxou o maldito tecido. Não conseguia respirar sem atrair o aroma almiscarado da mulher. Não conseguia não visualizar a imagem de seu corpo liso e escorregadio sob o dele.

Maldita fosse!

Ele não percebeu que murmurou as palavras em voz alta até que ela se virou, com um pé no primeiro degrau da varanda que dava para os aposentos dos McKinney. Um rápido passo nivelou seu rosto zangado com o dele.

— Não pense que eu estou mais feliz com esta situação do que você, seu bastardo arrogante. Assim que recebermos notícias de Philip, Suzanne e eu iremos embora daqui.

— Se é que vai receber alguma notícia.

— Por que não receberia? — Ela respirou fundo e bem rápido. — Você já recebeu alguma resposta? Um telegrama ou alguma expedição?

A ansiedade que se precipitou para substituir a raiva que ela sentia roubou toda a aspereza da voz de Andrew.

— Não. Eu teria dito a você.

Cruzando os braços, ela enfiou as mãos sob os cotovelos. O movimento não foi rápido o suficiente para esconder o repentino tremor em seus dedos.

— Por que você duvida que meu marido vá entrar em contato comigo?

— A verdade é que você não ouve falar dele há mais de um ano.

— Tenho que agradecer a Victoria McKinney por essa fofoca, imagino.

— É verdade?

Julia não queria responder. Ele podia ver o orgulho entrando em guerra com a reserva inata que ela sempre escondia sob seu sorriso provocante.

— Sim, é verdade — ela admitiu finalmente.

Apesar dos sentimentos contraditórios que ela despertava nele, Andrew não queria aumentar seus fardos. No entanto, nenhum deles poderia negar a verdade.

— Muita coisa pode acontecer em um ano nas cidades de mineração ásperas e perigosas de Montana — disse ele em voz baixa.

Julia se virou para olhar para além das planícies cobertas de árvores inundadas pelo luar prateado. Andrew estudou o perfil à sua frente, procurando novamente pela garota que ele conhecera nos olhos sombreados e nas maçãs do rosto esculpidas daquela mulher. Ela não falou nada, mas o desespero que tentava tão valentemente mascarar rasgou sua consciência.

Ele a amara uma vez. Casara-se com ela, apesar de todos os ditames do bom senso. Arriscara sua vida e sua honra ao voltar para ela como prometera pelas linhas inimigas. Colocando um dedo sob o queixo de Julia, ele ergueu o rosto dela em direção ao luar.

— Se ele está vivo, vai mover céu e o inferno para voltar para você. Deus sabe que um dia eu fiz isso.

Ela respirou fundo novamente, desta vez de forma suave e rápida. Uma onda de calor aqueceu a pele acetinada sob seu dedo. Sem ter a intenção, sem mesmo saber por que fizera isso, Andrew estendeu a mão e a tocou.

Deus, ela era linda. Seu rosto era muito delicado sob a pesada trança. Ansiando por tocar aquele cabelo sedoso, ele deslizou os dedos desde sua face até o pescoço. Os cachos finos e úmidos em sua nuca incendiaram sua pele.

Sua pulsação se manifestava na lateral do pescoço, forte e rápida contra a palma de sua mão. De olhos arregalados, como um cervo assustado, ela olhou para ele.

Ela também sentira, Andrew percebeu com um choque. O mesmo calor latejante, a mesma pressão entre suas pernas.

Uma feroz satisfação o apunhalou, incentivada pelo fato de ele saber que o que estava prestes a fazer era pura tolice. Perdera a cabeça e quase perdera a vida uma vez por causa daquela mulher. Poderia ser considerado vinte vezes mais idiota se caísse sob seu feitiço novamente.

Porém, mesmo aquele alerta severo não o impediu. A necessidade de saboreá-la mais uma vez, para ver se seus lábios ainda eram tão quentes e macios como ele se lembrava, o estimulava. Prendendo os dedos em volta de sua nuca, ele inclinou a cabeça.

Andrew estava tão concentrado no roçar de seus lábios contra os dela que não conseguiu determinar o que aconteceu primeiro, se o repentino movimento de Julia ou a voz que surgia da escuridão atrás dele.

— Major Garrett? Isso é...? Oh!

Sufocando um xingamento, ele ergueu a cabeça. Que momento perfeito para a esposa petulante do tenente McKinney aparecer em cena. Antes que ele pudesse assumir o comando da situação, Julia se livrou de sua mão e deu um passo para o lado.

— Por que voltou tão cedo, Victoria? — ela perguntou friamente.

— Cedo *demais*, aparentemente.

A resposta maliciosa fez as mandíbulas de Andrew trincarem. Virando-se, imobilizou a jovem mulher com um olhar severo.

— Há algo que queira me dizer, Sra. McKinney?

De frente para o comandante de seu marido, a mulher agarrou o cesto do bebê ao peito e estremeceu.

— N-não, senhor.

— Então, posso pedir-lhe que seja educada e que entre em casa enquanto termino minha conversa com a Sra. Bonneaux?

— Sim, claro.

Recolhendo as saias, ela subiu correndo os degraus. Andrew esperou até que a porta batesse atrás dela para enfrentar a mulher que estava rígida como um mastro de bandeira à sua frente.

— Sinto muito, Julia. Eu não pretendia...

— Poupe-me de suas desculpas — disse ela com um frio desdém. — Eu não quero saber o que você pretendia. E *nunca* mais quero sentir suas mãos em mim novamente, Andrew Garrett.





A tempestade que Julia esperava rompeu sobre a cabeça assim que ela pegou Suzanne na casa do vizinho e levou a menina sonolenta pelas escadas até o quarto que as duas compartilhavam.

Victoria estava esperando por ela no topo da escada, depois de depositar seu filho recém-nascido no berço. Um olhar para o rosto irritado da mulher mais jovem lhe disse tudo. Era óbvio que a repreensão cortante que Andrew lhe dera ainda a irritava. Seriamente.

Segurando sua capa de musselina presa à camisola com suas mãos agitadas, ela seguiu Julia pelo corredor.

— Nunca esperei ser repreendida nos degraus da minha casa por alguém neste posto.

Ainda abalada por aqueles segundos inexplicáveis na varanda, Julia não estava disposta a ceder ao mau humor da mulher.

— Se fosse você, Victoria, eu teria esperado que acontecesse a qualquer momento. Você seria sábia se cuidasse de seu tom e de sua língua ao falar com os superiores do seu marido.

Ofegante, a mulher mais jovem agarrou sua capa com ainda mais força contra seu peito magro.

— Como ousa questionar o meu comportamento? Você, de todas as pessoas!

Sua indignação acordou Suzanne. Agitada, a menina levantou a cabeça do ombro de sua mãe.

— Mamãe?

— Silêncio, querida. Volte a dormir. — Julia dirigiu um olhar de advertência para a anfitriã. — A mamãe e a Sra. McKinney estão apenas

conversando.

A raivosa Victoria foi forçada a conter sua ira enquanto Julia colocava Suzanne na cama de madeira que Rafferty havia comprado de uma fonte que ele se recusara a identificar. A palha sussurrou um farfalhar quando ela acomodou a menina e lentamente puxou o lençol.

— Durma bem, *ma petite*.

Murmurando sonolenta, Suzanne se enrolou como se fosse uma pequena bola. Julia acariciou seus cabelos, lutando contra um surto de pura covardia. Com todo o seu coração, desejou poder trocar de roupas, deitar-se ao lado da filha e puxar o lençol sobre a cabeça em vez de enfrentar a mulher zangada no corredor. Na verdade, não tinha defesa contra as acusações que Victoria iria, sem dúvida, atirar sobre ela.

Será que ficara louca por manter-se parada e sem protestar enquanto Andrew colocava as mãos sobre ela? Seria mesmo a vadia que Augusta Hottenfelder acusara que fosse, por sentir a pulsação acelerar quando aqueles lábios roçaram os dela? Era casada, pelo amor de todos os santos! Jurara honrar Philip com seu corpo e seu coração.

Seus dedos seguraram o lençol de linho grosseiramente tecido. Uma sensação de pânico cresceu em seu peito. Por mais que tentasse, não poderia materializar o rosto de Philip em sua mente. Que Deus a ajudasse, ela não conseguia invocar nenhuma de suas feições! Ele havia partido há muito tempo, quase dois anos. E antes mesmo de ir embora...

Ela fechou os olhos, odiando a si mesma, odiando o fato de ter se tornado mais mãe do que esposa do charmoso apostador convertido em oficial-naval confederado que acalmou seu coração dolorido durante aqueles longos meses em Natchez, onde seu tio a mandara ficar para evitar a vergonha de ter seu nome ligado ao de um espião da União.

Philip parecera tão arrojado em seu uniforme e a amara com tanta ternura. Tanto que passara a amá-lo também. Não com a paixão que Andrew lhe despertara, talvez, mas com todo o seu coração ferido. Pelo menos durante aqueles primeiros anos, quando as exigências de seus deveres para com o exército o impediram de aproximar-se das mesas de jogo que foram sua ruína.

E agora...

Agora, Julia precisava lutar para se lembrar de seu rosto. Outro homem, outro conjunto de feições magras e duras, bloqueava o marido de sua mente. Desejando que Andrew Garrett mergulhasse no fogo mais quente do inferno, ela soltou o lençol e alisou-o sobre sua filha adormecida.

Victoria estava andando pelo corredor quando Julia saiu do quarto e fechou a porta firmemente atrás de si. A esposa do tenente usara seus poucos minutos

sozinha para alimentar ainda mais sua raiva.

— Eu não vou admitir que brinque de prostituta em minha casa, Sra. Bonneau. Com o major Garrett ou qualquer outra pessoa.

Julia cruzou os braços, sem dizer nada enquanto Victoria soltava a capa.

— O major pode superar meu marido em questões militares, mas não em questões de decência. Eu não vou admitir, não mesmo.

A repetição das palavras de Augusta Hottenfelder provocou uma gargalhada histérica vinda da garganta de Julia. O que havia nela que atraía a raiva de mulheres como Victoria e Augusta? Era muito orgulhosa, reconheceu com tristeza, e seu queixo tendia a se elevar depressa demais, como naquele momento.

— Minha conduta não diz respeito a você, Victoria.

— Diz, enquanto você mora nesta casa!

O temperamento que Julia trabalhara tão duro para manter aprisionado quando estava perto de Victoria finalmente escapou da coleira.

— Então talvez seja melhor se minha filha e eu não morarmos mais aqui.

— Talvez seja!

— Farei outros arranjos o mais breve possível.

— Tenho certeza que fará.

Com uma sacudidela de sua capa, a mulher furiosa se virou e vagou pelo corredor até seu próprio quarto. Julia ficou olhando para ela, tentando se sentir arrependida, mas a única emoção que conseguia evocar era a raiva. E nojo. Não podia culpar ninguém além de si mesma por aqueles poucos momentos na varanda que a haviam levado àquele impasse. Culpava a si mesma... e Andrew Garrett.

Maldito fosse!



Usando um vestido de seda listrado em tons de cereja, Julia caminhou a curta distância até o prédio da sede, depois que os mensageiros encerraram o primeiro toque na manhã seguinte. Já tinha aprendido o suficiente sobre a vida em um posto de cavalaria para saber que Andrew estaria nos estábulos, garantindo que os oficiais subalternos e os sargentos mais graduados de sua companhia colocassem seus homens para trabalhar, cuidando adequadamente de seus cavalos.

Erguendo as saias, ela subiu as escadas da frente até Old Bedlam e seguiu pela varanda até os escritórios do comandante. Com um sorriso brilhante para o

ordenado de plantão, perguntou se o coronel Cavanaugh estava lá dentro.

— Ele está lá dentro, senhora, mas, bem, hum... — o soldado procurou ajuda do cabo que deu um salto, colocando-se de pé na entrada.

— Sinto muito, Sra. Bonneaux — Gottlieb disse, com seu forte sotaque alemão. — O coronel... Ele está doente.

Com o coração afundado no peito, Julia assentiu.

— Você teria a gentileza de me mandar um bilhete quando ele estiver bem o suficiente para me ver? Eu gostaria de falar-lhe o mais rápido possível.

O cabo bateu continência.

— Será um prazer, minha senhora.

— Obrigada.

Ela se virou para sair quando o barulho da porta interna a manteve no lugar. O coronel apoiou-se no batente, o paletó do uniforme abotoado e a camisa pendendo de um dos lados da calça. Olhando para ela com olhos avermelhados, ele esboçou um sorriso torto.

— Pensei ter ouvido sua voz.

Seu discurso era tão arrastado que Julia mal o entendia. Assustada, perguntou a si mesma se o homem estava bêbado.

— Você queria me ver?

— Sim mas...

— Então entre.

Ele cambaleou de volta para o escritório, puxando a barra da jaqueta do uniforme para endireitá-lo. Hesitante, Julia olhou para o cabo.

— É o remédio dele — explicou o policial, envergonhado. — Ele sente dor na ferida em seu ombro. Precisa tomar láudano, você entende, para aliviar.

O odor adocicado que recebeu Julia quando ela entrou no escritório do coronel não lhe era desconhecido. Os médicos prescreviam medicamentos à base de ópio para homens e mulheres, para aliviarem de tudo, desde dores de dente até as dores do parto. A própria Julia tinha uma garrafa enfiada no baú para emergências.

Inclinando-se contra a escrivaninha, o coronel a convidou a se sentar.

— Diga-me. — Ele lambeu os lábios e começou de novo. — O que posso fazer por você, senhora Bonneaux?

— Eu vim pedir um favor, Coronel Cavanaugh.

Acenando com a mão, ele sinalizou para ela continuar.

— Eu gostaria que o senhor me alistasse.

— Alistasse?

— Como lavadeira.

Ele ficou boquiaberto.

— Lavadeira? Você?

Julia apressou-se antes que ele pudesse expressar a negação que ela viu se formando em seu rosto.

— Na noite passada, no salto, o soldado Rafferty me informou que o marido de uma das lavadeiras de sua companhia terminou recentemente seu alistamento. Ele e a esposa voltaram para o leste, deixando uma vaga aberta. Eu gostaria de me candidatar.

— Você não pode estar falando sério!

— Estou sim. Não estou desacostumada ao trabalho duro, asseguro-lhe. Depois da guerra, encontrei-me na mesma situação que muitas das minhas companheiras sulistas.

Resolutamente, ela deixou de lado as memórias da casa em Mobile, da qual ela precisou fechar quarto por quarto. A guerra havia prejudicado as linhas de navios a vapor da Robichaud. As tentativas desesperadas de Philip nas mesas de jogo para recuperar a fortuna que Julia lhe trouxera haviam tirado de sua família algumas posses preciosas. Algumas ela vendera para pagar sua jornada para o oeste.

— Eu cozinhei, limpei e esfreguei durante aquelas duras semanas após a guerra, coronel. Certamente posso fazer o mesmo agora.

— Mas... — Ele balançou a cabeça em uma tentativa confusa de receber o pedido surpreendente. — Mas você é uma dama...

— Damas precisam comer, senhor. Como estou temporariamente sem meios de sustentar a mim e minha filha, gostaria de ter a chance de ganhar dinheiro.

— Está querendo dizer que o major Garrett não está fornecendo sustento a você? Aquele cachorro miserável! Vou falar com ele imediatamente.

— Não!

— Gottlieb! — rugindo para seu ordenado, o coronel cambaleou em direção à porta. — Gottlieb, envie um homem para...

— Não, por favor! — Rapidamente, Julia se levantou e colocou-se de frente para ele. — O Major Garrett enviou rações, mas eu não... Isto é, eu não sou...

Completamente confuso, o coronel a olhou de forma sombria.

— Não o quê?

— Nem minha filha nem eu reivindicamos ajuda ao major. Nem desejamos estar em dívida com ele.

Especialmente depois da noite passada, Julia se encolheu ao lembrar de como ficara parada como uma tola sem sentidos, com o coração martelando no peito, enquanto a pele ardia sob os dedos dele.

Os últimos meses podiam ter custado seu orgulho, mas ela não iria despir

sua honra. Precisava se livrar de Andrew Garrett, tirá-lo da mente e deixá-lo fora de alcance.

— Estou disposta a trabalhar pelo meu sustento, Coronel. Por favor, me dê essa chance.

Ele a olhou com os olhos arregalados e dilatados. Lentamente, a confusão deu lugar a um olhar que Julia não conseguia interpretar. Era alegria, talvez, ou prazer, por conta de alguma piada particular da qual só ele estava a par.

— Eu me pergunto o que Garrett vai dizer sobre isso — ele murmurou.

O queixo de Julia se ergueu.

— Não sei e nem me importo.

Uma luz maliciosa penetrou em seus olhos. Seu olhar permaneceu no rosto dela por vários momentos, depois recaiu em seus seios. Julia não gostou do sorriso que curvou seus lábios rachados.

— Há outras maneiras com as quais uma mulher pode ganhar seu sustento, minha querida.

— Então eu entendo — ela disse friamente — que irá me alistar, não é, senhor?

— É direito do comandante da companhia nomear lavadeiras para a sua tropa.

O coração de Julia se afundou no peito. A vaga que Rafferty havia mencionado era da Companhia Aparte do regimento de Andrew.

— Neste caso — disse Cavanaugh com um sorriso alegre —, eu poderia simplesmente passar por cima dele.



O corpulento Rafferty foi mais uma vez obrigado a trabalhar, desta vez para levar o baú de Julia aos aposentos das lavadeiras. Ele passou toda a caminhada pelo posto lamentando por sua tarefa e incitando a Julia a não ser tão imprudente.

— Eu deveria ter calado a minha boca sobre Dietrich e sua esposa terem voltado para a Pensilvânia — ele gemeu. — O major vai me comer vivo, e isso é um fato.

Ignorando seus protestos, Julia agarrou a mão de Suzanne e seguiu pela margem do Laramie até os aposentos reservados para as lavadeiras e suas famílias.

— Por favor, senhora — implorou Rafferty ao se aproximarem dos prédios cobertos de tijolos e tábuas. — Eu gostaria que você repensasse. Suds Row não é

lugar para uma dama.

Embora seu passo não tenha vacilado, Julia sofreu um leve distúrbio ao deparar-se pela primeira vez com seus aposentos. Cada edifício abrigava quatro apartamentos, consistindo de um único quarto dividido ao meio para fornecer áreas de dormir e de estar. Um fogão de ferro fundido servia para aquecer as duas metades no inverno, mas os habitantes compartilhavam uma cozinha comunitária que ficava perto das privadas e fedia sob o sol quente de junho.

As lavadeiras já estavam em suas bacias, colocadas perto das águas rasas do rio. Sua conversa animada se elevava acima do som dos uniformes molhados sendo jogados contra as tábuas de lavar e o estrondo geral que os rodeava. Bebês choramingavam, crianças pequenas berravam e maiores gritavam e brincavam no rio. Cães latiam, enquanto uma vaca solitária mugia desconsolada do quintal.

A chegada de Julia criou uma agitação na comunidade que elas formavam. Uma a uma, as lavadeiras cessaram seus trabalhos. Olhares curiosos vieram em sua direção. A conversa morreu. E quando o soldado Rafferty levou o baú para dentro do conjunto vazio de quartos, quinze pares de olhos se arregalaram.

Uma das lavadeiras se separou do resto. Franzindo a testa, Mary Donovan subiu a margem inclinada. Sua blusa molhada se agarrava ao seu peito generoso. O suor e o vapor das fogueiras que aqueciam a água da lavagem haviam deixado úmido seu cabelo cor de morango.

— O que é isso? Por que este homem está levando seu baú para o alojamento das lavadeiras?

— Estou me mudando.

— Não diga!

— Sim, é verdade. Vou me juntar a vocês no trabalho.

— Deus, você não pode! Você é uma dama em todos os sentidos.

— Você mesmo disse que uma mulher faz o necessário para sobreviver.

— Mas... e a Sra. Tenente McKinney? — Mary cuspiu. — O major...

— A Sra. McKinney e eu decidimos que seria melhor se eu sáísse, e onde eu escolho trabalhar não tem nada a ver com o major.

— Você é maluca como um pato bêbado se acha que ele não vai se importar — a mulher mais velha respondeu, plantando seus punhos em seus quadris. — O major Garrett virá aqui embaixo em um segundo, com certeza, quando souber dessa tolice. Ele não quer que você viva com gente como nós.

Julia respondeu com os dentes cerrados.

— O major não tem voz neste assunto.

— Santa Maria mãe de Deus, você pode acreditar que vai se intrometer.

Quando não houve resposta, a lavadeira tirou o cabelo laranja da testa com uma mão impaciente.

— Ouça-me, querida. Você não pertence a este lugar. Lavar e torcer roupas vai acabar com suas costas, sabe? Você vai estar tão cansada à noite que vai querer chorar. Vai assar até ficar vermelha como um tijolo sob o sol de verão e ganhar frieiras horríveis quando o rio congelar no inverno... se é que você vai durar tanto tempo.

— Eu vou durar o quanto for preciso!

Sua veemência surpreendeu Mary. Deliberadamente, Julia mudou a direção da conversa.

— Você será gentil a ponto de me direcionar para o alojamento do intendente? O soldado Rafferty disse que posso conseguir uma bacia, sabão e outros suprimentos a crédito até que receba meu pagamento.

— Você está falando sério, então?

— Estou.

— Não vou conseguir te convencer do contrário?

— Não.

Levantando as mãos, Mary admitiu.

— Tudo bem, então. Venha comigo e eu vou te mostrar. Mas não fique muito ansiosa para conseguir crédito na loja. O major vai querer conversar com você primeiro, tenho certeza.



O major quis mais do que conversar.

Como Mary havia previsto, ele veio galopando para Suds Row menos de uma hora depois. Os cachorros fizeram barulho, ecoado pelas crianças que seguiram atrás do cavalo castanho.

Julia estava varrendo a poeira acumulada no piso de tábuas quando ouviu o tumulto. Seu coração martelou contra suas costelas, e ela ergueu a mão para sombrear seus olhos. Precisara apenas de um único olhar para identificar o cavaleiro. Com as mãos repentinamente pegajosas, foi para dentro, colocou de lado a vassoura e passou as palmas das mãos pela pesada saia de algodão que usava enquanto colocava sua casa temporária em ordem.

— Saia para brincar, Suzanne.

— Eu não quero, mamãe. — Sua delicada e exigente filha enrugou o nariz.

— Eu não conheço nenhuma dessas garotas, e elas nem estão usando sapatos.

— Então tire os seus também, e mexa os dedos dos pés dentro d'água.

— Mamãe!

Uma voz soou acima do estrondo de cascos do lado de fora.

- Onde ela está, senhora Donovan?
- No alojamento número três, senhor.
- Deixe sua boneca aqui e vá lá para fora, Suzanne.
- Mas...

Julia ouviu o relinchar de um cavalo freando, seguido pelo duro bater de botas no chão.

- Agora — ela ordenou.

Com o lábio inferior fazendo um biquinho, Suzanne levantou-se da cama que Rafferty montara para elas e cruzou a porta. Uma sombra recaiu sobre ela, parando-a em seu caminho. Por um momento, o soldado e a menina analisaram um ao outro.

— Você é o homem que estava deitado em cima da minha mãe nas escadas — anunciou a garota com uma voz clara e alta, que podia ser ouvida por todos à distância.

- Suzanne!

Ignorando a repreensão angustiada de Julia, a garota olhou para o visitante.

— Eu sou o major Garrett — ele respondeu, olhando-a com calma. — Eu conheci sua mãe muito bem.

- Eu não gosto de você.

- Já chega, Suzanne! Saia imediatamente.

A garota saiu, deixando sua mãe presa entre constrangimento e irritação.

— Você fez bem em mandá-la para fora — Andrew comentou friamente. — O que tenho a dizer para você não é para os ouvidos de uma criança.

- Diga, então, e volte para suas tropas. Tenho trabalho a fazer.

— O único trabalho que terá agora é arrumar suas coisas e voltar para a casa dos McKinney.

- Victoria prefere que eu resida em outro lugar. Eu também.

- Bem, você não irá residir aqui.

- Esta não é uma decisão sua.

- O inferno que não é.

— O Coronel Cavanaugh concordou em me dar a vaga de lavadeira. Estou aqui sob sua autoridade.

— Então ele engoliu ainda mais ópio do que o habitual. — Tirando suas luvas amarelas, Andrew bateu-as em sua própria coxa. — Isto aqui não é lugar para você.

- Correndo o risco de soar repetitiva, esta não é uma decisão sua.

- A Bela de Nova Orleans não vai durar um dia naquelas bacias.

A previsão contundente deixou a determinação vacilante de Julia em chamas. Sua consternação secreta pela escassez de seus novos aposentos

intensificou-se em meio uma nuvem de fumaça.

— Talvez eu não vá durar um dia — ela retrucou. — E talvez você descubra que eu não sou a mesma garota tola que fui há seis anos.

Ele atravessou a sala com a raiva explodindo em cada linha de seu corpo esguio e grande.

— Droga, Julia, eu não vou permitir isso.

— Eu não preciso da sua permissão. Está feito. Agora vá embora e me deixe em paz.

Ele se elevou sobre ela, colocando-se tão perto que Julia podia sentir o cheiro de sol, cavalo e couro que vinha com ele.

— Você está tão desesperada por dinheiro? — ele rosnou. — Existem outras maneiras de consegui-lo.

— O coronel me informou o mesmo. Não serei sua prostituta, Andrew.

Seus olhos se estreitaram perigosamente.

— Não me lembro de ter pedido isto a você.

— O que foi a noite passada — ela lançou —, se não um convite para o pecado?

Ele bateu as luvas contra a coxa novamente, uma vez, duas vezes, quebrando o silêncio pesado.

— Foi um beijo — ele disse. — Nada mais.

Mas poderia ter sido mais. Muito mais.

Seu estômago se revirou; Julia sabia que Andrew reconhecia aquele fato humilhante tão bem quanto ela. Devia ter percebido o quão perto ela chegou de inclinar sua boca em direção à dele. Como seu corpo traidor formigara, e como um desejo que ela pensara estar morto despertara para a vida. Apenas por um instante. Um segundo, talvez dois.

Ela não podia permitir que a faísca explodisse em chamas novamente. Não faria isso! Na última vez que a deixara se manifestar, as consequências consumiram suas ilusões e destruíram sua juventude. Daquela vez, ela sentira com todos os instintos que possuía que o fogo iria destruí-la.

Como se lesse sua mente, ele recuou um passo ou dois. Assim como ela, também não desejava ser queimado novamente, Julia percebeu.

— Quando eu mencionei ganhar dinheiro — ele disse ríspidamente —, eu estava falando do hospital. Henry Schnell poderia precisar de uma assistente.

— Não sei nada de enfermagem. Embora você prefira acreditar que ainda sou a Bela de Nova Orleans, eu aprendi a trabalhar duro.

Suas luvas bateram na calça novamente.

— Você sempre teve essa teimosia, Julia?

— Sempre. — Uma pequena dor se formou logo abaixo de sua clavícula.

— Você simplesmente nunca me conheceu bem o suficiente para reconhecê-la.





A vida em Suds Row mostrou-se tão árdua quanto Mary Donovan havia previsto.

Julia logo percebeu que ferver uniformes e meias longas em enormes bacias e erguê-las com uma pesada prancha de madeira exigia cada pedacinho de sua força. Curvar-se sobre um tanque cheio de água mais fria para ensaboar, esfregar e espremer os itens exigia ainda mais.

Adicionado a isso havia a tarefa de transportar baldes de água do rio para manter a panela e as cubas cheias. Felizmente, alguns prisioneiros forneciam madeira preciosa para manter os fogos acesos, mas o sabão grosso de lixívia pinicava os olhos de Julia e queimava suas mãos. O calor das fogueiras e o sol escaldante a encharcavam de suor, que parecia atrair a praga de mosquitos que invadiam as margens do rio no início da manhã e no final da tarde.

Depois do primeiro dia, só conseguira se arrastar de volta para o quarto ao pôr do sol, preparar o jantar para si e para Suzanne e cair como um saco de ossos soltos na cama.

Depois do segundo dia, ela considerou seriamente aceitar os repetidos convites de Maria Schnell para Julia e Suzanne ficarem com o médico e sua esposa. Apenas a revelação de Andrew de que os bondosos Schnells quase se empobreciam para aumentar os suprimentos médicos de Forte Laramie a impedira de voltar para o Setor dos Oficiais.

Isso e as notícias sombrias que o Major trouxera para ela no terceiro dia de sua residência. Ele montava uma égua elegante em vez do cavalo castanho, e usava o que Julia agora reconhecia como seu uniforme de gala informal. A calça azul-clara com a faixa de cavalaria amarela pendendo para o lado de fora das pernas era reforçada com lona na coxa para protegê-lo de longas horas na sela.

Desabotoara os primeiros botões da camisa azul-escura para aliviar-se do calor e amarrara um lenço amarelo no pescoço. Seu chapéu daquele dia era uma boina sem graça, em vez do chapéu de campanha azul-escuro com franjas e cordões. Ele parecia, pensou Julia com um aperto no peito, esguio e duro como couro.

Prendendo as rédeas da égua no poste de amarração diante dos aposentos das lavadeiras, ele desceu a margem até as bacias. A discussão irreverente das mulheres sobre as dimensões do prodigioso membro de certo soldado silenciou-se. Julia, cujas bochechas já estavam ruborizadas pelo calor e pelos comentários francos das mulheres, sentiu-se ainda mais corada quando uma série de risadas e cutucadas circulou as banheiras.

— É o major, para ver sua dama.

— Sim, ele parece um cabritinho atrás dela.

— Eles estavam se beijando na varanda da frente do McKinney na noite do salto.

Os comentários risonhos chegaram aos ouvidos de Julia, mas ela rezou para que não chegassem aos de Andrew. Com as bochechas queimando, ela jogou o uniforme que acabara de deixar na bacia e colocou de lado o remo.

— Ouvi dizer que ele quase a possuiu nas escadas.

— Eu não me importaria se um homem como aquele tentasse me agarrar.

— Calem-se!

Com um tapa de um uniforme molhado contra a tábua de lavar, Mary Donovan acalmou a fofoca. Mas ela, como o resto das mulheres, fixou o olhar no major enquanto ele se aproximava e parava diante de Julia.

— Posso ter uma palavra com você?

Esfregando as mãos na frente da saia, ela assentiu. O círculo de rostos curiosos ao redor deles fez Andrew sugerir que caminhassem ao longo da margem do rio. Ela hesitou antes de concordar com relutância ao pedido.

— Mary, Suzanne está brincando com as outras meninas no quintal. Você ficaria de olho nela?

— Com certeza, senhora.

Com Julia à frente, eles seguiram a curva do rio por mais ou menos cinquenta metros, até que os apartamentos deram lugar a um pequeno lago pontilhado por ranúnculos amarelos. Com raízes profundas na lama, os botões aquáticos dourados esticavam suas cabeças brilhantes sobre a água ondulante. Ecos distantes do posto ainda eram ouvidos ao longo do rio, mas ali, naquele canto da margem, eles estariam a salvo de olhares curiosos.

Andrew franziu o cenho em direção aos botões de ouro enquanto tentava decidir a melhor maneira de dar a notícia. A aparência dela continuava atrapalhando sua decisão. Ele nunca a vira vestindo nada além de sedas e

musselinas finas antes. Aquela mulher não se parecia em nada com a Julia Bonneau que ele chegara tão perto de beijar algumas noites atrás, e menos ainda como a Julia Robichaud que conhecera em Nova Orleans.

Mechas úmidas de cabelos negros escapavam da trança e se espalhavam pelo pescoço e pelo rosto. Sua saia de trabalho pesado e o avental de lona em volta de sua cintura pareciam pesá-la, mas era o vestido de chita que fascinava o olhar de Andrew. A blusa ajustava-se frouxamente à cintura e aos quadris, cobrindo o peito modestamente. Poderia até ter disfarçado completamente suas curvas esbeltas se a água da lavagem de roupas não a tivesse encharcado por completo. A visão tentadora de seus seios delineados com detalhes precisos em chita rosa distraíra Andrew ao ponto de ele quase esquecer o que o levava a Suds Row.

— Você queria falar comigo? — Julia solicitou.

— As linhas telegráficas estão funcionando novamente.

Ela enfiou as mãos nos bolsos do avental. A pele de suas bochechas se esticava, como se tivesse medo de ter boas notícias.

— Você teve notícias do comandante em Forte Smith?

— Sim. Ele enviou sua carta para Adler's Gulch.

Ela tentou encontrar a resposta em seus olhos.

— Você não parece esperançoso de que Philip vai recebê-la em breve.

— As chances não são boas, Julia. Especialmente agora. O chefe Red Cloud convocou uma reunião das tribos Ogalalla e Brulé dos Sioux do Norte.

O nome não significava nada para ela, ele percebeu. Era nova demais no Wyoming para entender o ódio que se acumulara entre os Sioux e a onda de imigrantes brancos nos últimos vinte anos.

— Red Cloud jurou parar os vagões que continuem rumando para o norte, para os campos de ouro e prata em Montana — explicou Andrew. — Ele emboscou e massacrou oitenta soldados em dezembro. Até agora, na primavera passada, ele atacou todos os vagões e trens de carga que tentaram passar.

Ele hesitou, procurando uma maneira de suavizar o que viria a seguir. Não havia uma forma de fazer isso.

— Quando as linhas telegráficas retornaram, recebemos um relatório dizendo que um bando dos homens dele atacou a companhia com a qual você viajou.

— Meu bom Deus!

— As únicas vítimas foram dois bois — assegurou ele. — O trem conseguiu chegar a Forte Phil Kearny e ficou escondido lá.

A segurança que Andrew tentara demonstrar não diminuía o choque de Julia, assim como não diminuía o dele próprio. Julia e Suzanne poderiam estar

entre as mulheres e crianças que se amontoavam aterrorizadas nos vagões. A ideia de uma flecha perfurando sua pele macia formava um calafrio na base da espinha de Andrew.

— Vou levar duas tropas amanhã de manhã para tentar interceptar Cauda Manchada, chefe da tribo Brulé. O General Sherman nos autorizou a oferecer a ele e ao resto dos Sioux do norte certas concessões se eles concordarem em negociar uma trégua.

De todo o pessoal de Forte Laramie, apenas Andrew e o bravo coronel Cavanaugh estavam a par do conteúdo do despacho que haviam recebido da sede do departamento naquela manhã. Cavanaugh havia gritado por quase meia hora, indignado com a noção absurda de que os fortes estabelecidos ao longo da Trilha Bozeman realmente seriam queimados, como insistira Red Cloud. Ele não podia acreditar que o governo chegaria a contemplar a retirada de tropas do vasto território entre Forte Laramie e dos campos de ouro de Montana, deixando-o para os Sioux.

Andrew compreendia a política de concessão, mesmo que seu superior não tivesse a mesma opinião. Dois eventos significativos logo eclipsariam a Trilha Bozeman como a rota mais rápida para as minas de Montana. Uma nova leva de barcos a vapor acabara de ser construída em Forte Benton, no alto do rio Missouri. De lá, era uma caminhada relativamente curta para o sul das minas de Montana.

Ainda mais importante, a Union Pacific estava avançando implacavelmente pelas planícies. As equipes ferroviárias chegaram ao Wyoming apenas dois meses atrás. Toda uma nova cidade, chamada Cheyenne, estava surgindo próxima aos trilhos, a cento e sessenta quilômetros ao sul. Quando a estrada de ferro finalmente chegasse a Utah, onde se conectaria com a pista que vinha da Califórnia, as linhas de trem e carga poderiam seguir diretamente para o norte, para Montana, em vez de cruzarem as planícies do norte até o coração dos Sioux.

A ferrovia transcontinental poderia se tornar uma realidade a partir do ano seguinte, se os Sioux furiosos parassem de assediar as equipes ferroviárias e de destruírem os trilhos assim que fossem construídos. Em troca de seu acordo para cessar as hostilidades, o governo dos Estados Unidos estava preparado para ceder a todas as reivindicações às terras de caça ao norte, que os Sioux tinham percorrido por séculos. A tarefa de conseguir que os Sioux negociassem os termos específicos agora recaía sobre a 2ª Cavalaria.

Embora não entendesse os meandros das negociações propostas, Julia ouvira fofocas suficientes para identificar pelo menos um dos principais participantes.

— Eu ouvi o nome do Chefe Cauda Manchada ser mencionado.

— Não estou surpreso. Ele visita Forte Laramie com frequência. A última vez foi na primavera passada, para enterrar sua filha.

— Também ouvi falar dela. O caixão da moça não é o que está em cima de um andaime alto no cemitério do posto?

— Sim — Andrew respondeu baixinho — ela é Ah-ho-appa.

— Ah-ho-appa?

— Traduz-se como Garota de Pele Dourada.

— Você a conhecia?

Pensando na moça esbelta, de olhos brilhantes de pele dourada, que se deleitara com os desfiles e festas extravagantes em Old Bedlam, Andrew assentiu.

— Sim, eu a conheci.

Julia olhou-o com curiosidade, como se sentisse que havia mais em sua resposta do que ele desejava comunicar.

— Você acha que o pai dela vai te ouvir?

— Só me resta esperar que sim. Nós vamos ficar fora por duas, possivelmente três semanas. Instruí o soldado Gottlieb a entregar qualquer telegrama que chegue para você de seu marido durante a minha ausência.

— Obrigada.

Ele disse o que foi dizer. Precisava, então, ir embora. Andrew amaldiçoou a si mesmo enquanto pensava sobre o que ainda o mantinha ali. Talvez fosse a maneira como a luz do sol brilhava e mostrava reflexos preto-azulados em seus cabelos. Ou talvez fossem as sombras de cansaço sob os olhos de ametista.

— Eu gostaria que você reconsiderasse e voltasse a morar com Victoria McKinney enquanto eu estiver fora.

— Eu prefiro a companhia de Mary Donovan.

— Julia, pelo amor de Deus, pense em sua filha, já que não pensa em si mesma.

Ela se virou, passando os braços ao redor de sua cintura. Seu olhar se fixou nos botões de ouro que saíam da água como pequenos totens amarelos.

— Estou pensando em Suzanne — disse ela finalmente, com a voz baixa e tensa. — Preciso ter algum meio de prover para ela se Philip não estiver... Se ele não...

Andrew reprimiu a resposta que subiu a seus lábios. Julia não teria que se preocupar em cuidar de Suzanne se Philip Bonneaux estivesse morto. Qualquer um dos duzentos homens que trabalhavam no posto morreria pela chance de receber uma viúva tão jovem e bela quanto sua esposa.

A verdade era que a maioria deles não se importaria se ela fosse viúva ou não. Tais assuntos tendiam a ficar embaçados naquele lugar, onde homens e

mulheres formavam as parcerias necessárias para sobreviver. Havia mais de uma mulher por ali que estabelecera residência com dois ou mais soldados.

A ideia de que Julia pudesse entrar em tal arranjo o atacou como uma flecha de possessividade primitiva, penetrando seu peito. Se ela fosse para a cama de alguém – ele pensou em um ato de selvageria – seria ele. Deu um passo em direção a ela, impulsionado por uma necessidade instintiva de reivindicá-la. Bem a tempo, lembrou-se do comentário contundente de Julia de que nunca mais queria sentir as mãos dele sobre ela. Cerrou os punhos dentro das luvas de couro. Tudo o que podia fazer era oferecer o mesmo conforto que lhe oferecera na noite do salto.

— Se Bonneaux estiver vivo, ele voltará para você.

— Se ele estiver vivo — ela repetiu em um tom vazio.

Droga, havia cem tarefas e cinquenta homens esperando por ele. Precisava ver se as tropas tinham terminado de preparar suas montarias e equipamentos para a marcha. Tinha que preparar seu próprio equipamento e garantir que um de seus oficiais levasse Júpiter ao ferrador para receber novas ferraduras. No entanto, pensar em deixar Julia sozinha ao lado do rio cavava um buraco em sua barriga.

— Eu incumbi um de meus soldados a ficar de olho em você enquanto eu estiver fora — ele disse ríspidamente. — O nome dele é O'Shea. Informe a ele se você precisar de alguma coisa. Qualquer coisa, está entendendo?

Ao vê-la assentir, ele recuou ao longo da margem.

— Vejo você daqui a algumas semanas.

— Andrew!

— Sim?

— Tome... tome cuidado.

— Tomarei. — Ele levou dois dedos até a borda do chapéu. — Leve Suzanne para ver a tropa partir amanhã. É uma visão e tanto. Muito mais interessante — ele acrescentou, com um sorriso rápido e cortante — do que quando voltamos, empoeirados e doloridos.



Suzanne e Julia não foram as únicas que saíram para ver o pelotão partir. Toda a população do forte se reuniu na parada em frente ao quartel, assim como muitos dos moradores das tendas e tipis do outro lado do rio. O evento logo tomou quase um ar festivo, como se para disfarçar o fato de que alguns dos homens que se preparavam para sair de Forte Laramie naquela manhã poderiam não voltar.

Mary Donovan veio com seis de seus sete filhos para ver seu marido. Bufando por sua caminhada desde Suds Row, ela avisou a Julia que o posto havia ficado agitado durante toda a noite. Em menos de vinte e quatro horas, os ferradores da companhia tinham cuidado de cinquenta cavalos, bem como as mulas que transportavam os suprimentos e abasteciam vagões. O administrador do hospital acrescentara uma caixa de suprimentos médicos. Os intendentess haviam distribuído duas semanas de racionamento e munição para cada homem. Os sargentos haviam inspecionado os kits de bagunça, pacotes de campo e equipamentos de seus homens. Os policiais esconderam seus pertences pessoais em baús, escreveram cartas apressadas para seus entes queridos e lubrificaram suas selas, enfileirando-se pela última vez.

O sol estava começando a proporcionar o suor no pescoço daqueles que esperavam quando as cornetas soaram, assim como botas e selas. Quase imediatamente, um grupo de esposas indígenas, vestidas com chita e joias lindamente enfeitadas, começaram um canto de resposta. A multidão que assistia remexeu-se em antecipação. Cachorros latiam e bradavam. As crianças corriam de um lado para o outro. Até a normalmente comedida Suzanne juntou-se a um grupo de jovens excitados descalços que incluíam os filhos de oficiais, soldados, civis e as famílias Sioux, Cheyenne e Arapaho que tinham suas casas perto do forte.

Outra rodada de clarins trouxe o pelotão dos estábulos atrás do quartel. Com freios tilintando e cascos batendo na terra batida, os esquadrões se reuniram em colunas de quatro. Primeiro, os batedores, trajando calções de pele de gamo, camisas azuis de cavalaria e chapéus de abas largas decorados com penas e faixas de pele de cobra. Então, os bateristas e trompetistas, seguidos por cinquenta tropas montadas, lideradas por seus oficiais. As carroças seguiam atrás das tropas.

— Eles estão seguindo em ordem de marcha leve — Mary informou a Julia. — Eles só estão carregando um pouco mais de cem libras por cabeça. O major gosta de se mover rápido; gosta muito.

Para o olho destreinado de Julia, não parecia que aqueles homens estavam com tão pouco peso. Cada soldado havia enrolado roupas sobressalentes, um poncho indiano, um cobertor e uma meia tenda na frente da sela. Um saco de forragem com aveia extra ia amarrado na parte de trás. Eles descansavam sobre os alforjes de couro preto. Os pentes de caril e as bolsas de ferradura pendiam dos alforjes, assim como os cantis de água, canecas, cafeteiras e frigideiras.

Os próprios soldados apresentavam uma aparência formidável. Cada um deles estava armado com um revólver, cintos de munição cruzados e uma longa faca de caça, além de carabinas com largas alças de couro. Com os olhos

protegidos por chapéus de aba larga, eles montavam eretos e em alerta, atrás de seus superiores e porta-bandeiras.

Os galhardetes da companhia tremulavam bravamente com a brisa. Lenços eram usados para a despedida. As esposas chamavam seus maridos em um coro de inglês, gaélico, alemão, norueguês e sioux. Crianças e cães latindo corriam ao lado da fila. Enquanto as tropas passavam, Andrew emitiu um comando e a banda do regimento empertigou-se em um ar animado.

— Oh, é a minha favorita — exclamou Mary. Batendo palmas, ela cantarolou junto com a música.

*Estou solitário desde em que cruzei a colina,
E sobre o pântano e vale.
Tais pensamentos pesados preencheram meu coração,
Desde que minha Sally partiu
Procuro por alguém justo e alegre,
Mas não encontro ninguém que me faça lembrar
As doces horas que passei
Com a garota que deixei para trás.*

Uma a uma, as mulheres se uniram ao coro da popular música folclórica intitulada, apropriadamente, Julia pensou: "A Garota que Deixei para Trás". De repente, um tenor masculino soou acima do som dos cascos e das rédeas.

*Agora estou ligado ao acampamento de Brighton
Que o céu gentil me guie.
E me mande de volta em segurança,
Para a garota que deixei para trás.*

Arrepios percorreram os braços de Julia. Sem saber exatamente como isso aconteceu, ela se viu envolvida na emoção do momento. Com o coração batendo forte, ficou em pé entre as outras mulheres; havia um bom número de pessoas que agora estavam secando os olhos com lenços. Por um momento, todas eram irmãs, cada uma observando, cada uma se preocupando, cada uma se perguntando se os homens que estavam partindo iriam voltar para elas. Julia procurou a figura ereta de Andrew. Sem pensamento consciente, murmurou uma breve oração, pedindo por seu retorno seguro.

As linhas cadenciadas enfraqueceram no ar da manhã, mas ninguém se moveu até que a coluna tivesse subido a inclinação inclinada que levava aos penhascos. Perturbada com o aperto em seu peito, Julia levantou as saias com

uma das mãos e olhou em volta. Sua filha. Seus cachos castanhos claros estavam longe de serem vistos.

— Está vendo Suzanne? — ela perguntou a Mary.

Levantando-se na ponta dos pés, a mulher do sargento olhou em volta.

— Lá está ela.

Julia seguiu seu braço, que estava apontado para as duas garotas paradas à sombra de um dos edifícios do quartel. Uma cautelosa Suzanne segurava sua preciosa boneca grudada ao peito, enquanto uma pequena menina de cabelos escuros, vestindo uma camisa de pele de gamo e saia de chita, estendia um dedo hesitante para traçar as feições de porcelana.

— Você conhece aquela garota que está com ela?

— Oh, todo mundo no posto conhece Pequena Ave. Ela é uma querida, sabe? Não vai colocar Suzanne em apuros.

— É mais provável que seja o contrário — disse Julia. — Pequena Ave mora aqui no acampamento?

— Pode ter certeza que sim. O pai dela é um batedor Arapaho na Companhia C. A mãe é uma Brulé Sioux chamada Andarilha da Lua.

Apesar de não estar familiarizada com os costumes das tribos nativas, Julia, de alguma forma, tinha a impressão de que Sioux, Cheyenne e Arapaho não se casavam.

— Normalmente não — Mary confirmou. — Eu acho que a história é que Águia Solitária raptou Andarilha da Lua de sua tribo. Ela se apaixonou e implorou a ele que a deixasse ficar. Eu acho que ela é prima, ou algo assim, da Garota de Pele Dourada.

— Filha do Chefe Cauda Manchada?

— Você sabe sobre ele, então?

— Andrew... o Major Garrett... mencionou o nome dele ontem, quando passeamos pelo rio.

— Ele mencionou?

O tom estranho na voz de Mary provocou um olhar questionador de Julia.

— Ele disse que a conhecia.

— Ele realmente conheceu.

Curiosa sobre a mulher cujo caixão descansava no andaime erguido no cemitério, Julia buscou um pouco mais de informação.

— Ela era muito bela — confidenciou Mary. — E orgulhosa também. Sempre que seu pai vinha tratar com o comandante, ela passeava pelo posto em um de seus pôneis brancos, todo enfeitado com contas e penas. Metade dos soldados eram loucos por ela, inclusive meu Donovan, mas ela só tinha olhos para um.

O olhar de soslaio contou a Julia exatamente quem era "um".

— Ela estava doente, no entanto. Foi uma doença pulmonar que a levou, me disseram. Todos ficaram surpresos ao ouvir que ela queria ser enterrada aqui no forte. Seu pai envolveu seu corpo e colocou-o em um andaime. Um de seus pôneis puxou o pequeno cortejo por quinze dias até Cauda Manchada, em Forte Laramie. O posto todo se reuniu para o funeral, sabe?

— Não — murmurou Julia. — Eu não sabia.

— Eles a envolveram em uma pele de búfalo branco e a colocaram em um caixão de pinho. A banda tocou um canto fúnebre que trouxe lágrimas aos meus olhos, posso te garantir, quando eles a levantaram no andaime — concluiu o conto com um suspiro. — O capelão do posto disse algumas palavras, e seus amigos deixaram presentes para ela levar para o outro mundo. O Coronel Maynard, comandante do posto na época, apresentou um par de manoplas de couro para manter suas mãos quentes na jornada. O Major...

Mary fez uma pausa, enviando outro olhar rápido em direção à sua companheira.

— O Major? — Julia repetiu.

— O Major enfiou algo embrulhado em um pano entre o resto dos presentes. Desapareceu logo depois, junto com a maioria dos outros presentes. Até hoje, ninguém sabe o que foi.

Uma sensação estranha e espinhosa se formou no peito de Julia. Levou um momento para ela reconhecer o sentimento. Quando reconheceu, sentiu um desgosto ondular-se dentro de seu corpo.

Não podia estar com ciúmes de uma mulher morta. Não tinha o direito de ter ciúmes de qualquer mulher com quem Andrew pudesse ter tido um relacionamento especial ao longo dos anos... mesmo que ele ainda acreditasse estar casado com Julia.

Porém, ela não podia ignorar uma sensação irracional, ilógica e bastante ridícula de desconforto quando chamou Suzanne e retornou para Suds Row.





CAPÍTULO OITO

Com o passar da semana, Andrew ocupou os pensamentos de Julia mais do que ela queria admitir – particularmente à noite. Com Suzanne enfiada ao lado dela no colchão cheio de farrapos, ela ficou acordada, golpeando mosquitos enquanto sua mente vagava de Andrew para Philip e voltava ao primeiro com irritante inconstância. Eles eram tão diferentes, seus dois maridos, e no entanto tão parecidos, que este pensamento causou a Julia mais do que uma pontada de desconforto.

Ambos eram ladinos bonitos. Ambos apareceram em sua vida numa época em que ela estava particularmente vulnerável. Ambos a haviam abandonado, um para voltar às linhas da Confederação e levar informações vitais sobre o transporte para seus chefes de espionagem em Washington, e outro para seguir a maré de sonhadores que pensavam em fazer fortuna nos campos de ouro de Montana.

No entanto, apesar de todas as aparentes semelhanças, as diferenças eram profundas. Philip apostaria sua fortuna – e o bem-estar de sua esposa e filha – na próxima mesa de cartas. Andrew, Julia precisava admitir a contragosto, levava suas responsabilidades muito a sério. Demonstrara mais preocupação por ela e Suzanne no curto período em que estiveram em Forte Laramie do que Philip fizera em anos. Desejando que ela pudesse esvaziar seus pensamentos dos dois homens, Julia começou a se revirar na cama, batendo no travesseiro de palha.

Felizmente, seu trabalho a mantinha muito ocupada durante o dia para se preocupar. Debruçava-se sobre as bacias na maioria das manhãs, mas, com metade da companhia ausente, encontrava tempo nas tardes para acrescentar alguns toques femininos a seus aposentos gritantes. Mary Donovan ajudava com conselhos e um par extra de mãos. Maria Schnell também fora, levando consigo

um tecido alegre para as cortinas.

Para surpresa de Julia, a mãe de Pequena Ave também apareceu com um presente de boas-vindas no final de uma noite de verão. Uma mulher alta e esbelta, com os brilhantes olhos negros e tranças grossas de seu povo, usava uma camisa de pele de gamo requintada, com franjas, presa na saia azul de chita. Tão reservada e quieta quanto a filha que a cercava, Andarilha da Lua recusou todas as ofertas de refrescos.

— Eu vim apenas para te trazer isso. — Com um sorriso tímido, ela passou um pacote para Julia. — Sempre acontece o mesmo, tanto em quartéis do exército como em uma tipi. Uma mulher tem poucos lugares para guardar suas coisas.

Desdobrado, o pacote provou ser uma bolsa de pele de bezerro com franjas. Espinhos de porco-espinho e milhares das minúsculas contas de vidro italianas, levadas às planícies pelos mercadores, tinham sido trabalhadas em um padrão impressionante de vermelho, branco e verde.

— Não posso ficar com ela — Julia protestou, impressionada com o artesanato. — É muito linda.

— É um presente — Andarilha da Lua respondeu com dignidade simples. — Um que eu fiz com minhas próprias mãos, para agradecer à mãe de Suzanne por convidar Pequena Ave para sua casa.

— Pequena Ave é bem-vinda a qualquer hora.

— Nem todos diriam isso.

Não, Julia foi forçada a admitir em silêncio, nem todos. Ela morava no forte há tempo suficiente para saber que a maioria dos brancos compartilhava do desgosto do coronel Cavanaugh para com os índios. Muitos soldados tinham perdido amigos, muitas esposas se preocuparam e choraram enquanto maridos partiam para ajudar as guarnições ameaçadas ou para buscar retribuição por um ataque.

Mesmo aqueles índios considerados não hostis eram frequentemente tratados com desprezo. Muitos dos que viviam do outro lado do rio acamparam no posto por tanto tempo que ficaram conhecidos como os Mocassins de Laramie. Descendentes ou parentes dos batedores e intérpretes empregados pelo Exército, eles viviam de forma precária, levando recados para os soldados, caçando, vendendo peles ao comerciante ou, como Maria Schnell havia explicado a Julia, oferecendo serviços sobre os quais nenhuma mulher decente deveria falar sobre.

Os Mocassins eram desprezados por seus irmãos Sioux nas planícies, que preferiam guerrear até a morte a viver da generosidade do homem branco. Da mesma forma, eles eram desprezados pelos batedores Crow e Arapaho, inimigos

tradicionais dos Sioux. Julia só podia imaginar o quão difícil deveria ser para uma mulher orgulhosa como Andarilha da Lua viver entre os restos de sua tribo e os inimigos de seu povo.

Ela deveria amar muito o guerreiro que a raptou de sua tribo, pensou Julia, reprimindo uma pontada de inveja pela serenidade no rosto da mulher.

— Obrigada pelo presente. Como você disse, não há quase nenhum espaço de armazenamento nestes alojamentos. Certamente farei bom uso desta bolsa.

— De nada.

Julia ficou tentada a perguntar-lhe sobre sua prima, Garota de Pele Dourada, mas Andarilha da Lua partiu antes que ela pudesse decidir como apresentar o assunto.



Aquela mulher era diferente, os Sioux pensaram enquanto ela caminhava ao longo da fileira de casas. Aquela Julia Bonneau olhava para o mundo com olhos ainda intocados pelas lágrimas e pelo pesar que atingiam tantas mulheres cujas vidas estavam inextricavelmente ligadas às dos soldados.

E, no entanto, se os rumores fossem verdade, ela já fora a mulher do Major. Andarilha da Lua ouvira as fofocas. Os residentes das tipis do outro lado do rio gostavam de uma fofoca suculenta tanto quanto os moradores do posto. Embora ela soubesse que cada mulher deveria encontrar seu próprio caminho, Andarilha da Lua não podia imaginar que alguém teria coragem de deixar a cama do major para outra. Ele tinha um coração valente, um coração verdadeiro. Águia Solitária confiara nele como confiava em muito poucos.

Ao pensar em seu marido, tão feroz, tão orgulhoso, um sorriso emplumava seu coração. Como ela lutara com ele! Naquelas primeiras semanas e meses depois de ele tê-la raptado em uma incursão em sua aldeia, ela arranhara seu rosto, deixara marcas de dentes em seu pescoço e braços, conjurou cada maldição que conhecia em sua cabeça. Uma vez, ela arrebatou a faca de caça dele e chegara muito perto de estripá-lo.

Ele a manteve, apesar do pedido de sua tribo para libertar a selvagem. Apesar dos arranhões e marcas de dentes. Apesar da ameaça de retribuição selvagem de seu tio, Cauda Manchada. Águia Solitária saíra sozinho para encontrar Cauda Manchada e voltou sangrando e espancado. Mas ele pagou o preço exorbitante pela noiva, que era Andarilha da Lua, insistindo que ela valia a pena, então, a manteve.

Daquele dia em diante, ela passou a compartilhar sua cama. Por ele, ela

abandonou sua própria tribo. Por ele, ela morava ali, na sombra do forte do homem branco, e suportava as pequenas indignidades que vinham todos os dias. Como os olhares e comentários murmurados que lhe dirigiam enquanto caminhava.

Cabeça erguida, rosto sem expressão, ela enfiou a mão da filha com firmeza na dela e dirigiu-se a sua tipi.



As mulheres não foram as únicas visitantes que Julia recebeu durante suas primeiras semanas na Suds Row.

Rafferty apareceu em intervalos regulares, assim como o soldado de Andrew, um rapaz baixo e magro, com cabelos negros como carvão e um queixo belicoso.

Nascido no Bowery, era um nova-iorquino até a sola de suas botas, o ar eriçado do soldado O'Shea deixou Suzanne nervosa a princípio. Ele superou a timidez da menina ao dar-lhe um presente que quase desbancou sua preciosa boneca – um pequeno filhote de cão da pradaria. Com a relutante permissão de Julia, o soldado se agachou sobre os calcanhares e estendeu a caixa de sapatos que ele tinha forrado com pedaços de lã de um cobertor rasgado do exército.

— Um dos cavalos pisou na mãe dele durante o treino esta manhã — disse ele à menina de cinco anos, de olhos arregalados. — Esse pequeno estava prestes a ter o mesmo destino. Lembre-se de mantê-lo longe dos cães do lado de fora ou eles irão devorá-lo.

— Farei isso — a menina prometeu solenemente quando pegou a caixa que ele lhe entregou. Ela cutucou um dedo hesitante para a criatura peluda, que guinchou enquanto envolvia suas minúsculas patas ao redor da unha de Suzanne. — Eu vou chamá-la de Daisy — anunciou.

— Mas nós não sabemos se é *ela*, querida.

— Não importa. Ela é da mesma cor que o interior de uma flor — Suzanne explicou sinceramente.

— Oh, bem. Nesse caso...

— Posso ir mostrar a Pequena Ave, mamãe?

— Sim, claro.

Suzanne, encantada, saiu correndo. Entre a relativa liberdade que ela desfrutava no posto protegido e a rápida amizade que formara com Pequena Ave, a antipatia da menina por seu novo ambiente começava a diminuir lentamente.



Gradualmente, Julia também se tornou mais e mais absorvida pela vida diária em Forte Laramie. Como as esposas dos oficiais não sabiam como recebê-la, e as outras lavadeiras ainda não tinham aceitado completamente a "dama" em seu meio, ela ocupava uma espécie de terra de ninguém. Atividades suficientes ainda ocorriam no posto, e elas a mantinham ocupada.

Um grupo de teatro amador, formado por talentos de todas as categorias, exibia melodramas e peças de menestréis que entusiasmavam seu público. As equipes da companhia travavam batalhas ferozes nos campos de beisebol e críquete durante as longas noites de verão, aplaudidas por torcedores entusiastas. Os cultos da igreja aconteciam aos domingos, no prédio administrativo do posto, e uma vez por semana um ex-professor universitário, que sucumbira à atração do Ocidente e se alistava como soldado, organizava palestras sobre botânica e borboletas na biblioteca. Saltos, bailes formais e até mesmo bailes de máscaras muitas vezes enchiam a noite de música. Julia recebera inúmeros convites para dançar, mas, lembrando-se do recente desastre de seu primeiro salto, recusou a maioria.

O 4 de julho veio e se foi com uma parada, um show animado da banda, fogos de artifício e uma briga de bêbados no salão de café do lado de fora do posto, que resultou em um soldado morto, vários búfalos machucados e vários pombos com cortes de garrafas que voaram. Uma tropa teve que ser chamada para acabar com o motim.

A briga fornecera uma quantidade considerável de fofocas às lavadeiras. De maneira brutal e franca, elas transmitiram suas opiniões sobre as mulheres que serviam aos soldados por um dólar e o alívio que os meninos encontravam com elas. Nomes como Sarah Gorda, Sue de um Olho Só e Jane Calamitosa foram mencionados ao redor das bacias.

As façanhas Jane Calamitosa como batedora indiana, caçadora de búfalos e prostituta empreendedora surpreenderam Julia, mas agora ela percebia que as mulheres na fronteira levavam uma vida que surpreenderia a maioria das pessoas do Leste. Até mesmo as mulheres do posto desfrutavam de liberdades e responsabilidades inéditas nas sociedades rígidas de onde vieram.

As esposas dos empresários e hoteleiros que chegavam ao Wyoming, na esteira dos ferroviários, pareciam também valorizar sua independência. Já se falava em designar aquela área como um território separado, com sua capital na nova cidade de Cheyenne que surgira ao sul. A delegação que havia viajado de volta ao Leste para peticionar o Congresso para designação territorial incluiu

entre seus artigos de incorporação a chocante proposta de que as mulheres em Wyoming fossem emancipadas com o voto.



No entanto, Julia não apreciara totalmente as diferenças entre a sociedade que deixara e sua vida no posto até quase duas semanas depois de Andrew ter partido.

Para a alegria estridente de todos no posto, o pagador do regimento chegou. Acompanhado por uma patrulha fortemente armada, sua carroça blindada desceu a colina pouco antes do meio-dia.

— Já se passaram quase dois meses desde que fomos pagos — exclamou Mary Donovan, empurrando Julia para dentro, para tirar o avental e arrumar o cabelo. — Apresse-se, querida. Você precisará estar lá quando o seu esquadrão se aproximar da linha.

— Podemos ir, mamãe? — Suzanne surgiu ao lado de Julia, com Pequena Ave seguindo-a um passo ou dois atrás. — Também podemos levar a Daisy. Veja, Pequena Ave e eu fizemos uma coleira de um pedaço de chita.

Sorrindo ao ver o filhote se contorcendo no final de uma corda colorida, Julia olhou da filha para sua companheira de brincadeiras de olhos escuros. Como Mary havia indicado, Pequena Ave era um amor. Suas brilhantes tranças pretas pendiam até sua cintura, e seus sorrisos tímidos iluminavam seu rosto redondo e gordinho. Invariavelmente arrumada em suas camisas de camurça lindamente enfeitadas e saias de chita, ela formava uma companhia perfeita para Suzanne, que até mesmo sua amada mãe reconhecia que possuía uma tendência à afabilidade.

— Melhor deixar as meninas aqui — aconselhou Mary com um aceno de cabeça. — Nós ficaremos na fila por horas, esperando pelo nosso pagamento.

— Vou levá-la à loja do comerciante depois — prometeu Julia. — Você poderá escolher seus próprios alcaçuz ou palitos de hortelã com pimenta.

— E um biscoito de açúcar para Daisy?

— Eu não sei se cães da pradaria gostam de biscoitos, *ma petite*.

— Este aqui gosta — Suzanne declarou com firmeza.

— Tudo bem, um biscoito de açúcar para Daisy.

Com a promessa daqueles doces deliciosos dançando diante de seus olhos, as garotas se retiraram alegremente para dentro da casa.

A excitação estalou no ar como um relâmpago de verão, quando Julia se apressou para o campo de parada ao sol com Mary. Os soldados já haviam se

alinhado atrás de seus oficiais. Sentado em uma mesa ladeada por guardas, o tesoureiro distribuía dólares chamando cada homem pelo nome. O pagamento daqueles que não estavam presentes para recebê-lo era emitido para sua esposa legal, se ela possuísse uma autorização assinada, ou era trancado no cofre do posto.

Como Mary havia advertido, o pagamento de toda a guarnição provou ser um processo longo e demorado. Cada soldado recebia seus básicos treze dólares por mês. Para isso era somado qualquer dinheiro adicional para deveres especiais, como assistente do hospital ou corneteiro da companhia. Em seguida, o tesoureiro tinha que deduzir os valores devidos ao intendente por equipamentos perdidos ou danificados, novos uniformes ou compras extras. Também deduzia um dólar da parte distribuída de cada tropa e quatro dólares dos oficiais para pagar sua lavadeira.

Quando finalmente chegou a hora de sua companhia, a tesoureira chamou Julia e contou seu pagamento em sua mão. Ela se afastou lentamente da mesa, olhando para a pilha de notas na palma da mão.

— Oh, eu sei que não é tanto quanto as outras ganharam — Mary disse, consoladora — mas você só está trabalhando há três semanas, sabe?

— Sim, eu sei.

— Não se sinta mal, querida. Isso vai cobrir os suprimentos que você pegou do contramestre e ainda vai sobrar para comprar algumas guloseimas para Suzanne no comerciante.

— Eu não estou me sentindo mal, não de verdade. É só que... bem... eu nunca...

Os sagazes olhos azuis de Mary se encheram de compreensão.

— Você nunca ganhou dinheiro pelo seu próprio suor, não é isso?

— Eu nunca ganhei qualquer quantia em dinheiro — admitiu Julia, fechando a mão em torno das notas. — Meu pai era dono de uma linha de transporte marítimo e me dava todo o dinheiro que eu poderia gastar com roupas e o que quisesse. Mesmo depois que ele morreu e meu tio assumiu, eu nunca precisei de fundos.

— Seu marido – não o Major, seu segundo marido – ele também é montado no dinheiro?

Julia hesitou, relutante em divulgar os detalhes mais embaraçosos de sua vida particular, mas Mary fora gentil demais para simplesmente desistir da pergunta.

— Não — ela admitiu. — Philip não é rico. Ele era um oficial da marinha quando eu o conheci, mas ganhava a vida como apostador de barco antes da guerra. As cartas estão em seu sangue, infelizmente. Desde que nos casamos, ele

ganhou e perdeu fortunas.

Na maioria das vezes, ele perdera, refletiu ironicamente. Perdera principalmente a fortuna de Julia. O pouco de sua herança que havia sobrevivido à guerra e o colapso das linhas de navios a vapor de Robichaud não sobreviveu por muito tempo à falta de sorte de Philip.

— Bem, ele não poderá jogar isto aqui — Mary declarou alegremente. — Meu segundo marido, que Deus tenha condenado sua alma, queria beber tudo que eu ganhava. Ele me batia até que eu ficasse toda ensanguentada e cheia de hematomas, mas não dizia a ele onde guardava o dinheiro. Este punhado de dinheiro é seu, querida, todo seu.

Todo dela. Uma sensação de satisfação surgiu dentro de Julia, de forma rápida e surpreendentemente doce. Seu pequeno bolo de notas, de repente, fez as horas que passara inclinada sobre uma bacia valerem a pena.

Em meio à sua satisfação surgiu uma resolução feroz. Ela conseguiria sobreviver. Não importava o que acontecesse, poderia sobreviver sozinha. Foi uma realização inebriante e muito bem-vinda após os meses de preocupação, de centavos contados e, finalmente, depois de ser reduzida a depender da bondade de estranhos.

Propriamente educada, Julia nunca questionou o porquê de sua herança, tanto quanto sua pessoa, tivesse se tornado propriedade de seu marido após o casamento. Como a maioria das mulheres de sua classe, fora educada a acreditar que seu objetivo principal na vida era proporcionar uma casa graciosa, bem administrada e uma sucessão de crianças saudáveis. O súbito pensamento de que não precisava centrar sua existência em torno de um marido era tão chocante quanto excitante.

O sorriso de Mary sugeriu que ela também entendia a incrível liberdade que o pequeno molho de notas representava.

— É seu — ela repetiu. — Você trabalhou duro para isso, e o Exército pagou por seus trabalhos. Agora leve sua filha para a loja para mimá-la. Só faça isso rápido — ela avisou com um olhar para o sol da tarde. — O salário dos soldados vai queimar buracos nos bolsos daqueles homens. A sala de bilhar da loja ficará lotada, e os salões e as fazendas de porcos estarão apinhados de gente.

Com um aceno de cabeça, ela emitiu um aviso alegre.

— É melhor você ficar em casa confortável esta noite, moça. Também não seria nada mal se trancasse a porta da sua casa. Os meninos tendem a ficar meio bagunceiros no dia do pagamento. Não estou dizendo que algum homem neste posto a machucaria estando sóbrio, mas há alguns que ficam um pouco complicados quando bebem uma ou duas gotas a mais.

Um pouco assustada com o conselho, Julia, no entanto, confiou em sua

palavra. Enfiando seu molho de notas no bolso da saia, ela correu de volta para seus aposentos para pegar Suzanne e Pequena Ave para mimá-las, como prometido.



A previsão de Mary provou ser demasiadamente verdadeira. Os corneteiros mal pareciam ter se recuperado da fadiga da tarde antes que os sons de baderna comessem a percorrer pela vasta cidade de tendas do outro lado do rio. Cantoria, gritos e o estalo ocasional de um chicote de touro sobressaltavam Julia e Suzanne, acomodadas em seus aposentos.

Um constante estrépito de rodas de carroça também anunciava a chegada dos traficantes de tabaco, vendedores de uísque, espetáculos obscenos e prostitutas que seguiam o pagador do posto. Gritos e assobios saudavam cada nova chegada, e mais de uma briga irrompeu à medida que a noite avançava. A cada hora que passava, Julia entendia a observação de Mary de que a casa da guarda e o hospital estariam cheios até transbordar de manhã.

Dada a presença das sentinelas que marchavam no posto de guarda e dos muitos homens casados que moravam com suas esposas e famílias em Suds Row, o som de pés arrastando-se do lado de fora de sua porta não alarmou Julia indevidamente, ao menos não a princípio.

Somente quando os passos se viraram e deram uma segunda passada, depois uma terceira, ela se levantou, apoiando-se em um cotovelo. Olhou através da escuridão para a fresta mais clara da janela, atrás das cortinas verdes de algodão. Com o coração martelando no peito, ela viu uma sombra passar.

Um resmungo, seguido por um praguejar abafado, provocou um nó em sua garganta. Quem quer que tivesse feito aquele barulho não iria embora. Remexendo-se sob o cobertor grosso, ela deslizou as pernas para a lateral do colchão. Os suportes da cama rangeram sob seu peso enquanto ela pegava o penhoar pendurado no encosto e o vestia por cima da camisola. Pés descalços, ela andou na ponta dos pés pelo chão de tábuas.

Com o pulso acelerado, abriu a cortina alguns centímetros e olhou para fora. Deparou-se com a visão ao soldado O'Shea, armado e ferozmente vigilante, caminhando de um lado para o outro, em frente à sua porta fez seus olhos se arregalarem.

Deixando a cortina voltar ao lugar, Julia se encostou na parede. Quando o pulso acelerado diminuiu o suficiente para ela recuperasse o fôlego, mergulhou um copo de água no balde que havia enchido pouco antes e se dirigiu à porta.

O soldado O'Shea virou-se ao som da trava sendo erguida e tratou-a com seu olhar gentil habitual.

— Imploro seu perdão, senhora. Eu não pretendia acordá-la desta forma.

— Você não me acordou. Gostaria de um pouco de água?

— Eu poderia aceitar um gole ou dois — ele disse com gratidão.

A suave noite de julho se espalhou sobre Julia enquanto esperava que ele bebesse a água. O riso e o som das vozes erguidas por sobre a canção obscena quase abafaram os sapos-boi que coaxavam ao longo das margens dos rios.

Sorrindo, Julia pegou o copo vazio que ele lhe entregou.

— Aprecio sua proteção para mim esta noite, mas você não preferiria estar do outro lado do rio?

— Eles ainda estarão vendendo o mesmo veneno amanhã. Eu não me sentiria bem deixando a senhora sem ninguém para protegê-la, sendo a dama do major e tudo mais.

Embora soubesse que era inútil, Julia fez outra tentativa de explicar seu relacionamento conturbado com Andrew Garrett.

— Eu não sou a dama do Major, soldado O'Shea. Nós fomos casados uma vez, mas não somos mais.

Seu descuidado encolher de ombros lhe disse que o passado não importava, mas as ordens do Major para ficar de olho nela certamente eram mais relevantes.

Dando de ombros, Julia pegou o copo de lata amassado. Ela deveria entrar. A mulher que costumava ser nunca teria sonhado em ficar fora de sua casa, de pés descalços, conversando ao som de uma festa de bêbados. Estranhamente, não sentia falta daquela mulher.

— Você tem alguma notícia dele?

— Do major? Não, senhora.

Mordendo o lábio inferior, Julia olhou para as vastas planícies sombreadas além do posto. Banhada pelo luar, a terra parecia mergulhar e inchar como um oceano escuro. Andrew estava lá fora. Em algum lugar.

— Você não precisa se preocupar — disse O'Shea confiantemente. — O Major Garrett é muito competente. Se alguém pode trazer seus homens para casa sãos e salvos é ele.

— Você é muito leal — ela murmurou.

— Lealdade não tem nada a ver com isso. Estou com o major desde Andersonville. Eu o conheço melhor do que a maioria.

Assustada, Julia voltou-se para ele.

— Você estava em Andersonville? Com ele?

— Sim, senhora.

— Eu... eu não sabia.

— Não é algo que um homem geralmente goste de falar. Posso te garantir uma coisa, no entanto. Eu não teria conseguido sair daquele inferno se não fosse pelo Major. Ele não me deixou desistir. Ou melhor, não deixou nenhum de nós desistir, embora houvesse momentos em que quiséssemos.

Havia tantas coisas que ela não sabia sobre Andrew Garrett, percebeu Julia com um choque. Ele encobrira sua vida antes de Nova Orleans em mentiras. Depois...

Depois disso, passou a odiar com todas as suas forças o espião que seu tio havia abatido na rua em frente à mansão da rua Lafayette.

Tanta coisa acontecera com ele desde então. Com os dois. Com uma espinhosa sensação de mal-estar, Julia reconheceu que os vislumbres que começava a ter do homem que Andrew se tornara estavam obscurecendo as lembranças do homem que ele tinha sido.

— Quanto tempo você ficou em Andersonville?

— Fui enviado com o primeiro grupo de prisioneiros em fevereiro de 1864 — disse O'Shea em voz baixa, apoiando-se no rifle. — O Major foi levado naquele verão. Eu e meus amigos já éramos esqueletos velhos e secos. O sargento Danny Kennedy, da 9ª Cavalaria de Ohio, costumava dizer que precisávamos ficar os sete, de pé, todos juntos para fazermos uma sombra. Pensamos que tinha sido difícil para nós, mas nenhum levou as surras que o major levou.

Ele estendeu a mão para coçar a parte de trás de sua cabeça. Seu chapéu inclinou-se para a frente para sombrear seus olhos, mas não antes que Julia vislumbrasse a ferocidade de suas emoções.

— O boato era de que o major era um espião que escapou de Nova Orleans perto do começo da guerra. Foi baleado no quadril no processo. Alegaram que ele havia levado um tiro em Chickamauga. Os guardas nunca conseguiram apurar essa história, apesar de o terem espancado com as coronhas de seus rifles muitas vezes, tentando descobrir a verdade.

— Meu Deus!

— Quebraram sua perna duas vezes. Na segunda vez, quase quebraram o osso de seu quadril no processo. Aqueles açougueiros chamaram cirurgiões para cortarem sua perna para evitar a gangrena de se estabelecer, mas o major não permitiu.

Julia levou a mão trêmula aos lábios. No dia anterior ela sentira o mais ridículo ciúme ao pensar que Andrew Garrett poderia ter amado uma princesa Sioux. Naquela noite ela queria chorar ao descobrir o quanto ele sofrera. Como, em nome do céu, tornara-se tão rápida em trocar de emoções quando se tratava daquele homem?

— Ele é um bom homem — disse O'Shea, sem saber que repetia as palavras de Mary Donovan de alguns dias atrás. — Não há um único homem aqui no posto que não fosse capaz de segui-lo até o inferno e pelo caminho de volta.

Uma explosão de risadas estridentes vindas do outro lado das habitações do Suds Row pôs fim às confidências do soldado. Endireitando-se, ele ficou ouvindo a confusão por um momento.

— Parece que alguns dos rapazes podem estar vindo para fazer uma serenata para Sal Pernas Curtas.

Uma das poucas lavadeiras solteiras, recente imigrante com pés mancos e um nome polonês impronunciável, era objeto de intensa rivalidade entre os homens.

— É melhor você entrar agora, senhora. Vou fazer com que aqueles rapazes percebam que estou aqui para que não incomodem você e sua menina.

— Odeio pensar em você de pé a noite toda...

— O Major pediu que eu cuidasse da senhora — respondeu O'Shea com um encolher de ombros. — Ficarei de vigia até ele voltar ou o inferno congelar, o que acontecer primeiro.

Diante dessa dedicação unilateral, Julia só pôde murmurar seus agradecimentos.

— E não se preocupe com ele — aconselhou o soldado quando Julia alcançou o trinco da porta. — Se alguém pode encontrar o velho Cauda Manchada, esse alguém é o Major Garrett. Ele entregará a mensagem e trará os soldados de volta sãos e salvos, você verá.

Julia adormeceu rezando para que ele estivesse certo.





CAPÍTULO NOVE

— Eles estão lá fora, major.

Arizona Joe Pardee se remexeu em sua sela. O ex-caçador de peles que virou batedor cuspiu um pouco de suco de tabaco através dos cotos enegrecidos dos dentes e examinou o terreno à frente. Andrew aliviou a dor nas costas, levantando-se nos estribos. Águia Solitária estava imóvel do outro lado, e seus olhos negros se estreitaram contra o a luz do sol que brilhava no horizonte distante.

Faltando apenas algumas horas para chegar a noite, o calor sufocante ainda subia em ondas desde a grama. Em julho, era quente o suficiente para assar os soldados em seus uniformes de lã. Vários já tinham caído devido a insolação e foram transportados de volta para o vagão da ambulância. Seu único alívio eram as ocasionais tempestades que se espalhavam pelas planícies como canhões.

Os montes amarrotados das Black Hills erguiam-se à distância, as encostas cobertas com os grossos pinheiros pesados e o abeto azul que lhes dava o nome. Cerca de cinquenta quilômetros de terreno ondulante de distância jaziam entre aquelas colinas e a coluna cansada de Andrew. Em algum lugar entre aqueles cinquenta quilômetros de descidas e subidas estava a tribo Sioux de Cauda Manchada.

Cuspindo mais um pouco de suco de tabaco sobre um coelho furioso, Arizona Joe limpou a baba do queixo com o antebraço coberto de pele de gamo.

— Cauda Manchada está nos fazendo caçá-lo, mas vamos alcançá-lo amanhã.

— Ou ele vai nos pegar — Águia Solitária respondeu com um curvar de lábios.

Andrew deu outra olhada ao redor do local que os dois batedores

recomendaram para o acampamento da noite. A ligeira depressão forneceria a cobertura necessária para impedir que os homens e animais fossem notados. Um riacho seco serpenteava ao longo do fundo da depressão. Com sorte, eles encontrariam pelo menos um fio de água corrente sob a lama. Tantos homens quanto as montarias precisavam de água tanto quanto precisavam de repouso.

Tinham coberto mais de trinta e dois quilômetros naquele dia. Caminhando a pé a cada três horas para poupar as costas de seus cavalos e parando apenas durante o pior calor do dia para fazer os animais cansados pastarem, os soldados tinham feito a longa e quente marcha com pouco mais do que os resmungos usuais. Se quisessem cobrir a mesma distância ou mais no dia seguinte, tanto os homens quanto as montarias teriam que recuperar sua força.

Virando-se para o oficial que esperava logo atrás dele, Andrew deu as instruções necessárias.

— Meus cumprimentos aos comandantes da companhia, tenente Stanton-Smith. Diga a eles que acamparemos aqui esta noite.

O jovem tenente de bigode fez uma saudação e girou a montaria. Em instantes, os trombeteiros soaram a ordem de desmonte. Os clarins penetrantes ecoaram pelas planícies, como Andrew pretendia que fizessem. Se Cauda Manchada estivesse mesmo a pouca distância, ele queria que o chefe soubesse que não estavam planejando um ataque furtivo.

As tropas estavam caindo de exaustão. Depois de duas semanas de travessia, até mesmo o recruta com a coluna mais firme se entregou. Os condutores levaram os vagões para o centro da coluna e prenderam as mulas ao redor deles. Sob os olhos vigilantes dos sargentos da companhia, os soldados desmontaram de seus cavalos e realizaram as preparações preliminares tão necessárias enquanto estavam no campo. Passando uma esponja molhada nos olhos e nas narinas das montarias, os soldados fizeram o mesmo com as cabeças e os pescoços para remover o suor dos animais, apanharam os cascos e lhes deram um punhado de feno.

Deixando os animais para se refrescarem, os soldados cuidaram de suas próprias necessidades. Alguns armaram as tendas que cabiam dois homens. Outros foram designados para cavar buracos para latrinas. Outros ainda pegaram sacolas de lona para coletar alimentos para cozinhar.

Como Andrew esperava, os furos cavados no leito do riacho rachado produziam um fio de água lamacenta. Com as cantinas dos homens recarregadas, ele não precisava pedir uma quantidade extra de água. Logo as fogueiras começaram a crepitar e o aroma de café fresco sobrevoou o acampamento. Refrescados por xícaras da bebida forte e preta, os homens começaram a molhar biscoitos na água para amaciá-los antes de cozinhar as rações diárias de feijão e

carne de porco salgada.

Andrew e seus oficiais montaram a tenda em forma de cone que servia de dormitório para ele. Embora outros comandantes complementassem seus suprimentos com rações especiais ou caça trazidas pelos batedores, Andrew insistira que seus oficiais deveriam comer a mesma comida que os soldados, enquanto estivessem em marcha. Caso contrário, eles não poderiam avaliar a força ou a resistência de seus homens.

— Pardee acha que vamos alcançar Cauda Manchada amanhã — informou a seus subordinados.

Um de seus capitães mais experientes afagou pensativamente a barba espessa.

— Vamos pedir aos sargentos que separem munição extra?

— Vinte conjuntos por homem — concordou Andrew —, embora eu espere que não precisemos delas. Lembre aos seus homens que isto não é uma expedição punitiva. Nossas ordens são interceptar e negociar com os Brulé, não atirar neles.

— A menos que eles disparem primeiro — o capitão falou.

— Ninguém irá revidar nenhum tiro, a menos que eu dê o sinal.

Os oficiais olharam para ele especulativamente. A maioria estava ciente de sua relação com Garota de Pele Dourada, ou por terem visto os dois em primeira mão, durante suas muitas visitas a Forte Laramie, ou por causa das fofocas. A certa altura, o boato em torno do posto era de que Cauda Manchada poderia se tornar o sogro do major.

Andrew poderia ter silenciado os rumores facilmente, revelando que ele já era casado, mas manteve seu passado para si mesmo... até a chegada de Julia. Agora seu passado estava alimentando ainda mais as fofocas do que sua amizade com Garota de Pele Dourada.

— Terminem — ele instruiu seus oficiais. — Está na hora do toque de recolher.

Com os cavalos refrescando-se e os homens descansando, a noite realmente começou. A vida de um homem poderia – e muitas vezes dependia – da condição de sua montaria. Qualquer soldado cujo cavalo estivesse manco ou caísse sob ele teria que pegar uma carona nos vagões, implorar a um amigo que o levasse ou prosseguir caminhando. Nenhuma dessas alternativas teria muito apelo quando um bando de Sioux hostis estivesse prestes a surgir a qualquer momento.

Embora Andrew pudesse ter designado um dos homens para desmontar e inspecionar sua montaria, ele preferiu fazê-lo sozinho. Nenhum verdadeiro cavaleiro gostava de delegar o cuidado de seu cavalo para outra pessoa.

O grande animal castanho ficou suavemente animado ante a aproximação

de Andrew. Eles tinham percorrido muitas milhas juntos, ele e Júpiter. Conheciam o estado de espírito um do outro, assim como qualquer casal de idosos. Ou bem melhor do que isso, ele pensou com uma careta irônica, considerando que sua esposa havia desaparecido de sua vida seis anos atrás, apenas para reaparecer casada com outro homem.

— Vamos dar uma olhada nas suas costas, meu velho, então, vamos te deixar fresco e pronto.

Respirando o cheiro de pele suada, Andrew removeu a sela e inspecionou as costas do animal em busca de sinais de irritação. Só depois de verificar os metacarpos, cascos, nariz, orelhas e olhos, ele começou a trabalhar com a escova e palha fresca.

Com os sentinelas posicionados, ele deu a ordem de apagar as luzes às nove e meia, e depois disso o acampamento se acalmou. Sabendo que o toque de alvorada soaria às três e meia, os homens murmuraram entre si por um tempo antes que os grunhidos usuais, sibilos e roncões substituíssem suas conversas desconexas.

Com os ossos cansados, mas nervoso demais para dormir, Andrew manteve o ouvido atento ao familiar arrastar de cavalos em suas linhas de piquete e os bufos e espirros de homens se acomodando no sono. Ele deveria estar revisando seus planos para a marcha de amanhã, mas não conseguia manter a mente afastada nos detalhes familiares. Dobrando os braços sob a cabeça, ele olhou através da ponta da barraca.

Estrelas pendiam como cristais em um céu de obsidiana. Por um momento fantasioso, ele as comparou às luzes que brilhavam nas mechas escuras dos cabelos de Julia. Isso, claro, foi um erro. A mera lembrança de sua noite de núpcias, quando aquela massa sedosa se derramara sobre seus ombros nus, deixou-o duro como qualquer oficial com um dólar no bolso, que se apressava para aliviar suas necessidades.

Droga, como diabos a mulher conseguira entrar novamente sua cabeça? E por que diabos não conseguia tirá-la de lá? Ela vinha ocupando muito mais de seus pensamentos do que deveria.

Ainda achava difícil acreditar que a Bela de Nova Orleans tivesse escolhido morar em Suds Row. Odiava pensar em Julia lutando para erguer as conchas de madeira cheias de uniformes quentes e pesados. Odiava ainda mais o desejo que apertava suas bolas sempre que se lembrava de como o cabelo dela se enrolara na nuca e na blusa úmida que grudara nas curvas de seus seios.

Mesmo cansado como estava, ainda começou a fantasiar deitá-la de costas na margem do rio, arrancar a blusa molhada e desnudar aqueles montes suaves, tomando-os nas mãos e na boca, e isso elevou uma protuberância sob o tecido de

sua calça. Ele quase podia sentir o gosto de suor salgado em sua pele. Ouvir seus suaves gemidos de choque, surpresa, excitação. Quase sentia a...

— Grupo de guerreiros se aproximando!

O grito distante fez Andrew girar o corpo rapidamente. Em um único movimento fluido, ele se virou de lado, pegou seu revólver do coldre e ficou de pé. Com a possibilidade de guerreiros hostis por perto, escolhera dormir de botas, assim como a maioria de seus soldados. Como Andrew, eles saíram de suas tendas, segurando rifles e pistolas, atirando cintos de munição sobre os ombros.

— Formem a defesa do perímetro — ordenou aos comandantes da companhia. — Coloque os homens a dez metros de distância e lembre-os de não atirarem, a menos que eu peça o contrário.

Com Arizona Joe e Águia Solitária ao seu lado, Andrew subiu a encosta gramada. Seu jovem oficial de bigode ofegava atrás dele, pronto para transmitir qualquer ordem que seu comandante pudesse emitir.

O sentinela que soou o alarme encontrou-os no meio do caminho. Saltando pela encosta em seus calcanhares, ele arquejou um relatório rápido.

— Não é um grupo de guerreiros, senhor. Nós pensamos que era a princípio, mas são apenas três homens. Um é o chefe. Ele diz que quer conversar.

— O chefe se identificou?

— Sim, senhor. É Cauda Manchada.

Águia Solitária grunhiu. Como ele previra, o velho guerreiro organizara a reunião em seus próprios termos.

Andrew abriu um sorriso para o batedor enquanto subiam ao topo da encosta. A história pessoal de Águia Solitária com o tio de sua esposa o deixara decididamente desconfiado do velho, mas de todos os chefes Sioux do norte, Cauda Manchada era sempre o mais disposto a negociar. Se ele levasse a última oferta de paz para Nuvem Vermelha, Cavalo Louco e Touro Sentado, talvez, apenas talvez, houvesse uma chance de evitar outro ano sangrento nas planícies.

Com o pulso acelerado, Andrew chegou ao topo. Cauda Manchada e os guerreiros que o acompanhavam estavam sentados em seus cavalos, esperando pacientemente. Um renomado orador que frequentava Forte Laramie desde criança, o chefe também era um grande guerreiro que contava vinte e seis golpes em combate pessoal. Na cultura Sioux, mergulhar a cavalo para tocar um inimigo vivo com uma mão ou um soco contava com tanta força quanto matá-lo. Cada golpe dava um status ao guerreiro, além de uma pena de águia.

Para alívio de Andrew, Cauda Manchada não estava usando o chapéu de guerra, nem seu cavalo pintado com marcas de honra ou símbolos espirituais. O

velho guerreiro estava ali, como o sentinela havia dito, para conversar.

— Minhas saudações a você, Sin-te Ga-les-ka — disse Andrew em Sioux fraturado.

— A você também, Homem Manco da Faca Afiada.

— Venho procurando por você há duas semanas.

Um sorriso apareceu no rosto do mais velho.

— Tenho observado.

— Você vai entrar no acampamento e conversar?

O sorriso desapareceu.

— O tempo de conversa se passou quando o Grande Pai, de Washington, enviou facas mais “Homens de Facas Afiadas” para reforçar os fortes ao longo do caminho que você chama de Trilha de Bozeman.

— Eu tenho uma mensagem do General Sherman sobre esses fortes.

— A menos que a mensagem prometa sua destruição, você não traz nada além de palavras desperdiçadas.

Andrew não podia mentir. Nada havia sido prometido, exceto mais conversas.

— O general Sherman discutirá a destruição desses fortes se você e os outros chefes se encontrarem com ele. Ele foi nomeado para chefiar uma comissão de paz que virá a Forte Laramie e falará com você. Você levará essa mensagem para Nuvem Vermelha e os outros?

O chefe balançou a cabeça.

— Eu vou levá-la.



A tropa de cavalaria que se aproximou de Forte Laramie cinco dias depois, pouco se parecia com a que tinha saído de lá quase três semanas antes. Os cavaleiros caíam cansados em suas selas. Poeira e lama cobriam seus uniformes salpicados de sal. As carroças atrás das fileiras carregavam meia dúzia de doentes e feridos, um dos quais ficou azul de picada de cobra.

De acordo com os procedimentos do exército, Andrew enviou Joe Pardee e Águia Solitária à frente para notificar ao posto sobre seu retorno. Mesmo antes de a fileira de soldados chegar ao topo da encosta, os clarins anunciaram sua chegada iminente.

No momento em que a fileira começou a descer a inclinação que levava aos alojamentos, a banda do regimento fora montada e preencheria o ar com as melodias ritmadas de "Fiddler's Green". Um por um, os soldados sentaram-se.

Ombros erguidos. Carabinas foram atiradas para trás. Os homens bateram os chapéus contra as pernas, levantando pequenas nuvens de poeira ao longo da coluna.

Andrew compartilhou da empolgação que se espalhou pelas fileiras. Estranho como essa confusão de prédios de madeira e adobe na curva do Laramie parecia muito mais com um lar para ele do que a casa da cidade na Filadélfia, onde passara a juventude. Estranho, também, como o pensamento de que Julia poderia estar entre a multidão reunida no campo de parada o fez espanar a camisa e puxar o chapéu para ajustá-lo na testa.

Ele não a viu, a princípio, entre as mulheres que acenavam e gritavam saudações a seus homens. Condenando-se pela grande decepção que o atravessou, ele manteve a mão leve nas rédeas enquanto guiava Júpiter em direção ao centro do campo de parada. Eles estavam quase em posição quando uma mecha de cabelos negros azulados atraiu seu olhar. Andrew olhou para ela e sentiu o coração pular ao ver o sorriso de boas-vindas em seu rosto. Seus olhos se encontraram acima das cabeças da multidão e, naquele momento, o senso de retorno de Andrew se transformou em algo mais profundo, algo urgente.

Ele não podia negar a verdade por mais tempo. O que quer que tivesse acontecido no passado, por mais que mentiras e meias verdades tivessem separado seus caminhos, ele ainda queria aquela mulher com uma dor que quase o fez dobrar o corpo sobre a sela.

Um pouco de seus sentimentos devem ter sido revelados em seu rosto. O sorriso de Julia vacilou. Seus lábios se separaram. Por um instante, ele viu a garota que ela uma vez fora olhando para ele através dos olhos da mulher que era agora.

A respiração de Andrew ficou presa. O rosto de Julia dizia que ela sentia o mesmo. O mesmo fascínio que os atraía em um salão de baile, em uma quente e sensual noite da Louisiana. A mesma maldita atração sexual que agarrara os dois e nunca os soltara. Ela podia negar. Podia se recusar a reconhecer, até para si mesma. Mas ela sentia.

Viu-se esperando que ela tivesse recebido um telegrama ou um despacho, que alguém de Adler tivesse confirmado o que ambos secretamente suspeitavam... que os restos mortais de Philip Bonneaux descansavam em um caixão de pinho enterrado sob sete palmos de terra de Montana. Saqueadores e brigas de bar acabavam facilmente com a vida de muitos dos sonhadores que se arrastaram para o norte para fazer fortuna. Escorbuto, cólera e os invernos congelantes levavam as vidas de inúmeros outros. As chances eram de que Julia já estivesse livre dos laços que a prendiam a outro homem.

A possibilidade apertou o estômago de Andrew e o deixou imaginando qual

seria a diferença se ela *estivesse* livre. Ele a queria, sim. Em seus braços e em sua cama. Mas não conseguia pensar além do ponto de tirar as roupas dela, de puxar seu corpo esbelto para baixo do seu e abrir suas coxas para recebê-lo. Não *queria* pensar além desse ponto, merda!

Ele ainda estava lutando contra a luxúria que o havia agarrado como uma corrente quando notou a bandagem enrolada em seu antebraço esquerdo. Seu estômago se revirou novamente. O que tinha acontecido? Quem a tinha machucado? Por que diabos O'Shea não ficara de olho nela, como ele...

De repente, o grito de uma criança cortou o ar.

— Mamãe! Daisy fugiu!

Algo que mais parecia um pedaço de pano colorido riscou a parada e disparou na frente de Júpiter. O cavalo, assustado, começou a dançar, com o pescoço arqueado, os cascos batendo no chão.

Um casco pisou uma ponta do que parecia um pano. Chiando, a criatura amarrada à corda virou de costas. Frenética, soltou-se e correu de um lado para o outro sob a barriga de Júpiter.

— Daisy, volte!

Até mesmo uma montaria treinada para não estremecer ao som de uma pistola disparada ao lado de sua orelha não poderia ficar parada enquanto algo que se assemelhasse a uma serpente coral do deserto se remexia em torno de seus cascos. Mais ainda quando uma criança frenética se separava da multidão e corria diretamente em direção ao animal, com os braços agitados como moinhos de vento.

— Suzanne! — Julia gritou. — Não!

Com as orelhas achatadas, Júpiter ergueu-se. Seus cascos feridos de ferro percorreram o ar pouco acima da cabeça da garota. Puxando as rédeas, Andrew puxou o animal e parou suas patas dianteiras a poucos centímetros da criança, agora congelada de medo.

O desastre ainda poderia ter sido evitado se o bicho no final da corda não tivesse sido solto quando Júpiter se ergueu. Emitindo uma série de chiados estridentes, o pequeno animal disparou diretamente entre as pernas traseiras da montaria. O cavalo marrom agitou as patas traseiras e tentou se afastar.

No momento em que Andrew o controlou novamente, uma Julia de rosto lívido pegou sua filha e os chiados estridentes foram silenciados. Sinalizando as tropas atrás dele para retomarem à formação e continuarem, Andrew saiu da sela. Um movimento de seu ombro fez Júpiter sair do caminho.

Com coração batendo acelerado, ele enfrentou a mulher abalada que mantinha a filha pressionada contra si.

— Ela está bem?

— Eu acho que sim.
Seu olhar chicoteou para a bandagem branca.
— Você está bem?
— Eu? Sim, estou bem.
— O que aconteceu com o seu braço?
— É uma leve queimadura, nada mais.
— O médico já olhou?
— Sim, claro. Realmente, não é necessário...
— Mãaaaae! — O gemido de cortar o coração interrompeu sua conversa.
— Ele pisou em Daisy!
— Ah não!

Seguindo o olhar choroso da garota, Andrew se virou. Os restos mutilados de um animal pequeno e peludo jaziam em uma poça de sangue no chão empoeirado da parada.

— Isto era um cão de pradaria? — ele perguntou a Julia, incrédulo.
— Sim.
— Em uma coleira?
— Era um animal de estimação.

Perdendo seu controle habitual, Andrew tirou o chapéu e bateu-o contra a perna da calça.

— Maldição, mulher, você é louca de deixar sua filha brincar com um desses ratos? Eles carregam pulgas e carrapatos e só Deus sabe que outros tipos de vermes.

O severo sermão fez Julia erguer a cabeça. Piscando os olhos, ela apenas abriu a boca para responder quando o soldado O'Shea entrou em sua frente.

— Imploro seu perdão, senhor. Eu dei a pequena criatura a Suzanne.
— E Daisy não tinha pulgas! — Olhos castanhos encharcados se ergueram do ombro de Julia e prenderam Andrew com um olhar acusador. — Pequena Ave e eu a mergulhamos na banheira da mamãe e a esfregamos bem!

Diante de uma criança hostil, uma mãe furiosa, um soldado desaprovador e o descarado interesse de dezenas de transeuntes, Andrew decidiu fazer o que qualquer homem em sua situação faria – uma retirada apressada. Primeiro, no entanto, ofereceu suas desculpas à garotinha que fungava.

— Sinto muito que Júpiter tenha pisado em seu animal de estimação.
— Você é um homem mau — ela respondeu, seus olhos castanhos disparando adagas. — Você gritou com a minha mãe e agora amassou Daisy. Eu te odeio!





Andrew demorou vinte e quatro horas para descobrir que ele era objeto de considerável censura no posto, não só por inadvertidamente matar o animal de estimação de Suzanne, mas também por permitir que Julia continuasse a trabalhar nas bacias.

O soldado O'Shea fez várias observações nada sutis sobre o fato de que a senhora não nascera para aquele tipo de trabalho. O mesmo acontecera com o soldado Rafferty e o cabo Gottlieb, que relataram que nenhuma informação sobre o marido de Julia havia chegado durante a ausência de Andrew. Até mesmo Mary Donovan pressionou o marido a informar sobre o consenso geral entre as mulheres de Suds Row de que Julia não pertencia àquele lugar.

O sargento envergonhado entregou a mensagem de sua esposa no dia seguinte ao retorno de Andrew. Ele e Donovan observavam as montarias nos terrenos altos atrás dos estábulos. O sol batia impiedosamente. Enxames de moscas zumbiam nos olhos e ouvidos dos cavalos. Enxugando o suor do rosto corado com o lenço, o sargento grisalho limpou a garganta várias vezes antes de abordar o assunto.

- Perdoe-me, senhor, mas a minha esposa queria que soubesse... Hum...
- Que eu soubesse o quê, sargento major?
- Bem...
- O quê, homem? Pare com isso.
- São as lavadeiras, senhor.

Andrew olhou para o veterano de bigode. Dado o posto do marido, Mary Donovan servia como comandante não oficial das lavadeiras. Ela provara ser inestimável em manter Andrew informado sobre assuntos que precisavam de sua atenção. Também anulava algumas das rivalidades e ciúmes que levavam a

sérios confrontos em outros cargos. Felizmente, Andrew nunca teve de dar ordem de prisão a uma lavadeira por atacar uma rival com um machado de carne por conta do afeto de seu marido ou expulsar alguma delas do regimento por ter sido desrespeitosa com um oficial.

— Qual é o problema, sargento major?

— Elas estão se sentindo um pouco desconfortáveis em terem uma esposa de um oficial no meio delas.

Sabendo que não adiantaria lembrar ao sargento que Julia não era a esposa de um oficial, Andrew permaneceu em silêncio.

— A Sra. Donovan pediu a elas que mantivessem seus narizes em suas próprias bacias e que não importa o que os outros fazem, mas até ela concorda que não é apropriado, senhor.

— A Sra. Donovan tem alguma uma sugestão sobre o que devo fazer a respeito? — o major perguntou secamente.

Ele já havia decidido como lidaria com a situação, mas estava curioso para ver o que a lavadeira ruiva tinha inventado.

— Bem, senhor, ela tem — respondeu Donovan. — Ela pensou que você poderia colocar a Sra. Bonneaux para trabalhar no hospital como matrona. É trabalho duro, com certeza, mas não tão duro quanto as bacias.

— Meus cumprimentos à sua esposa, sargento-mor, mas já sugeri isso e a senhora Bonneaux recusou.

— Ela recusou? — O sargento franziu os lábios e balançou os bigodes de um lado para o outro. — Mary não vai gostar de ouvir isso.

— Estou pensando em oferecer a ela uma posição alternativa.

— Posso perguntar em quê, senhor?

— Instrutora na escola do posto.

— Hummm. — O veterano experiente mastigou a ideia em sua mente. — Isso pode dar certo, senhor. É um pouco cedo, porque estamos apenas em meados de julho, mas já que o cabo Lassiter foi embora nesta última primavera, as crianças não terminaram nem as tarefas do ano passado. Elas estão com poucas coisas para fazer. Sim, senhor, vai dar certo.

Na verdade, Andrew não tinha certeza se a mudança nas ocupações diminuiria ou aumentaria a carga de Julia. Embora Forte Laramie tivesse aberto a primeira escola no Território de Wyoming em 1859, o Exército não autorizou nem financiou oficialmente as escolas do posto até o ano anterior. Mesmo assim, a participação era obrigatória apenas para os filhos de pessoal alistado, uma vez que as esposas dos oficiais mais instruídos geralmente preferiam ensinar seus filhos em casa.

O capelão do posto ensinara os alunos de Forte Laramie durante anos,

seguido por uma sucessão de soldados educados. O soldado Lassiter era o mais recente – e o mais sincero sobre os diabinhos que ensinava. De acordo com os relatórios enviados a Andrew pelo instrutor atormentado, os alunos passavam mais tempo planejando travessuras para importunar o professor do que estudando. Assumir aquele monte de crianças indisciplinadas poderia ser uma dificuldade maior para Julia do que se inclinar sobre as bacias.

Ele deixaria que ela decidisse, Andrew pensou. Não que tivesse muita escolha no assunto. Ela já demonstrara que faria exatamente o que tinha em mente.

O sargento pigarreou. O embaraço manchava suas bochechas acima do bigode espesso.

— Ela teria que ser mantida alistada e ter garantidos seu alojamento e rações — ele disse, se desculpando. — A senhora Donovan não a aconselharia a aceitar menos.

— É verdade?

— Sim senhor.

— Eu me pergunto o que nos deu a noção de que gerenciamos este posto ou nossas companhias?

— Ela fala nos meus ouvidos, senhor. Mas enquanto estamos no assunto...

— Sim?

— A Sra. Donovan também sugeriu que você poderia querer ficar em paz com a filha dela, senhor. Suzanne ficou um pouco chateada por causa de seu animal de estimação.

Algum dia, Andrew pensou ironicamente, ele tiraria o uniforme pela última vez e voltaria para a vida civil. Talvez, então, ele descobrisse como era viver sem duzentos ou mais pares de olhos observando cada passo que dava desde o alvorecer até a retirada.

— Você pode assegurar à senhora Donovan que tenho toda a intenção de consertar meus problemas com a menina.

— Sim senhor.



Aquela era, Julia decidiu, enquanto acomodava os quadris mais confortavelmente no banco do lado de fora de seu alojamento, o tipo de noite sobre a qual os poetas entusiasmados devaneiam.

Uma violenta tempestade caíra apenas uma hora atrás, levando consigo o pior do calor. Uma brisa amena a seguira. O vento agora dava cambalhotas como

um potro brincalhão, erguendo os longos aventais e as camisas de uniformes que estavam nos varais para secar. Além dos varais, o Laramie brilhava em um azul claro e cristalino.

Até mesmo os mosquitos que faziam as manhãs e noites tão infelizes tinham tomado a licença francesa, como os soldados descreviam suas ocasionais ausências não autorizadas. Alguém, em uma das barracas do outro lado do rio, tocava uma melodia familiar em uma gaita. As notas fluíam na brisa como borboletas pequenas e perfeitas acima do habitual chocalhar de vasos e cerâmica do início da noite.

Como a residente mais novata de Suds Row, a vez de Julia nas cozinhas comunitárias atrás dos aposentos vinha por último. Ela não se importava com a espera. Isso lhe dava a chance de fazer uma pausa entre o calor da lavanderia e o calor ainda mais intenso dos fogões.

Em uma noite tão boa quanto aquela, os momentos de folga eram duplamente preciosos. Cantando junto com a gaita, ela descansou os ombros contra a parede áspera de adobe e observou Suzanne tecer pedaços de plumas e contas no cabelo de sua boneca sob a cuidadosa tutela de Pequena Ave.

Com um certo choque, Julia descobriu que se sentia mais contente naquele momento em particular do que se sentira em meses. Ainda não recebera nenhuma notícia de Philip, mas ela e Suzanne tinham um teto sobre suas cabeças e comida saudável, embora não fosse muito gostosa. Era verdade que suas mãos estavam vermelhas e rachadas, e a queimadura em seu braço, que recebera de um jato de água fervente, doía um pouco. Em geral, porém, ela se sentia cansada e preguiçosa demais para se preocupar com isso.

Mas não com preguiça de experimentar um sobressalto repentino quando o som de cascos atraiu seu olhar e ela identificou Andrew em seu grande cavalo castanho. Ela não o tinha visto nem falado com ele desde o seu retorno, com a infeliz morte de Daisy há dois dias.

Ela se sentou, erguendo a mão em um gesto instintivo e totalmente feminino para colocar o cabelo atrás das orelhas. Tão agitada por sua necessidade instintiva de se embelezar quanto pela súbita onda de calor que se remexeu dentro de sua barriga, ela abaixou a mão. O contentamento que desfrutara apenas alguns segundos antes quebrou-se como uma fina camada de gelo sendo atingida por um martelo de madeira. A culpa se alastrou, junto com o amargo reconhecimento de que Andrew Garrett ainda conseguia fazer sua pulsação acelerar após todos os anos e todas as mentiras.

Envergonhada pelo calor que se espalhava por suas veias, Julia levantou-se e alisou as palmas das mãos na saia de sarja. Quando conseguiu controlar firmemente suas emoções, ela ergueu o olhar para a silhueta do oficial contra o

céu de verão. Só então ela notou o pônei que Andrew levava no final de uma longa corda.

As duas crianças também notaram sua aproximação naquele momento. Pegando sua boneca, Suzanne correu para o lado de sua mãe. Pequena Ave seguiu mais lentamente, seus olhos castanhos arregalados e curiosos. As três mulheres estavam unidas quase em corrente quando Andrew se aproximou. Ele parou a alguns metros de distância e inclinou o chapéu com um sorriso que saudava as três.

— Boa noite, senhoras.

Consciente demais das pessoas que passavam, Julia inclinou a cabeça um ou dois centímetros.

— Boa noite, major.

Couro e madeira rangeram quando ele saiu da sela.

— Eu vim ver se eu conseguia fazer as pazes com Suzanne por ter, hum, esmagando seu animal de estimação.

O olhar de Julia passou por ele até o pônei no final da corda. Ela não podia se dar ao luxo de manter um cavalo, mas uma olhada em Suzanne, boquiaberta e com olhos impressionados, fez com que ela instantaneamente recalculasse quanto custaria alimentar três em vez de dois.

— Você trouxe um pônei? — A desconfiança e a excitação infantil perseguiam uma a outra no rosto da garota. — Para mim?

— Para você. — Dando um pouco de folga à corda, Andrew puxou o pequeno e delicado animal para a frente. — O nome dela é Con-Ra-Wah-Ti.

— O que isso significa?

— Beleza Vermelha — Pequena Ave traduziu timidamente.

— Por causa de suas manchas vermelhas — explicou Andrew gravemente. — Mas você pode chamá-la do que quiser.

Embora o desejo de estender a mão e tocar a pele manchada brilhasse no rosto de Suzanne, ela agarrou a boneca ao peito e teimosamente se controlou.

— Mamãe diz que eu não deveria aceitar presentes de estranhos.

— Não somos estranhos, mas, de qualquer forma, Beleza Vermelha não é um presente. Você terá que ganhá-la.

A suspeita se instalou nos olhos castanhos da menina.

— Como?

— Ela tem que ser cuidada, lavada e alimentada todos os dias, e levada para fazer exercícios com a maior frequência possível. Quando você me mostrar que pode cuidar deste pônei, vamos conversar com sua mãe e perguntar se você pode ou não continuar com ela.

O lábio inferior de Suzanne tremeu.

— Eu não sei como cuidar de um cavalo. Nem montar um.

— Eu vou te ensinar.

— E eu vou ajudar — Pequena Ave ofereceu com um de seus raros e doces sorrisos. — Eu também tenho um pônei que meu avô guarda para mim.

Obviamente dividida entre o anseio por ter o pônei e a antipatia que sentia pelo major, Suzanne procurou a mãe em busca de orientação.

— Você terá que assumir total responsabilidade por cuidar dela — advertiu Julia. — Eu vou estar muito ocupada nas bacias para ajudá-la.

O olhar de Andrew encontrou o dela por cima das cabeças das meninas.

— Isso é algo que você e eu precisamos discutir.

— Nós já discutimos isso.

Com um olhar que dizia que o assunto não estava terminado, ele ofereceu a Suzanne a ponta da corda.

— Por que você e Pequena Ave não levam Beleza Vermelha para passear ao longo do rio para conhecê-la?

Aceitando a liderança com uma demonstração de relutância, Suzanne olhou o pônei. Seu olhar disparou para o homem ao lado de sua mãe.

— Ela não é tão bonita quanto a boneca que meu pai me deu.

— Suzanne!

Corando pela grosseria de sua filha, Julia a instruiu a mostrar mais apreço. A garota impenitente se recusou a ceder.

— Se eu ficar com ela, vou ter que lhe dar outro nome.

— Se você ficar com ela — Andrew respondeu com um aceno de cabeça —, certamente será uma escolha sua.

Lançando ao major com um olhar sombrio, ela puxou o cabresto do pônei. O animal seguiu a ela e Pequena Ave com docilidade.

— Por favor, perdoe sua falta de gentileza — murmurou Julia, envergonhada por sua filha. — Ela geralmente não é tão mal-educada.

Um sorriso apareceu nos olhos de Andrew.

— Ela herdou um pouco da teimosia de sua mãe, eu acho.

— Infelizmente, sim. E já que estamos falando de teimosia, espero que você não tenha vindo me dizer que eu deveria voltar a morar com Victoria McKinney. Estaria perdendo o seu tempo.

— Estaria?

— Sim. Eu prefiro muito mais ganhar meu próprio sustento.

— Há outras maneiras de ganhar seu dinheiro. E não — ele disse apressadamente, lembrando-se da furiosa discussão anterior — usando seu corpo.

Calor inundou o rosto de Julia, mas ela ergueu o queixo e encontrou os

olhos dele diretamente.

— O que, então?

— A escola do posto. Ela foi fechada no início da primavera devido à falta de um instrutor. Se você acha que está preparada para isso, pode assumir a função imediatamente.

Ela refletiu sobre a oferta, enquanto dúvida e indecisão enrugavam sua testa.

— É um trabalho honesto, Julia. Precisamos de um professor.

— Eu seria mantida como alistada?

— Essa foi uma das condições de emprego que Mary Donovan estipulou — Andrew respondeu secamente.

— Mary está por trás disso?

— Não, ela disse ao marido para sugerir o hospital, mas quando ofereci outra alternativa, ele achou que ela apoiaria a ideia.

Uma onda de afeto pela lavadeira irlandesa preencheu Julia. Como uma galinha ocupada em cuidar de todo o galinheiro, Mary Donovan, de bom coração, cuidava das oficiais e das esposas dos oficiais. Embora Julia não se encaixasse em nenhuma categoria, ela certamente saberia apreciar a grandiosidade do generoso espírito da mulher.

— Vou ter que agradecer a ela — ela murmurou.

— Isso significa que você vai aceitar?

— Sim, porém — ela acrescentou com um olhar irônico para o braço ferido —, eu não garanto que vá ser uma instrutora muito melhor do que fui como lavadeira.

— Enrole a manga e deixe-me ver sua queimadura.

Assustada, ela colocou o braço atrás das costas.

— Não é nada, é só uma pequena escaldadura.

— Henry Schnell me disse que era mais do que uma mera escaldadura e que precisa ser observada. Deixe-me ver.

— Realmente, eu não acho que...

— Queimaduras podem apodrecer e matar tão rapidamente quanto cólera ou varíola por aqui. Deixe-me ver, Julia.

Ela admitiu com óbvia relutância.

— Tudo bem, mas, por favor, entre. Já dei ao posto assunto suficiente para fofocas sem erguer minha manga e deixar você me examinar em público.

Julia logo descobriu que erguer a manga e deixar que Andrew a examinasse em particular provou ser um erro muito maior. Embora a porta e as persianas da janela permanecessem abertas para a noite agradável, as paredes pareciam se amontoar quando ele a seguiu para dentro.

Ele olhou ao redor, com um rosto inexpressivo enquanto observava os aposentos austeros. A cama de prancha e corda que o soldado Rafferty havia montado preenchia a área atrás da divisória. O baú de Julia e um caixote frágil erguido para apoiar o jarro e o lavatório lascados com os quais Mary Donovan tinha contribuído ocupavam o resto do espaço.

O guingão de Maria Schnell enfeitava consideravelmente a sala da frente, assim como a bolsa de camurça com franjas que Andarilha da Luz lhe dera. Júlia havia acrescentado outro toque bonito naquela manhã – um punhado de primulas presas em um copo de lata, pousado sobre o fogão de ferro fundido.

— Estamos muito confortáveis aqui — disse ela, em defesa de sua casa temporária. — Eu vou poder ficar na Suds Row se assumir funções na escola do posto?

— Não é o que eu preferiria, mas a menos que queira voltar a morar com a esposa do tenente McKinney...

— Não, obrigada!

— A escolha é sua — admitiu. Pousando o chapéu sobre a caixa de madeira que servia de mesa de jantar, ele tirou as luvas. — Enrole sua manga.

Ele se aproximou. Perto demais. Julia sentiu os ricos aromas de couro, lã e de homem quente e suado. Seus dedos se atrapalharam com os teimosos botões de seu próprio punho.

— Posso ajudar você?

A pergunta oculta por trás do educado pedido de permissão a fez erguer a cabeça. Ela deixara claro que nunca mais queria sentir as mãos dele nela novamente. As palavras iradas voltaram a se remoer agora, enquanto corava e estendia o pulso.

— Se você puder fazer a gentileza.

Sua educação desapareceu em um lampejo de calor no momento em que ele agarrou seu pulso. Era apenas um aperto frágil, um mero toque de dedos contra sua carne, ainda que os nervos de Julia parecessem pular sob sua pele. Se ele havia notado seu instintivo recuo, não deu sinal. A testa de Andrew franziu quando ele gentilmente sondou o curativo que escondia a queimadura empolada.

— Henry disse que te deu um extrato de ópio. Você o passou hoje?

— Sim, mais cedo esta manhã.

— Algumas das bolhas estouraram. É melhor você me deixar colocar mais. Onde está?

— Não há necessidade de você se incomodar. De verdade, eu...

Impaciência adicionou um tom mais afiado na voz de Andrew.

— Pelo amor de Deus, um vislumbre do seu braço nu não vai me estimular a te seduzir.

— Eu não pensei nisso! Você não poderia me seduzir nem se tentasse.

A cabeça dele se ergueu.

— Você acha mesmo?

— Tenho certeza disso — ela retrucou para cobrir um súbito surto de nervosismo. — O que quer que tenha feito em Nova Orleans, nem mesmo minha paixão boba permitiu que me levasse para a cama antes de nos casarmos. Nem conseguiria seduzir a esposa de outro homem agora.

— Eu não teria tanta certeza disso se fosse você — disse ele lentamente. Sem tirar os olhos dos dela, ele girou seu braço e apertou os lábios contra o interior de seu pulso.

Cada instinto que Julia possuía gritou para que afastasse a mão. Era louca para ficar ali, louca por deixar que seu sangue esquentasse e que seu coração disparasse, enquanto o toque de Andrew fazia sua pele pegar fogo.

Então, nunca se lembraria de como acabara nos braços dele, nunca saberia como a suas bocas haviam se fundido com tanta urgência. Em um momento, estava olhando fixamente para a cabeça escura inclinada sobre seu pulso. No próximo, foi arrastada em uma maré de desejo tão quente e convincente que mal podia respirar. Talvez tivesse gemido. Talvez tivesse avançado em direção a ele. Tudo o que conseguiu se lembrar mais tarde foi do prazer ardente de sua boca esmagando a dela.

O som de conversas de meninas os separou. Atordoada, Julia só pôde olhar para Andrew sem dizer nada. O que quer que pudesse ser dito naquele momento foi perdido quando Suzanne chamou impacientemente por sua mãe para ver como ela e Pequena Ave tinham trançado o rabo do pônei.





CAPÍTULO ONZE

— **S**egure a escova na sua mão esquerda e o pente de ferro na direita.

Franzindo o nariz em concentração, Suzanne pegou os utensílios.

— Assim?

Pacientemente, Andrew se inclinou para trocá-los. Os pequenos dedos da menina mal conseguiam agarrar o objeto.

— Comece com a cabeça dela — ele instruiu. — Escove a testa e o rosto em movimentos suaves e uniformes. Lentamente, assim. Deixe a escova tirar a poeira e a sujeira. Quando terminar, limpe-a com o pente.

Recuando para dar espaço à menina para trabalhar dentro da baia estreita, ele ficou de olho nos movimentos desajeitados. Andrew passara incontáveis horas nos estábulos observando enquanto os sargentos veteranos treinavam recrutas, mas essa era a primeira vez que colocava uma criança tão nova para realizar a tarefa.

Os grãos de poeira dançavam sob os raios de sol que incidiam através das portas abertas do estábulo. Enxames de moscas voando em torno das baias, zumbindo ruidosamente no ar que exalava o odor familiar de couro, feno e excrementos de cavalo. Uns poucos soldados permaneciam nos estábulos do celeiro, dando a seus cavalos a medida extra de atenção que brotava menos do dever e mais do amor de um verdadeiro cavaleiro pelo companheiro que compartilhava suas longas marchas.

— Cuidado com o olho dela.

O aviso de Andrew chegou tarde demais. O pônei se encolheu, sacudindo a cabeça para evitar as cerdas da escova. Com um guincho de susto, Suzanne saltou para o lado. O grito se transformou em um gemido quando seu pé caiu em um pedaço de palha cheia de esterco.

— Ohhh! Eu pisei em cocô de cavalo!

Com o rosto contorcido em um desânimo cômico, Suzanne levantou a perna. A peça de lona que Andrew tinha enrolado em torno do sapato da menina para protegê-lo se soltou, junto com o próprio sapato. Ela empoleirou-se como uma pequena e infeliz cegonha em um dos pés, enquanto o outro pairava sobre a lama. Lágrimas brotaram de seus olhos e poderiam ter escorrido pelo seu rosto se Pequena Ave não tivesse emitido uma risadinha, sentada em um prático carrinho de mão.

Controlando seu próprio sorriso, Andrew se agachou em seus calcanhares para recuperar o sapato perdido.

— Você vai precisar de um par de botas se quiser cuidar de seu pônei.

— Ou mocassins com cano alto. — Com uma mão sobre a boca para esconder sua risada, Pequena Ave evitou a crise de riso iminente. — Vou pedir à minha mãe para fazer um par para você.

As fungadas pararam.

— Com miçangas, como as suas?

Sua amiga assentiu.

— Até que fiquem prontas, este saco terá que servir — disse Andrew. Recolocando o sapato no delicado pé de Suzanne, ele deu um novo nó nos cadarços. — Pronta para tentar de novo?

Com cuidado, a menina baixou o pé.

— Tente escovadas suaves e agradáveis. Quando você terminar com o rosto e a cabeça, jogue a crina para o outro lado e vá descendo pelo pescoço até os ombros.

Cruzando os braços, Andrew encostou-se no apoio da barraca e observou os movimentos hesitantes. Ela pegaria o ritmo com a prática. A garota era afiada como uma lança, apesar de seu jeito excessivamente exigente. Andrew tinha que admitir, no entanto, que não estava ansioso para ensiná-la a limpar as narinas e o ânus de seu pônei.

— Um bom cavaleiro prepara seu cavalo duas vezes por dia — ele disse severamente, começando a preparar o terreno.

— Eu sei. De manhã e à noite, depois do toque de recolher.

— Você estará na escola pela manhã, mas espero que você se apresente aos estábulos todas as tardes às cinco. Se eu não estiver aqui, os soldados Rafferty ou O'Shea virão te observar.

Franzindo a testa em concentração, Suzanne passou a escova no pescoço do pônei. O animal de pele manchada ondulou sob seu toque. Uma ou duas vezes, a bichinha virou a cabeça, como se para verificar o progresso.

— Quando vou poder montar nela?

- Quando aprender a cuidar dela.
- Quando será isso?
- Em algumas semanas, talvez. Vamos ver.

A impetuosa menina parou. Seus acusadores olhos castanhos erguidos em direção aos dele.

— Isso é o que mamãe diz quando ela não quer fazer alguma coisa. Vamos ver. Ela acha que eu vou esquecer, mas eu nunca esqueço. — Seu rostinho adorável assumiu uma expressão decididamente teimosa. Uma nota desafiadora penetrou em sua voz. — Assim como não esqueci meu pai. Nós vamos encontrá-lo quando tivermos dinheiro.

— Talvez ele encontre vocês primeiro — Andrew respondeu calmamente.

— Eu espero que sim! Então eu vou pedir que me mostre como montar em Daisy. É assim que eu vou chamá-la — ela anunciou com um balançar de seus cachos. — Porque você amassou minha outra Daisy.

Levaria muito tempo para que compensasse aquele crime hediondo, Andrew sabia disso. E muito mais tempo para banir aquela irritante sensação de responsabilidade por Julia e sua filha. Elas haviam permanecido em seus pensamentos nas últimas semanas; de alguma forma se costuraram nos tecidos de sua rotina. A ideia de Philip Bonneaux ensinar Suzanne a montar em seu pônei o incomodava mais do que ele estava disposto a admitir. Quase tanto quanto a ideia de Bonneaux colocar as mãos em Julia.

A possessividade irritante de Andrew em relação à sua antiga esposa havia começado como uma pequena úlcera, mas agora corroía suas entranhas como uma fera aprisionada. Não podia esquecer que fora o primeiro a reivindicar seu coração e corpo, o primeiro a despertá-la para a paixão. A paixão ainda estava lá, mesmo depois de todos aqueles anos, fervendo sob a superfície de sua pele.

Julia havia se soltado de seus braços e se afastado rapidamente depois do beijo devastador de duas noites atrás, mas Andrew não era nenhum idiota, nem um pouco inexperiente. Sentira a reação dela, provara o desejo que fluía tão quente e faminto em suas veias quanto nas dele. Ela o desejara por aqueles poucos e ardentes segundos. Tanto quanto ele a quisera.

Todos os músculos de seu corpo se retesaram ao pensar em outro homem apagando as chamas daquele desejo, outro homem passando as mãos e os lábios pela pele febril dela. Lutando contra uma careta, ele se agachou para mostrar a Suzanne como usar o pente na crina do pônei.



Quando Suzanne terminou de escovar e alimentar seu pônei, Andrew escoltou as duas garotas para o prédio que abrigava os escritórios dos ajudantes do posto. Localizado no extremo oeste do campo de parada, bem na curva do rio, a estrutura ficava quase no topo do antigo forte de comércio de peles. Era uma instalação ampla, construída em uma mistura de madeira e adobe, com várias adições projetadas por diferentes arquitetos.

Além de abrigar os registros dos postos e da companhia, o prédio também servia como um centro social não oficial. A sala da biblioteca continha mais de trezentos volumes, além de vários jornais e revistas, enquanto a sala de música ostentava um piano vertical e uma seleção surpreendente de partituras.

Um grande salão na parte de trás do prédio servia a uma infinidade de propósitos. Era ali que o capelão ministrava cultos aos domingos e onde bailes de máscaras e shows de menestréis eram realizados. Ali, também, o soldado Jacobs conduzia suas palestras noturnas sobre botânica e borboletas. E era ali que Julia iria ministrar aulas.

Os bancos e mesas do salão estavam agora alinhados para formar escrivaninhas para as crianças que se apresentariam para as aulas na manhã seguinte. Haveria vinte e três, uma Julia nervosa informou a Andrew quando ele chegou com Suzanne e Pequena Ave. A maioria eram filhos do pessoal alistado, embora alguns civis, Sioux e Cheyenne também fossem enviar seus filhos.

— Onde Pequena Ave e eu nos sentaremos, mamãe?

— Na primeira fila, perto da janela.

Enquanto as meninas testavam seus lugares, Andrew apoiou o quadril na mesa robusta que servia à professora.

— Você tem tudo o que precisa?

Apressada Julia enfiou um lápis no cabelo trançado.

— Sim, eu acho que sim. O sargento Snyder tem sido muito útil.

Se alguém podia encontrar o que fosse necessário para a sala de aula, este era Leodegar Snyder. O sargento havia chegado a Forte Laramie com o contingente original de infantaria em 1849. Perdera sua primeira esposa para a cólera e, posteriormente, casou-se com uma lavadeira que chamavam de Janet Vesga. Atualmente, ele servia como bibliotecário do posto e como mestre entre seus muitos outros deveres.

— Avise-me se houver alguma coisa que o sargento Snyder não consiga resolver para você.

Ela lançou um rápido olhar ao redor da sala.

— Tudo o que posso pensar neste momento é um novo conjunto de mapas para as aulas de geografia. Aquele está tristemente ultrapassado.

Andrew deu uma olhada no mapa de tela pintada pregado a uma parede.

Representava as fronteiras dos Estados Unidos antes da guerra com o México, que havia trazido o Texas e a Califórnia para a União.

— O comerciante disse que poderia trazer um novo conjunto em sua próxima remessa de mercadorias — explicou Julia —, mas seus preços são caros demais.

— Eu posso fornecer mapas militares mais atuais como uma medida temporária, mas você também pode pedir ao comerciante para fazer o pedido. O fundo especial de bem-estar e moral dos oficiais pode suportar o custo.

— Eu não sabia que os oficiais tinham um fundo de bem-estar e moral.

— Bem, ele não é oficial.

— Não é oficial?

Sorrindo, Andrew confessou a verdade.

— Nós colocamos um dólar de cada um em um pote de tabaco durante nossos jogos de pôquer no Old Bedlam nas noites de sábado. Este pote financia tudo, desde os espetáculos de leitura do Tenente Stanton-Smith até a entrega recente de duas caixas de uísque do Tennessee.

Estupefata pelo sorriso que suavizou os ângulos duros de seu rosto másculo, Julia mal ouviu a explicação. Por um momento fugaz, ele a fez lembrar tanto do Andrew Garrett que uma vez conhecera, que o desejo e o desespero a agarraram em um aperto brutal.

O que estava acontecendo com ela? Por que estava tão atraída por aquele homem? Havia odiado por tanto tempo e enterrado suas lembranças tão profundamente. Como ele ainda conseguia agitar seu sangue com um simples sorriso? Ou acelerar seu pulso apenas com o cheiro de couro e cavalo que se agarrava ao seu uniforme?

Ele havia enrolado as mangas nos antebraços e abriu o colarinho da camisa do uniforme em concessão ao calor. Se ela estendesse a mão, poderia traçar o dedo indicador ao longo do caminho prateado deixado por um fio de suor. Se por acaso se inclinasse para frente apenas um ou dois centímetros, poderia moldar seus lábios aos dele como fizera duas noites antes.

Abalada pela intensidade de sua necessidade de fazer exatamente isso, Julia se virou. Seu coração pulou uma batida quando ela encontrou um par de olhos castanhos carrancudos observando-a de uma mesa na primeira fila.

— Não está gostando do seu assento? — ela perguntou, ensaiando um sorriso hesitante.

— Não. — Franzindo os lábios com uma expressão decidida, Suzanne levantou-se do banco e marchou para o outro extremo da sala. — Eu vou me sentar aqui.

O coração de Julia afundou no peito quando notou que até sua filha havia

percebido o que todos os outros no posto já sabiam – que seu relacionamento anterior com o major Andrew Garrett não terminara com o estalido de uma pistola em uma noite escura em Nova Orleans. Ainda estavam amarrados por velhas mentiras e novas circunstâncias, nenhuma das quais Julia queria se dispor a explicar a uma criança de cinco anos.

Nada disso ela poderia explicar. Julia simplesmente não conseguia entender como as ânsias de seu corpo traiçoeiro poderiam diminuir a dor que sofrera nas mãos de Andrew. Ou como cada dia que passava em Forte Laramie podia tornar ainda mais indistinta a lembrança do rosto de seu marido. Lutando contra um sentimento de pânico, virou-se com um sorriso determinado em direção a Andrew.

— Se você tem certeza de que seu fundo pode arcar com o custo, farei o pedido de novos mapas assim que terminar aqui.

Ele pegou a deixa e levantou-se para sair. Resolutamente, Julia ocupou-se com os livros que o sargento Snyder havia retirado do depósito da biblioteca e se recusou a pensar em como a sala de aula parecia vazia quando Andrew saiu.



Para surpresa da própria Julia, ela provou ser uma professora bastante competente. Seu alívio secreto ao abandonar o trabalho penoso das bacias a infundiu com um entusiasmo que logo superou até mesmo a indignação de seu aluno mais teimoso em ser mandado de volta à escola no meio do verão.

Seu status único no posto também lhe concedia uma autoridade que o anterior não lhe dera. Apesar de não ser tecnicamente uma esposa de oficial, ela também não era da Suds Row. Os pais de seus alunos os haviam instruído o suficiente para que soubessem que ela carregava certo prestígio que vinha diretamente do major Garrett.

Ela passou a primeira semana simplesmente conhecendo seus alunos e classificando-os quanto à idade e habilidade. A segunda, tirou para ajustar suas lições às pressas para acomodar sua ampla gama de interesses. A própria educação conventual de Júlia havia enfatizado a oração, a literatura e a costura de vestes de sacerdotes e panos de altar. Ela logo descobriu que as obras populares de Washington Irving e James Fenimore Cooper tinham muito mais apelo para as crianças criadas na fronteira do que Shakespeare ou Jane Austen, e que a costura era tão pouco interessante para os alunos quanto era para ela.

Também descobriu uma riqueza de conhecimentos espalhados entre os soldados. Soldado Lowenstahl, com seus magníficos bigodes loiros e excelente

capacidade de dança, ofereceu-se para ensinar uma hora de música a cada semana, auxiliado por um dos corneteiros da companhia, que também se mostrara extraordinariamente proficiente no piano, banjo e gaita. O soldado Jacobs ampliara suas palestras sobre botânica para incluir passeios pela natureza que tiravam os jovens da sala de aula e davam a Julia uma ou duas horas de tranquilidade abençoada para arrumar a sala de novo. Até mesmo o ordeiro do coronel, o cabo Gottlieb, ofereceu seus serviços. Levando a sério o comentário casual de Julia de que ela gostaria de aproveitar a diversidade da população do posto para complementar as lições de história e geografia, o cabo elaborou uma lista de tarefas. Soldados de extração russa, francesa, alemã, irlandesa, norueguesa e outros apareciam em dias designados, com seus rostos vermelhos e suando em seus melhores uniformes.

Consciente de que pelo menos um quarto de seus alunos eram de sangue branco e indígena, Julia também planejou uma série de visitas à sua sala de aula por representantes das tribos Cheyenne, Sioux e Arapaho. Nisso, ela encontrou uma resistência inesperada.

O primeiro alerta veio de Mary Donovan, que convidou Julia para tomar chá com ela em uma tarde de domingo, pouco depois de julho, em agosto. Embora Julia tivesse visitado a casa de Mary em várias ocasiões, aquela era a primeira vez que recebia um convite formal. Consequentemente, ela vestiu a si mesma e a Suzanne com seus melhores vestidos e usou um guarda-sol para protegê-las do sol enquanto faziam a curta caminhada até os aposentos de Mary.

Como os outros apartamentos do Suds Row, o do sargento-mor Donovan consistia em apenas dois quartos. Para acomodar seus sete filhos, deste e de outros casamentos anteriores, o sargento havia recebido permissão para derrubar uma parte da parede dos fundos e acrescentar uma inclinação. Ele e Mary também haviam recolhido móveis suficientes ao longo dos anos para tornar seus aposentos mais confortáveis do que a maioria. Um carpete preto e rosa cobria o chão da sala da frente, que continha um sofá corcunda e poltrona, além de uma casinha de noqueira esculpida à mão e mesa de jantar resistente. O que podia ser visto da sala dos fundos, além da divisória, mostrava uma cômoda e uma cama coberta com mosquiteiro.

Graciosamente, Mary convidou Julia para a sua sala de estar. Depois de servir Suzanne e sua própria ninhada com biscoitos feitos de farinha amaciado em água, depois assados com uma cobertura de mel e polvilhados com açúcar mascavo grosso, ela sugeriu que os jovens fossem até o quintal para brincar.

— O que eu tenho a dizer não é para os ouvidos deles — ela explicou calmamente depois que as crianças obedientemente saíram. Servindo uma nova leva de chá em uma xícara de porcelana pintada de rosa, Mary acrescentou leite,

açúcar e devolveu-a à sua convidada. Perguntando-se o que no mundo a lavadeira poderia querer falar com ela e que ocasionara tamanha formalidade, Julia bebeu a bebida açucarada.

— Meu segundo filho, Patrick, me contou sobre o seu plano de trazer os guerreiros Sioux para a sala de aula — a mulher mais velha disse enquanto servia seu próprio chá. — Eu não tenho que me meter nas coisas que você faz, mas me pergunto se você chegou a pensar melhor sobre isso.

— O que você quer dizer?

— Bem, muitas das crianças da sua classe perderam pais para os Sioux e Cheyenne, incluindo três dos meus filhos.

— O pai de Patrick e Sheila foi morto em ação?

— Não, o pai deles era meu segundo marido, que Deus condene sua alma. Ele se afogou em seu próprio vômito depois de derramar um galão de uísque pela garganta. Foi o meu primeiro que levou uma flecha Sioux no pescoço, na Batalha de Yellow Gorge, em 1859.

— Eu não sabia.

— Não, mas como poderia saber?

O sorriso tranquilizador de Mary desapareceu. Memórias proporcionaram sombras em seus olhos azuis opacos.

— Ele estava com a Companhia D, 3a Infantaria. Tinham sido enviados de St. Paul a Forte Wadsworth, no Rio Minnesota. Eu estava com seis meses de gravidez e viajando em um vagão na parte de trás da coluna com o resto das mulheres. Uma tempestade surgiu e nos pegou ao ar livre. Era um frio intenso, com nevascas até o peito dos homens. Na terceira noite, duas das mulas congelaram onde estavam. No quarto dia, os Sioux atacaram. Meu marido só teve tempo de me passar sua pistola e me avisar para me manter na carroça antes de cair.

O calor abafado dentro dos aposentos limpos inflava a pele de Julia sob suas camadas de roupa, mas a história de Mary a arrepiara até os ossos. Ela quase podia sentir o frio nevado em seu rosto, quase ouvir os tiros e gritos dos feridos.

— Eu fiquei lá o dia todo, cobrindo meus bebês o melhor que pude com o meu corpo. Os Sioux não eram páreo para as carabinas do exército, é claro, mas eles juntaram pessoas suficientes para abaterem nossos rapazes.

Com um leve chiado de porcelana chinesa, ela colocou a xícara no pires. Quando encontrou o olhar de sua convidada novamente, seus olhos apresentavam uma tristeza que acalmou a respiração de Julia.

— Tivemos que recuar para um lugar mais alto e deixar os mortos onde estavam. Dois soldados abriram um túnel através da neve naquela noite e

conseguiram arrastar seis feridos para trás de nossas linhas.

Quando a batalha acabou e nós reivindicamos o resto dos corpos de nossos homens, eu quase não reconheci o meu próprio marido. Eles tinham escalpelado seu cabelo, claro, para pendurar como um troféu. Também cortaram sua língua, rasgaram sua barriga e cortaram seus tendões para que ele não pudesse falar, comer ou caminhar no outro mundo.

— Meu bom Deus!

Julia lera sobre essas atrocidades. Jornais do Leste publicaram relatos sangrentos de ataques isolados a trens por décadas. Todos os viajantes que se dirigiam para o oeste eram avisados por mestres de vagões e guias de trilha que estavam arriscados a terem o mesmo destino. Ouvir os detalhes de um ataque indígena de uma mulher que os experimentara em primeira mão, no entanto, era bem diferente do que ler sobre eles nos jornais.

— Eu não estou dizendo que nossos soldados não escalpelam de vez em quando — disse Mary. — Ouvi dizer que alguns deles chegam a esfolar peles. Não é algo que eu ou qualquer alma decente compreenderia, então, você pode entender por que nós não queremos que nossos filhos aprendam sobre os guerreiros Sioux.

Julia se sentiu obrigada a oferecer um protesto simbólico.

— No entanto, Pequena Ave e outras crianças das tendas assistem às aulas e aprendem sobre nós.

— É assim que deve ser — disse a lavadeira com uma lógica que não estava aberta a discussões.



O coronel Cavanaugh ecoou os sentimentos de Mary quando convocou Julia ao seu escritório no dia seguinte, mas usou muito menos restrição tanto em sua linguagem quanto em suas observações. As orelhas de Júlia ardiam no momento em que ele a dispensara com ordens estritas de manter os livros fornecidos pelo Exército e não contaminar as crianças ensinando-lhes sobre os diabos vermelhos pagãos.

Com Andrew em patrulha, ela não tinha mais ninguém a quem recorrer sobre o assunto. Quando ele voltou quatro dias depois, ela abandonou a ideia. Deveria se lembrar das observações contundentes do coronel nas próximas semanas, no entanto.

Mas, em contrapartida, não foi Julia quem contaminou as crianças no posto, mas um muleiro desdentado e com pele que mais parecia de couro, chamado

Jackdaw Bill. Ele surgiu no Rancho Coffee's Hog a cerca de 5 quilômetros de Forte Laramie numa noite no início de agosto, já caindo bêbado e rugindo para a prostituta de seios grandes que lhe satisfizera quando ele passou por lá no ano anterior a caminho do desfiladeiro de Adler.

Enquanto esperava que Sarah Gorda se tornasse disponível, ele manteve as tropas no rancho para uma rodada de bebidas. Soldado Rafferty estava entre os homens de casaco azul presentes no bar. Além de beber vários copos de uísque, Rafferty enchera o muleiro de perguntas para obter informações sobre Adler's Gulch. As orelhas do policial se animaram quando o homem admitiu que se deparara com um francês chamado Bonnet, Bonnaville ou algo assim.

No momento em que finalmente chegou a vez de Jackdaw Bill com Sarah Gorda, seus intestinos se agitavam com o uísque ruim. Pelo menos, ele achava que era o uísque. Qualquer que fosse a causa, o homem estava suando tão profusamente que mal conseguira evitar escorregar da enorme barriga da prostituta bem-humorada. Ele conseguira seu alívio, então, correr de volta para o bar para beber pelo resto da noite.

Ninguém lhe dera a menor atenção quando saiu do estabelecimento na manhã seguinte, então, ele amarrou as mulas e se arrastou até a carroça. Tonto e fraco das corridas que sujaram suas calças e o mantiveram cambaleando para o banheiro durante toda a noite, Jackdaw Bill saiu da cidade. Ele chegou até o Platte, onde parou para novamente fazer suas necessidades e caiu de cara na água lamacenta. Ele se afogava ao mesmo tempo em que Andrew saía para informar a Julia que Philip Bonneaux estava morto.





CAPÍTULO DOZE

Andrew atravessou a parada, indo em direção ao prédio de madeira no extremo oeste. Uma brisa forte abria as abas do paletó do uniforme. O vento soprava do norte, carregando a primeira promessa de que o verão sufocante logo terminaria. Embora os calendários mostrassem que era apenas a primeira semana de agosto, o inverno poderia chegar a qualquer momento.

A neve geralmente não cobria a camada azul do Pico Laramie, subindo a cerca de sessenta quilômetros de distância até outubro, mas Andrew aprendera da maneira mais difícil que não deveria tentar prever o clima nas planícies. Sabia-se que as tempestades desciam das montanhas já em agosto ou setembro, impedindo caçadores e viajantes de se abrigarem.

Pensamentos sobre o clima brincavam pesadamente em sua mente enquanto subia os degraus da estrutura de madeira que abrigava o escritório, a biblioteca e a sala de aula. Julia teria de partir dentro de algumas semanas para evitar os perigos das viagens de inverno se decidisse voltar para o Leste quando Andrew lhe contasse o que Rafferty havia descoberto no Rancho Coffee's Hog na noite anterior.

Esse "se" ricocheteou em sua mente como um tiro disparado de um canhão. Pensar em Julia fazendo as malas e partindo de Forte Laramie cavava um buraco do tamanho de um punho em seu peito. Ele a havia perdido uma vez para outro homem. Não a perderia novamente. Mas aquele não era o momento de lhe dizer isso. Agora, sua tarefa era informá-la de que o marido que ela viajara até ali para encontrar morrera em uma briga de bar.

Com o maxilar cerrado, Andrew passou a passos largos pelo escritório do ajudante, cumprimentando o oficial que se colocou de pé em um pulo com um breve aceno de cabeça. Seus saltos de botas batiam no piso de tábuas e

anunciaram sua chegada bem antes de sua batida na porta da escola.

Julia estava no quadro-negro que o sargento Snyder havia pintado para ela. Usava uma saia de seda listrada em tons de cereja e uma blusa branca recatada de gola alta com mangas de carneiro bufantes. Os raios de sol que penetravam pelas janelas captavam o tom azul-escuro do cabelo trançado em sua costureira e elegante coroa. Ela olhou para cima quando Andrew apareceu na porta. Um leve rubor corou suas bochechas.

— Posso falar com você um momento? — ele perguntou. — Em particular?

— Sim, claro. Peggy, você pode assumir a classe, por favor?

A filha mais velha de Mary Donovan deixou a mesa e veio para a frente da sala.

— Ajude os pequenos com suas caligrafias — Julia instruiu sua assistente. — Vocês, da quarta e quinta fileira, podem trabalhar em suas redações.

Suzanne franziu a testa, contorcendo-se no banco para ver a mãe sair. Andrew havia melhorado seu relacionamento com a menina durante as sessões nos estábulos, mas ainda precisava superar completamente sua hostilidade. Havia uma grande possibilidade de nunca mais ter chance para isso a partir dali.

— Podemos conversar na biblioteca — disse a Julia, saindo de sua frente para permitir que ela o precedesse em direção à sala do outro lado do corredor.

O cheiro de tabaco velho e mofo deu lugar a um ar claustrofóbico. Centenas de livros bem manuseados ladeavam as prateleiras, enquanto os jornais de um mês de idade formavam uma pilha organizada na robusta mesa de leitura que o sargento Snyder havia encomendado para este fim. No início do dia, a biblioteca ficava desocupada, embora uma dúzia ou mais de homens inquietos e entediados a lotassem depois da refeição noturna.

Julia foi até a mesa, esfregando uma das mãos na outra nervosamente enquanto Andrew fechava a porta atrás deles. Quando ele se virou para ela, uma certeza e uma preocupação escureceram seus olhos violeta.

— É sobre Philip, não é? Você recebeu notícias dele?

— Eu recebi notícias *sobre* ele.

Ele tirou o chapéu de campanha de abas largas e começou a girá-lo em suas mãos. A revelação estava se mostrando mais difícil do que ele previra durante a caminhada pela parada. Ou, talvez, a espera para ouvir o que viria depois da notícia fosse o que deixava seus músculos tão tensos.

— O Soldado Rafferty veio me ver hoje de manhã. Ele estava de folga na noite passada e passou algumas horas no Café. Enquanto estava lá, conversou com um muleiro que passou o último inverno em Adler's Gulch.

A respiração de Julia tornou-se mais pesada. Pegando o lábio inferior entre os dentes, ela esperou.

— Rafferty perguntou a ele sobre o seu marido.

Seus olhos preocupados cravaram-se nele como espinhos afiados. Pelo fogo do inferno e pelos trovões! Não havia uma maneira fácil de fazer isso.

Durante seu tempo no Exército, Andrew escrevera dezenas de cartas, entregara inúmeras mensagens para esposas e pais. Deveria ter decorado as palavras certas de conforto ao longo dos anos. Em vez disso, as notícias pareciam se tornar mais difíceis cada vez que as entregava.

— O muleiro disse a Rafferty que ele se lembrava de um negociante francês chamado Bonnet, Bonnville ou algo assim. Ele disse que era um homem astuto com as cartas.

As mãos nervosas de Julia se imobilizaram instantaneamente. Uma expressão de dor inundou seus olhos.

— Philip jurou, antes de partir, que não jogaria nunca mais. Essas foram suas últimas palavras para mim.

— Julia...

Andrew deu um passo em direção a ela. Uma triste resignação substituiu a dor nos olhos da mulher, fazendo-o interromper sua caminhada.

— Eu não acreditei nele — ela disse suavemente. — Queria ter acreditado. Tola que sou, eu quis desesperadamente acreditar. Deveria ter aprendido a lição que você me ensinou todos aqueles anos atrás.

Ele merecia isso, Andrew reconheceu silenciosamente, embora, admitir com tanta certeza, não tornasse mais fácil a coragem de engolir a verdade.

— De acordo com o muleiro, os dias de jogatina do seu marido se acabaram — ele disse baixinho. — Um mineiro bêbado alegou que ele puxou uma carta da manga do casaco. O mineiro atirou nele bem no coração.

— *Mon Dieu!*

Envolvendo os braços ao redor da cintura, ela se virou para olhar cegamente para os volumes encadernados em couro. Momentos se arrastaram com apenas o leve ruído de cavalos do lado de fora a perturbar o silêncio.

Andrew ficou com o chapéu nas mãos. A necessidade de consolá-la o consumia, mas ele sabia que quaisquer condolências soariam tão falsas para os ouvidos dela quanto para os dele. Não podia fingir que lamentava o fato de ela estar livre de um homem que nunca conhecera. Nem podia negar que a liberdade de Julia não fazia diferença para nenhum deles. Ainda assim, não estava preparado para a inclinação teimosa em seu queixo quando ela se virou para encará-lo mais uma vez.

— Philip nunca trapaceou nas cartas em sua vida. Se tivesse feito isso, poderia ter ganhado um pouco mais do que perdeu.

— O muleiro não disse que ele trapaceou, apenas que um mineiro pensou

que sim.

— Quaisquer que sejam as circunstâncias, não acredito que ele esteja morto.

— O quê?

— Eu *não vou* acreditar — ela se corrigiu — até ver a prova com meus próprios olhos.

— E como diabos você pretende obter essa prova? Pretende ir para Adler's Gulch para ver seu túmulo... se é que existe um?

— Se for preciso...

— Pelo amor de Deus, Julia! Você não tem notícias dele há mais de um ano. Agora recebeu uma espécie de confirmação de que ele foi morto. Teria coragem de arrastar Suzanne por quase quinhentos quilômetros de território Sioux e Cheyenne para que ela veja a sepultura do pai?

Seu queixo se inclinou um pouco mais.

— Não se atreva a me dizer o que eu deveria ou não fazer, ou no que eu deveria ou não deveria acreditar! Uma vez eu o vi deitado em uma poça de sangue. Acreditei em meu tio quando ele me disse que você estava morto. Recuso-me a acreditar em boatos sobre Philip.

— Boatos? — A fúria se elevou depressa e cálida no peito de Andrew quando absorveu as palavras de Julia. — Acha que inventei este muleiro? Ou que mentira para você sobre seu marido?

— Eu não sei o que pensar agora — ela retrucou — embora...

— Embora o quê? — ele perguntou perigosamente.

— Nós dois saíamos que você já mentiu para mim antes.

Se ela tivesse pegado um cabo de machado e o tivesse acertado na cabeça, os golpes não seriam tão dolorosos quanto aquele. Andrew deu alguns passos à frente, sua raiva explodindo como tiros em suas veias.

O coração machucado de Julia acolheu a raiva que vira ardendo nos olhos de Andrew. Ela merecia sua raiva e pior. Muito pior. Enquanto vivesse, nunca se perdoaria pelo surto de alívio que a acometera ao saber que sua angustiante incerteza sobre o paradeiro de Philip finalmente acabara. Ou por sua repentina e culpada percepção de que ela estava livre para amar novamente.

A culpa a fizera atacar Andrew. A culpa agora a mantinha rígida como uma estátua enquanto ele lutava para controlar sua fúria.

— Este não é o momento nem o lugar para dizer o que precisa ser dito entre nós — ele disse. — Mas a hora chegará, Julia. E muito em breve.

— Este é um momento ou lugar tão bom quanto qualquer outro. Diga o que você quiser.

— Não, você precisa de tempo para...

— Diga, Andrew! Sem mentiras. Sem mascarar a verdade.

Por um momento, ela pensou que o tinha incitado a soltar as rédeas que vinham segurando seu temperamento.

— Você precisa de tempo — ele rosnou novamente. — Conversaremos mais tarde, quando nossas emoções tiverem esfriado.

Suas palavras soaram na cabeça de Julia pelo resto daquele dia longo e doloroso. De alguma forma, ela terminou as aulas da manhã e se recompôs durante o intervalo do meio-dia, mas a tarde passou em um borrão de preocupação sobre o que dizer a Suzanne sobre seu pai.

O olhar empático no rosto de Mary Donovan quando ela foi aos aposentos de Julia depois do jantar resolveu o problema. Boatos já circulavam pelo posto, confirmou a lavadeira. Como era apenas uma questão de tempo até que sua filha ouvisse alguma versão da história, Julia soube que tinha que contar a ela.

Como ela esperava, Suzanne recebeu a notícia da possível morte de Philip com uma tempestade de lágrimas.

— Não, mamãe! Não! Papai está nos esperando no Território de Montana. Você disse que íamos encontrá-lo.

— Sinto muito, *ma petite*.

— Ele não está morto! — Lágrimas escorriam pelas suas bochechas. — Ele não está! Não está!

Julia segurou-a nos braços e a embalou até que a criança caísse em um sono exausto. Desejando que pudesse fazer o mesmo, colocou a menina na cama e ficou rondando por seus aposentos até que a culpa e as dolorosas dúvidas sobre o futuro a deixaram exausta demais para pensar.

Felizmente, o dia seguinte era um sábado. Sem escola para ensinar, Julia passou-o com uma Suzanne chorosa e de olhos vermelhos e se obrigou a receber inúmeras visitas.

Uma solene Pequena Ave e sua mãe trouxeram um bolo de pemmican como consolo pelo luto. Andarilha da Lua falou pouco, mas Julia apreciou tanto seu presente quanto sua companhia tranquilizadora.

As lavadeiras seguiram em seu rastro, uma após a outra, oferecendo uma simpatia inábil. Maria Schnell e as esposas dos oficiais foram também. Até mesmo Victoria McKinney fez a viagem a Suds Row depois de uma noite. Julia tinha acabado de soltar os cabelos para lavá-los quando o choro de um bebê anunciou sua visitante. Apressadamente, ela voltou a abotoar os botões de cima da blusa e a ajeitou.

A falsa simpatia e curiosidade de Victoria em saber sobre os futuros planos de Júlia acabaram com os nervos de sua anfitriã. A visita durou menos de vinte minutos. Afastando a mulher com mais firmeza do que cortesia, Julia caminhou

até o final dos alojamentos e bateu na porta de Mary.

— Peggy poderia ir cuidar de Suzanne? Eu preciso andar e pensar um pouco.

— É claro. Você precisa de alguém para conversar? Posso pegar meu xale e ir com você.

— Não, obrigada. Eu só preciso pensar.

O ar do começo da noite carregava um frescor suave. Depois de ver Peggy acomodada com uma vela e seus livros, Julia pegou seu próprio xale e foi caminhar ao longo da margem do rio. Rãs soavam em seu coaxar profundo, enquanto ela lutava com a culpa que ainda ameaçava sufocá-la.

Por que ela não conseguia chorar por Philip?

Por que ela sentia apenas uma dormência vazia?

Embora ela tivesse dito a Andrew que não acreditaria na morte de seu marido até que visse a prova com seus próprios olhos, sabia em seu coração que ele tinha partido. Sabia, também, que estava perdido para ela há mais de dois anos, desde que saíra para encontrar a fortuna que sempre parecera fora de seu alcance. Apesar de todo seu charme e sorrisos descuidados quando estava em casa, o vício de Philip pelo jogo os afastara mais e mais a cada ano que passava.

Na sua ausência, Julia fora a única a lidar com os credores irritados e impacientes. E fora Julia quem vendera seus pertences, peça por peça, até que restasse nada a não ser as promessas vazias e os esquemas grandiosos de seu marido. Mas agora até mesmo eles tinham terminado.

O que ela deveria fazer? O que *poderia* fazer?

Não havia como voltar a Nova Orleans. Nem para Mobile. Não tinha mais família para aceitar a ela e a Suzanne, e Philip cortara relações com todos anos antes de Julia o conhecer. Nem poderia ir para Adler's Gulch. Apesar das palavras iradas que dirigira a Andrew, ela não arrastaria a filha por quilômetros de território hostil para ver um túmulo.

Só lhe restava ficar naquele lugar, ela reconheceu com um nó na garganta. Pelo menos por enquanto.

Estava parada na margem, mordendo o lábio inferior. Mais abaixo, ao longo do rio, as luzes do posto principal piscavam no começo do anoitecer. A massa quadrada e sólida que era o edifício Old Bedlam se erguia acima dos outros e contra o céu a pique. Julia ficou quieta e em silêncio, olhando para a luz dourada que saía de suas janelas.



A noite escurecera o céu quando os degraus da frente de Old Bedlam rangeram sob seus pés. De suas visitas anteriores, ela sabia que os aposentos e escritórios do coronel Cavanaugh ocupavam a ala sul. Andrew ocupava dois quartos ao norte. Para alcançá-los, ela atravessou um corredor central longo e mal iluminado que cheirava a tabaco e sola de botas.

O soldado O'Shea respondeu à batida hesitante de Julia. As sobranceiras do homem se ergueram quando ele viu quem estava do outro lado da soleira. Ela forçou um sorriso simples e educado.

— Eu gostaria de conversar com o Major.

— Ele está lá em cima com os outros oficiais, senhora. Quer entrar e esperar enquanto eu vou buscá-lo?

Assentindo, ela entrou. O'Shea pegou a jaqueta do uniforme, que estava pendurada em uma cadeira, e fez uma mesura para ela antes de sair correndo.

Deixada sozinha por alguns minutos, Julia olhou ao redor com curiosidade. Embora os oficiais do posto fizessem festas frequentes e saraus em seus aposentos, ela recusara a maioria dos convites que recebera nos últimos meses. Sentia-se muito cansada depois de se inclinar sobre as bacias durante todo o dia. Por outro lado, a estranheza de sua situação a deixara desconfortável em reuniões sociais. Consequentemente, aquele era seu primeiro vislumbre de como os oficiais de alta patente viviam.

Se os aposentos de Andrew eram alguma indicação, eles viviam tão austeramente quanto o resto dos moradores de Forte Laramie. O contramestre obviamente havia fornecido o fogão de ferro fundido e a mesa de tábuas de madeira, mas Andrew complementara o mobiliário básico com peças de seu gosto. Um tapete grosso de pele de búfalo cobria o chão. Sabres cruzados estavam pendurados em uma parede e uma impressão emoldurada de West Point em outra. Cadeiras de campanha dobráveis forneciam assentos mais do que adequados, enquanto as prateleiras continham uma coleção de livros encadernados em couro.

Um em particular chamou a atenção de Julia. Aproximando-se, ela olhou para a imagem primorosamente pintada. A mulher do retrato oval tinha os cabelos escuros e os olhos iguais aos de Pequena Ave, amadurecidos e com uma sensualidade impressionante. Garota de Pele Dourada, Julia imaginou, estranhamente desconcertada pôde finalmente conhecer o rosto da lenda.

Tábuas de madeira rangendo no corredor a avisaram da aproximação de Andrew. Ela se virou, passando as palmas das mãos na frente da saia. O nervosismo repentino a atacou. Ela deveria ter adiado aquela visita, pensou. Esperado um pouco mais, como Andrew insistira para fazer.

Não, o tempo não mudaria nada, exceto, talvez, abafar o vazio dolorido em

seu coração. Ela não podia se dar ao luxo de esperar que isso acontecesse. Mentalmente, ensaiou o que pretendia dizer ao major, mas o homem que entrou na sala, um momento depois, parecia tão pouco com o oficial que ela se acostumara a ver que as palavras fugiram.

Ele ainda usava as botas e calças azuis do uniforme, com a faixa de cavalaria em cada perna, mas seus suspensórios estendiam-se sobre uma camisa de pano largo não tingida. Aberta no pescoço e com as mangas arregaçadas, o tecido bem lavado moldava seus ombros. Pequenos redemoinhos de pelos no peito surgiam acima dos botões desabotoados da camisa, parecendo dourados contra a pele bronzeada.

Ele fechou a porta atrás de si, e seus olhos azuis a observavam com atenção.

— Você está bem?

— Sim. Melhor do que na última vez em que conversamos.

Ela passou a língua ao longo dos lábios secos com nervosismo. Acabara de lhe ocorrer que aquela era a primeira vez que ficava sozinha a portas fechadas com Andrew desde a noite de núpcias há tantos anos.

Meu Deus do céu! Como ela conseguia se lembrar daquela noite, com todos os seus detalhes, mas ainda lutasse para se lembrar do rosto de Philip? Sufocada pela culpa que se acumulava sobre seus ombros mais uma vez, ela focou no assunto que a levava até ali.

— Você tinha razão, Andrew. Eu não estava pensando coerentemente naquele dia na biblioteca.

— Isso é compreensível, dadas as circunstâncias.

— Eu ainda não consigo pensar com muita coerência. — Torcendo uma ponta do xale em volta dos dedos, ela brincou com a franja preta. — Estava andando ao longo do rio, tentando decidir o que devo fazer.

A expressão de Andrew ficou impassível e vigilante.

— O que você decidiu?

— Nada ainda...Eu... eu precisava falar com você primeiro. — Reunindo sua coragem, ela ergueu o queixo. — Você disse que havia assuntos pendentes entre nós. Eu preciso que conversemos agora, Andrew. Agora, antes de determinar o que devo fazer a seguir.

Ele ficou em silêncio por tanto tempo que os nervos de Julia chegaram perto de se desfazerem. Ela estava considerando sair porta afora como um raio quando ele lançou o desafio de volta para ela.

— Você quer que eu seja direto?

Seu coração batia com tanta força contra as costelas que ela tinha certeza de que ele poderia ouvir sua pulsação.

— Sim.

Ele se moveu em direção a ela, um passo lento de cada vez. Seu olhar atento a observava com cautela.

— Eu quero você, Julia. Nos meus braços. Na minha cama. Apesar dos anos e das mágoas que existem entre nós, eu quero a mulher que você se tornou, mais do que sempre quis a garota que conheci em Nova Orleans.

Era o que ela esperava. Não mais. Não menos. A verdade, sem tinta ou verniz. Ele a queria. A admissão contundente exigia uma resposta igualmente honesta. Engolindo o nó na garganta, ela forçou-se a falar através dos lábios rígidos.

— Eu não te amo. Não tenho certeza se posso confiar em você outra vez, mas eu...

Um músculo saltou ao lado da mandíbula de Andrew.

— Você o quê, Julia?

— Eu...

Lá estavam suas nobres intenções! Ela não podia desnudar sua alma ali, não podia admitir que precisava dele, que ansiava por seu toque e sua força. Que desejava se perder no desejo que Andrew não fazia nenhum esforço para disfarçar. Por apenas um momento. Apenas uma noite.

Por causa de Suzanne, ela vinha lutando por tanto tempo, erguendo a cabeça com orgulho, mesmo quando queria se afastar e esperar. Naquele momento, só por alguns instantes, precisava de alguém mais forte do que ela, alguém que não exigisse mais nada do que aquilo que estava disposta a dar.

O que ela *queria* dar, que Deus a ajudasse!

Felizmente, Andrew não parecia precisar ouvir as palavras. Um brilho forte surgiu em seus olhos. Julia reconheceu imediatamente o que era. Uma mistura de vitória, de satisfação, de desejo masculino tão cru e intenso que ela sentiu as entranhas se revirarem.

Mal teve tempo de absorver o choque antes de Andrew diminuir a distância entre os dois. Sentiu o calor que emanava, a tensão que fervia de seu corpo e do dela. Então, Andrew colocou a mão sob o seu queixo e inclinou seu rosto em direção ao dele.





CAPÍTULO TREZE

Andrew pretendia apenas prová-la. Apenas o suficiente para satisfazer a dor que ameaçava deixá-lo permanentemente aleijado. Reconhecera a loucura de tudo aquilo no instante em que Julia envolveu os braços ao redor de seu pescoço. Como um córrego caindo da montanha no início da primavera, os sentimentos que ele tentou tão duramente manter trancados começaram a explodir em cadeias.

Julia estava pressionada contra seu peito, virilha e coxas. A mesma Julia cuja boca se abrira tão urgentemente sob a sua. A mulher que ele odiava tanto quando amava. A esposa que ele tanto tentou esquecer.

Ela não o amava. Não confiava nele. Mas ela o queria com a mesma fome crua que ele sentia. Podia notar isso no jeito como ela se pressionava contra ele, como o provava no emaranhado ganancioso de suas línguas e lábios.

Andrew disse a si mesmo para ir devagar. Na verdade, acreditava que um mero beijo satisfaria a dor. Como um idiota, tentou até recuar quando sentiu seu membro se endurecer com uma intensidade rápida e dolorosa.

— Não. Não se afaste. Por favor, Andrew.

Meio sussurrou, meio gemeu contra seus lábios, e o apelo destruiu todos os pensamentos que ele teve a respeito poupá-la ou a si mesmo.

Ela não o amava.

Ela não confiava nele.

Mas ela o queria.

Endireitando sua postura, ele passou um braço ao redor de sua cintura e puxou seu corpo contra o dele. Havia lidado com ela com muita gentileza na primeira vez. Teve o cuidado de não machucar a pele macia ou de feri-la na primeira e dura penetração. Daquela vez, a necessidade de reivindicá-la, de

deixar sua marca, obrigava-o a franzir os lábios e cerrar os punhos.

Ela deu boas-vindas à investida dele com uma ferocidade que combinava com a dele, como se também não quisesse lembrar como as coisas tinham sido antes. Não era uma exploração doce e terna, nem um lento apagar das chamas. Aquele era um lampejo de calor, um jogo ganancioso de boca a boca e quadril a virilha.

Torcendo o cabelo longo ao redor do punho, Andrew puxou a cabeça de Julia para trás. Seu pescoço se arqueou. Seus quadris se inclinaram ainda mais intimamente contra os dele. Ele sentiu o inchaço de sua intimidade contra sua virilha e precisou arrancar sua boca da dela ou a teria arrastado para o chão ali mesmo. Seus olhos percorreram suas bochechas coradas e a inclinação de suas sobrancelhas negras.

— É assim que me lembro de você — ele rosnou, mais para si mesmo do que para ela. — Quando me permito pensar no que tivemos.

Ele não pretendia feri-la com palavras, mas ela se encolheu e abriu os olhos. As velhas fúrias e mágoas os enegreciam, dando-lhes um tom de púrpura.

— Se vamos falar do passado, devo dizer que não é assim que me lembro de você.

Com um sorriso irônico, Andrew moveu-a em seus braços, apenas um ou dois centímetros, apenas o suficiente para fazê-la se esfregar ainda mais contra sua coxa.

— Então é melhor não falarmos, Julia.

— Não — ela engasgou, o calor subindo em ondas por sua garganta e bochechas. — Nada de falar.

Ela estava ofegante quando ele inclinou a cabeça dela para cima, colando sua boca à dele novamente, mas o toque dos lábios já não era suficiente para qualquer um deles. As mãos de Julia agarraram seus ombros, dedos cravaram em seus músculos. Andrew embolou-se na borda do xale que ela usava. Impaciente, arrancou e soltou os fechos que fechavam a gola da blusa.

Segurando a cabeça de Julia ancorada por aquela pesada mecha de cabelo, Andrew deslizou beijos pela parte inferior do queixo até a garganta. A pele dela estava quente sob seus lábios. O cheiro de amido e mulher ansiosa preencheu-o com uma necessidade imediata de livrá-la do resto de suas roupas. Ocupou-se do próximo botão, mas a mão que ela deslizou pelo peito até a aba da calça empurrou o ar para o fundo de sua garganta e destruiu sua coordenação. Todo o seu ser estava centrado na pressão de dedos contra sua carne dura e sulcada.

Em poucos segundos, suas mãos chegaram muito perto de destruir o controle que tinha sobre seu próprio corpo. Com um som que era algo entre um gemido e um grunhido, Andrew a pegou no colo e levou-a para o quarto dos

fundos. Assim como a frente da casa, este era escassamente mobiliado, ostentando apenas uma cama, um lavatório e uma cômoda de roupas. Um cabide de madeira segurava o seu uniforme com a bainha de prata, uma caixa de cartuchos e a pistola Colt em seu coldre de couro. Seus rifles de caça e esportivos estavam pendurados acima de sua carabina militar. Outro tapete de pele de búfalo cobria o piso de tábuas de madeira.

Andrew passara seus primeiros anos na fronteira lutando contra as farpas e pulgas que habitavam o colchão de palha fornecido pelo contramestre. Custara um mês de pagamento, mas ele comprara um colchão costurado com crina de cavalo e recheado com penas de ganso. Dava fervorosas graças por essa extravagância agora. Com uma febre de antecipação, imaginou o corpo macio e sinuoso de Julia esparramado no colchão importado.

Pelo andamento das coisas, eles acabariam nunca o usando. Colocando-a de pé sobre o tapete de pelo de búfalo, Andrew começou a remover suas roupas. Cada camada revelava outra curva suave de carne, outro alvo suave para seus beijos. Sua blusa deu espaço às camadas de seus seios altos. Ao tirar o meio espartilho, fez surgir sua cintura estreita. Misericordiosamente, ela usava apenas duas anáguas debaixo da saia, mas as cordas foram desamarradas sob os dedos impacientes de Andrew.

Intercalando beijos com xingamentos, ele caiu sobre um joelho para puxar o maldito nó que finalmente cedeu, e as anáguas caíram, deixando apenas as barreiras do algodão da camisa e as roupas de baixo que pendiam de sua cintura. Ele não podia resistir às partes de pele nua que se revelava por entre os dois. Passando um braço ao redor de sua cintura, ele a puxou para mais perto.

Ao toque da língua em sua barriga, Julia sobressaltou-se. Ela ficou constrangida enquanto ele usava a boca e a mão para suavizar, acariciar e excitar. Seu coração gaguejou e saltou. Sua respiração veio em pequenas ondas. Ela olhou para os cabelos escuros dele, para os ombros largos, e ansiava por colocar os braços ao redor de seus ombros e puxá-lo para mais perto. O momento era tão íntimo, tão incrivelmente terno.

Então, sua mão encontrou a fenda sob a roupa íntima, e todos os pensamentos de ternura desapareceram. Ofegante, ela tentou se afastar de seu toque. Ele segurou-a com facilidade, murmurando palavras de conforto por entre os beijos que ele deixava ao longo de seus seios, de seus quadris, de sua barriga. Durante todo o tempo seus dedos hábeis passeavam intimamente por entre suas coxas. Em poucos momentos, ela estava gemendo. Pouco depois, e ela ficou quente e molhada.

Seus joelhos cederam, então, ou talvez ela simplesmente tivesse caído. Julia não sabia e não se importava. Tudo o que queria, tudo que precisava era sentir o

corpo dele no dela. Dentro dela.

Joelho com joelho, boca a boca, ela abaixou os suspensórios e atacou os botões da camisa de Andrew com a mesma urgência que usou para tirar sua camisa e roupas de baixo. Quando estavam nus o suficiente para carne se encontrar com carne, Julia caiu sobre a roupa espalhada, arrastando-o para baixo com ela. Rolaram sobre o tapete de búfalo, as pernas emaranhadas, os quadris pressionados. Ela o sentiu duro como um poste contra sua barriga. Remexendo-se, ela enfiou a mão por entre seus corpos tensos.

Ela o tomou por entre os dedos, grosso, quente e duro como osso. Duas investidas, e seus grunhidos ofegantes começaram a combinar com os dela. Quatro, e a cabeça aveludada do membro orvalhou em sua mão.

Ficara casada por tempo suficiente para reconhecer a urgência da necessidade de Andrew mesmo antes de ele posicioná-la de costas e forçar um joelho por entre suas pernas para separá-las. Uma parte de Julia chorou de vontade, sentindo um desejo intenso de viver apenas mais alguns momentos daquela brincadeira, mas ela se abriu para ele e se preparou para satisfazer sua necessidade.

Os músculos de seus antebraços se apertaram quando ele se posicionou. Ela sentiu a cabeça muito próxima, sentiu suas nádegas apertarem sob seus dedos, mas o impulso duro que esperava não veio.

— Abra seus olhos.

O comando rouco arrastou-a das profundezas febris. Ela piscou, surpresa e questionadora. Com as pernas abertas e o corpo dele penetrando o dela por apenas alguns centímetros, sentia-se tão vulnerável, tão... tão cativa.

— Quero olhar para você quando o prazer dominá-la — ele rosnou.

Ela arqueou as costas, sentindo cada nervo em seu corpo gritar quando ele se enterrou mais um centímetro. Apenas mais um centímetro. Sua cabeça arqueou. Seu ventre se contraiu. Ela tentou se contorcer para que ele a penetrasse mais. Andrew se movimentou ao mesmo tempo, mantendo apenas a parte que já estava dentro dela.

— Olhe para mim, Julia — ele ordenou novamente, sentindo seus músculos tremerem.

A intenção de Andrew dentro da mente febril de Julia. Ele queria que ela o visse, que soubesse de quem era o corpo que reclamava o dela.

— Pelo amor de Deus, Andrew!

Meio brava, meio louca por conta de sua própria necessidade, ela se contorcia debaixo dele. O som de seu nome ou sua feroz urgência o satisfizeram. Qualquer que fosse a causa, ele flexionou as nádegas e investiu dentro dela, não duro e rápido como ela queria tão desesperadamente, mas devagar,

deliberadamente.

Julia nunca experimentara um desejo tão intenso, nunca se sentira tão completa e completamente à mercê de sua própria necessidade furiosa. Nada em seu casamento com Philip a preparara para isso. Nenhum dos momentos que passara fazendo amor com o próprio Andrew podia ser comparado àquele.

Com cada impulso lento, os músculos baixos de sua barriga se contraíam. Com cada retirada, sua mente gritava em protesto. Quando não conseguia mais ficar de pé, ele a fez envolver as pernas em volta de suas coxas e estabeleceu o próprio ritmo.

Qualquer pensamento que Andrew tivesse de se controlar, de ver o prazer de Julia dominá-la antes de cuidar de seu próprio, desintegrou-se naquele momento. Ele entrou nela, sentindo seus quadris se chocarem. Ela arqueou-se contra ele. Cabeça para trás, quadris erguidos, ela se inclinou como uma jovem adolescente, pronta e estremecendo. Um gemido cru veio rasgando do fundo de sua garganta.

— Andrew! Agora, Andrew. Por favor!

Com um rosnado que combinava com o dela, ele pressionou seus lábios um no outro e investiu novamente. Sentiu o jorro quente vir e retirou o membro, derramando sua semente na barriga de Julia. Com tanta coisa ainda a ser resolvida entre eles, ele não podia pedir a ela que gerasse um filho. Não ainda.



Julia ficou mole e imóvel depois que suas ondas de prazer se desvaneceram. Gradualmente, outras sensações além da pulsação de seu próprio sangue invadiram seus sentidos.

O corpo de Andrew suado pesava sobre ela. O pelo áspero e encaracolado do búfalo fazia cócegas na pele das suas costas. Roupas amassadas formavam um incômodo monte sob um de seus ombros. No entanto, ela não conseguia se mexer. Mil emoções a mantinham presa ao tapete. Satisfação feroz. Alívio. Felicidade. Culpa.

Era um tipo estranho de culpa. Mais remorso pelo fato de ela não se sentir mais desleal à memória de Philip do que um verdadeiro arrependimento por tê-lo desonrado ao deitar-se com outro homem.

Não, não com outro homem. Com Andrew.

Franzindo a testa, Julia se contorceu. O peso inerte em cima dela remexeu-se imediatamente em resposta.

— Sinto muito — ele murmurou, virando-se. — Sou muito pesado para

você.

Com braços e pernas ainda enroscados nos seus, Julia girou com ele e deitou-se em seu peito. Levantou a cabeça e viu algo de suas próprias emoções contraditórias refletidas no rosto de Andrew. Era o olhar de um homem bem satisfeito, mas ela não podia interpretar o sorriso torto que ele abriu ao erguer a mão para colocar o cabelo emaranhado de Julia atrás da orelha.

— Não fique tão preocupada, Julia. Acabamos de provar que podemos nos dar bem o suficiente, mesmo sem amor ou confiança.

Ela recuou, afetada pelo eco daquelas palavras. Sua boca se abriu, mas uma batida repentina na porta interrompeu sua resposta.

Daquela vez foi Andrew quem franziu a testa. Posicionando Julia de lado, ele ficou de pé e puxou as calças debaixo dela.

Ela deveria ter desviado o olhar. Apesar daquele encontro frenético, os anos os haviam tornado dois estranhos. No entanto, viu-se incapaz de virar a cabeça. Seus braços musculosos, tão bronzeados onde mangas arregaçadas os haviam descoberto ao sol, prenderam seu olhar. Assim como a barriga lisa e os flancos esguios e musculosos... até que ele inclinou o quadril para vestir as calças.

— Meu Deus!

O suspiro horrorizado fez com que ele parasse, com os dedos ainda no botão. Ela nunca tinha visto cicatrizes tão brutais. Cristas enrugadas cruzavam sua coxa onde esta se juntava ao quadril, algumas brancas e desbotadas, outras ainda vermelho-amarronzadas.

Ela imaginava o quanto ele deveria ter sofrido, primeiro da bala que seu tio colocara em sua coxa, depois das pontas do rifle com o qual o soldado O'Shea dissera que os guardas de Andersonville bateram nele. Sua imaginação nem sequer se aproximara da realidade. Comovida, ergueu o olhar para ele.

— Andrew, eu... eu...

O que ela poderia dizer? Depois de todos os anos e todas as mágoas, o que diabos poderia dizer que de alguma forma compensasse a dor que ele sofrera?

Mais uma vez, a urgente batida na porta a livrou da necessidade de dizer qualquer coisa. Um chamado abafado acompanhou a rodada de batidas:

— Major Garret, senhor? O senhor está no alojamento?

— Sim. Estou indo.

Andrew fechou a porta do quarto atrás dele para protegê-la dos olhos curiosos. A madeira áspera lhe deu privacidade para se vestir, mas não bloqueou a visão dela da conversa apressada na outra sala.

— Cumprimentos do coronel Cavanaugh, senhor. Ele recebeu um telegrama do Forte Phil Kearny.

— A respeito de quê?

— Ele não disse, senhor, mas solicita sua presença imediatamente.

— Tudo bem. Diga ao coronel que vou vê-lo assim que vestir meu uniforme.

— Sim senhor.

Julia estava de pé e ainda se vestia quando ele voltou. Inexplicavelmente tímida, ela colocou a camisa sem mangas sobre a cabeça rapidamente e enfiou os braços pelas aberturas antes de se virar para encará-lo.

— Espere por mim — ele pediu, calçando uma bota — Precisamos conversar.

Julia repetiu a frase que acabara de ouvir.

— A respeito de quê?

Ele enfiou o outro pé dentro de uma bota O calcanhar bateu contra as tábuas nuas quando pisou no chão. Tirando a camisa do uniforme de um cabide, ele a colocou enquanto caminhava.

— Sobre nós.

Com essa resposta sucinta, ele passou um braço ao redor de sua cintura e a puxou para um beijo rápido e duro.

— Espere por mim — ele ordenou novamente.

Agarrando o coldre de couro e o chapéu enquanto saía, deixou Julia no meio da sala. A porta externa bateu um momento depois. O piso irregular do longo corredor de Old Bedlam rangeu sob seus passos antes que todos os sons se dissipassem.

Julia ficou onde ele a deixou, seus pés descalços sobre a pele de búfalo. A vontade mais ridícula de chorar de repente a invadiu. Como Andrew salientara, eles haviam apenas provado que podiam se dar bem o suficiente sem amor ou confiança... de ambos os lados.

Irritada, ela mordeu com força o lábio inferior. O que podia esperar dele, pelo amor de Deus? Frases bonitas? Declarações apaixonadas? Ela fora até ele, não fora? Tão descarada como qualquer prostituta de um dos ranchos espalhados pelo posto se oferecendo em troca de...

De quê? O que queria dele agora? Pelo seu próprio bem, Julia não podia analisar as necessidades avassaladoras que a levaram a caminhar sob luar até os aposentos de Andrew.

Ainda estava tentando entender o que aqueles momentos roubados poderiam significar para eles quando Andrew voltara. Estava esperando, como ele ordenara, completamente vestida e na sala de estar. Só de olhar para o rosto dele era possível perceber que qualquer discussão teria que ser adiada indefinidamente.

Com olhos sombrios, ele se aproximou dela.

— Recebi uma tarefa para o amanhecer. Sinto muito, mas vou ter que me encontrar hoje à noite com os oficiais da minha companhia e fazer as ordens de marcha.

— O que aconteceu?

— Alguns Cheyenne e Bad Face Ogalalla Sioux atacaram um grupo perto de Forte Phil Kearny hoje. Nossos homens os derrotaram, mas o coronel Cavanaugh acha que isso pode sinalizar uma nova onda de ataques nos postos espalhados ao longo da Trilha Bozeman. Vou escoltar três companhias de infantaria para reforçar os Fortes Reno, Kearny e Smith.

Seu sangue gelou.

— Meu Deus!

— Não é tão ruim quanto parece — disse ele em uma óbvia tentativa de aliviar seu medo. — Os relatórios iniciais indicam que a tribo de Cauda Manchada não participou do ataque, nem Touro Sentado e seus guerreiros. Meu palpite é que Nuvem Vermelha estava retornando das cerimônias de verão e acabou esbarrando na oportunidade.

— Alguém foi morto?

— Nós perdemos três soldados e quatro civis que haviam sido contratados para ajudar com o corte de lenha. Capitão Powell, comandante dos soldados, contou sessenta inimigos mortos e cem ou mais feridos. Seus homens tinham acabado de receber novos rifles Springfield — Andrew explicou, sua testa franzida. — Ninguém, nem mesmo eu, fazia ideia de sua eficácia até este incidente.

Parecia muito mais do que um incidente para Julia, mas seu próximo comentário afastara o pensamento de sua mente.

— Eu dei instruções ao Soldado O'Shea para ajudar você e Suzanne a se mudarem para estes aposentos.

— O quê?

— Não há necessidade de vocês permanecerem em Suds Row por mais tempo. O'Shea trará suas coisas amanhã.

Surpresa por ele comandar sua vida tão arbitrariamente, Julia ficou boquiaberta.

— Eu tenho que ir. Os oficiais estão se reunindo.

Ele agarrou seus braços e a beijou, tão rápido quanto antes, mas com a mente já claramente voltada às tarefas que teria à sua frente.

— Andrew! Espere! Eu não posso simplesmente morar em seus aposentos.

— Por que não? — Um sorriso cortante aliviou o franzir de sua boca e cenho. — Se você está preocupada com as aparências, não há necessidade. A maioria das pessoas no posto acha que ainda estamos casados. Eles não

entendem como nosso casamento foi simplesmente anulado. Nem eu, aliás, mas é um ponto discutível agora.

— O que você quer dizer?

— Eu disse a você que iríamos resolver as coisas, Julia, e assim faremos. Na verdade, já resolvemos muito bem esta noite. Cuidaremos das formalidades quando eu retornar. Espere aqui por O'Shea. Ele vai levá-la de volta aos seus aposentos.

Ele saiu antes que Julia pudesse reunir seus pensamentos o suficiente para protestar.



Andrew e sua tropa cavalgaram ao amanhecer sem o alarde de bandeiras e tambores daquela vez. Julia não se juntou aos sonolentos sonhadores que apareceram para vê-los. Suas emoções estavam em tumulto, e Suzanne despertou com cólica e queixando-se de dores estomacais.

Julia manteve a garota irritada na cama e enviou um pedido ao Soldado Gottlieb para que alguém assumisse a escola naquele dia. A indisposição de Suzanne também lhe deu uma desculpa conveniente para dispensar o soldado O'Shea, quando ele veio levá-las para Old Bedlam.

O soldado murmurou sobre o major puni-lo se ele não conseguisse seguir as ordens, mas acabou saindo. Só que retornou a Suds Row cedo na manhã seguinte. Julia congelou quando abriu a porta e o viu parado do lado de fora, com a expressão grave sob a aba de seu chapéu.

— Receio ter notícias preocupantes, senhora.

Suas unhas cravaram no batente da porta. A patrulha de Andrew! Eles foram atacados! O medo por ele entupiu sua garganta, e com isso veio um arrependimento tão profundo e agudo que lhe roubou o ar.

— Jules Escoffey pediu para ver o coronel Schnell esta manhã — informou o soldado.

Molhando os lábios, Julia resmungou uma pergunta.

— Quem é Jules Escoffey?

— Ele e seu parceiro administram o estabelecimento a cinco quilômetros rio abaixo.

Levou um momento para que Julia entendesse a referência.

— O Rancho Coffee's Hog?

— Sim, senhora.

— Eles receberam alguma notícia sobre o major e sua companhia?

— O major? Não, senhora. Jules veio informar que Sarah Gorda morreu. Totalmente desnorteada, Julia olhou para ele.

— Quem é Sarah Gorda?

— Ela é uma das meninas dele.

— Sinto muito saber que ela morreu, mas o que a morte dela tem a ver comigo?

— Nada diretamente, minha senhora. — A preocupação provocou profundas dobras na testa do soldado nova-iorquino. — Mas o doutor disse que o que a levou parece cólera, e sabendo que metade dos soldados no posto se deitaram com Sarah Gorda em algum momento, a doença pode começar a se espalhar. Achei que seria melhor avisar, senhora, já que o major me instruiu a cuidar de você enquanto ele estivesse fora.

Julia mal ouviu suas últimas frases. O medo que sentira por Andrew desapareceu, comparado ao terror que agora se derramava sobre ela. Seu sangue pulsava em seus ouvidos quando ela se virou.

Sua filha franzia a testa, do outro lado da sala, e seus olhos castanhos escuros afundavam-se em um rosto ruborizado e febril.





CAPÍTULO QUATORZE

Seis dias depois, Julia se encostava no poste central da tenda de lona, perguntando-se o que ela ou qualquer outra pessoa da ala improvisada do hospital fizera para merecer o inferno na terra.

Não dormia mais do que alguns minutos de cada vez em quase uma semana. Não se lembrava da última vez em que comera. O fedor do vômito e diarreia aquosa que preenchia os baldes ao lado das camas obstruíam suas narinas pelo resto de sua vida.

O suor escorria por seu pescoço. Sua blusa suja grudava em sua pele. O calor sufocante enchia as tendas que haviam sido erguidas para abrigar os doentes. O sol de agosto que batia nas cobertas de lona já era cruel o suficiente sem os fogões que queimavam do lado de fora das abas da tenda, aumentando o sofrimento interno.

Mas o fogo era um mal necessário. O único tratamento que parecia proporcionar aos pacientes chorosos qualquer esperança de recuperação era forçar a água salgada fervida por suas gargantas até que purgassem seus estômagos e intestinos. Feito isso, era necessário envolvê-los em cobertores e aplicar garrafas de água quente, tijolos também aquecidos, embrulhados em cobertores, ou até mesmo espigas de milho para suarem a doença.

Alguns vomitavam imediatamente a água salgada, transpiravam e se recuperaram em poucas horas. Outros haviam morrido antes mesmo de chegarem às tendas, sem nenhum sintoma. Alguns permaneceram por quase uma semana, ressecados, letárgicos, com a pele seca, os olhos afundados em suas órbitas, descarregando fluido tão rápido quanto suas enfermeiras podiam despejá-lo neles.

Como Suzanne.

Ela estava deitada em um catre no centro da tenda, que começara como uma enfermaria para mulheres e crianças, mas agora abrigava quem precisava de cuidados. Seu cabelo castanho-avermelhado estava espalhado e sem brilho contra o cobertor dobrado que servia de travesseiro. Seus olhos pareciam vazios como um esqueleto. Em contrapartida, as bochechas da boneca de porcelana, enfiada na dobra de seu braço, floresciam com uma saúde obscena desenhada.

Se Julia continuasse pensando nisso, teria suposto que ficara entorpecida com a passagem de tantas horas de desespero. Em vez disso, seu coração se arrebatava toda vez que ela lavava o corpo magro da filha ou esvaziava o balde ao lado do catre.

Não era de se admirar que os franceses chamassem a cólera de *mort-de-chien*, ou morte animalesca. O vômito e a diarreia drenavam tanto das vítimas que estas se tornavam caricaturas que eram completamente diferentes de suas antigas figuras. A dor que atormentava suas articulações provocava gritos até dos homens mais fortes. Ninguém, nem mesmo a pessoa mais cruel, merecia sofrer assim.

— Como está a pequenina?

Com os movimentos lentos e desajeitados de uma mulher muito mais velha, Julia se virou para cumprimentar Mary Donovan.

— Ela está aguentando.

— Eu não sei como. Coitadinha.

A lavadeira irlandesa parecia tão devastada quanto Julia se sentia. Seus cabelos ruivos cor de morango pendiam em mechas ao redor do rosto. A tristeza havia esculpido linhas profundas em volta de seus olhos e sua boca. A mais jovem, Molly, fora atingida e se recuperara, mas ela havia perdido Patrick há três dias. Agora o marido estava mal.

— Como está o sargento?

— Seus olhos ficaram vítreos. Duvido que ele consiga sobreviver à noite.

Sem palavras, Julia estendeu os braços. Mary entrou neles, entorpecida e cansada demais para chorar. As duas mulheres se abraçaram. Já haviam compartilharam muitas coisas no breve período em que se conheciam. E ainda haveria muitas coisas, Julia temia. Estremecendo, ela afastou o pensamento de sua mente. Tudo o que podiam fazer era aceitar cada hora, cada dia, conforme viessem.

No outro extremo da tenda, o soldado despejava água salgada na garganta de outro homem lamentoso. Seu olhar voltou-se para as duas mulheres. Silenciosamente, retornou sua atenção para a tarefa. A morte era uma ocorrência muito comum naqueles dias para comover-se com o sofrimento de qualquer outra pessoa.

Mary se afastou, seus olhos azuis brilhando com lágrimas não derramadas.

— Eu tenho que voltar. Andarilha da Lua está cuidando de Sean. Nós só queríamos saber como Suzanne estava.

Era triste perceber que fora necessária uma epidemia para derrubar as barreiras sociais artificiais que separam as mulheres do posto. A cólera não respeitava o grau ou a cor da pele. Com as mangas arregaçadas e as saias erguidas, as damas dos oficiais, as lavadeiras e as esposas nativas trabalhavam lado a lado com os soldados no serviço hospitalar.

As mulheres que não fugiram, é claro, ou as que se entrincheiraram dentro de suas casas e lutaram freneticamente para manter a doença longe queimando penas mergulhadas em ácido sulfúrico e medicando suas famílias com calomelano e tintura de ópio. Julia não culpava Victoria McKinney e o punhado de outras mulheres de todas as classes que se recusaram a se aproximar das tendas do hospital. Se Suzanne não tivesse sido atingida, ela não tinha certeza se teria se arriscado a levar a doença para sua filha também.

Por sorte, Andarilha da Lua enviara Pequena Ave para seu povo ao primeiro sinal da doença. A amiguinha de Suzanne estava segura, graças a Deus.

Com os braços ainda em volta da amiga, Julia encostou a bochecha na de Mary.

— Posso fazer alguma coisa para ajudá-la com Sean?

A lavadeira recuou. Soltando um suspiro cansado, ela balançou a cabeça.

— Você está fazendo o suficiente. Ouvi dizer que ficou cuidando da Sra. Powers e do capitão na noite passada.

Julia balançou cabeça, olhando para o catre onde o oficial de infantaria tinha dado seu último suspiro apenas algumas horas atrás. Sua esposa exausta ficara com ele em seus momentos finais e agonizantes. Só saíra para cuidar de seus filhos assustados quando Julia prometera ajudar, lavando o corpo do capitão e preparando-o para o caixão.

— Você precisa descansar — Mary lembrou-lhe. — Não pode cuidar de Suzanne e de todos os outros também.

— Estou aqui — disse Julia simplesmente. — Eu faço o que posso, assim como você.

Com outro abraço, Mary saiu para voltar ao sargento. Cansada, Julia retomou a tarefa que interrompera para checar sua filha letárgica. Movendo-se de cama a cama, ela reuniu os baldes de madeira que precisavam ser esvaziados. O odor de peixe da descarga intestinal branca e aquosa não mais a sufocava, mas o tom azulado das unhas e as expressões aterrorizadas daqueles que sentiam o fim se aproximando ainda retorciam seu coração.

— *Tilda?*

Um jovem recruta de olhos vítreos agarrou seu avental. Com uma respiração ofegante e cansada, ele se arrastou até Julia.

— *Ist du, Tilda?*

Ela largou os baldes para colocá-lo de volta em sua cama.

— Shhh. Você deve ficar descansado.

Ele tagarelou alguma coisa em alemão e se agarrou freneticamente ao avental dela.

Suspirando, Julia sentou-se na grama batida e alisou o cabelo da testa dele. De algum lugar, encontrou a energia para cantarolar a mesma canção de ninar que cantava para Suzanne. Era tudo o que podia fazer por ele naquele momento. Por qualquer um deles.

Deixou o recruta em paz e sonhando com sua Tilda, ou assim ela esperava. Depois de checar Suzanne novamente, ela retomou a tarefa exaustiva de levar os baldes até as pias recém cavadas. Depois de despejar seu conteúdo nocivo, ela os lavou no rio.

Voltou à tenda só para encontrar o jovem recruta morto e Victoria McKinney esperando por ela. Pálida de medo, a mulher do tenente cambaleou, aproximando-se.

— Ele não acorda, Julia! Meu Deus, o pequeno William não acorda. Por favor, me ajude!

Só de olhar para o bebê agarrado ao peito dela fez com que o estômago de Julia se revirasse. Os lábios da criança estavam azuis. O horrível *rigor mortis* já estava contorcendo seus traços minúsculos em uma máscara.

Pousando os baldes, Julia esfregou as mãos na frente do avental

— Deixe-me pegá-lo.

Choramingando de medo, a jovem mãe entregou seu filho.

— O Coronel Schnell pediu para trazê-lo para você. Ele disse que você saberia o que fazer.

Não havia nada que ela pudesse fazer. Nada que alguém pudesse fazer, exceto deixar o bebê o mais confortável possível e segurar a mão de uma mulher que enfrentaria a perda de um filho. Julia pensara que seu coração não poderia doer mais, mas doía pela jovem esposa mimada despida agora de tudo, exceto o terror de uma mãe.

— Venha, vamos colocá-lo no catre ao lado de Suzanne.

— Obrigada — Victoria sussurrou sem jeito. — Obrigada!

Ela seguiu Julia, quase tropeçando nela em sua patética ânsia de ver seu bebê sendo cuidado.

— Sinto muito por eu ser tão odiosa quando você chegou, Julia. Eu não queria ser, mas...

— Oh, Victoria, isso não importa. Nada importa agora, exceto o pequeno William. Venha, eu vou te mostrar como cuidar dele.



William George McKinney II morreu na tarde seguinte. Julia embalou a devastada Victoria em seus braços pelo que pareceram horas depois que o bebê partiu, murmurando os ruídos sem palavras que as mulheres sempre ofereciam umas às outras naqueles momentos. A jovem esposa se agarrara a ela, atormentada por soluços, até que uma desalentada Mary Donovan enfiou a cabeça dentro da tenda e persuadiu Victoria a ir para casa descansar um pouco. Ela poderia fazer os arranjos necessários para o enterro do bebê mais tarde.

Agarrando-se à promessa de que Julia lavaria o minúsculo corpo de William, a chorosa Victoria saiu da tenda com Mary. Com o coração partido, Julia realizou o ritual muito familiar e levou o pequeno pacote para os carpinteiros.

Eles haviam montado sua tenda não muito longe do hospital.

Um soldado fora designado para cortar lenha e trazê-la das montanhas a sessenta quilômetros de distância. Julia sabia que nunca mais respiraria o cheiro de resina e madeira de corte sem sentir seu coração começar a chorar dentro de seu peito.

Deixou seu pequeno embrulho com os carpinteiros, sentindo seu rosto vermelho e suado, e correu de volta pelo labirinto de tendas no alto dos penhascos acima do forte. Não gostava de ficar longe de Suzanne por mais do que alguns minutos de cada vez desde que carregara a garota mole e gemendo para a barraca sufocante. Erguendo a saia, ela se virou para encontrar um oficial, coberto da cabeça aos pés pela poeira da trilha, ao lado do catre da filha.

— Andrew!

Seu grito estrangulado o fez virar-se. Os olhos do homem encontraram os dela por cima do corpo enfraquecido de Suzanne. Julia podia enxergar o choque em seus olhos profundamente azuis. Saiu cambaleando em direção a ele, sem se importar com o fato de que devia parecer tão doente quanto seus pacientes. Ela não se importava, não podia pensar em nada, exceto na necessidade de se perder em sua força.

Andrew contornou a extremidade do catre em três passos rápidos. Ele se movia instintivamente, impulsionado por uma necessidade primordial de consolar sua mulher. Se as velhas mentiras e mágoas que jaziam entre eles já não tivessem se tornado insignificantes em sua mente, aquele vislumbre de Julia teria

matado cada uma delas instantaneamente. Parecia tão exausta, tão perto do desespero, que seu primeiro e único pensamento fora poupar mais dor a ela e à filha. Dada a chance, ele teria de bom grado sacrificado sua vida em troca da de Suzanne.

Ela quase caiu nos braços dele, cravando os dedos nas mangas de seu uniforme, enterrando a bochecha contra os cartuchos cruzados. Nenhum dos dois falou. Em meio ao farfalhar de saias, gemidos dos pacientes, o arrastar de berços e catres, Andrew sentiu o coração bater contra o peito. Todo o corpo dela tremia, por cansaço ou medo, algo que ele não sabia dizer. O fedor de vômito e urina permeava seu cabelo, sua blusa.

Finalmente, ela inclinou a cabeça para trás e olhou para ele com olhos que o assombrariam pelo resto de seus dias.

— Quando voltou?

— Alguns momentos atrás.

— Você...? — Ela balançou a cabeça, como se tentasse lembrar o que o levava para longe. — Você conseguiu os reforços para Forte Reno?

— Sim. — Ele cerrou a mandíbula. — Foi aí que eles nos deram as notícias.

Enquanto vivesse, Andrew se lembraria do terror que se abatera sobre seu estômago quando o comandante de Forte Reno partiu para encontrar o cansado soldado que levava a notícia de que a cólera havia rompido em Forte Laramie. Vinte mortos até o momento, o coronel de rosto sombrio havia informado. Sessenta ou mais enfermos. A doença estava varrendo as planícies. Os fortes Larned e Riley, no Kansas, também foram atingidos. Um quarto da Cavalaria de Ouster fora abatida.

Andrew conhecera o medo antes. Qualquer soldado que alegasse que suas entranhas não se transformavam em água antes de uma batalha estaria mentindo por entre os dentes. Aqueles que sobreviveram aos infernos como Andersonville carregavam outro grupo especial de demônios em suas costas. Mas ele nunca experimentara nada como o medo que o esfaqueara naquela planície alta e varrida pelo vento.

Ele não precisava da notícia de que o coronel Cavanaugh havia ordenado seu retorno imediato para pôr-se em ação. Nem sua tropa precisou descansar para eliminar o cansaço de seis dias de marcha. O medo de que suas esposas, filhos ou companheiros estivessem entre os mortos ou moribundos os incitou implacavelmente. Deixaram imediatamente a infantaria em Forte Reno, reabastecendo suprimentos apressadamente e partindo em uma hora para refazer seus passos.

Dormindo e comendo sobre a sela, eles desmontaram apenas pelo tempo

suficiente para alimentarem e esfriarem suas montarias. A difícil marcha havia custado a eles três cavalos, um apunhalado, um para uma picada de cobra e outro para os súbitos e palpitantes suspiros que um cavalo superaquecido podia soltar sem aviso prévio. Quatro homens hesitaram e desertaram em vez de voltar para um acampamento varrido pela cólera.

As sombrias e silenciosas tropas haviam passado pelo cemitério do posto há menos de uma hora. Nenhuma banda do regimento apareceu para recebê-los quando chegaram ao local da parada. Sem fanfarra, eles desmontaram e se dispersaram para checarem suas famílias e os companheiros.

Os comandantes da companhia esperavam por Andrew com seus relatórios. Sentindo os músculos retesarem, ele escutou enquanto os homens enumeravam as perdas. Depois de aprovar um pagamento extra para as tropas que se ofereceram para o hospital e para o serviço funerário, ele adiou todos os outros assuntos até que consultou o pós-cirurgião.

Andrew não respirou fundo até que um exausto Henry Schnell confirmou que Julia não estava entre os atingidos. O médico, então, tirou-lhe o chão com a notícia de que Suzanne estava entre as primeiras a adoecerem.

Olhando para o corpo pequeno e desfalecido, não conseguia imaginar como a garota encontrara forças para se agarrar à vida daquela forma. Vira muitos homens aparentemente fortes se contorcerem e morrerem depois de apenas algumas semanas em Andersonville. Por outro lado, esqueletos ambulantes haviam sobrevivido a meses de fome e repetidos surtos de disenteria, ele próprio por exemplo. Os incompreensíveis caprichos da vida e da morte eram o único consolo que ele podia oferecer a Julia agora.

— Ela vem aguentando há tanto tempo — ele murmurou, acariciando os cabelos escuros que descansavam em seu ombro. — Homens mais fortes sucumbiram, mas ela está se mantendo firme.

— Eu não sei como.

O sussurro áspero rasgou seu coração. Com um esforço visível, Julia levantou a cabeça. As cavidades ao redor dos olhos dela faziam seu peito doer.

— Você soube que Rafferty morreu?

— Sim.

— E o pequeno William McKinney?

— Sim.

— O filho de Mary Donovan, Patrick, também se foi. — A tristeza escureceu seus olhos. — O sargento também está abatido.

— Eu sei.

Perder qualquer uma das pessoas de suas tropas era um golpe. Perder um homem com a experiência e a cabeça fria de Sean Donovan deixaria um buraco

no regimento.

— Henry Schnell disse que o coronel Cavanaugh se recuperou o suficiente para exigir voltar aos seus aposentos — disse Andrew, com a voz rouca. — Tenho que dar a ele o meu relatório e levá-lo para Old Bedlam. Retornarei em breve quando isso estiver resolvido.

Com um esforço torturado, ela se livrou de sua fadiga.

— Não! No que estou pensando? Você não deveria ter vindo de forma alguma. É muito perigoso.

Ele não se incomodou em responder.

— Você pode pegar a doença — exclamou Julia, dando-se conta tardiamente do perigo ao qual ele havia se exposto.

A dor penetrou em seu peito, tão afiada quanto uma espada. Não podia perder Suzanne e ele também. Meu Deus, não os dois! Um polegar enluvado tocou seus lábios, acalmando seu pânico incipiente.

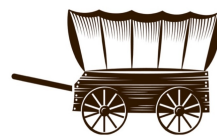
— Você está prestes a desmaiar. Precisa dormir. Vou voltar para cuidar de Suzanne enquanto você descansa.

— Não posso deixá-la.

— Que utilidade você terá para sua filha se cair de exaustão?

Ou se ela começasse a passar mal ou a ouvir os ruídos na cabeça que indicavam o início da cólera? A possibilidade de a doença ainda atingir Julia fez Andrew suar sob o paletó do uniforme.

— Eu voltarei — ele prometeu severamente.





CAPÍTULO QUINZE

Ela não iria embora.

Apesar das severas ordens de Andrew quando este retornou, Julia se recusou a voltar para seus aposentos para descansar com medo de que Suzanne pudesse escapar enquanto estivesse fora. O máximo que concordou foi enrolar-se por algumas horas no catre esvaziado pela morte do jovem soldado.

Fiel à sua palavra, Andrew assumiu as funções de enfermagem de Julia enquanto ela descansava. O soldado designado para ajudar na tenda pareceu impressionado ao ver seu major com as mangas arregaçadas, erguendo pacientes para ajudá-los a usar os baldes e embrulhando pedaços de cobertor em volta de tijolos aquecidos para deixar aos seus pés. As barreiras de hierarquia entre major e soldado logo desapareceram, assim como as barreiras sociais entre as mulheres. Julia afundou em um sono exausto, ouvindo o murmúrio das perguntas de Andrew e as respostas firmes da enfermeira experiente.

Não fazia ideia de por quanto tempo dormira quando acordou, tonta e desorientada. Um lampejo da luz de lamparina contra a parede da tenda de lona fez com que o medo a atingisse. Apavorada que Suzanne pudesse ter perdido sua vida frágil, ela se virou. A visão de Andrew sentado sobre um balde virado ao lado do catre da filha, murmurando palavras de consolo, enquanto ele banhava o rosto da criança com um pano úmido, deixou Julia lívida de alívio.

Ele havia tirado a jaqueta do uniforme em concessão ao calor, mas ainda usava suas botas de montaria e a calça azul-escura com a faixa de cavalaria amarela. Suspensórios estendiam-se por cima da camisa branca de linho suja. Pelos de barba sombreavam suas bochechas e queixo, e seu cabelo curto e amarrotado estava desalinhado, como se Andrew tivesse passado a mão por ele.

Ver aquele homem alto e forte inclinado sobre Suzanne fechou a garganta

de Julia. Apesar de amar a filha, Philip Bonneaux considerava uma responsabilidade da mãe trocar suas fraldas e tratar das reclamações infantis.

Deixando de lado todos os pensamentos de como as coisas poderiam ter sido diferentes se Andrew, e não Philip, fosse pai de sua filha, Julia levantou-se do catre emprestado e seguiu pelo corredor central. Duas cabeças se viraram quando ela se aproximou, uma tão lenta e dolorosamente que o coração de Julia se apertou.

— Mamãe?

O sussurro rouco torceu sua alma.

— Estou aqui, *ma petite*.

Como se essa garantia fosse tudo de que precisava, as pálpebras de Suzanne se fecharam por sobre os olhos encovados.

— Ela bebeu um pouco de água fervida com arroz algumas horas atrás — Andrew disse baixinho, levantando-se do assento no balde. — Até agora, ela não colocou para fora.

— Graças a Deus! — Passando a mão pelos cabelos, Julia tentou sacudir os últimos vestígios de sono de sua mente. — Que horas são?

— Passa um pouco da meia-noite.

— Onde está o soldado Connors?

— Os pacientes se acalmaram, então eu mandei que fosse fazer uma boa refeição e que descansasse um pouco. Acho que não vou conseguir convencê-la a ir até a barraca para ter uma refeição decente também, não é?

— Não, eu não vou sair de perto de Suzanne.

— Imaginei que diria isso. — Pegando um prato coberto por um pano que estava colocado sobre uma mesa improvisada no canto da tenda, ele o entregou a Julia. — Pedi ao soldado Connors que trouxesse algo para você antes que ele voltasse para seu alojamento. São apenas feijões frios e carne de porco, com um pouco de pão amanteigado — ele avisou.

Julia não comia há tanto tempo que até feijões frios e carne de porco lhe davam água na boca. Murmurando um fervoroso obrigada, ela sentou-se no balde.

Andrew desapareceu e retornou quando ela estava comendo a última colherada de feijão. Fumaça exalava das duas canecas de lata que ele carregava. O aroma maravilhoso do café preto e quente agia como um inseto em seus sentidos entorpecidos. Ele passou uma das xícaras para ela, trouxe outro balde e se acomodou ao seu lado.

Sentaram-se lado a lado, ombros se tocando, enquanto tomavam a bebida amarga, com ouvidos atentos aos murmúrios e ocasionais gemidos de seus pacientes. Duas vezes, Julia se inclinou para frente para checar a respiração

superficial da filha e acariciar seu rosto. Uma vez, Andrew levantou-se para ajudar um soldado de infantaria a dobrar-se para mijar no balde ao lado de sua cama. O veterano caiu em seu catre, exausto pelo esforço, e mergulhou num sono agitado.

— Você é tão bom para eles — Julia murmurou quando ele voltou ao assento.

Os outros oficiais de alto escalão de Forte Laramie tinham obedientemente vindo checar seus homens, mas haviam deixado as tarefas domésticas de cuidar deles para os soldados em serviço no hospital. Andrew deu de ombros à surpresa de Julia por ele não fazer o mesmo.

— Aprendemos a cuidar um do outro em Andersonville.

Na calada da noite, com Julia sentindo sua alma vazia, com exceção das orações por sua filha e pelos outros na tenda, ela finalmente podia perguntar a Andrew sobre seu passado sem mexer em velhas mágoas.

— Como você acabou na prisão? Não... comece antes disso. O que aconteceu naquela noite em Nova Orleans? Ouvi o tiro e vi você cair. Eu vi o sangue — acrescentou ela com voz rouca. — Havia muito, aliás. Meu tio jurou que você tinha morrido.

— Eu quase morri.

Recostando-se contra o apoio da tenda, ele esticou as pernas. A caneca de lata ainda estava aninhada em suas mãos.

— Eu sangrei como um porco abatido — ele admitiu com uma careta irônica. — A bala quebrou meu osso da coxa e me derrubou. Felizmente, Justin não achou necessário desperdiçar outro tiro. Dois de seus servos me arrastaram para a parte de trás de uma carroça, com instruções para levar meu cadáver para o pântano. Meu palpite é que eles deveriam me jogar de alimento para os jacarés e pouparem um tribunal militar do problema de me enforcar como espião.

Eles iriam poupar Justin da vergonha de ter seu nome associado ao de um espião da União, Julia corrigiu silenciosamente. Seu tio havia deixado claro, quando a despachou para Natchez no dia seguinte, que seria melhor que ela ficasse de boca fechada. Com sorte, seu esquema para anular o casamento dela com Andrew abafaria os rumores antes que eles comessem a circular.

Isso e o fato de ele ter descartado o corpo de Andrew.

— Como você escapou?

— Consegui me jogar para fora da carroça enquanto esta passava ao longo de um dique. Aterrissei no Ponchettrain. — Seu descuido encolher de ombros diminuiu a agonia que ele suportara naquele outono. — O maldito rio me levou quase até o Golfo. Eu me escondi nos pântanos por algumas semanas e finalmente consegui voltar para as linhas da União. Meus dias de espionagem

acabaram, então, retornei para a minha companhia. Dois anos depois, o que restou do meu regimento marchou para Andersonville. Onze meses depois disso, menos de vinte de nós conseguiram sair.

O conto esparso omitia muitos detalhes. As semanas rastejando por um pântano com um osso da coxa quebrado. As batalhas que ele lutou. A honra dos prisioneiros de campo.

— Eu não sabia nada disso — ela sussurrou. — Justin me enfiou em um barco e me enviou para ficar com seus amigos em Natchez um dia depois de... depois de você...

— Um dia depois de eu ter voltado para você — ele terminou sua frase calmamente. — Está tudo bem, Julia. Não a culpo por mostrar ao seu tio o bilhete que lhe enviei. Nem o culpo por ter atirado em mim.

Não mais, talvez. Ele a culpava no passado e a odiava. Assim como ela o odiava também.

— Eu fui um tolo por te envolver em meus jogos perigosos — disse ele. — Um tolo ainda maior em pensar que poderia protegê-la embora eu não pudesse nem mesmo dizer a verdade sobre o porquê de eu estar em Nova Orleans.

— Você não era mais culpado pelo que aconteceu do que eu. Não ouvi quando me avisou que havia coisas sobre você que eu desconhecia.

Os fantasmas da velha paixão e das velhas mágoas que sentiam vagavam pela tenda. Não deixaram amargura em seu rastro, apenas uma tristeza fugaz por todos os anos desperdiçados.

Tomando o resto do café, Andrew deixou a caneca de lado. O metal bateu contra a madeira, cortando o silêncio.

— Quanto tempo você ficou em Natchez?

— Pelo resto da guerra. Nunca voltei para Nova Orleans. Eu não poderia mais viver com meu tio.

Nem com o olhar ávido de Justin Robichaud seguindo cada um de seus movimentos. Mesmo depois de todos aqueles anos, ela não conseguia expressar em palavras o quanto fora ingênua ou tímida para reconhecer na época. O incesto deixava um gosto desagradável em sua boca tanto quanto deixara naquela época. Trancando as memórias de seu tio no canto mais escuro de sua mente, ela olhou para os grãos de café moídos na parte inferior de sua caneca.

— Foi onde você conheceu Bonneaux?

Ela assentiu, lembrando-se da primeira vez que esbarrara em Philip. Estava hospedada com a prima Dorothy e voltava de uma reunião de senhoras em Monmouth Plantation, sediada bem acima do rio. Seus dedos doíam tanto das horas que passara preparando ataduras que nem notou o jovem oficial que corria pela Silver Street até que uma pedra irregular a fez tropeçar e a lançou para a

frente, diretamente em seus braços.

— Ele tinha acabado de assumir o comando de um couraçado.

O conhecimento que Philip adquiriu de seus dias de jogo a bordo de uma sucessão de barcos do Mississippi o manteve em boa posição durante a guerra. Familiarizado com as voltas e reviravoltas do mar, seus bancos de areia móveis e suas correntes traiçoeiras, ele partiu em sua embarcação revestida de ferro para espreitar e afundar barcas de suprimento inimigas.

Depois de cada missão perigosa, ele voltava ao porto em Natchez para conquistar a mulher que Julia havia se tornado. Ela se casou com ele em menos de um ano.

Do ponto de vista da retrospectiva, Julia conseguia, agora, entender a verdadeira razão pela qual aceitara o flerte persistente de Philip Bonneaux. Ele era tudo que Andrew Garrett não era.

Nascido no sul e criado às margens do rio, Philip usava sua farda com um orgulho alegre. Não guardava segredos de Julia e admitira livremente sua carreira como um jogador inveterado, com promessas de se curar. E seus beijos despertavam apenas uma fome suave em vez da ganância quente e sem sentido que ela conhecera.

— Depois da guerra, voltamos para sua casa em Mobile — ela contou a Andrew. — Foi onde Suzanne nasceu.

Ela peneirou os detalhes em sua mente, ponderando-os no silêncio. Tantos acontecimentos, pensou. Tantas estradas acabaram levando-os àquele posto do exército isolado nas planícies. Ela não teria acreditado nesta possibilidade, anos atrás, quando, aos dezesseis anos, risonha e descuidada, capturou o olhar de um estranho através de uma multidão de dançarinos e sentiu sua respiração acelerar.

— Eu procurei por você depois da guerra.

Assustada, ela ergueu o olhar para encontrar olhos azuis sombrios fixos nela, ilegíveis sob a luz bruxuleante da lamparina a óleo.

— Procurou?

— Voltei para Nova Orleans. Justin estava morto e ninguém sabia o que havia acontecido com você.

Saber que ele havia retornado para ela uma segunda vez provocou uma leve dor sob as costelas de Julia.

— Finalmente encontrei uma de suas velhas criadas. Tante Bettina, acho que era o nome dela.

— Nossa cozinheira — ela murmurou. Aqueles dias de criados e a vida de luxo agora pareciam muito distantes.

— Ela disse que tinha ouvido falar que você havia se casado com um apostador de barco.

— Esta foi a fofoca que chegou a Nova Orleans? Não estou surpresa. Philip costumava a jogar em barcos antes da guerra. Ele... ele gostava disso.

Sua predileção era pelos jogos profundos de azar jogados a bordo dos barcos, mas mesmo agora Julia não conseguia revelar as fraquezas do marido a ninguém. Não para Suzanne. Certamente não para Andrew.

Não que isso precisasse ser revelado. Andrew tinha adivinhado suas circunstâncias financeiras horas depois de sua chegada a Forte Laramie.

Deus, isso fazia o quê? Dois meses? Três? Quando tinha saído de Mobile? No final de maio. Agora era agosto. Agosto de qual ano?

Erguendo uma mão cansada para acariciar seu próprio pescoço, Julia tentou identificar a data exata em que segurara a mão de Suzanne na sua e que embarcara no trem que as afastara de tudo que era familiar. Parecia tão importante evitar que as semanas se obscurecessem, embora não conseguisse pensar no motivo até que se lembrou de que o aniversário de Suzanne chegaria no começo de setembro.

Um gemido arranhou sua garganta. O medo que ela lutara para manter à distância durante aqueles intermináveis dias e noites nadou até a superfície.

Por favor, meu Deus! Por favor! Deixe que minha filha viva para mais um aniversário! Pagarei o que você pedir pelos meus pecados quando for a minha hora de morrer. Apenas deixe-a viver.

As unhas dela cavaram na parte de trás de seu próprio pescoço. Lágrimas ardiam em seus olhos. Apertou a carne com força, recusando-se a ceder à angústia que rasgava suas entranhas, incapaz de suportar a visão da forma emagrecida de sua filha.

— Permita-me.

Andrew se remexeu no balde. Uma mão forte afastou seus dedos. Lentamente, com firmeza, ele começou a massagear seus ombros, seu pescoço, a base de seu crânio.

Os nós dos tendões de Julia gritaram em protesto, mas ela recebeu bem a dor. Desesperada, fixou sua atenção na ardência de seus músculos doloridos, na força das mãos de Andrew, em qualquer coisa, exceto na assustadora possibilidade de sua filha não viver para comemorar seu sexto aniversário.

Gradualmente, os nós se afrouxaram. Lentamente, o medo recuou. Por longos momentos, havia apenas o ritmo constante da respiração de Andrew atrás dela. Sentindo-se quase sem ossos, sentindo com uma semana de fadiga acumulada, Julia cambaleou sobre o balde.

— Descanse. Apoie-se em mim.

O convite retumbou baixo e sedutor em seu ouvido. Ela não tinha mais vergonha, não tinha mais defesas. Precisava aproveitar a força de Andrew.

Queria aninhar-se em seus braços e deixar que ele a abrigasse. Por um momento... para...

Para sempre.

A verdade penetrou lentamente em sua consciência. Tão pouco corajoso quanto um filhote de gato, o sentimento se arrastou em sua mente. Ela amara aquele belo patife que conhecera em Nova Orleans com toda a paixão de seu coração jovem. Agora ela ansiava pela força daquele homem e seu apoio sólido com cada partícula de sua alma de mulher.

Ela não o amava. Não acreditava mais naquela emoção efêmera e ilusória. Mas o que sentia... o que sentia era o mais próximo do amor que Julia esperava sentir de novo.

— Andrew.

Foi um sussurro, um apelo. Sua cabeça se inclinou para trás contra seu ombro, em um ângulo para baixo para poder olhá-lo nos olhos. Podia enxergar cada pelo de seu rosto. Também via a dúvida em seus olhos cinza-azulados. Como em um sonho, ela ergueu os lábios para ele. Sua boca se encaixou sobre a dela, tão perfeitamente, tão segura.

— Mamãe?

O sussurro rouco fez cabeça de Julia se virar. Ela saltou de seu balde, com o coração batendo forte. Olhos castanhos muito secos e afundados, cheios de lágrimas, a encaravam com aflição.

— Querida! Você está com dor?

— Você estava... beijando ele?

A pergunta rouca cortou o coração de Julia ao meio.

— Não, querida, nós estávamos apenas...

O rosto pequeno de Suzanne se encolheu em desânimo.

— Você estava beijando ele.

Claramente agitada, ela puxou o cobertor que envolvia seu corpo magro. Agoniada, com medo de que a filha pudesse usar seu último resquício de força, Julia tentou acalmá-la.

— Fique quieta, *chérie*. Por favor.

Sua filha começou a empurrar as cobertas que as restringiam com os punhos fracos, muito agitada.

— Eu não gosto deste lugar! Quero ir para casa!

— Nós vamos, querida. Nós vamos voltar para Suds Row assim que você ficar boa.

— Não! Eu quero voltar para Mobile, para a nossa própria casa!

Ela se debateu desconsoladamente no catre, forçando Andrew erguer-se com um comando:

— Fique quieta, Suzanne!

Assustada com a ordem brusca, ela se acalmou por um momento. Mas apenas por um momento. Com o lábio inferior tremendo, Suzanne fixou os olhos afundados e ressentidos no homem.

— Eu não gosto de você. Você matou Daisy. Você é um homem mau. — Seu pequeno peito arfava. — Eu quero o meu pai.

Um choro abafado fechou a garganta de Julia. Engolindo o gosto metálico do medo, ela caiu de joelhos ao lado da cama.

— Papai se foi, querida. Lembra que mamãe lhe contou?

— Eu quero ir para casa. — Soluços se acumulavam no rosto fino de sua filha. — Para Mobile. Para a casa do papai.

Afastando o cabelo castanho da testa da filha, Julia lutou para acalmar a garota agitada.

— Shhh, querida. Shhh.

— Por favor, mamãe. Prometa-me que vamos para casa.

O pedido frágil arrancou o coração de Julia do peito e o despedaçou em pequenos pedaços.

— Eu prometo — ela sussurrou, piscando ferozmente para conter as lágrimas quentes e desesperadas. — Apenas fique bem, minha pequena, e nós vamos para casa.





CAPÍTULO DEZESSEIS

O espectro da morte pairou sobre Forte Laramie durante todo o resto de agosto.

Julia seguiu o cortejo fúnebre tantas vezes que mal podia contar, conforme as pessoas que agora considerava amigos eram enterradas para descansar. Rafferty, que havia sucumbido durante a primeira semana. Sargento Major Sean Donovan, enterrado com todas as honras militares. Lowenstahl, o soldado dos bigodes loiros e graça inata. Ele não valsaria mais, exceto com anjos.

E as crianças. O coração de Julia se entristecera com cada pequeno túmulo recém cavado. Seis morreram além de Patrick Donovan. Mary Donovan sofrera com seus olhos secos, mas Victoria McKinney se jogara sobre o caixão de seu bebê, soluçando histericamente, e teve que ser arrastada por seus amigos. Julia ficava com ela sempre que podia se distanciar uma hora ou duas do leito de Suzanne.

Os pacientes que sobreviveram recuperaram sua força, alguns rapidamente, outros mais devagar. Pouco a pouco e dolorosamente, o corpo magro de Suzanne se desenvolveu, mas os olhos fundos e a pele pálida ainda assombraram Julia por um tempo. O retorno de Pequena Ave ao Forte Laramie ajudou a estimular a recuperação de sua filha. O mesmo fez o lembrete de Andrew de que o pônei da criança esperava por ela.

Julia fez questão de evitar todas as evidências de que nutria uma amizade com Andrew durante as visitas dele à enferma. A lembrança daquela noite horrível, quando Suzanne soluçara, quase usando suas últimas forças, permaneceria para sempre em seu coração... junto com a expressão sombria no rosto de Andrew depois que ela prometera à filha chorosa que a levaria para casa, para Mobile. .

Andrew não mencionou o assunto de sua partida enquanto Suzanne

permanecera doente, o que deixou Julia profundamente grata. Sua própria força estava quase chegando ao ponto de ruptura. Não conseguia lidar com nada além da condição cotidiana da filha.

Andrew também não mencionou novamente o assunto de movê-las para seus aposentos. Quando Suzanne se recuperou o suficiente para ser levada de volta ao apartamento em Suds Row, ele a carregou do hospital. Mas Julia sabia que era apenas uma questão de tempo até que precisassem discutir sua promessa a Suzanne. Sentindo o coração doer, Julia temia o momento em que Andrew a forçaria a escolher entre o pedido de sua filha à vontade dele.

Mary Donovan ouviu a história de Julia certa noite, quando a lavadeira as visitou, levando uma torta de groselha para a adoentada. Enquanto os seis filhos restantes de Mary se aglomeraram ao redor da cama de Suzanne e a ajudaram a devorar o doce, as duas mulheres sentaram-se lado a lado no banco do lado de fora.

Elas conversaram primeiro sobre os doentes e os mortos. Julia só conseguia admirar a forma como Mary enterrara sua dor junto com seu filho e seu marido.

— Não faz bem para o morto ficar lamentando muito — a mulher mais velha disse simplesmente.

— Você vai ficar aqui?

— Aqui, ou em algum outro posto. O Exército é minha casa, sabe?

Com as mãos cruzadas no colo coberto pelo avental, a lavadeira ergueu o olhar para o espetacular pôr do sol que pintava o céu de rosa e dourado.

— Eu vou me casar de novo — disse ela depois de um momento, com os olhos fixos no redemoinho de cores. — Já tive três ofertas.

A velha Julia, aquela que crescera em uma cultura que esperava que as mulheres vestissem roupas pretas e se aposentassem da sociedade por um ano após a morte de um familiar próximo, ficaria chocada. A mulher que emergira das tendas dos doentes simplesmente assentiu.

— É uma questão de escolher qual dos três será um pai melhor para os meus filhos — ponderou Mary. — E para o bebê que estou carregando.

Um som estrangulado de alegria e tristeza escapou de Julia. Um novo bebê não poderia, de maneira alguma, compensar a perda de um filho e de um marido, mas ela só podia agradecer a Deus por Ele ter dado um jeito de dar a Mary aquela porção de felicidade para mantê-la firme pelos dias e semanas sombrios à frente.

— E você? — perguntou a lavadeira. — Você e o major vão se casar de novo?

— Não.

— Por que não?

Um bando de gansos sobrevoou os telhados. Com seus longos pescoços negros estendidos, as asas batendo, eles mergulharam no rio para interromper sua jornada para o sul durante a noite. Seus sons roucos concederam a Julia o tempo que ela precisava para enquadrar uma resposta segura.

— Assim que Suzanne recuperar suas forças para viajar, vou levá-la de volta para Mobile.

— Por quê? O que está esperando por você lá?

Nada além de um passado vazio, admitiu em silêncio, e a promessa do futuro de Suzanne.

A lavadeira sacudiu um dedo sob o nariz.

— Escute-me bem, senhora. O major é louco por você, sabia disso? Por você e por aquela menininha, por ambas.

— Você não entende. Eu prometi a Suzanne que a levaria para casa.

— Bem, seja como for, retire a promessa!

— Não é tão simples assim. Também negocie com Deus. — O compromisso que ela oferecera repetidas vezes nas horas mais sombrias ecoava em sua mente. — Se Ele poupasse a vida da minha filha, eu jurei que eu... eu...

— Desistiria de qualquer coisa que lhe desse um prazer mundano e viveria uma vida pura e arrependida — Mary terminou sua frase secamente.

— Mais ou menos.

— O major, é claro, seria sua maior tentação e pecado?

Ela não se incomodou em negar. Mary não acreditaria, em todo caso. A simples lembrança daquelas horas roubadas nos braços de Andrew, antes que a epidemia chegasse, provocava um calor revelador nas bochechas de Julia.

Eles se uniram como feras selvagens. Sem amor, sem confiança, sem pensar em casamento ou na obrigação moral de procriar. Movidos por uma fome voraz, aquela união não fora suficiente para satisfazê-la. Pelo contrário, provar um ao outro só a fez desejá-lo mais. Como consequência, ela havia pagado uma pesada penitência por sua tão breve descida à insanidade.

A sempre pragmática Mary descartou tais considerações filosóficas com um aceno impaciente de sua mão.

— Que homem ou mulher não faz promessas terríveis em tempos difíceis? Eu mesma não jurei que seria uma esposa mansa e humilde para o sargento se o Senhor o deixasse nesta terra um pouco mais? Só não estava em seu destino.

Julia agarrou os fios da saia.

— Talvez Andrew e eu também não estejamos destinados um ao outro. Fizemos escárnio do sacramento do casamento na primeira vez que tentamos. Desta vez, preciso levar minha filha em consideração em primeiro lugar.

— Bem, Suzanne vai precisar ainda de algum tempo para recuperar toda a

sua força. E o inverno vai chegar muito em breve aqui nas planícies, não sabe? Quando chegar a primavera, espero que vocês duas possam ter mudado esta ideia a respeito de irem embora... isso se as nevascas e a cegueira da neve não te enlouquecerem primeiro.

Com aquele aviso, Mary chamou toda a sua ninhada barulhenta e foi para casa.



De sua própria forma, mas de maneira muito mais reservada, Andarilha da Lua ecoara os sentimentos de Mary quando ela, Pequena Ave e Águia Solitária foram levar o fígado de um bezerro envolto em um pano oleoso. Águia Solitária seguia atrás delas com os braços cruzados, falando pouco enquanto sua filha subia na cama de Suzanne para se sentar de pernas cruzadas. Sua esposa compartilhou a receita de ensopado de fígado com a mãe da paciente.

— Ferva a carne com cebolas selvagens. O caldo vai ajudar a engrossar o sangue de Suzanne.

Isso se Julia conseguisse fazer a comida descer pela garganta da filha. O estado frágil e debilitado da menina não diminuía sua agitação.

— Obrigada.

Colocando a carne sangrenta em uma tigela, ela limpou as mãos e ofereceu a seus convidados uma taça de groselha. Andarilha da Lua olhou para o marido em busca de orientação antes de recusar graciosamente. As barreiras estavam voltando, pensou Julia com uma pontada de tristeza.

Eles conversaram por mais alguns momentos, e então Águia Solitária chamou sua filha. A afeição suavizou suas feições de granito quando a garota entrou correndo pela sala. Estendendo a mão grande, ele puxou uma de suas tranças. Rindo, ela envolveu os braços ao redor da coxa nua do pai.

Quando Águia Solitária olhou para cima, ele e a esposa trocaram um sorriso, tão fugaz e tão íntimo que a inveja cravou presas afiadas no peito de Julia. Ela teve que lutar para mantê-la longe quando Andarilha da Lua se virou para ela.

— É verdade que você vai sair de Forte Laramie quando a pequena se recuperar?

— Sim.

— Seu coração quer ir embora?

— Eu tenho que ir. Eu prometi a Suzanne.

Os Sioux inclinaram a cabeça para o lado. Seus olhos escuros procuraram

os de Julia.

— Cada mulher deve encontrar seu próprio caminho — ela disse suavemente. — Eu vou rezar para o Grande Espírito para que você possa encontrar o seu.



Para alívio de Julia, Suzanne aceitou que poderia levar algumas semanas até que estivesse forte o suficiente para viajar. A mera perspectiva de voltar ao mundo familiar pareceu satisfazer a garota ainda letárgica, embora lembrasse a mãe de sua promessa sempre que surgia a oportunidade. Nesse meio tempo, ela tinha Pequena Ave para lhe fazer companhia e os livros que sua mãe pegava da sala de aula para ajudá-la a aprender suas lições.

Setembro varreu uma onda de dias frios e eventos importantes. Os moradores de Forte Laramie ficaram de olhos arregalados com a notícia de que o coronel George Armstrong Custer, herói condecorado da Guerra da Secessão e comandante do 7º Regimento de Cavalaria, havia sido chamado ao Forte Leavenworth para enfrentar uma corte marcial. O boato era que ele havia ordenado que seus oficiais atirassem em desertores a sangue frio. Não só isso, ele deixara suas tropas no campo sem autorização. Como tantos outros homens, ele temera pela segurança de sua esposa Libby durante o surto de cólera e corra para casa para tirá-la de perigo. Um tribunal militar condenou-o a um ano de suspensão do Exército sem pagamento.

Os oficiais e homens em Forte Laramie regozijaram-se ou reclamaram da demissão de Custer. O Coronel Cavanaugh viu isso como mais uma vitória para os Sioux e Cheyenne, que odiavam "Cabelo Amarelo" pelos ataques selvagens em seus acampamentos. Outros, Andrew entre eles, viam a corte marcial de Custer como mais uma vertente na complexa vida das planícies. Assim como o ataque de Nuvem Vermelha aos oficiais em Forte Phil Kearny no mês anterior – agora conhecido como A Luta da Caixa dos Vagões, pelo modo como os lenhadores haviam circulado os vagões de madeira para combater o ataque – a demissão de Cluster mantinha os tons políticos.

Andrew suspeitava que a verdadeira razão pela qual o Congresso estava mais interessado na paz do que em continuar a guerra contra os índios das planícies tinha a ver com dinheiro vivo. Custava mais do que eles queriam pagar manter os postos ao longo da Trilha Bozeman, principalmente com rotas alternativas para os campos de ouro de Montana agora disponíveis.

Sua suspeita aumentou quando o general Sherman confirmou que o

Exército não iria retaliar o caso dos ataques ao vagão. Nem o Exército permitiria que o sucesso do capitão Powell em repelir o ataque fosse anunciado na imprensa como uma grande vitória.

Em vez disso, o coronel Cavanaugh recebeu a notícia de que a recém-nomeada comissão de paz se reuniria em St. Louis antes de partir para Forte Laramie no início de novembro, se o tempo permitisse. Andrew despachou mensageiros para todas as grandes bandas, informando os chefes sobre a chegada esperada da comissão. Cauda Manchada avisou que se encontraria com eles, assim como Touro Sentado. Nuvem Vermelha e Cachorro Louco não responderam.

Julia absorveu todos esses eventos apenas perifericamente. Seu foco principal permaneceu em acontecimentos mais próximos de casa. Na segunda semana de setembro, Mary Shaunessy O'Dell Donovan casou-se com o soldado Robert Mulvaney em uma cerimônia tranquila, assistida apenas por sua família e alguns amigos. O soldado musculoso, de pescoço grosso como o de um touro era cinco anos mais novo do que Mary e estava muito encantado com sua nova esposa, além de surpreso por sua incrível sorte em conquistá-la. Ele não tinha o prestígio ou a forte presença de seu falecido marido, Mary confidenciou francamente a Julia, mas Sean Donovan considerava Mulvaney o mais trabalhador e mais sóbrio de todos os seus soldados. Isso, declarou a noiva, era recomendação suficiente para ela.

Com seus próprios assuntos em ordem, Mary decidiu que Julia precisava de um descanso de seu trabalho como enfermeira e pediu que ela voltasse à escola. Lembrando as outras lavadeiras de que eram seus filhos que se beneficiavam do ensino da escola de Julia, ela as organizara em turnos para que cuidassem de Suzanne durante o dia. E foi Mary que avisou a Andrew que a mãe parecia tão debilitada quanto a filha. Julia precisava se beneficiar um pouco do sol de setembro naquelas faces pálidas.

Obediente à ordem nítida de Mary, Andrew apareceu na sala de aula logo depois que Julia dispensou seus alunos à tarde. Ela ergueu os olhos, interrompendo sua tarefa de esfregar o quadro negro.

— Você não pediu que nenhum aluno ficasse depois do horário para fazer isso? — ele perguntou com um sorriso.

— Hoje não.

— Bom.

Os pisos irregulares rangeram sob as botas enquanto ele passeava pelo corredor entre as mesas. Removendo o chapéu, Andrew segurou-o em uma mão enluvada. Raios de sol que atravessavam a janela distinguiam os matizes avermelhados em seus cabelos.

— Você pode sair por um momento, Julia? Estou com uma carroça lá fora. Nós poderíamos dar um passeio curto.

— Sim, claro.

Sua resposta calma disfarçava um nervosismo repentino. Eles não conversaram, nem sequer se falaram, desde aquela noite na tenda. As visitas de Andrew para verificar Suzanne e transmitir os desejos de Daisy por sua rápida recuperação haviam acontecido sob os olhos vigilantes da criança.

Ele sabia que era melhor não pressionar Julia quando a saúde de sua filha ainda pesava em sua mente. Pela forma como suas mãos demoraram em sua cintura quando ele a ergueu até a carroça era evidente que o tempo tinha passado.

Ela fechou o xale sobre os ombros, mais para esconder os tremores de antecipação do que para proteção contra a brisa brincalhona que balançava a bandeira presa ao poste de madeira. A mesma brisa bagunçava o cabelo que ela havia prendido em um coque solto na nuca. Desejando ter trazido um gorro para impedir que os fios rebeldes voassem sobre seu rosto, Julia lançou a Andrew um olhar curioso.

— Aonde estamos indo?

— Você verá.

Ele segurou as rédeas da carroça com a mesma facilidade com que manejava seu cavalo. Manobrando ordenadamente ao redor das tropas que estavam de guarda, ele guiou ao longo da trilha de terra que circundava o campo de parada. Passaram pelo prédio de dois andares de Old Bedlam, assim como pelos aposentos do médico e a loja do comerciante.

A princípio, Julia achou que o destino deles poderia estar nos estábulos da cavalaria, no extremo norte do posto. Talvez ele quisesse que ela visse como o pônei de Suzanne se comportara ou discutisse a situação do animal quando ela e a filha voltassem para o leste. Só de pensar em ir embora lhe causava um nó na garganta.

Para seu secreto alívio, eles passaram pelos estábulos e seguiram a curva do rio Laramie. Uma vez livre das dependências, a brisa afugentou o odor de esterco de cavalo e o som do tilintar dos martelos dos ferradores contra as bigornas de ferro. Outra curva do rio cortou completamente todos os ecos do forte.

Alguns momentos depois, a carroça fez uma inclinação para os penhascos acima do rio. O queixo de Julia caiu em puro espanto.

Um mar azul-arroxeadado espalhava-se diante de seus olhos encantados. Flores altas colocavam suas cabeças acima da grama por acres e acres e se curvavam orgulhosamente à brisa. Eram da cor mais extraordinária; um índigo

tão profundo que fez Julia pensar na lendária púrpura dos antigos reis.

— São gloriosas — ela respirou. — O que são?

— O soldado Cooper identificou-as em uma de suas palestras botânicas como sendo Genciana de Pradaria, mas os soldados as chamam de Amor-Perfeito.

— Porque elas são perfeitas, é claro — ela murmurou, olhando maravilhada para a exibição espetacular.

— Sim. Além disso, suas folhas secas fazem uma espécie de tabaco. — Um sorriso torto curvou a boca de Andrew. — Tem certos efeitos estimulantes quando fumados.

Uma risada em resposta fez cócegas na garganta de Julia.

— Claro que seus inventivos cavaleiros iriam descobrir um uso prático para toda essa beleza.

Como era bom rir, ela pensou com tristeza. Que maravilha simplesmente ficar sentada ali sob o sol em meio a toda aquela cor gloriosa. Suspirando, ela juntou as mãos no colo e deixou o olhar percorrer o mar ondulante de anil.

Com um olhar de soslaio para o rosto dela, Andrew parou a carroça. O evidente olhar maravilhado de Julia acendera pequenos fogos de satisfação logo abaixo de sua pele. Muitos dos moradores de Forte Laramie odiavam a vida nas planícies. Eles não viam nada a não ser quilômetros implacáveis de terra de cor parda, assadas pelo sol do verão e cheias de neve no inverno. Apenas alguns, como Andrew, aprenderam a apreciar a beleza sutil da área.

Mostrar a Julia a magnificência daquele lugar era parte de um plano deliberado para apagar o horror que agosto deixara em sua mente e para convencê-la a abandonar qualquer plano de voltar a Mobile. Andrew a havia perdido uma vez. Ela não sabia ainda, mas ele não tinha intenção de perdê-la novamente.

Ele não pretendia permitir que nenhum indício de sua determinação fosse demonstrado em seu rosto quando saiu da carroça e preparou-se para pegá-la. Iria expor seus pensamentos em passos deliberados. A primeira ideia era tirá-la do sol, levá-la para longe do forte e passar algum tempo com ela em meio à confusão de cores e o perfume inebriante. A sensação de sua cintura estreita sob as camadas do espaltilho, porém, levou-o diretamente para a fase dois.

Andrew a desceu lentamente, deslizando o corpo dela entre o seu e a roda de carroça. Quando não se afastou, o olhar de Julia o encontrou. Ele sorriu para ela, lutando para controlar o repentino borbulhar em seu sangue, proveniente do roçar dos seios femininos contra seu peito.

— Amores-Perfeitos só florescem por algumas semanas. Toda vez que eu os vejo, tento decidir se eles são da mesma cor dos seus olhos. Então eu me

amaldiçoo por pensar em você.

— Andrew...

— Seus olhos são de um violeta mais profundo, Julia. E eu desisti de tentar mantê-la longe dos meus pensamentos.

Aquela afirmação contundente provocou um desejo de resposta em Julia, mas este foi rapidamente encoberto pela angústia.

— Não fique tão preocupada — ele disse gentilmente. — Eu nunca a obrigaria a escolher entre mim e sua filha. Você tem que fazer o que é melhor para Suzanne.

— Você a ouviu, Andrew. Estava tão fraca, e eu senti tanto medo de perdê-la.

— Eu sei.

— Eu teria prometido colocá-la nas minhas costas e voar para a lua, se ela pedisse.

— Ela não terá forças suficientes para viajar para a lua ou para qualquer outro lugar por semanas ainda. — Erguendo a mão, ele colocou uma mecha rebelde de seda preta atrás de sua orelha. — Tudo pode acontecer nessas semanas, querida.

Com um sorriso hesitante, ela se agarrou ao alívio temporário.

— Isso é verdade.

— Como isto — ele murmurou, inclinando-se para tomar seus lábios.

Chamas a percorreram por inteiro. Tão velozes e gananciosas quanto um fogo de pradaria, fazendo sua pele queimar. Gemendo, ela jogou os braços ao redor do pescoço dele.



Julia nunca havia feito amor sob o céu aberto antes. Nunca sonhara que iria se deitar em meio a uma relva de flores roxas, com suas roupas servindo-lhe de colchão, enquanto a brisa arrepiava sua pele nua e a boca experiente de Andrew provocava seus mamilos, transformando-os em picos doloridos.

Aquela não era ela. Aquela mulher gananciosa e desejosa, que se recusava a pensar em qualquer coisa além daquele momento, além da sensação da boca e das mãos de Andrew em sua carne, não tinha nenhuma semelhança com Julia Robichaud Bonneaux, criada em um convento. Ou melhor, Julia Robichaud Garrett Bonneaux, ela se lembrou ferozmente. A virgem ingênua, que se convencera de alguns votos trocados em uma capela sombria, encobria a paixão que Andrew lhe despertava com o desejo de se manter respeitável.

Agora ela compreendia. Não havia nada apropriado, decente ou educado em relação àquela fome que consumia tudo. Nenhum voto poderia domar, e nenhum deles fora oferecido ou trocado daquela vez.

Algumas semanas, ela pensou desesperadamente quando a mão de Andrew encontrou o calor úmido entre suas pernas. Eles teriam algumas semanas para viver aquele outono glorioso. Então carregaria a lembrança daquelas flores e das planícies selvagens, algo que ela guardaria para sempre em seu coração quando fosse levada pelo vento para o Leste.





CAPÍTULO DEZESSETE

Andrew implementou a próxima fase de seu plano para sabotar o retorno de Julia a Mobile no domingo, após a ida ao prado.

Suas breves visitas a Suzanne e informações vindas de várias fontes indicavam que a garota havia recuperado parte do peso que perdera. Ela agora podia andar um pouco, mas ficava sem fôlego depois de apenas alguns passos. Ela também andava irritada com o confinamento. Um concerto planejado pela 2ª banda regimental da Cavalaria a animaria consideravelmente... e daria a Andrew a oportunidade que ele estava esperando.

Na tarde de domingo, ele vestiu seu uniforme de gala azul, com dragonas douradas e o chapéu de estilo prussiano com uma pluma de crina de cavalo. Uma larga faixa amarela pesava nas extremidades franjadas, caindo em dobras sob o sabre de seu traje. Passando uma última vez pano de polimento em suas botas, ele se dirigiu para os estábulos.

O ferrador da companhia C estava esperando por ele. O sargento musculoso tinha tirado o avental de couro e limpado a sujeira debaixo das unhas. Assim como o major, ele vestira seu melhor uniforme para o concerto da tarde.

— Ela está pronta?

— Tudo pronto, senhor.

Sorrindo, o ferrador levou o pônei de Suzanne para fora dos estábulos. Ao tilintar dos sinos, o pequeno animal saiu à luz do sol. Ela puxava os eixos de um carrinho de pônei, e seus olhos pareciam brilhantes e inteligentes, como se estivesse feliz por sair de sua baia.

— Está bom, major? O que você acha da carroça?

Andrew examinou o carrinho com atenção. Ele havia encomendado sua construção no dia seguinte depois de carregar Suzanne, fraca e quase sem vida,

de volta aos aposentos de Julia em Suds Row. O ferrador, também um carpinteiro talentoso, ficara muito feliz em suplementar seu salário com o projeto extra.

Quando o veículo começou a tomar forma, metade da companhia se envolveu no projeto. O ferrador, aborrecido, recebeu conselhos sobre tudo, desde o tamanho das rodas até o ângulo correto para ajustar os eixos. Seus conselheiros bem intencionados haviam votado também no esquema de pintura e nos desenhos. Como resultado, a carroça ostentava agora uma camada de tinta azul brilhante, acabamento amarelo de cavalaria nas rodas e um cordão de sinos tilintando no suporte do arnês. O soldado O'Shea acrescentara o toque final – margaridas pintadas nos dois lados do painel.

— Você fez um bom trabalho — Andrew disse sinceramente. — Muito bom.

Tão bom, na verdade, que o major se tornou o objeto de olhares arregalados enquanto desfilava pelo posto. Sentiu-se mais do que um pouco tolo ao devolver as saudações dos soldados com uma das mãos enquanto segurava as rédeas da frente do pônei com a outra, tudo sob o som do tilintar dos sinos prateados. Após o terceiro ou quarto cumprimento, ele se livrou do espanto gerado. Certamente sua reputação como oficial e veterano condecorado sobreviveria a um carrinho de pônei azul e amarelo.

Ele havia enviado um bilhete antes, oferecendo a Julia e Suzanne sua escolta, se desejassem assistir ao concerto da banda. Sua breve resposta expressou sincera gratidão. Tanto a mãe quanto a filha precisavam de alívio da companhia uma da outra, Andrew imaginava. Estavam esperando quando ele chegou em seu alojamento, seguido por um grupo de crianças de olhos arregalados, atraídas pelos sinos e pelo carrinho.

O deleite de Suzanne quando vislumbrou Daisy mais do que compensou o breve embaraço de Andrew durante sua marcha pelo posto. A gratidão de Julia quando viu a carroça pintada alegremente foi pagamento mais do que suficiente.

— Oh, Andrew, como você é atencioso!

— Eu tenho todo o crédito pelo carrinho — ele disse com um sorriso —, mas as flores nos painéis laterais foram contribuição do soldado O'Shea. Considere isso um presente de aniversário para Suzanne de toda a tropa.

Os olhos violetas de Julia brilhavam úmidos.

— Você é tão bom para nós.

Seu sorriso ganhou um toque irônico.

— Não me dê crédito com uma natureza muito cavalheiresca. Há intenção deliberada por trás desse carrinho de pônei, como acho que você deve entender.

Julia reprimiu suas tolas lágrimas. Claro que ela entendia a intenção. Ele

havia deixado bem claro naquela tarde entre os Amores-Perfeitos. Não queria que ela voltasse para Mobile, tanto quanto ela não queria ir.

Isso não mitigava a extraordinária generosidade do gesto. Ela poderia ter dito tais palavras a ele se seu próximo comentário não tivesse lhe roubado completamente o fôlego.

— Há dias eu não consigo dormir desejando levá-la outra vez ao prado — ele murmurou em seu ouvido. — Ou ao meu quarto. Ou para o celeiro. Ou para qualquer outro lugar.

Felizmente, Suzanne não notou a repentina mancha escarlate nas bochechas de sua mãe, e Andrew se afastou antes que a menina pudesse reparar.

Como era absurdo que dois adultos tivessem que sussurrar assim, Julia pensou com tristeza. Ou ser refém de uma promessa feita a uma menina que acabara de completar seis anos, uma voz maligna em sua mente sussurrou. Só então Julia percebeu o quanto se arrependera daquela promessa precipitada.

Ela não queria ir embora. Tampouco podia negar o aperto que sentiu em seu coração quando Andrew abriu a porta do carrinho de pônei, bateu os calcanhares e se curvou para Suzanne.

— Sua carruagem a espera, milady.

A garota se virou para a mãe. O desejo de subir no assento de couro e tomar as rédeas claramente lutava com sua cautela instintiva a respeito do major. Apegando-se teimosamente às lembranças de Philip e Mobile, a garota se ressentia das atenções de Andrew com sua mãe.

Engolindo um suspiro, Julia deu à filha um sorriso encorajador.

— Está tudo bem. Você está forte o suficiente para segurar rédeas. O major Garrett vai segurar as rédeas principais, por precaução.

— Eu quero que você as segure — foi a resposta petulante.

— Suzanne...

— Está tudo bem. — Andrew passou as rédeas para Julia com calma imperturbável. — É melhor começarmos pela parada. Não queremos perder o show.

Mais perto de não ter paciência com a filha do que jamais estivera desde a doença, Julia puxou o pônei para um passeio tranquilo.



Suzanne e sua pequena carroça proporcionavam quase tanto entretenimento quanto a banda regimental. Toda a população do posto se interessara pelo evento da tarde, como se estivesse determinada a deixar a música animar os ânimos

ainda cheios de pesar. Chapéus de sol e xales de cores vivas tremulavam na brisa. Oficiais com seus bonés e espadas exibiam-se em meio ao pessoal alistado, similarmente elegante e polido. Filas de cadeiras haviam sido arranjadas para as damas, que voltaram à suas posições desde que a crise passara, Julia observou. As esposas dos oficiais ocupavam uma extremidade da primeira fileira, as lavadeiras, a outra.

Depois de tantas semanas e tantas dificuldades compartilhadas, Julia parecia ter preenchido a lacuna entre as duas classes. Victoria McKinney, ainda pálida e consumida pela perda do bebê, implorou a ela que se sentasse ao seu lado. Maria Schnell acenou com a mão e também lhe ofereceu espaço. Mary Donovan e as outras lavadeiras a cumprimentaram com saudações amigáveis.

Aquela recepção calorosa preencheu Julia com um sentimento de pertencimento que intensificou a pequena dor logo abaixo de suas costelas. Logo agora que passara a se sentir em casa e contava com tantos amigos em Forte Laramie, ela teria que deixá-los.

Escondendo seus pensamentos por trás de uma fachada sorridente, Julia escolheu ficar com Andarilha da Lua, ao lado do carrinho de pôneis de Suzanne. Águia Solitária se erguia atrás da esposa, ereto e orgulhoso, com suas pernas de camurça com franjas, jaqueta de exército azul-escura e chapéu cinza com sua única pena de águia. Andrew devolveu a saudação do batedor e virou-se para Andarilha da Lua. Em uma voz suave e melodiosa como a de sua filha, ela fez uma pergunta em sua língua nativa. Ele respondeu com um aceno de cabeça e algumas palavras em Sioux.

Capturando o olhar curioso de Julia, Andarilha da Lua sorriu, desculpando-se.

— Falamos do primo do meu pai, Cauda Manchada. Perguntei ao major se ele ficou sabendo que o chefe irá aceitar a nova oferta de paz quando chegar a Forte Laramie.

Julia lançou a Andrew um olhar curioso.

— Ele vai?

— Ele disse que vai.

— E os outros chefes?

— Nós não sabemos.

— Estou surpresa que a comissão esteja disposta a viajar até Forte Laramie sem garantias firmes de que os outros chefes virão para negociar.

— A comissão está em St. Louis neste momento, debatendo a melhor forma de proceder. Enquanto isso, eles estão enviando George Beauvais como uma espécie de embaixador.

Os olhos de Águia Solitária brilharam com interesse nas notícias.

— Beauvais? Bom homem. Ele conhece os caminhos do povo.

— Ele é um veterano — Andrew explicou a Julia. — Um comerciante que há muito detém o respeito tanto dos Sioux quanto dos Cheyenne. Ele ajudou a elaborar o tratado de 1851 e forçou a retirada de um dos agentes que roubaram mercadorias e suprimentos que deveriam ir para os índios Sioux. O General Sherman está esperando que seu mensageiro, aliado a Cauda Manchada, convença Nuvem Vermelha a entrar e negociar.

Águia Solitária balançou a cabeça.

— Nuvem Vermelha não vai falar sobre paz até que o Pai Branco concorde em queimar os fortes do Norte. Mais sangue ainda será derramado.

A conversa sobre guerra diminuiu o brilho daquela tarde. Um arrepio percorreu a espinha de Julia. Ela segurou o xale de franjas um pouco mais apertado em volta dos ombros.

Andrew percebeu o pequeno gesto e mudou a direção da conversa.

— Suzanne encontrou sua sombra, como posso ver.

Os olhares das mulheres se voltaram para o carrinho de pônei, onde Suzanne convidou Pequena Ave para se juntar a ela durante o concerto. As duas garotas estavam sentadas juntas, sussurrando e rindo enquanto marchinhas e batidas marciais preenchiam o ar. Elas formavam um contraste muito marcante, pensou Julia. Suzanne, com seu vestido de domingo de musselina e gorro bordados, e Pequena Ave em seu melhor vestido frisado de franjas. No entanto, as brincadeiras e fantasias de meninas que elas compartilhavam as tornavam mais próximas do que irmãs.

Tão próximas, de fato, que Julia precisou pedir discretamente a Suzanne que desse um passeio com as outras crianças durante o breve intervalo. Julia guiou o pônei por duas etapas do desfile antes de abandonar o controle para o soldado de Andrew. O'Shea assumiu a liderança de bom grado, mas sacudiu a cabeça ao inspecionar a ocupante da carroça.

— Eu não sei, senhora. Não parece certo ela dirigir uma carroça do exército sem o uniforme apropriado.

— Este não é um vagão do exército — protestou Suzanne. — Tem margaridas!

— Claro que sim, querida, porque eu mesmo as coloquei aí, não é? Mas esse meio de transporte foi construído em propriedade do exército, com materiais do exército. Não sei no que o major estava pensando, colocando uma civil no assento.

Por mais relutante que tivesse estado ao aceitar o carrinho, Suzanne não estava disposta a renunciar ao seu prêmio. Seu olhar desesperado disparou para Andrew. Com um olhar seco na direção de seu soldado, ele entrou na

brincadeira.

— Acontece que o mesmo pensamento me ocorreu.

Colocando a mão dentro da jaqueta de seu uniforme, ele extraiu um cap de forragem achatada. Uma sacudida rápida deu ao chapéu a inclinação adequada na aba. Ele fora polido até chegar a um preto brilhante, Julia notou, assim como a alça do queixo. As espadas cruzadas e a insígnia regimental bordada em sua coroa causavam uma agitação inquieta em seu peito. Ela nunca pensou que veria a filha usando o boné de um oficial ianque.

Suzanne não tinha tais escrúpulos. Com um guincho de prazer, ela desamarrou as cordas do chapéu que já usava e jogou-o na parte de trás da carroça. Quando Andrew colocou o novo em um ângulo alegre sobre os cachos que estavam apenas começando a recuperar o brilho, a garota realmente sorriu para ele.

— Como estou?

Um sorriso de resposta suavizou os traços ásperos do major.

— Como um perfeito soldado.

O momento inesperado de harmonia manteve Julia fascinada. Possibilidades tentadoras muito inesperadas invadiram sua mente e se recusaram a sair, mas ela não permitiu que nenhuma delas assumisse uma forma específica. A conexão entre Andrew e Suzanne era muito frágil para merecer algum significado.



Ela ficou se lembrando daquele momento importante repetidamente nos dias que se seguiram. Com uma dieta suplementada pela caça selvagem, coxas de carne de veado e as iguarias compradas na loja, que Andrew e seus soldados insistiam em mandar para os alojamentos em Suds Row, Suzanne recuperou a força perfeitamente. Logo passou de sentada docilmente em seu carrinho de pônei para querer segurar as rédeas ela mesma. Em um tempo notavelmente curto, os moradores de Forte Laramie se acostumaram com a visão de um oficial diminuto, usando um quepe sobre os cachos enrolados, dirigindo uma carroça pintada de azul, com sua companheira de travessuras a seu lado, com muita frequência.

Os soldados da Companhia C pareciam tê-la adotado como uma espécie de mascote. Daisy nunca queria receber atenção, e sempre esperava pacientemente quando a

"pequena soldado" chegava ao estábulo depois das aulas. Andrew

assegurou a Julia que cuidaria para que Suzanne não sobrecarregasse suas energias.

Se a chegada do outono havia trazido um toque de cor de volta para as bochechas de Suzanne, também resultara no entendimento de que Julia teria que decidir em breve quando retornariam a Mobile. Se esperasse muito mais tempo, a ameaça de tempestades de inverno tornaria as viagens pelas planícies abertas muito perigosas.

Depois de sua afirmação naquele dia no prado de que nunca iria ficar entre Julia e sua filha, Andrew não mencionou o assunto da partida. No entanto, ela sabia que pesava tanto em sua mente quanto na dela. Com a inexorável pressão do tempo, Julia não tentou mais negar sua fome pelo homem que odiara no passado tanto quanto amava agora.

O desejo a deixava agitada durante a noite, quando se deitava na cama ao lado de Suzanne. O mesmo desejo fazia seu sangue disparar durante aquelas poucas horas roubadas, quando se via deitada sob... ou sobre... ou entrelaçada ao corpo de Andrew. Com uma ferocidade que chegou a chocá-la quando teve fôlego suficiente para pensar sobre isso, ela o montava como o cavaleiro mais selvagem montaria seu animal. Em outras vezes, ela se contorcia de prazer quando ele a girava, colocava-a de quatro e mergulhava nela por trás.

Quando ela finalmente entendeu que ele se recusava a derramar sua semente em seu corpo para poupá-la de uma gravidez, Julia o tomou em sua boca. Nunca tinha feito tal serviço antes, nunca sonhara em realizá-lo. Agora ela mal conseguia entender o porquê!

O simples ato concedia o poder mais incrível a uma mulher e reduzia até mesmo um homem com uma vontade de ferro como Andrew a um estado parecido com o de uma geleia de porco trêmula. Quando lhe disse, em uma tarde durante uma hora roubada em seus aposentos depois das aulas, ele soltou uma gargalhada estrondosa, que veio do fundo de seu estômago.

— Este é o tipo de poder que um homem dá a uma mulher de boa vontade.

— É sério?

Ela olhou para ele de sua posição invertida. Andrew estava deitado como um monarca, presunçoso em sua nudez, enquanto ela se esparramava ao longo de seu corpo. Com um sorriso presunçoso, Julia segurou seu membro rígido na mão. Como uma gatinha, ela passou a língua ao longo da pele acetinada.

— Não me parece que seja algo que você dá — ela fez uma pausa para outra delicada lambida —, mas, sim, algo que eu tomo.

Sorrindo, ele cruzou as mãos atrás da cabeça.

— Eu dificilmente serei capaz de discutir o assunto agora.

— Não — ela murmurou, raspando os dentes ao longo de uma veia azulada

—, você não será.

Seu sorriso desapareceu com um silvo indignado. Para sua alegria, o membro de Andrew saltou em sua mão.

— Julia!

— Hummm?

— Tenha cuidado, mulher. Eu não... eu não posso...

— Não pode o quê, Andrew?

Sua única resposta foi um grunhido estrangulado.

O conhecimento inebriante de que ela podia levá-lo ao clímax tão rapidamente, de uma brincadeira preguiçosa à completa incoerência, fluía pelas veias de Julia como vinho aquecido. Ela fora tão jovem, todos aqueles anos atrás. Tão ignorante. Andrew a iniciara para a paixão com o que ela agora reconhecia como uma gentileza incrível. Mas aquela... aquela era uma jornada para terras inexploradas, uma viagem para delícias eróticas que ela nunca imaginou que poderiam existir.

Andrew não demonstrava nenhum constrangimento em suas reações ao toque dela, não lhe permitia vergonha alguma também. Refestelar-se da cabeça aos pés daquela forma, à luz do dia, sem sequer uma peça de roupa entre eles, ia além de qualquer coisa que Julia tivesse experimentado. Philip nunca brincara com ela daquela forma. Ele a amara com tanta gentileza, sempre tão cuidadoso com o decoro. Julia não conseguia se lembrar de ter sequer removido sua camisola na presença dele, na cama ou fora dela.

A sensação de Andrew quente como ferro ardente em sua mão, contra seus lábios, dentro de sua boca, afastava todos as lembranças de Philip de sua cabeça. Na verdade, expulsava todo o resto também, exceto o medo crescente de deixar Forte Laramie e abandonar Andrew.

Aquele pavor acrescentava um impulso de urgência à sua necessidade. Seus dedos apertaram ainda mais o membro. Seu corpo se arqueou sobre o dele. Quando seus lábios se fecharam ao redor da carne quente e acetinada, ela soube que levaria o gosto dele com ela quando partisse, para onde quer que fosse.





CAPÍTULO DEZOITO

George Beauvais chegou a Forte Laramie no segundo dia de outubro. O posto inteiro zumbia com especulações sobre as funções do comerciante, que vinha em missão de paz como embaixador... e pelo fato de que ele chegara acompanhado por vários vagões que transportavam presentes para os chefes Sioux e Cheyenne que iriam se reunir com a comissão.

Andrew e o coronel Cavanaugh ficaram reunidos com Beauvais por horas a fio. O coronel não fez segredo de sua oposição à missão de paz. Cavanaugh também não hesitou em ridicularizar Beauvais por ceder aos "selvagens pagãos". Quanto mais agitado o coronel se tornava, mais ele se entorpecia com láudano. Finalmente, Andrew foi forçado a intervir e emitir as ordens necessárias para despachar as mensagens que Beauvais havia solicitado que fossem enviadas aos chefes. O posto ficou agitado por um dia e meio com o som de clarins anunciando as partidas das patrulhas.

Tudo isso Julia descobrira em conversas espaçadas com Andrew. Ele ia a Suds Row todas as noites para checá-la e a Suzanne, mas a pressão dos deveres tornava suas visitas breves. Foi só na semana seguinte, quando Julia o encontrou por acaso após as aulas, que eles tiveram tempo para conversar em particular sobre o início das negociações de paz.

Ela estava sozinha. Suzanne e Pequena Ave já haviam chegado aos estábulos, onde encontraram Daisy atrelada ao carrinho de pônei e preparada para o trote da tarde. Julia havia expressado dúvidas sobre deixar as garotas saírem naquela tarde, pois o dia tornara-se cinzento e sombrio, mas Suzanne havia defendido sua causa com um discurso tão marcante que sua mãe não pôde recusar.

Grandes e pesadas nuvens agora galopavam pelo céu como uma manada de

búfalos fantasmagóricos. Um vento brincalhão soltara os fios de cabelo de Julia de sua coroa trançada enquanto seguia o caminho que dava para os prédios da Rua dos Oficiais. Ela estava a caminho dos aposentos do médico, para visitar Maria Schnell. Se o marido de Maria estivesse lá, Julia iria consultá-lo sobre a tintura de água com canela infundida com duas gotas de creosoto e meia onça de mucilagem espessa que ele havia receitado para Suzanne. Agora que a cor estava florescendo nas bochechas de sua filha novamente, Julia se perguntava por quanto tempo mais teria para forçar que ela tomasse a mistura nociva.

Era muito estranho sentir-se ansiosa pelo dia em que o médico iria dizer que Suzanne estava completamente recuperada... e, ao mesmo tempo, o quanto relutava em admitir que aquele dia estava quase chegando. Uma sensação oca se formava na boca de seu estômago quando pensava que teria de guardar seus pertences novamente em seu baú e entrar em uma carroça para se afastar de Forte Laramie.

E ir para longe do homem que emergira na varanda inferior de Old Bedlam, no exato momento em que Julia se aproximara.

Sua pulsação acelerou ao vê-lo. Alto, forte, com a aba do chapéu abaixada na testa, ele estava no topo da escada. Ele não a viu a princípio, o que lhe deu tempo para notar o quanto seus maxilares estavam cerrados. Outra sessão com Cavanaugh, ela adivinhou. Cinco minutos com o coronel poderiam deixar Andrew mais tenso do que um chicote.

Sua expressão se iluminou ao vê-la, mas nem mesmo o sorriso de boas-vindas podia disfarçar as linhas que envolviam sua boca.

— Saindo para um passeio? — ele perguntou.

— Eu tenho uma hora enquanto Suzanne está exercitando Daisy. Estou indo visitar Maria Schnell.

O sorriso diminuiu em seus olhos, e com isso surgiu algo mais; algo tão terno que o coração de Julia começou a martelar contra suas costelas.

— Eu tenho uma hora antes de os corneteiros soarem chamando. Por favor, fique comigo.

Mais rápido do que pudera perceber, Julia soube que, novamente, o ciclo estava se fechando. Mais uma vez, perdera a cabeça e o coração para Andrew Garrett. Não queria amá-lo, precisava se convencer de que essa ganância pelo toque dele se originava do desejo que ele sempre poderia despertar nela, nada mais.

No entanto, o mero desejo não podia explicar seu desejo súbito e feroz de ir até o seu quarto, sentar-se em uma cadeira e aliviar a tensão de seus ombros. Luxúria não explicava seu desejo ardente de aliviar sua mente com conversa despreocupada, ou de beijar as linhas de tensão em seu rosto, fornecendo

qualquer um dos confortos caseiros que uma mulher pode dar ao seu homem.

— Sim — ela respondeu com um bolo na garganta — Eu prefiro ficar com você.

Erguendo suas saias, ela subiu os degraus da frente. As tábuas desgastadas da varanda rangeram quando Andrew a acompanhou para dentro. As fragrâncias agora familiares de tabaco e de couro de bota deram as boas-vindas a Julia, assim como o tenente que inclinava o chapéu respeitosamente quando passaram por ele no corredor.

No começo do dia, o soldado O'Shea ainda estava ocupado com seus deveres militares, assim como a maioria dos outros oficiais. Uma tranquilidade imperturbável os cercou quando Andrew a conduziu para sua sala de estar e fechou a porta. Ainda tomada pela necessidade esmagadora de aliviar sua tensão, ela jogou o xale em uma das cadeiras de campanha dobráveis e ordenou que ele pegasse a outra.

Ela já conhecia o alojamento dele bem o suficiente para se sentir à vontade para pegar o decantador em uma das prateleiras. Em deferência ao paladar mais delicado de Julia, Andrew encheu a garrafa com vinho do porto, em vez da terebintina que se passava por uísque na fronteira.

— Você pode tomar um pouco de vinho ou ainda está de plantão?

Seu chapéu se juntou ao xale sobre a cadeira.

— Eu ainda estou de serviço, mas com o coronel entorpecido por láudano e George Beauvais subindo pelas minhas costas, vou amaldiçoar a mim mesmo se começar a me preocupar com um copo de vinho do porto.

— Por que o Sr. Beauvais está com raiva de você?

— Eu coloquei um de seus motoristas atrás das grades. — Balançando a cabeça com desgosto, Andrew acomodou-se em uma das cadeiras e esticou as pernas. — O motorista e seus amigos ficaram completamente bêbados na noite passada e quebraram a mesa de bilhar na loja do comerciante.

— Já foi quebrada antes — Julia comentou suavemente. — Sempre nos dias de pagamento, até onde eu sei. Você geralmente apenas multa os homens envolvidos e os faz pagar o suficiente para cobrir o custo dos reparos. Por que colocou esse culpado em particular na cadeia?

— Principalmente porque ele não aceitou de bom grado a sugestão do oficial do dia de que abrisse os bolsos para pagar o dano. Ele pulou nas costas do capitão e deu uma mordida em sua orelha antes que os soldados pudessem afastá-lo.

— Bom Deus!

— Foram precisos três homens para subjugá-lo. Ele não vai morder mais nada por um bom tempo — Andrew concluiu severamente, aceitando o copo que

Julia lhe entregava.

— Por que o Sr. Beauvais contrataria alguém assim para acompanhá-lo no que deveria ser uma missão de paz?

— George jura que não teve escolha. Depois do incidente com o vagão no mês passado, poucos civis estão ansiosos para subirem em uma carroça de mulas e arriscarem seus escalpos aqui no coração do país Sioux. Beauvais esvaziou as celas em St. Louis para contratar essas pessoas. Eu tive que pedir que ele os levasse para cima, para longe da parte principal do posto, e mantê-los lá. Mas chega de Beauvais e sua equipe.

Enganchando um braço em volta da cintura dela, ele a puxou para seu colo.

— Vamos falar sobre outras coisas. Ou melhor ainda — ele murmurou, pressionando o copo nos lábios dela — não vamos falar nada.

A sugestão fez com que o vinho lhe descesse mal. Andrew esperou educadamente até que Julia terminasse de tossir para pôr o copo de lado.

— Você está cansado — ela protestou quando ele acariciou seu pescoço. — E nós temos apenas uma hora.

— Eu não estou tão cansado, e já fizemos bom uso de menos tempo do que isso. Vire-se no meu colo e deixe-me mostrar a você uma das montarias mais interessantes da cavalaria.

— Esta cadeira é muito frágil para tais manobras!

— Ela vai nos aguentar — ele disse com confiança, embora Julia sentisse a cadeira vacilante. — Nós apenas temos que distribuir o nosso peso uniformemente.

Ela agarrou seus ombros, buscando equilíbrio, enquanto ele a segurava pela cintura, erguendo-a e a colocando montada sobre ele.

— Andrew, isso não vai funcionar!

— Nós não saberemos até tentarmos. Passe sua perna por sobre a minha, querida. Isso, assim. Espere, deixe-me remover a minha pistola. Levante seu traseiro um pouco.

— E sua espada — ela protestou, rindo impotente. — Está em um ângulo estranho.

— Tudo bem, mas você terá que...

O súbito rugir do trovão do lado de fora da janela pegou os dois de surpresa. Julia sobressaltou-se, pulando uns bons três centímetros no ar. Andrew sufocou um xingamento e olhou para além dela, para a janela fechada.

Girando o corpo, ela viu que os pedacinhos do céu visíveis através das nuvens tinham escurecido para um cinza sinistro. O vento sacudiu as janelas e reuniu tanta força que as vigas de Old Bedlam começaram a gemer em protesto. Outro estrondo ensurdecedor fez Julia sair do colo de Andrew.

— É melhor eu ir procurar Suzanne e Pequena Ave. Não quero que elas sejam pegas por uma tempestade em seu carrinho de pônei.

— Eu vou com você.

Quando eles saíram, a força do vento quase os sufocou. Sujeira e pedaços de detritos giravam no ar. O céu se agitou como um mar cinzento e zangado. Relâmpagos bifurcados, rápidos como a língua de uma serpente e duas vezes mais mortais.

Os primeiros e pesados pingos de chuva dispararam quando Andrew e Julia abriram caminho pela estradinha de terra que dividia a fileira de quartéis de oficiais do campo de parada. Em instantes, ambos estavam encharcados.

— Eu vou verificar os estábulos — Andrew gritou por sobre o vento quando chegaram à bifurcação no caminho. Havia uma curva em torno do extremo norte da parada, passando pelo longo quartel de infantaria de um único andar até o rio; outra, levava ao quartel de cavalaria e para além dos estábulos.

— Volte para Suds Row — ele gritou. — As meninas devem ter visto a tempestade chegando. Elas provavelmente estão amontoadas em segurança e aconchegadas em casa.

Julia esperava que sim. Afastando-se com outro relâmpago, ela levantou as saias e abandonou sua dignidade para correr para os aposentos das lavadeiras.



Suzanne não estava em seus aposentos. Nem nos estábulos, o que Julia descobriu quando Andrew apareceu em sua porta quinze minutos depois. Nenhum dos homens as tinha visto desde que as duas saíram no carrinho de pônei meia hora antes.

— Elas devem ter se abrigado — disse Andrew, sua calma deliberada em contraste direto com a crescente preocupação de Julia. — Coloquei alguns homens para procurá-las. O carrinho de pônei será fácil de detectar.

— Acredito que sim.

— Vou voltar para me juntar à busca. Só vim ter certeza de que elas não estavam aqui com você. É melhor você se trocar — ele sugeriu quando a viu estremecer. — Você está encharcada.

— Você também.

Ele havia jogado um poncho de borracha sobre o uniforme para desviar a chuva, mas a água pingava de seu chapéu de abas largas em uma série de gotas contínuas.

— Apenas se troque e pare de se preocupar — ele ordenou bruscamente. —

Todos os soldados no posto conhecem a pequena soldado. Eles cuidarão dela e de Pequena Ave.

Julia forçou um sorriso e ergueu o rosto para receber um beijo rápido e duro. Ele a deixou com uma promessa de logo retornar com as meninas.

Mastigando o lábio inferior, ela começou a procurar a área do quarto atrás da divisória. O pensamento de que as garotas poderiam ter se abrigado com Andarilha da Lua fez com que mudasse de direção. Pegando o xale ensopado, ela o colocou sobre a cabeça e saiu para a tempestade novamente.

Lama pesava a barra da saia e as anáguas, enquanto ela atravessava a passarela. Piscando os olhos, pesados pela chuva forte, ela abriu caminho através das tendas e tipis erguidas ao longo da margem do rio. Alguns cachorros passaram por ela, com suas orelhas abaixadas contra a chuva, as caudas enfiadas entre as pernas. Recusavam-se a pisar nos riachos que já haviam se formado em sulcos.

Quando Julia chegou à tipi de Andarilha da Lua, ela estava ofegante com o esforço de arrastar os pés pela lama a cada passo. Maior e mais artisticamente decorada do que qualquer uma das outras tendas, a casa de Andarilha da Lua refletia seu status de sobrinha do chefe e esposa de um oficial do exército.

Respondendo ao chamado ansioso de Julia, a mulher Sioux levantou a aba da tenda de pele de búfalo com um braço.

— Entre.

Abaixando-se sob a aba, Julia tirou o xale pingando de sua cabeça e soltou um suspiro de alívio ao escapar da chuva. Embora tivesse visitado Andarilha da Lua várias vezes, o uso eficiente do espaço dentro da tenda de couro de búfalo sempre a surpreendia. Camas revestidas de pele de búfalo circundavam as paredes internas. Encostos feitos de galhos de salgueiro descascados e apoiados por tripés de madeira transformavam as camas em cadeiras confortáveis. Bolsas de armazenamento de pele de bezerro lindamente decoradas, como a que Andarilha da Lua havia feito para Julia, estavam penduradas em cordões feitos de tripas de antílopes acima das camas. A sela e as rédeas sobressalentes de Águia Solitária eram mantidas no lado "masculino" da tenda, os utensílios de cozinha de Andarilha da Lua, na outra.

Julia examinou rapidamente o interior arrumado e ordenado. Seu alívio inicial em escapar da chuva transformou-se instantaneamente em decepção.

— Suzanne e Pequena Ave não estão em meu alojamento nem nos estábulos — disse ela à Andarilha da Luz. — Estou preocupada que elas tenham sido pegas pela tempestade.

— A chuva não vai prejudicar a minha filha. Ela é tão forte quanto uma muda de planta. Mas Suzanne... — A preocupação cintilou nos olhos escuros da

mulher Sioux.

— Andrew... o Major Garrett... e alguns dos homens estão procurando por elas.

— Eles procuraram no norte, ao longo da margem onde os rios se juntam?

— Por que as garotas iriam para lá?

— Pequena Ave prometeu mais cedo que iria recolher o musgo que eu preciso para fazer corante amarelo. Para os novos alforjes que estou fazendo para Águia Solitária.

Com um gesto gracioso, Andarilha da Lua indicou o quadrado de búfalo escondido no espaço de trabalho no centro da tipi. Quadrados vermelhos intrincados já decoravam a pele. Como as outras bolsas, escudos e artigos pessoais pendurados no interior da tenda, aquela sacola refletia a arte requintada de Andarilha da Lua.

— O musgo cresce melhor onde os dois rios se juntam — explicou ela.

Julia colocou o xale pingando sobre o cabelo.

— Eu vou olhar lá.

— Eu vou com você. — Pegando uma pelica de búfalo decorada de cima de uma das camas baixas, Andarilha da Lua a entregou a Julia. — Aqui, cubra-se com isso em vez de seu pano molhado. O couro é oleado. Ele irá protegê-la da chuva.

Com uma palavra murmurada de agradecimento, Julia trocou seu xale ensopado pelo tecido de pele. Posicionado sobre a cabeça e os ombros, provou-se um escudo muito eficaz quando ela e Andarilha da Lua se apressaram pela estrada e se viraram para seguir o Laramie até a sua junção com o Platte. Inchado pela chuva, o riacho da montanha borbulhava e espumava. Julia fez uma prece silenciosa para que Suzanne e Pequena Ave não se aproximassem muito dos bancos encharcados pela chuva e caíssem na água corrente.

Felizmente, a chuva diminuiu para um chuveiro, enquanto as duas mulheres passavam pelos armazéns do contramestre e pelas bacias, que cheiravam mal mesmo depois do aguaceiro. De canto de olho, Julia avistou um grupo de vagões de carga nos penhascos acima do rio. Mulas de aparência desganhada estavam abrigadas atrás das carroças, suas orelhas caídas por causa da chuva.

Os vagões de carga de George Beauvais! Lembrando-se do que Andrew havia dito a ela sobre os condutores, o coração de Julia começou a bater com intensidade dolorosa. Certamente, mesmo os restos mais endurecidos da humanidade não prejudicariam duas menininhas.

Ela quase soluçou de alívio quando, depois de mais algumas voltas na margem do rio, ouviu uma exclamação de Andarilha da Lua.

— Veja! Lá estão elas.

Encolhida sob a pele de bezerro, Julia viu imediatamente a situação das garotas. A chuva de fato amolecera a terra, tanto que uma roda do carrinho de pônei afundara quase por inteiro. Duas meninas desconsoladas estavam sentadas de pernas cruzadas no chão, ao lado do carrinho, parcialmente protegidas da tempestade pelo lado inclinado da carroça. Daisy, que Deus a abençoasse, estava parada docilmente por entre os mastros inclinados.

— Mamãe! — Com um grito contente, Suzanne saiu de debaixo de seu abrigo improvisado. — Nós ficamos presas.

— Eu vi. — Agora que seus piores medos haviam desaparecido, a exasperação deu lugar à repreensão na voz de Julia. — Por que vocês não desatrelaram Daisy e fugiram da tempestade?

— Os arreios ficaram emaranhados. Não conseguimos soltá-la.

— Vocês poderiam tê-la deixado e ido buscar ajuda.

Suzanne olhou para a mãe em reprovação chocada.

— O major diz que o primeiro dever de um soldado é cuidar de sua montaria.

— Oh! Bem, se é isso que o major diz.

— Sabíamos que ele viria nos procurar quando não voltássemos aos estábulos — explicou ela. — Ele sempre cuida de nós.

— Ele cuida?

— Sim. De nós e de Daisy. — Ela hesitou por um momento, depois ergueu o olhar para o de Julia: — Não acho que ele tenha tido a intenção de esmagar minha outra Daisy, não é, mamãe?

— Não, querida, eu acho que não. — Secretamente encantada com aquele sinal de trégua entre sua filha e Andrew, Julia engoliu mais um sermão. — Talvez se Andarilha da Lua e eu colocarmos nossos ombros sob o carrinho, nós possamos empurrá-lo para fora da lama. Pegue as rédeas de Daisy, *ma petite*.

O couro de bezerro dobrado forneceu uma almofada útil quando Julia se inclinou para o carrinho. Poucos minutos de esforço extenuante conseguiram libertar o veículo da terra amolecida. Também conseguiu encher as duas mulheres com lama. Suzanne andou ao lado do pônei, puxando-o para afastá-lo do banco encharcado. Julia, completamente exausta, ajoelhou-se para soltar as correias do arnês e depois ordenou que as duas meninas entrassem no carrinho.

— Você tem lama no rosto, mamãe. No cabelo também.

Suas risadas fizeram Julia revirar os olhos e Andarilha da Lua também sorriu.

— Agora vamos para casa e vamos aquecê-las com chá de casca de salgueiro. Elas não ficarão doentes.

Arrastando-se ao lado de Daisy, Julia sentia-se ansiosa pelo chá quente

quando uma curva do rio as colocou frente a frente com um perigo novo e muito mais arrepiante do que a chuva.

— Oh, vejam só!

Um homem magro como um espantalho, com o rosto marcado por cicatrizes e os dentes escurecidos, que obviamente tirava proveito do cessar da tempestade para se aliviar. Abotoou a aba da calça de lona e gritou por cima do ombro na direção dos vagões de carga a certa distância.

— Ei, rapazes! Foram elas que eu disse a vocês que vi passar por ali.





CAPÍTULO DEZENOVE

Eles estavam bêbados. Todos eles.

Julia só precisou dar uma olhada nos olhos injetados e no andar cambaleante dos homens que saíam do círculo de carroças para que seu sangue gelasse em suas veias. Evidentemente, a briga da noite anterior e a prisão de um de seus companheiros não acalmara seus ânimos.

Percebendo que ela tinha apenas alguns momentos para escapar de uma situação perigosa, infundiu sua voz com aço e dirigiu-se ao motorista que se plantou diretamente em frente ao pônei.

— Por favor, afaste-se e deixe-nos passar.

— Você fala com muita elegância para uma mestiça. — Seus lábios se abriram em um sorriso. — Debaixo de toda essa lama e a pele de búfalo, você parece muito chique também.

— Deixe-nos passar.

— Bem, talvez eu deixe.

O homem andou para o lado. Julia soltou um suspiro de alívio antes de ele estender a mão e afastar a pele de bezerro de cima dela.

— Ou talvez, não. — Ele sorriu, seu olhar ávido devorando-a inteira.

Ela retesou o corpo, ciente de que a chuva havia encharcado sua roupa até a pele. Sua blusa molhada se agarrava aos seus seios. A saia pesava ao redor do contorno de seus quadris. A julgar pela expressão no rosto daquele bêbado, ela mais parecia estar de pé diante dele usando seu espartilho e ceroulas.

Um dos homens cambaleou em direção a elas, dando um longo assobio.

— Você acabou de nos trazer duas codornas inteiras, Brewster. Aposto que devem ter um gosto tão suculento quanto parecem.

Julia lançou um olhar para a mulher ao lado dela. O rosto de Andarilha da

Lua estava severo e impassível, mas seus olhos escuros enviavam uma mensagem sombria.

— Eu quero a mestiça — um gritou.

— Tudo bem para mim — outro bufou. — Eu estou a fim de um pouco de carne vermelha.

— Eu as encontrei — o homem chamado Brewster rosnou. — Tenho direito à primeira escolha.

Para o horror de Julia, o olhar do motorista foi em direção às duas crianças.

— As pequenas são sempre as mais suculentas.

Com um sobressalto, ela soube que precisava agir. Levantando a mão, ela bateu com força no flanco de Daisy. Assustado, o pequeno pônei deu um solavanco. As duas garotas quase caíram do assento e do carrinho.

— Pegue as rédeas, Suzanne! Vá para os estábulos!

Brewster tentou agarrar o arreio do pônei quando este passou por ele. Julie se jogou sobre ele, acertando-o no peito com seu ombro rígido. Xingando violentamente, o homem caiu.

O movimento levou Julia também. Ela conseguiu evitar tropeçar no motorista esparramado, mas suas saias enlameadas envolveram suas pernas e a colocaram de joelhos. Do canto de um olho, ela viu os outros homens entrarem em disparada. Frenética, lutou para colocar-se de pé.

— Vá, Suzanne! Rápido!

— Mamãe!

A garota se contorceu sobre o assento. Medo e indecisão contorceram seu rosto.

— Encontre o major!

Andarilha da Lua adicionou sua insistência à de Julia.

— Vá, filha! Vá agora!

Com um puxão nas costelas de Pequena Ave como incentivo, Suzanne bateu as rédeas nos flancos de Daisy. O carrinho de pônei sacudiu com suas duas ocupantes assustadas.

Andarilha da Lua, arrastando-se, ajudou Julia a ficar de pé, mas a soltou no momento seguinte. Girando-se, ela agarrou o homem que segurou uma de suas tranças por trás. As unhas dela marcaram suas bochechas não barbeadas. O sangue transbordou instantaneamente.

Com um xingamento de mau gosto, ele deixou a mão cair, levando a cabeça dela. Andarilha da Lua deu um pequeno grunhido de dor antes que o joelho dele subisse com força brutal e a esmagasse completamente no rosto. Ela caiu na lama, sangue jorrando de seu nariz e rompendo o lábio.

— Cadela estúpida — seu atacante rosnou, tocando os vergões em sua

bochecha. — Você vai pagar caro por me marcar. Vamos, rapazes, tragam a outra e vamos nos divertir um pouco.

Ele partiu para os vagões, arrastando Andarilha da Lua pela trança. Ela se contorceu por conta do puxão doloroso, os pés se debatendo, as mãos alcançando atrás de sua cabeça para puxar o cabelo.

Horrorizada, Julia se adiantou para ajudá-la. Antes de dar mais de um ou dois passos, um violento golpe a pegou ao lado da cabeça e a derrubou no chão. A tarde cinzenta tornou-se preta. Pontinhos de luz brilhante giraram na frente de seus olhos. Então, uma mão pesada agarrou seu pulso e torceu-o atrás das costas.

— Mova seus pés, mulher, a menos que queira que a gente arraste você também.

Havia sete deles. A mente cheia de terror de Julia conseguiu contá-los quando foi empurrada para os vagões de carga. Ela e Andarilha da Lua não podiam esperar lutar contra sete, nem os homens pareciam do tipo que ouviam a razão. Ainda assim, ela tentou.

— Deixe-nos ir — ela arfou. — Agora, antes que você cometa mais erros do que...

— Sua amiga foi a única que cometeu o erro, mestiça.

— Ela estava apenas se protegendo.

— Parece que precisamos aprender o que ela não pode sair por aí fazendo com homens brancos.

— Ouça-me! Você não pode fazer isso!

— Claro que nós podemos.

Para provar o que dizia, ele torceu novamente o braço de Julia de forma selvagem. Uma dor que mais parecia fogo disparou por seu braço. Ofegante, ela piscou os olhos que queimavam com lágrimas. Quando a névoa clareou, um dos motoristas surgiu ao lado dela. Ele era pouco mais do que um menino, percebeu chocada, mas o brilho feroz em seus olhos a deixou aterrorizada.

— Eu quero ela, Brewster.

— Eu a encontrei, então eu vou ficar com ela.

— Você vai compartilhar, não é? Inferno, eu compartilhei aquela magrela que arrastei para longe da mãe e do pai em St. Louis. Você montou na bunda dela enquanto eu enfiava meu pau em sua boca, lembra?

— Eu me lembro que ela sangrou como uma porca presa quando você cortou sua garganta para impedi-la de gritar — o homem atrás de Julia rosnou. — Eu vou começar com esta aqui. Você pode pegar o que sobrou depois que eu terminar... se houver o suficiente.

— Sim, bem, todos nós vamos nos divertir com a índia primeiro — disse o mais jovem, com uma alegria demoníaca. — Nós vamos fazê-la gritar um pouco

por ter arranhado o rosto de Kincaid.

Andarilha da Lua morreu uma morte agonizante e silenciosa.

Sua recusa em gritar de dor levou os homens que a brutalizaram a um frenesi de crueldade. Deixaram-na nua, prenderam-na ao chão e amarraram seus braços e pernas a estacas com correias de couro cru. Com as pernas obscenamente abertas, ela ficou à mercê deles.

Nenhuma quantidade de súplicas, gritos ou ameaças de Julia conseguiram parar o que veio a seguir. Suas tentativas frenéticas de ajudar a amiga lhe renderam um soco no estômago. Atordoada e arfante, ela se debatia ineficazmente com o motorista mais jovem – o menino – quando ele a arrastou pelos pés. Ele jogou-a contra uma carroça e amarrou os pulsos acima da cabeça ao suporte do assento, puxando o couro cru com tanta força que cortou sua carne e a deixou pendurada apenas com as pontas dos dedos dos pés raspando a terra.

Soluçando, gritando e xingando, ela foi forçada a observar toda indignidade, toda degradação forçada à sua amiga. A garoa continuou, lavando o sangue que logo se espalhou dos cortes de faca no corpo de Andarilha da Lua para um rosa pálido.

Julia ficou rouca, suplicando, gritando ameaças e promessas, implorando que Andarilha da Lua desse a seus atacantes o que eles obviamente queriam... reconhecimento de seu poder sobre ela.

— Faça como ela diz — o homem que se chamava Kincaid desdenhou, cavando a ponta da faca de caça na garganta da vítima. Seus flancos estremeceram quando ele se inclinou sobre ela. — Vamos ouvir você cantando bem alto, pássaro vermelho.

A Sioux ergueu a cabeça por alguns centímetros agonizantes. A lâmina cortou sua jugular. Um líquido carmesim desceu pelo pescoço e manchou a blusa de pele de gamo. Seus olhos negros brilhavam com ódio, e ela cuspiu no rosto de seu agressor. Com um uivo, Kincaid enfiou a faca na garganta da mulher e prendeu-a à terra.

— Não!

Hipnotizados pelo espetáculo da morte de Andarilha da Lua, nenhum dos homens prestou atenção ao grito angustiado de Julia.





CAPÍTULO VINTE

— Olha, major! São elas!

Virando-se em sua sela, Andrew seguiu o braço esticado de Dennis O'Shea. Seu ponto de vista nos baixos penhascos acima do poste dava-lhes uma visão panorâmica dos alojamentos... e do carrinho de pônei que fazia uma curva no rio. O coração de Andrew quase despencou no chão quando viu as duas garotas pulando precariamente em seu assento de couro.

Batendo suas esporas nos lados de Júpiter, ele fez o cavalo descer penhasco abaixo. O soldado O'Shea seguia logo atrás. Os cascos de ferro de suas montarias lançavam punhados de lama enquanto corriam para interceptar a carroça.

Andrew alcançou o pônei primeiro. Inclinando-se na sela, agarrou o arreio de Daisy. Ele estava tremendo de alívio e fúria quando arrastou o pequeno animal até que parasse. Saindo da sela, ele voltou-se para o carrinho.

Um único olhar para os rostos assustados das meninas afastou um pouco de sua raiva, mas ele pretendia passar um sermão em Suzanne para que não esquecesse que não deveria usar seu pônei em um galope precipitado. Antes que ele proferisse uma única palavra, a garota se jogou do banco para os braços dele. Seu pequeno corpo tremia com soluços enquanto ela derramava uma corrente de gaguejos incoerentes em seu ouvido.

— Shhh... — Andrew acalmou, batendo desajeitadamente nas costas dela.
— Não chore.

A sensação da criança pressionada contra seu peito provocou-lhe um choque distinto. Ele a havia carregado desde a tenda dos doentes até seu alojamento e a levantava e a tirava do pônei com bastante frequência. Mas aquela foi a primeira vez que ela se agarrou a ele com as mãos desesperadas e

apertadas, como se ele fosse um porto seguro em meio a uma tempestade.

Foi então que Andrew percebeu que era exatamente isso o que ele queria oferecer a ela. Um refúgio. Um porto de seguro. Um ombro ao qual ela poderia se apoiar com seus problemas, segredos e desgraças. Seus soluços rasgaram seu coração e eliminaram toda a vontade de repreendê-la por sua imprudência.

— Nós não vamos contar à sua mãe sobre isso — ele prometeu —, contanto que você jure que nunca...

Ela se remexeu em seus braços. Com seus olhos castanhos brilhantes, transbordando, ela derramou uma torrente de soluços e meias frases.

— Mamãe! Ela está lá!

— Vá devagar, Suzanne. Respire fundo. Não consigo entender você.

— Mamãe está lá! — Ela bateu no peito dele com um punho para fazê-lo entender. — No rio! Com Andarilha da Lua e os homens maus.

O estômago de Andrew se revirou. Colocando a menina no chão, ele se agachou, colocando-se de joelhos diante dela. Suas mãos agarraram seus braços e a seguraram firme.

— Que homens maus?

— Eles estavam sujos e não nos deixavam passar.

Por sobre a cabeça da menina, Andrew encontrou os duros olhos azuis de seu soldado. Eram os condutores de carga. Tinham que ser. Droga, ele deveria ter ordenado que todos eles fossem levados à prisão na noite passada.

— Um deles tentou segurar Daisy — Suzanne soluçou, lágrimas escorrendo pelas bochechas sujas —, mas mamãe bateu no flanco dela e a fez fugir. Ela gritou para que viéssemos encontrá-lo.

Agarrando as mangas de seu uniforme com as mãos frenéticas, a menina implorou para ele.

— Por favor, Major, por favor. Vá buscar a minha mamãe e a mamãe de Pequena Ave.

Andrew não esperou para ouvir mais. Enviando uma ordem a O'Shea para que levasse as garotas de volta aos estábulos e que montasse um esquadrão, ele correu de volta ao cavalo que o aguardava pacientemente.



Ele ouviu o grito acima dos sons do Laramie e acima do martelar de seu próprio coração. Com um xingamento, Andrew bateu os calcanhares nas laterais de Júpiter. As orelhas do cavalo se esticaram para trás. Seu passo acelerou. A lama voou em enormes aglomerados saídos de seus cascos.

Quando o círculo de vagões apareceu, bastou pressionar o joelho contra o corpo do cavalo para fazê-lo subir a encosta. Mudando as rédeas para a mão esquerda, Andrew estendeu a direita e pegou seu Colt 45. Ele a usava com as extremidades para frente, ao estilo do exército, e atirava com precisão mortal que só conquistou com longos anos de prática.

Após o incidente na loja, ele esperava o pior. Mesmo assim, não estava preparado para o primeiro vislumbre do corpo nu de Andarilha da Lua esparramado na lama. Sangue se derramava da ferida aberta em sua garganta. Seu couro cabeludo estava meio arrancado de sua cabeça.

Mas estava menos preparado ainda para a visão de Julia contorcendo-se freneticamente no chão. Um homem estava ajoelhado atrás de sua cabeça, segurando seus pulsos amarrados, enquanto outros dois seguravam seus tornozelos largos. Um quarto agachava-se entre as coxas e rasgava suas roupas, enquanto mais três se aproximavam, gritando sugestões e encorajamento estridentes.

A terra amolecida pela chuva, combinada com os gritos dos homens, engolia o som dos cascos de Júpiter. Nenhum dos motoristas notou a aproximação de Andrew até que ele explodiu dentro do círculo de vagões, fazendo o Colt rugir.

O primeiro tiro atingiu o homem que agarrava Julia e o fez girar. O segundo atingiu um jovem desengonçado que cambaleou em direção a um rifle apoiado contra um dos vagões.

Com deliberação selvagem, Andrew esvaziou o Colt. Um dos homens dispersos uivou freneticamente e agarrou a coxa de Julia, mas o próximo tiro o deixou de joelhos. Outro caiu de cara na lama. Um terceiro bateu na carroça e caiu como uma pedra. O resto saltou por sobre os vagões e correu para o rio.

Tirando seu spencer da bainha, Andrew correu atrás deles. Atirou duas vezes, acertando um alvo em fuga e errando o outro, desistindo em seguida. Não sabia o quanto os outros estavam feridos e não queria deixar Julia sozinha com eles. Machucados e enfurecidos, eles poderiam matá-la... ou tentar trocar sua vida pela deles.

Esta era claramente a intenção do jovem desgraçado, que fora atingido pelo segundo tiro de Andrew. Sangue escorria da ferida e encharcava sua camisa branca suja, mas a lâmina que ele segurava contra a garganta de Julia brilhava, afiada e letal.

— Solte o rifle — gritou o jovem com voz rouca.

— Não, Andrew! — Ela estava de joelhos, peito arfando, e uma correia de couro cru pendia de seus pulsos amarrados.

— Acalme-se.

O grito lacônico era para ela tanto quanto para o garoto de olhos arregalados que pressionava a lâmina contra sua garganta. O rapaz enterrou uma mão sangrenta no cabelo dela. A outra agarrava o cabo da faca com uma determinação impassível.

— Solte o rifle!

— Não faça isso! — Julia choramingou. — Ele é um assassino. Matou uma garota em St. Louis. Nenhum de nós vai sair daqui vivo se você...

— Cala a boca!

O forte puxão em seu cabelo era exatamente o que Julia esperava. Ela se inclinou para trás e bateu com a cabeça no lado machucado do seu captor com toda a força que poderia reunir.

Uivando, ele cambaleou para trás. A mão que agarrava seu cabelo a levou com ele, mas ela conseguiu se jogar de lado apenas o suficiente para a spencer de Andrew cuspir fogo.

Sangue quente jorrou sobre Julia. Um peso morto caiu sobre os ombros dela. Selvagens, sons animais explodiram de sua garganta enquanto ela lutava para libertar-se do peso sufocante.

De repente, o peso desapareceu. Assim como, de repente, ela se viu nos braços de Andrew. Soluçando, agarrou a jaqueta do uniforme com as mãos amarradas e enterrou o rosto no tecido.





CAPÍTULO VINTE E UM

Colocando as mãos ao redor da cintura de Julia, Andrew a ergueu nas costas largas de Júpiter. Com um aperto firme em sua coxa, ele a firmou até que encontrasse uma posição sobre o assento.

— Você pode esperar por um momento?

Tremendo incontrolavelmente, ela assentiu.

Embora estivesse ansioso para tirá-la da cena de tal carnificina, Andrew tinha outras tarefas para realizar primeiro. Deixando-a em segurança sobre Júpiter, ele caminhou através da lama e insensivelmente pisou em um dos motoristas feridos. Sangue jorrava do buraco no ombro do homem.

— Me ajude, major.

Lutando contra a vontade de esmagar seu punho no rosto do homem, Andrew desenrolou o lenço e jogou-o para ele.

— Preencha este buraco.

— Você precisa me levar até um médico — o motorista choramingou, cavando a lama para pegar o lenço amarelo. — Eu estou sangrando um rio aqui.

— A única razão pela qual eu desperdiçaria o tempo de um médico com você é mantê-lo vivo por tempo suficiente para fazê-lo se debater com o pescoço em uma corda.

Ele encontrou o segundo motorista deitado de barriga para baixo, rastejando pela grama em uma tentativa frenética de escapar. Com uma total falta de simpatia pela ferida na coxa do homem, Andrew o arrastou de volta e usou um pedaço de corda que encontrou em um dos vagões para prendê-lo a uma roda.

Dois feridos, dois mortos.

Três, ele emendou olhando para o corpo de Andarilha da Lua.

Com a mandíbula cerrada, ele tirou a faca de seu pescoço. Quatro rápidos

cortes soltaram as cordas em seus tornozelos e pulsos. Embainhando a faca, ele gentilmente uniu seus membros, e, em seguida, cobriu-a com seu poncho.

Aqueles desgraçados pagariam caro, Andrew jurou, girando nos calcanhares. Cada um deles.

— Não podemos deixá-la assim — Julia sussurrou.

— Temos que deixar. Os outros podem voltar e nos atacarem em busca de suas armas. Vou mandar um esquadrão para recuperar o corpo dela assim que deixar você segura.

Ela assentiu com a cabeça, mas uma camada de lágrimas cobriu seus olhos. Contusões já floresciam em sua pele, em partes que não estavam cobertas de sangue. O pouco que sobrou de sua blusa estava em frangalhos. Praguejando, Andrew abriu os botões do paletó do uniforme. Montando na sela atrás de Julia, ele colocou a jaqueta ao redor dos ombros dela e alcançou as rédeas.

No meio do caminho, eles encontraram um esquadrão de homens montados. Dennis O'Shea cavalgava à frente da tropa, ao lado do sargento Kostanza, um veterano de Shiloh e Antietam. Choque e raiva preencheram os rostos dos homens quando eles viram as contusões e as roupas esfarrapadas de Julia.

— As meninas estão nos estábulos — relatou O'Shea.

— Bom. Você encontrará dois feridos nos vagões de carga e três mortos, incluindo a esposa de Águia Solitária, Andarilha da Lua.

— Assassinos desgraçados!

— Três fugiram — Andrew disse secamente. — Eles estão a pé, mas desesperados, então fique de olho.

— Sim, senhor.

— Designe quatro homens para escoltar os feridos até a prisão. O administrador do hospital pode atendê-los lá. Peça-lhes que tragam os corpos com eles. Mande o resto de seus homens atrás dos outros três. Eu quero todos eles. Cada um deles.

— Sim, senhor!

A tropa passou trovejando. Segurando Julia em seus braços, Andrew instigou Júpiter a seguir um galope lento. Ela se agarrou ao peito dele quando começou a tremer.

A violência brutal não era algo novo para ele, nem o choque da sobrevivência contra todas as probabilidades. Não conhecia muitos homens que não estremeciam como pudim de pão depois de uma batalha. O fato de Julia reagir da mesma forma depois do que acabara de experimentar era natural – e abria um buraco dentro de seu peito.

Quando eles se aproximaram dos estábulos, ela passou um braço pelos olhos, secando as lágrimas, e fez um valente esforço para se levantar.

— Continue assim — Andrew disse a ela. — Estou levando-a ao cirurgião.

— Mas Suzanne e Pequena Ave...

— Você não quer que sua filha a veja sangrando e machucada, e o pai de Pequena Ave deve ser o responsável a contar à filha o que aconteceu com a mãe dela. Vou deixar você com Henry Schnell, depois vou ver as meninas.

Quando chegaram ao alojamento do cirurgião, ele a carregou pelos degraus da frente, assim como na noite em que ela chegara. Daquela vez foi Maria Schnell quem abriu a porta da frente, chocada ao ver a mulher machucada que ele tinha nos braços.

— Meu Deus do céu, o que aconteceu?

— Ela foi atacada por aqueles escudeiros que Henry Beauvais contratou para dirigir seus vagões. — Passando por Maria, Andrew dirigiu-se ao salão. — Seu marido está descansando?

— Ele chegou em casa há apenas alguns instantes. Está lá em cima, trocando o uniforme. Vou chamá-lo.

Como naquela noite quente de junho, quando Julia chegou a Forte Laramie, Andrew a depositou sobre o sofá.

— Por favor — ela implorou. — Vá falar com Suzanne. Ela deve estar desesperada.

— Não até que eu saiba que você está bem.

— Estou apenas um pouco machucada.

Um pouco! Marcas furiosas circulavam seus pulsos e tornozelos. Um caroço roxo se formava em sua têmpora. Suas saias e a blusa rasgadas provavelmente revelariam marcas de dedos cruéis quando fossem removidas.

Julia viu a mandíbula de Andrew cerrar-se enquanto ele olhava sua roupa rasgada. Tropeçando nas palavras, ela tentou tranquilizá-lo.

— Eles não tiveram tempo para terminar o que começaram.

A realidade do que poderia ter acontecido se ele tivesse demorado mais cinco minutos fez seu estômago se retorcer.

— Eles eram tão selvagens — ela sussurrou, os olhos tão machucados quanto o rosto. — Tão cruéis. Eu não pude ajudar Andarilha da Lua. Não pude... Eu não pude detê-los.

Sua angústia o fez ficar de joelhos ao lado do sofá.

— Você salvou Suzanne e Pequena Ave.

Seu lembrete direto quebrou o frágil controle que Julia exercia sobre suas próprias emoções. Estremecendo, ela estendeu os braços.

— Me abraçe. Por favor, Andrew, apenas me abraçe.

— Estou aqui, querida.

As palavras vieram de dentro dele. Depois de esperar que o pior da

tempestade de lágrimas passasse, ele rosnou contra seu cabelo.

— Estou aqui, Julia, e eu não vou permitir que vá embora. Não de novo. Nunca mais. Vou renunciar à minha patente, voltar para Mobile com você e Suzanne. Vai levar tempo, mas eu acho que posso convencê-la a me aceitar como seu papai.

Ela se afastou. As lágrimas ainda embaçavam o brilho de seus olhos violeta, mas Andrew detectou a mesma desesperada esperança que ele sabia que deveria estar refletida em seus próprios olhos.

— Eu não acho que vai demorar tanto tempo. E você nem terá que recorrer a medidas tão drásticas. O primeiro pensamento de Suzanne esta tarde foi encontrá-lo. — Um sorriso desanimado se desenhava nos lábios de Julia. — Ela até admitiu que não acha que você tenha querido amassar seu filhote de cão-da-pradaria. Com um pouco de persuasão, talvez possamos convencê-la a esquecer a volta a Mobile.

Depois do horror do surto de cólera e de sua proximidade com um estupro brutal, Andrew não podia imaginar que Julia pudesse considerar tornar a fronteira o seu lar, muito menos criar sua filha ali.

— É isso que você quer, querida? Ficar em Forte Laramie?

— Não.

A esperança que surgira em seu peito morreu instantânea e dolorosamente, mas logo voltou à vida quando ela abriu um sorriso trêmulo.

— Eu quero ficar com você, Andrew. Aqui em Forte Laramie ou onde quer que seus deveres nos levem. Nós seguiremos os clarins como uma família do exército... se você nos quiser.

— Se eu quiser vocês! — Um som estrangulado escapou da garganta dele, algo entre uma risada e um gemido. — Eu gostaria de ver qualquer uma de vocês tentar fugir de mim agora.

Ele a puxou para si, gentilmente para não aumentar suas dores, e Julia inclinou os lábios na direção dele. Por um momento, apenas um momento, ela enterrou o horror da morte de Andarilha da Lua. Sangue e lágrimas se misturavam, fundindo suas esperanças, seus corações, seus passados, o futuro ainda por vir, até que a grosseira exclamação de Henry Schnell os separou.

— Guarde seus beijos para mais tarde, homem. — O cirurgião de bigode lançou um rápido olhar de perito sobre Julia, franzindo o cenho sob as sobancelhas espessas. — Diga-me o que aconteceu.

Andrew se levantou e contou o que sabia sobre ataque com uma voz firme. Maria Schnell entrou apressadamente na sala durante a narração, carregando uma bacia de porcelana e panos de linho. Uma expressão de choque se instalou em seu rosto rechonchudo quando ouviu falar da morte de Andarilha da Lua.

— Você terá dois, possivelmente três, prisioneiros feridos esperando por você no hospital quando a tropa voltar — disse Andrew ao médico.

— Meu assistente pode cuidar deles até eu chegar lá — retrucou Henry. — Agora, afaste-se e deixe-me dar uma olhada na sua dama.

O major voltou-se para Julia, com o rosto sombrio.

— Eu tenho que encontrar Águia Solitária e contar a ele o que aconteceu. Então eu trarei Suzanne para você.



Ele procurou o índio Arapaho na confusão da Companhia C. Com os soldados designados para o dever de cozinha, batendo panelas e resmungando ao fundo, Andrew relatou o evento horrível da única maneira que podia. Escassamente. Sucintamente. Sem os detalhes que Águia Solitária logo veria por si mesmo.

— Eu matei dois, feri mais dois — ele terminou, com o maxilar cerrado. — Temos uma patrulha procurando os três que escaparam.

Olhos negros como a noite o encaravam. Águia Solitária usava a jaqueta azul-escura do exército com a linha dupla de botões de latão sobre as pernas de pele de gamo, mas o major não cometeu o erro de pensar que seus anos de serviço o haviam amolecido ou domado. Era um guerreiro que olhava para ele.

— Vamos trazê-los — Andrew prometeu. — Eles vão pagar pelo que fizeram.

Águia Solitária levou a mão para o cabo da faca, erguendo-a de uma bainha requintadamente frisada e franjada.

— Sim — ele disse em um tom firme, que não deixava dúvidas sobre o assunto. — Eles vão pagar.

— Pequena Ave está nos estábulos com Suzanne. Você vem comigo para contar o que aconteceu?

— Eu vou.



Eles encontraram as duas meninas sentadas e desconsoladas em barris virados para baixo, dentro da grande baía aberta onde o ferrador trabalhava. O sargento musculoso usava o avental de ferreiro sobre o uniforme de trabalho, cheio de fuligem em seu rosto e as grandes mãos carnudas. Ele poderia assustar qualquer um se todos não estivessem muito cientes de sua afeição pela Pequena do soldado e sua tímida amiga. Elas haviam, como certa vez fora confidenciado a

Andrew, transformado até mesmo seu coração sombrio em mingau.

Quando Suzanne avistou Andrew e Águia Solitária, ela pulou do barril e voou por sobre a terra batida, pela passagem de centenas de cascos. Sua corrida agoniada a levou direto para os braços do major. Ele a ergueu, lutando contra o desejo de esmagá-la contra seu peito.

— Você achou minha mãe?

— Sim.

— Os homens maus a machucaram?

— Um pouco, mas ela está bem.

— E a mamãe de Pequena Ave?

Ele olhou por cima do ombro, observando enquanto Águia Solitária pegava a mão da filha e saía dos estábulos sem dizer uma palavra.

— Andarilha da Lua foi ferida, Suzanne. Muito. — Ele não conseguia pensar em qualquer maneira de suavizar a verdade brutal. — Ela morreu.

Choque, negação e medo abalaram a pequena estrutura da menina e encontraram liberação instantânea em lágrimas. Envolvendo seus braços ao redor do pescoço de Andrew, ela enterrou o rosto em seu ombro. Ele lhe deu um tapinha nas costas, resmungando palavras de conforto, até que seus soluços desesperados haviam diminuído o suficiente para que ele a carregasse para fora dos estábulos quentes e com cheiro de terra.

Ele tinha acabado de erguê-la nas costas de Júpiter para levá-la a Julia quando viu um cavaleiro solitário curvado na sela e correndo rápido para o posto principal. Reconhecendo seu soldado, Andrew gritou para ele.

— O'Shea! Aqui!

O casco do cavalo do soldado derrapou até parar a poucos metros do maior.

— Pegamos um, mas os outros dois escaparam.

Com os olhos ardendo de fúria, o nova-iorquino desmontou e puxou o major para se afastar da criança.

— Nós seguimos seus rastros até onde o Platte e o Laramie se unem. Eles entraram na água e levamos um tempo para pegar a trilha deles do outro lado. Nós finalmente encontramos... bem ao lado dos corpos de dois dos nossos rapazes. Um deles levou uma facada nas costas. A garganta do outro foi cortada.

O xingamento que fora arrancado de Andrew foi curto e selvagem.

— Eles pegaram os cavalos dos soldados e saíram em disparada. O sargento Kostanza e seus homens vão continuar a segui-los, mas ele me mandou de volta para cumprir suas ordens.

— Encontre o Sargento-Major Eastland — retrucou Andrew. — Diga a ele que eu quero um esquadrão completo pronto em vinte minutos. Eles devem levar metade das rações, para que possamos viajar rápido, mas diga-lhe para dar vinte

munições extras por homem.

— Sim, senhor.

— Peça para eles se reunirem na parada. Vou notificar o coronel Cavanaugh e me juntar ao esquadrão lá.

— Sim, senhor.

Os dois homens se viraram e se dirigiram para as montarias. Andrew nem sequer pensou em contar a Suzanne o que ocorrera. Por um dia, nada mais de tragédias nos ombros ainda frágeis da garota.

Nem teve tempo para mais do que algumas palavras com Julia. Limpa do sangue que se derramara sobre ela e vestindo um dos robes de Maria Schnell, ela pegou Suzanne nos braços e a abraçou tão ferozmente que a garota chegou a gritar. Andrew esperou com paciência até que o tumulto de seu reencontro diminuísse o suficiente para que ele fosse ouvido, depois murmurou algumas palavras rápidas em seu ouvido. O pouco de cor que havia voltado para suas bochechas se dissipou. Atordoada, ela olhou para ele.

— Eles estão montando cavalos com marcas do exército — ele disse sombriamente. — Nós vamos encontrá-los.

Consciente dos olhos cheios de lágrimas de Suzanne, ele apenas apertou o braço de Julia em vez do beijo que ele desejava lhe dar e se afastou.

— Andrew!

Ela correu atrás dele, a filha ainda em seus braços. O som claro e penetrante do clarim sobrepôs-se à sua suave despedida.

— Boa caçada, e volte para casa em segurança. Estarei esperando por você.

Esfregando um punho sujo em seus olhos, Suzanne acrescentou um pequeno refrão choroso.

— Eu e a Daisy também.



Os fugitivos os levaram a uma longa perseguição.

Sabendo que seus pescoços estariam a prêmio se capturados – supondo que vivessem tempo suficiente para subir os degraus da força – os motoristas de carga perceberam que não tinham nada a perder cortando o norte em direção a Powder River. Se conseguissem atravessar centenas de quilômetros de planícies caçadas por Sioux hostis e Cheyenne do norte, eles poderiam se perder nas terras selvagens do território de Montana.

O sargento Kostanza e seu pequeno pelotão seguiram em perseguição determinada. Antecipando que Andrew seguiria com reforços, o veterano da

fronteira enviou outro soldado para encontrá-los. Ele os levou para Noroeste em uma rápida marcha, diretamente para o coração do território Sioux.

Águia solitária e Arizona Joe Pardee avançaram no ponto. O Arapaho havia tirado a camisa do exército, o chapéu e as botas, assim com todos os outros adornos de homem branco, exceto a carabina Sharps, confortável em uma bainha frisada e franjada. Tinta vermelha e preta cobria seu peito nu. Marcas semelhantes circulavam os olhos de seu pônei e listravam seus flancos.

A transição abrupta de Águia Solitária do escoteiro do exército para o guerreiro Arapaho fizera algumas tropas resmungarem, mas Andrew não questionou. Ele entendeu, pois estava atrás do mesmo tipo de vingança.

O terreno encharcado pela chuva fazia com que o trajeto fosse pesado, mas os reforços alcançaram o pequeno pelotão de Kostanza quando o crepúsculo começou a escurecer o céu cinzento. As montarias começaram a cansar, então, o esquadrão foi forçado a parar para descansá-las enquanto Andrew ouvia o relatório do sargento.

— Nós tivemos um vislumbre de alguns cavaleiros no horizonte cerca de meia hora atrás — relatou Kostanza, passando o antebraço por um rosto coberto de lama e palha das ervas da pradaria. — As nuvens escuras dificultaram que constatássemos se eram brancos, vermelhos ou mestiços.

Controlando o desejo de mandar seus homens de volta à sela imediatamente, Andrew assentiu.

— Se são os bastardos que estamos perseguindo, eles terão que descansar suas montarias também, ou vão acabar a pé. Diga aos seus homens que vamos fazer uma parada de quinze minutos, então, vamos cavalgar contanto que haja alguma luz para que possamos enxergar.

Felizmente, as nuvens se dispersaram o suficiente para que eles pudessem aproveitar até o último minuto do crepúsculo. A tropa comeu feijões frios e biscoitos sobre a sela, beberam alguns goles de suas cantinas, e cobriram mais quilômetros antes que a escuridão forçasse Andrew a parar. Antes de mandar que desmontassem e se preparassem para o acampamento da noite, ele se juntou a Arizona Joe Pardee e Águia Solitária em um certo ponto.

O major, o ex-caçador grisalho e o guerreiro Arapaho controlavam suas montarias em cima de uma pequena elevação. Banhados pela luz da lua pálida, os três homens observaram a escuridão à frente. Nenhuma fogueira aparecia à distância. Nenhum som era ouvido através da noite.

— Vamos acampar aqui — disse Andrew depois de alguns instantes. — Águia Solitária, eu quero você e...

— Major!

A baixa exclamação de Pardee o fez girar.

— Olhe para lá!

O pulso de Andrew acelerou. À distância, pequenos feixes de luz brilhavam.

— Estou vendo.

— Se isso não for um tiroteio, eu vou comer o meu chapéu — Pardee deu um pio de alegria. — Quer apostar que são as duas cobras que estamos perseguindo, fazendo uma festinha particular?

— Vamos descobrir.



Os flashes ficaram mais nítidos, mas o estrépito e o estrondo de uma tropa armada movendo-se rapidamente abafaram o estalar de tiros até se aproximarem o suficiente para atacar. Entremeados com o fogo do rifle, veio o eco de gritos de guerra.

— Estou ouvindo doze, talvez quinze homens — gritou Arizona Joe.

Esta era mais ou menos a estimativa de Andrew. Pegando seu Colt, ele gritou para o trompetista que cavalgava ao lado dele para soar o comando. Quando as notas claras e nítidas do clarim perfuraram a noite, seu efeito foi exatamente o que Andrew previra. O fogo do fuzil se apagou. Os sons inconfundíveis de retirada se seguiram.

Deixou o grupo com ordens para que um pequeno esquadrão os seguisse a uma distância, mas que não se envolvessem a menos que mais tiros fossem disparados. Ele não estava interessado nos atacantes, apenas nos atacados.

Com seu sangue bombeando nas veias, ele avistou várias formas corcundas mais escuras do que a noite. Os defensores devem ter saltado de seus cavalos para usá-los como escudos. Com um comando rápido, Andrew dividiu suas tropas restantes em duas colunas de flanco e rapidamente circulou os montes.

O fato de que os homens que se agacharam atrás dos animais mortos não dispararam na tropa de cavalaria lhe dizia que aqueles provavelmente não eram os condutores de carga. Os bastardos saberiam que não se sairiam melhor nas mãos do Exército do que nas dos Sioux. Ainda assim, Andrew não estava disposto a arriscar.

— Eu sou Major Garret, 2º Cavalaria, Exército dos Estados Unidos. Venha para frente com as mãos para cima e identifique-se.

Dois homens saltaram de trás dos montes, com rifles erguidos.

— Nós vamos nos aproximar! Não atire.

Eles se aproximaram, inexpressivos sob o pálido luar até que um deles deu

um sorriso.

— Eu nunca pensei que ficaria tão feliz em ver uma tropa de casacos azuis.
— Com os dentes brancos brilhando, o mais alto dos dois sorriu para Andrew. —
Meus agradecimentos pelo resgate oportuno, Major. Meu nome é Bonneaux.
Philip Bonneaux.





CAPÍTULO VINTE E DOIS

O café estava escaldante e amargo, mas Bonneaux e seu companheiro não pareciam se importar. Eles engoliram a bebida como se fosse água de nascente de montanha e esvaziaram suas canecas em goles barulhentos.

À luz da fogueira, Bonneaux captou os olhos estreitos de Andrew. Seu sorriso enviesado brilhou acima da borda da caneca de lata amassada.

— Você deve desculpar nossos modos, Major. Ficamos sem café há alguns dias.

— Assim como aconteceu com o resto de nossos suprimentos — seu parceiro resmungou.

Andrew ignorou o mineiro desdentado e corcunda. O homem mal fora registrado em seus pensamentos conscientes.

— Admito que estou muito cansado de comer coelho e língua de búfalo assada, regada com água do riacho lamacento — disse Bonneaux, jogando a cabeça para trás em outro longo gole.

Com as mandíbulas cerradas, Andrew o observou. A maioria das mulheres o acharia bonito, ele supunha. Por baixo do revestimento de pó da trilha, o cabelo castanho claro era grosso e ondulado. Um bigode fino lhe dava um ar libertino. Ele era alto, quase chegando à altura do próprio Andrew, e era elegante. Ao contrário do mineiro com quem viajava, ele usava um colete de seda estampado sob um casaco verde empoeirado, ao invés de uma camisa de chita e calças de lona ásperas.

Como se sentisse a tensão de Andrew, Bonneaux esvaziou o conteúdo da caneca e dirigiu um olhar pensativo para ele. Seus olhos castanhos observaram a designação da unidade militar informada acima das espadas cruzadas no chapéu do major.

— Você usa a insígnia da 2ª Cavalaria. Esteve em Shiloh?

— Sim.

— Cedar Creek?

— Sim.

Os anos de guerra surgiram como fantasmas, dançando de forma macabra por sobre as chamas. Sob a luz bruxuleante, dois antigos inimigos se olhavam.

— Onde você está postado agora?

— Forte Laramie.

— Forte Laramie! É para onde estou indo. — Bonneaux jogou o resto de seu café nas chamas. Assobiando e cuspindo, eles quase abafaram suas palavras ansiosas. — Minha esposa está lá, ou estava quando me escreveu há um par de meses atrás. Você a conhece? Julia Bonneaux?

O ar perfurou o peito de Andrew como uma flecha com ponta de ferro.

— Eu a conheço.

— E minha filha? Suzanne? Ela também está lá?

— Sim.

— Minha pequena Suzanne. — O rosto de Bonneaux se suavizou com um sorriso. — Eu não a vejo há mais de dois anos. Ela ainda é a coisinha adorável de que eu lembro?

Uma dúzia de imagens invadiram a mente de Andrew. O rosto chocado de Suzanne quando ela encontrou a mãe enredada com um estranho nas escadas da casa de Schnell. Seus olhos acusadores, cheios de lágrimas, quando viu seu animal de estimação morto. Seu nariz se contraindo em desgosto depois de pisar no excremento de seu pônei. Suas bochechas pálidas apenas começando a recuperar a cor.

Ainda mais vivas, surgiram as imagens da mãe de Suzanne. Andrew podia ouvir a risada de Julia, sentir seu sorriso. Como se ela estivesse ao lado dele, banhada pelo luar, ele podia ver seu cabelo sendo levado pelo vento. Seus olhos violeta brilhavam para ele como pétalas de flores de uma cor profunda.

Bonneaux não tinha direito a nenhuma delas! Um pensamento selvagem atingiu Andrew como uma faca de caça bem afiada. O homem havia abandonado a filha, deixara sua esposa sem dinheiro, não enviara nenhuma notícia a elas em dois anos. Ele não tinha o direito de voltar às suas vidas agora. Não quando...

Não quando Andrew queria reivindicá-las. A mãe, com uma necessidade tão desesperada que devorava seu coração. A filha, com um forte desejo de protegê-la, ensiná-la e guiá-la enquanto se tornava mulher.

Só o amargo lembrete de que ele também deixara Julia sozinha e desesperada em Nova Orleans impedia Andrew de mandar que Bonneaux subisse em um cavalo e partisse para qualquer lugar que não fosse Forte

Laramie.

A expressão tensa em seu rosto se comunicou com Bonneaux. A voz do jogador estremeceu de preocupação.

— Por que você está tão nervoso? Aconteceu alguma coisa com a minha filha?

Os pensamentos caóticos de Andrew se estreitaram em uma verdade clara. Ele não podia negar a Suzanne seu pai assim como não poderia negar a Julia seu marido. Então, respondeu lentamente, sentindo cada palavra como a torção de uma faca em sua barriga.

— Uma epidemia de cólera varreu o posto em agosto. Suzanne ficou doente, mas sobreviveu.

— Graças a Deus por isso!

— Ela estava recuperando sua força muito bem até esta tarde.

— Esta tarde? O que aconteceu esta tarde, major?

— Ela e sua amiga foram cercadas por motoristas de carga bêbados. As meninas fugiram. As mães não tiveram a mesma sorte.

— Santo Cristo! — Bonneaux empalideceu. — Minha esposa está bem?

— Ela está muito machucada, mas não sofreu ferimentos graves. A outra mulher, uma Sioux chamada Andarilha da Lua, teve a garganta cortada.

Uma respiração aliviada escapou do jogador como um assobio.

— Lamento pela índia, mas se Julia e Suzanne estão bem, isso é tudo que importa.

— Para você, talvez — Andrew disse friamente. — O marido de Andarilha da Lua pode não concordar.

Os ombros de Bonneaux ergueram-se sob o casaco verde-claro.

— Eu tenho problemas suficientes. Não posso pedir emprestado os dos outros também.

O homem tinha mais problemas do que poderia começar a adivinhar. Sabendo que Bonneaux ouviria os rumores sobre o major e Julia em breve, Andrew apontou o queixo na direção dos cavalos, que estavam afastados das tendas.

— Precisamos conversar. Venha comigo enquanto eu dou uma olhada no meu cavalo.



Philip Bonneaux, silencioso e de olhos pétreos, saiu do acampamento na manhã seguinte, acompanhado pelo mineiro sem dentes e por uma escolta de dez

soldados fortemente armados.

Andrew observou-os partirem, a mão enluvada agarrando as rédeas de Júpiter. Por longos e agonizantes minutos, o homem havia debatido se enviaria uma carta para Julia com um dos soldados. Finalmente admitiu que não havia nada que pudesse dizer a ela naquele momento. Nada que já não tivesse sido dito. Nada que pudesse mudar sua situação condenável.

Ela sabia como ele se sentia, como sempre se sentira em relação a ela. Ele não precisava colocar isso em um bilhete, e não faria diferença se o fizesse. Virando as costas para o pequeno pelotão rumo ao sul, Andrew ordenou que o corneteiro desse o sinal.

Durante o trinado rápido das notas, os homens montaram. Momentos depois, os principais sargentos os conduziram em fileiras de duplas. Primeiro os cabos, depois os soldados. Eles se alinhavam em longas colunas, com suas montarias recém preparadas e alimentadas, selas e freios limpos da lama do dia anterior.

— Faça a chamada.

Enquanto o sargento ordenado anotava o relatório de cada soldado, Andrew dirigiu os olhos para a linha de tropas. Eles eram muito desorganizados. Alguns usavam gorros de forragem em ângulos elegantes, outros usavam chapéus cinzentos ou de campanha de abas largas. Apenas alguns tinham abotoado a blusa do uniforme de lã azul até o pescoço, conforme necessário. Como o major, a maioria deixara os botões de cima desfeitos e mantinha a aba da frente aberta para evitar que o material arranhasse seus pescoços. Com sua coleção de costeletas de carneiro, bigodes e bandoleiros pendurados nos ombros, eles se pareciam mais com um grupo de bandidos do que com um regimento de cavalaria.

Sua aparência surrada não enganava Andrew. Ele havia cavalgado muito tempo e lutado arduamente com os veteranos entre eles, que pessoalmente treinaram os novos recrutas. Ele sabia do que eram capazes, entendia seus medos e fraquezas individuais. Eram a coisa mais próxima que Andrew tinha de uma família.

A coisa mais próxima que ele poderia ter.

Com a mandíbula cerrada, ele girou a cabeça de Júpiter e os conduziu para fora.



Eles encontraram o que restou de um dos motoristas três dias depois. O fedor de

carne queimada se erguia à brisa fresca e ardia em suas narinas mesmo antes de verem a fina espiral de fumaça negra.

Águia Solitária chegou ao local primeiro. Distanciando-se muito da coluna principal de tropas, o Arapaho freou em uma ligeira subida. Ficou sentado imóvel na sela, seu olhar voltado para baixo, até que Arizona Joe se juntou a ele.

— O que diabos...?

O motorista estava pendurado de cabeça para baixo em um tripé feito de varas amarradas. Uma fogueira de lascas de búfalo, que queimava lentamente, carbonizara o que restava de seu couro cabeludo e enegrecia seu rosto e ombros nus. Sua carcaça assando se contorcia na brisa, perfurada por vinte ou mais flechas.

Um único guerreiro estava sentado em cima de um pônei de guerra pintado a poucos metros do horrível espetáculo. Ele esperou apenas até que Arizona Joe tivesse freado para estimular seu cavalo a avançar.

— Eu tenho uma mensagem de Cauda Manchada. Traga seu oficial para a frente.

Pardee olhou para o rosto de granito de Águia Solitária, cuspiu um xingamento e girou o cavalo. Retornou poucos momentos depois, com o major ao seu lado.

Sentindo a garganta se fechar com o fedor acre, Andrew manteve seu olhar cauteloso no emissário.

— Você tem uma mensagem para mim.

— Eu sou Garra de Urso, da tribo Bad Face de Ogalalla Sioux. Encontramos este e outro dois dias atrás. Estavam com o couro cabeludo de uma mulher Sioux.

Águia Solitária falou pela primeira vez.

— Ela era minha esposa.

— Isso nós descobrimos. — Garra de Urso cuspiu no chão. — Você é Arapaho. Ela era Sioux. Você a roubou de seu povo e não a protegeu, mesmo depois de ela ter sido autorizada a ficar com você. Nem vai vingá-la.

— O Exército vai vingá-la — prometeu Andrew severamente. — Assim como vingará a mulher branca que foi atacada com ela.

— O Exército pode vingar essa outra mulher, mas os Sioux devem vingar Sioux. Os dois que pegamos juraram que não mataram Andarilha da Lua, que um de seu grupo, chamado Kincaid, a matou. Eles disseram que você tem esse Kincaid preso em sua cadeia.

— Nós temos.

— Cauda Manchada lhe dará este aqui de presente, mas manterá o outro e fará com que ele chore muitas lágrimas até que os soldados entreguem Kincaid

para ele.

Com isso, ele puxou a cabeça do pônei. Mirando diretamente no cadáver que se contorcia lentamente, ele ergueu uma lança de penas e a atirou. A lança passou pelo peito do motorista.





CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Os últimos raios do sol douraram a superfície do Laramie, ainda inchados após as tempestades torrenciais da última semana. Julia ajeitou os quadris confortavelmente no banco da varanda de seu alojamento e apoiou os ombros na parede áspera de adobe. À toa, ela deixou seu olhar repousar nas onduladas folhas douradas. O ar fresco do outono enchia seus pulmões.

Aquela era a sua hora favorita do dia. Havia terminado suas tarefas depois da aula e esperava sua vez nas cozinhas comunitárias. Ao redor dela, o Forte Laramie fervilhava de vida. As crianças brincavam ao longo do caminho de terra em frente às casas enfileiradas ou se reuniam em pequenas rodas. As mulheres fofocavam em suas varandas da frente enquanto as ceias eram preparadas. Os clarins tinham soado o toque de recolher. Logo a cavalaria terminaria de regar as montarias e seguiria para o quartel. Os homens casados entre eles se retirariam e iriam para casa.

Casa.

Era estranho que agora Julia pensasse naquela confusão de edifícios nas planícies solitárias como lar. Era onde seu coração residia, ela admitiu com alegria silenciosa. Onde ela e Suzanne decidiram permanecer. Com Andrew.

Ele estava fora há mais de três dias. A patrulha tinha saído com duas semanas de ração e grãos para os cavalos. Uma parte de seu coração rezava para que encontrassem os homens que caçavam. Ela queria ver os bastardos pendurados, bem ao lado dos dois que estavam presos na cadeia. Outra parte dela só queria que os soldados voltassem a salvo.

O assassinato brutal de Andarilha da Lua chocara toda a comunidade de Forte Laramie e enfurecera os Sioux. As perspectivas de paz estavam agora reduzidas. George Beauvais se queixou abertamente de que nenhum dos chefes

concordaria em se encontrar com o general Sherman e com a comissão de paz já reunida em St. Louis para a viagem para o oeste.

Descansando a cabeça contra o barro, Julia deixou as pálpebras caírem. Ela não conseguia pensar na comissão de paz. Não se permitiria pensar no horror da morte de Andarilha da Lua. A imagem de Andrew preencheu sua mente. Tão forte, tão rígido, tão diferente do homem por quem ela se apaixonara anos atrás. E ainda assim muito parecido.

— Papai!

O grito colocou Julia de pé em frente ao banco de madeira. Seus olhos se abriram. Quando viu a filha correndo na direção do cavaleiro que controlava sua montaria a poucos metros de distância, seu coração saltou direto para sua garganta.

— Suzanne!

O cavaleiro desmontou rapidamente. Pegando a menina alegre em seus braços, ele a girou no ar. Sua risada se ergueu sobre o vento suave do outono, quase perdida em meio ao balbucio incoerente de Suzanne. Então ele apertou-a contra o peito e enterrou o rosto no cabelo dela.

Lentamente, com cada membro convertendo-se em gelo, Julia se levantou. Ela não conseguia respirar, mal podia ver através da névoa que embaçava seus olhos.

Foi assim que Philip a encontrou. Congelada no mesmo lugar, com suas frágeis esperanças e sonhos despedaçando-se em milhões de pedaços a seus pés. Suzanne se agarrava a ele, seus braços ainda finos apertados ao redor de seu pescoço. Seu rosto ardia de alegria.

— Mamãe! É papai! Papai nos encontrou.

A garganta de Julia não funcionava. Ela não conseguia forçar sequer um gemido. Os olhos castanhos de Philip, tão parecidos com os de sua filha, se prenderam aos dela por cima dos cachos de Suzanne.

— Olá, Julia.

Ele sabia. Ela podia ver em seu rosto. A tristeza. O arrependimento. A dor. Enterrando os punhos profundamente nas dobras de sua saia, ela ficou em silêncio enquanto ele se adiantava e se inclinava para roçar um beijo em seus lábios.



Eles não falaram sobre isso até horas mais tarde, depois que as emoções entusiasmadas de Suzanne a esgotaram completamente e ela caiu como uma

pedra na cama.

A noite escureceu as janelas, que foram fechadas contra o frio. Uma lamparina a óleo tremeluzia sobre a mesa feita de caixotes do exército. Julia sentou-se com as mãos entrelaçadas. Philip ficou em frente a ela.

Andrew lhe contara os fatos mais importantes. Que ele fora o primeiro marido de Julia, que ela pensava estar morto. Que ele assumiu a responsabilidade por ela e Suzanne desde sua chegada a Forte Laramie. Que ele voltara a amar a mulher com quem já fora casado.

— Eu também o amo. — Ela lhe devia a verdade, por mais dolorosa que fosse. — Dei a ele meu corpo assim como meu coração.

Philip respirou fundo. Seu rosto ficou pálido por trás do bigode e depois ficou vermelho. A raiva inundou seus olhos, seguida rapidamente pelo arrependimento. Abriu a boca, então fechou-a de novo.

— Eu tive tempo para pensar durante a longa viagem até Forte Laramie. — Sua voz era baixa, rouca, magoada. — Eu falhei com você muitas vezes, Julia. Com você e Suzanne. Só quero o melhor para as duas. Vou me divorciar de você, se é o que deseja.

Seus dedos se apertaram. As unhas curtas cravaram-se nas costas de suas mãos.

— Eu tenho que pensar.



Dois dias depois, Julia ajoelhava-se sob um raio de sol e dobrava a pesada saia verde de trabalho. Cuidadosamente, colocou-a sobre os itens já embalados dentro do baú. Seus movimentos eram lentos, como se pesos maciços pendessem de seus braços e pernas. Seus membros não estavam mais pesados do que seu coração.

Tudo dentro dela doía ao pensar em sua partida no dia seguinte. Tudo fora arranjado. O intendente estava enviando um pelotão para o sul, até o terminal ferroviário em Cheyenne para pegar suprimentos. Philip havia conseguido lugares para ela e Suzanne no vagão da ambulância que acompanharia os soldados.

Apoiando-se nos calcanhares, ela olhou cegamente para a tampa curva do baú. Ela sentiu como se tivesse envelhecido cinquenta anos no curto tempo desde que Philip voltara para sua vida. As velhas cargas amontoaram-se novamente em seus ombros, as velhas incertezas roeram suas entranhas. Onde eles morariam? *Como viveriam?*

Além das preocupações antigas, havia uma cicatriz nova e crua, uma que ela sabia que nunca se curaria totalmente. Philip só queria o que era melhor para ela. Para ela e para Suzanne.

Assim como Andrew. Ele não lhe dissera nada. Nem escrevera uma linha única. Ele sabia, como Julia, que as necessidades de sua filha deveriam vir primeiro.

Suzanne. Se não fosse por Suzanne...

Apertando os olhos, Julia encostou a testa na tampa do baú. Se não fosse por Suzanne, ela suportaria de bom grado a vergonha e ostracismo social que viriam com a desgraça do divórcio. Mesmo ali, onde as mulheres viviam sob regras muito diferentes do rígido código vitoriano que definia seu comportamento no Leste, uma mulher divorciada perdia todos os direitos sobre sua propriedade, seu nome, seus filhos.

Philip tinha assegurado que não tiraria Suzanne dela, mas Julia não condenaria sua filha a uma desgraça tão grande. Nem poderia tirá-la do pai que ela amava com cada gota de seu coração. Cansada, virou a cabeça para a criança sentada de pernas cruzadas na cama e cujos os ombros estavam caídos, desanimados. Quando Suzanne viu o olhar de sua mãe em sua direção, ela fungou.

— Por que Daisy não pode vir com a gente?

— Papai explicou isso a você, querida. São cento e sessenta quilômetros até o trem em Cheyenne. Seu pônei não poderia ir tão longe.

— Sim, ela poderia. — O lábio inferior da garota estremeceu. — O major diz que ela é de origem indígena. Ela é forte e tem muita... muita...

— Energia.

— Ela facilitaria a viagem, mamãe, e eu poderia dirigir meu carrinho de pônei ao lado do vagão de ambulância no qual você seguiria.

— Daisy não conseguiria nos acompanhar. A ambulância é puxada por quatro mulas.

— Ela pode ir tão rápido quanto qualquer mula estúpida. O major diz que ela é...

— Chega, Suzanne!

Julia não conseguia admitir a verdade. Depois de dois anos nos campos de ouro, Philip chegara a Forte Laramie com pouco dinheiro nos bolsos para pagar a passagem de trem de volta para o Leste. Eles não podiam arcar com o custo adicional de despachar um pônei e um carrinho.

Lágrimas iradas brotaram dos olhos de Suzanne. Cruzando os braços contra o peito, ela olhou para a mãe.

— Não vejo por que não podemos ficar bem aqui na Suds Row. Tem lugar

para você, para mim e para o papai.

— Estes são alojamentos do exército. — Julia controlou suas emoções dilaceradas, segurando-as por um fio muito fino. — Não podemos permanecer neles indefinidamente.

— O major permitiria. Ele gosta de você, mamãe, você sabe que ele gosta.

— Amor...

— Se nós ficarmos, ele poderia me ensinar a cavalgar, como prometeu que faria, e você poderia ajudar a Sra. Donovan quando ela tiver seu novo bebê. A vovó de Pequena Ave poderia trazê-la para brincar comigo algum dia. — Ela terminou em um pequeno gemido indefeso. — Eu não quero ir embora.

Oh, Deus! Nem Julia. A ideia de trocar aquelas planícies selvagens e varridas pelo vento pelas ruas cheias de lixo de uma cidade do Leste quase a sufocou.

— Venha me ajudar a terminar de fazer as malas, *ma petite*. Você vai levar sua boneca com você ou vamos envolvê-la na minha saia, para impedi-la de quebrar?

Ainda com os olhos marejados e inchados, Suzanne pegou a boneca de porcelana que continuava sendo sua maior preciosidade. Fungando, ela acariciou o cabelo loiro que emoldurava o rosto pintado.

— Vou dá-la a Pequena Ave, porque ela colocou a boneca dela ao lado da mãe quando a envolveram em peles de búfalo e a levaram para o enterro.

Julia não pensou que pudesse ficar ainda mais doloroso. O rosto desesperado da filha sobrepôs-se a qualquer outra dor.

— Oh, querida. Isso é muito gentil e atencioso da sua parte. Por que você não...?

As notas claras de uma corneta a interromperam. Inclinando a cabeça, Julia ouviu atentamente. Ela já poderia identificar a maioria dos sinais. Era tarde demais para a ordem de desmonte, muito cedo para o toque de recolher.

Outra onda de notas a fez ficar de pé, com o coração acelerado.

— Um pelotão está chegando.

O rosto da filha dela se iluminou.

— Você acha que é o major?

— Poderia ser.

— Vamos cumprimentá-lo! — Ela pulou para fora da cama e correu ao redor da divisória para a sala da frente. — Ele vai falar com papai e dizer que Daisy pode ir conosco até Cheyenne.

— Não! Suzanne, espere!

Assumindo uma surdez repentina, a garota correu para fora. Julia correu atrás dela, apenas para ser apanhada na multidão de lavadeiras que rumavam em

direção ao campo de parada. Toda vez que uma tropa voltava, era motivo de comemoração.

Mary Donovan Mulvaney alcançou Julia e segurou seu braço. Seus olhos penetraram no rosto da mulher mais jovem.

— Estou esperando que seja a volta dos soldados. Você precisa estar dizendo adeus a ele antes de sair, não é?

— Eu sei.

— Eu também estou esperando que ele não a deixe partir.

— Nós conversamos sobre isso, Mary. Philip é meu marido.

— Você se casou com o major primeiro — a lavadeira apontou, com a franqueza que lhe era característica. — Ele tem uma reivindicação prévia. Há muitas coisas que não se sustentam com esse negócio de anulações e coisas assim.

— Por favor, não torne isso mais difícil para mim do que já é. Philip é o pai de Suzanne. Ela o ama.

— Oh, bem... a escolha é sua, de qualquer forma.

Julia se viu repetindo quase o mesmo refrão a Andrew menos de uma hora depois. Ela ficou rígida e imóvel, incapaz de soltar um único suspiro, quando ele chegou à parada, encabeçando a fileira empoeirada. Alto e ereto na sela, ele puxou Júpiter para dentro e esperou que apenas uma fileira fosse formada, centrando-se nele. Sob a aba do chapéu, os olhos semicerrados varreram a multidão. Julia sentiu o choque de suas íris azuis e penetrantes no momento em que ele a viu.

Ele sabia que ela ia embora. Julia podia sentir isso. Sem dizer uma única palavra, ele se afastou, tanto em espírito como em corpo. Isso deveria ter facilitado as coisas. Em vez disso, deixou-a atormentada de dor.

Afastando seu olhar do dela, Andrew devolveu ao oficial a saudação do dia. O jovem tenente Stanton-Smith, de bigode, tinha a tarefa de transmitir uma mensagem do comandante.

— Os cumprimentos do Coronel Cavanaugh, senhor. Ele pede que você se apresente imediatamente em seu alojamento.

— Diga ao coronel que falarei com ele em breve.

— Sim, senhor.

As esposas e crianças impacientes esperaram apenas até que o sinal para desmontar soasse na parada antes de correr para cumprimentarem seus homens. O major saiu da sela e entregou as rédeas de Júpiter a um dos soldados, com instruções silenciosas para esfregar bem o cavalo e dar-lhe uma medida extra de grãos.

Julia ficou em silêncio, seu peito contraído de dor, enquanto ele mancava na

direção dela. Sua antiga lesão havia endurecido seu membro, como sempre acontecia depois de longos dias na sela. Carrancudo, ele colocou uma mão envolta em uma luva de couro sob o cotovelo dela.

— Caminhe comigo.

Silenciosamente, ela combinou seu passo com o dele. Ele a guiou pelo quartel até o rio. O Laramie borbulhava alegremente sob o sol brilhante e ondulava sobre a planície. Acima dos bancos de cores vivas, o céu estava tão claro e azul que aumentava ferozmente a dor no peito de Julia.

— Quando você vai? — ele perguntou baixinho.

— Amanhã. O contramestre vai enviar um pelotão para Cheyenne para pegar suprimentos. Suzanne e eu vamos no vagão da ambulância.

Seus olhos azuis prenderam os dela.

— É isso que você quer, Julia?

Não! Ela queria gritar a verdade, abraçar-lhe e ficar em seus braços para sempre. Com a garganta apertada, ela respondeu da única maneira que conseguia:

— Sim.

— Então é o que eu quero também.

Ela tentou oferecer a explicação que ele não pediu.

— Philip... Suzanne... eu não posso...

Ele a acalmou com um dedo em seus lábios.

— Eu lhe disse que nunca ficaria entre você e sua filha. Nem vou ficar entre ela e o pai dela.

— Oh, Andrew.

Havia tanta coisa que ela queria contar a ele. Sobre a mudança de Suzanne. Sobre o a forma como o nome do “major” saía dos lábios de sua filha dez ou vinte vezes por dia agora. Sobre o arrependimento que congelava o sangue de Julia sempre que Philip a tocara nos últimos dias. Reconhecendo que essas revelações apenas o machucariam tanto quanto a machucavam, ela engoliu em seco e ofereceu um eco oco das palavras de Mary.

— Eu tenho que fazer o melhor para minha filha. Por amor a Suzanne, assim como para mim.

— Eu sei, querida.

Ele tentou um sorriso. Um que enrugou a pele ao lado de seus olhos e apunhalou-a como uma faca de caça bem no estômago.

— Eu nunca deixei de te amar, Julia. Mesmo durante aquelas semanas em que me arrastei pelo pântano, quando amaldiçoei seu nome com todas as minhas forças, eu te amei. Leve isso com você quando for embora amanhã e a certeza de que eu sempre vou guardá-la no meu coração.

Ele queria beijá-la. A necessidade feria Andrew com as garras afiadas e selvagens de um falcão. Ele ansiava por tomá-la em seus braços, saboreá-la, esperando que o gosto de Julia durasse em sua boca pelos longos meses e anos que viriam.

Mas não faria isso com ela. Não ali, sob o sol forte, onde qualquer pessoa que passeava poderia vê-los e contar para seu marido. Com um sorriso tenso, ele colocou um fio de seda atrás de sua orelha.

— Cuide-se, querida, e cuide da pequena soldado.

— Cuidarei.

Sufocando as lágrimas, ela se virou e correu para longe.





CAPÍTULO VINTE E QUATRO

O coronel Cavanaugh passou a língua pelos lábios secos e rachados e olhou para o subordinado.

— Eu não vou libertar meus prisioneiros.

Andrew ficou na frente da mesa do coronel, com as mãos cerradas em punhos. Ele passara o dia anterior tentando fazer seu superior entender a justiça na ordem de Cauda Manchada. Ele esperava que o velho estivesse mais disposto a ouvir a razão depois de refletir por uma noite.

Deus sabia que o próprio Andrew não havia fechado os olhos durante as intermináveis horas de escuridão. O fato de que Julia estava indo embora de Forte Laramie naquela manhã o manteve acordado e olhando para a escuridão. Ele não estava disposto a ceder à cabeça dura de seu superior.

— Andarilha da Lua era Sioux — ele lembrou o coronel. — O tratado de 51 afirma explicitamente que uma pessoa ou pessoas que cometam crimes contra os Sioux em seus próprios territórios estão sujeitos à justiça tribal.

— Justiça tribal merda nenhuma! — Os olhos avermelhados de Cavanaugh inflamaram-se de raiva. — A mulher foi assassinada no posto. O exército tem jurisdição.

— Que diabos de diferença vai fazer sobre quem enforcará Kincaid, contanto que ele pague pelo que fez?

— Eu não vou entregar um homem branco para aqueles selvagens.

Rangendo os dentes pela intransigência de seu superior, Andrew tentou outro rumo.

— O general Sheridan e os outros comissários partirão para o forte Laramie a qualquer momento. Vamos comprometer todo o esforço de paz se agirmos contra Cauda Manchada.

Um olhar astuto surgiu nos olhos de Cavanaugh. Enganchando os polegares no cinto, ele balançou para trás nos saltos de suas botas.

— Nós não vamos enforcar Kincaid em Forte Laramie. Eu já dei a ordem para preparar a ele e o outro prisioneiro para serem transportados para Cheyenne esta manhã com o pelotão do intendente.

— O quê?

— A partir daí os guardas vão levá-los de trem para Omaha Barracks. — Sua boca se contorceu na caricatura de um sorriso. — Esses babacas da sede do departamento estão muitos ansiosos para agradar aos Sioux. Vou deixá-los assumir a responsabilidade por esses assassinos.

Seu pulso disparou em consternação, e Andrew abandonou o protocolo militar. Inclinou-se para frente, plantando ambos os punhos na mesa do coronel.

— Você não pode enviar Kincaid por cem milhas de planícies abertas com apenas um pelotão de vinte homens como escolta. Isso é o mesmo que acenar uma bandeira vermelha na frente de Cauda Vermelha e convidá-los a atacar!

— Ele vai ter uma surpresa se fizer isso. Nossos homens serão equipados com os novos Springfields de carregamento. Todos vimos como eles foram eficazes na luta do vagão. Vinte homens são mais do que suficientes para este serviço.

A intenção de Cavanaugh tornou-se clara para Andrew de forma súbita e violenta. Atordoado, ele olhou para seu superior.

— Você quer que ele ataque! Você está usando Kincaid como isca, na esperança de incitá-lo a um ato precipitado, como o ataque de Nuvem Vermelha na festa em dezembro do ano passado.

— Isto nem merece resposta.

— O luta do vagão não inviabilizou o processo de paz, mas outra batalha selvagem pode conseguir tal milagre.

Andrew não queria acreditar que seu superior fosse capaz de tal malícia, mas o ódio cintilante nos olhos do homem contava sua própria história.

— Você não pode fazer isso — ele disse categoricamente. — Não vou permitir.

— Está perdendo seu tempo, major.

Ele olhou para seu superior com um desprezo fulminante.

— Vou encontrar George Beauvais. A carta que ele possui, nomeando-o membro da comissão de paz, substitui sua autoridade neste assunto.

— Eu estou no comando aqui — Cavanaugh se enfureceu. — Você vai manter sua boca fechada, soldado.

— O inferno que eu vou.

— Essa é uma ordem direta.

— Eu me recuso a obedecer.

Com sua mente acelerada, Andrew caminhou em direção à porta. Precisava falar com Beauvais, convencê-lo a anular as ordens do coronel. Se necessário, ele mesmo o faria. Teria que arcar com as consequências depois, mas uma corte marcial era a menor de suas preocupações no momento.

— Garret!

O inconfundível estalido de uma pistola sendo destravada o fez girar. Seu estômago se retorceu ao ver o Colt apontado diretamente para seu peito. Pelo brilho nos olhos drogados de Cavanaugh, era óbvio que o ressentimento que vinha se acumulando entre eles havia meses se transformara em ódio.

— Vou prendê-lo por insubordinação e recusa em obedecer a uma ordem legal. Você irá imediatamente para seu alojamento e permanecerá lá.

— Vou permanecer em meu alojamento depois de falar com Beauvais.

— Maldito!

O rugido enfurecido do coronel ultrapassou as paredes. A mão que segurava o Colt começou a tremer. Praguejando, ele levantou a outra mão para firmar a primeira.

— Eu vou atirar em você aí mesmo! Não vou permitir um motim em meu comando.

— É melhor você pensar sobre isso — Andrew disse suavemente. — Mesmo um herói condecorado da campanha de Cumberland pode ter dificuldade em explicar por que atirou em um de seus próprios oficiais e incitou outra sangrenta guerra nas planícies, tudo nas mesmas vinte e quatro horas.

Enfurecido, o coronel socou a mesa. O Colt subiu um pouco mais.

— Ordem! — ele gritou. — Soldado de plantão!

Andrew preparou seus músculos, esperando que o cano se movesse mais uma ou duas polegadas. Um golpe, um único soco na mandíbula, e o velho cairia como um saco cheio de ração.

Uma batida na porta atraiu a atenção de Cavanaugh e forneceu o meio segundo de distração que Andrew precisava.

O láudano poderia ter entorpecido os sentidos do veterano condecorado, mas não diminuía seus instintos. Cavanaugh sacudiu a cabeça assim que seu subordinado preparou o ataque. O Colt disparou. A força da bala girou o corpo de Andrew de lado. Ele tropeçou e caiu, batendo na quina da mesa do coronel. Dor explodiu em sua têmpora, e a lateral de seu corpo queimava. Através de uma névoa escura, ouviu a exclamação espantada do soldado e a resposta concisa de Cavanaugh.

— Este homem estava resistindo à prisão.

— O Major Garrett, senhor?

— Major Garrett, sim, porra! Convoque o soldado de plantão e, em seguida, vá buscar o médico.

Grunhindo, Andrew lutou contra a escuridão.

— Espere! Chame...

— Agora, soldado!

De queixo caído de espanto, o policial olhou boquiaberto para o coronel. Seu olhar de olhos arregalados foi a última coisa que Andrew viu antes que a escuridão o reivindicasse.



A forte luz do sol de outubro irradiava para Philip enquanto ele passeava pela terra batida do lado de fora do barraco que sua esposa e filha haviam chamado de lar por quatro meses. Julia e Suzanne estavam quase prontas para sair. Elas haviam empacotado seus poucos pertences em um único baú, e agora estavam fazendo uma última verificação dos quartos. Philip arrastara o baú para fora e o colocara no carrinho de mão que os levaria ao local onde o comboio estava montado.

A reprimenda e o arrependimento o agarravam com força sempre que ele olhava a peça inócua de bagagem. A esposa que ele havia prometido cobrir com sedas e joias, a filha que ele queria presentear com todos os brinquedos e bugigangas luxuosos, haviam empacotado tudo o que possuíam em um pequeno baú. Suas entranhas se remexiam ao pensar que ele as tinha levado a tal ponto, envergonhava-o ainda mais que ele mal possuísse fundos suficientes para levá-las de volta para o leste.

Sua sorte andava vergonhosa nos últimos meses e anos. Isso mudaria. Tinha que mudar. Ele conseguiria um bom jogo na viagem para casa, ganharia o suficiente para comprar para Julia outra casa arejada e espaçosa, e substituiria a mobília e as joias que ela fora forçada a vender. Conseguiria apagar as linhas de tensão no rosto dela. Apagaria também todas as lembranças do homem que ela estava deixando em Forte Laramie.

As mãos de Philip se fecharam ao lado do corpo. Vinha lutando hora após hora contra um ressentimento que aquecia suas veias desde que Garrett lhe contara a verdade. Por mais que lutasse para subjugar seu ciúme, odiava a ideia de outro homem assumindo a responsabilidade por sua esposa e filha. Odiava ainda mais saber de que Julia havia tirado as roupas e caído na cama de Garrett.

Deus sabia que o próprio Philip não era santo. A vida nos campos de ouro era incansável, na melhor das hipóteses, e precariamente breve para muitos. Um

homem supria suas necessidades como podia com as prostitutas que trocavam grunhidos suados por algum pó de ouro.

Mas Julia... Meu Deus, Julia era sua estrela clara e brilhante. Sua magnetita. Sua consciência. Pensamentos a respeito dela o mantiveram cavando até que não aguentasse mais a lama, a sujeira e a água gelada, então, ele trocou a picareta pela forma familiar de um baralho de cartas.

— Philip?

O som da voz dela o rodeou. Estava banhada pela luz do sol. Seus cabelos negros e sedosos estavam trançados e entrelaçados em uma elegante coroa sobre a cabeça, mostrando à perfeição a linha desenhada de sua mandíbula e pescoço longo e esguio.

— Estamos prontas.

Ela segurava a mão de Suzanne na dela, e uma repentina e feroz onda de emoção anulou o ciúme que devorava as entranhas de Philip. Aquela mulher tinha seu nome. Gerara sua filha. Ela nunca reclamara, nem uma única vez, em todos os anos do casamento deles, embora ele tivesse lhe dado muitos motivos para isso. Ansiava por reconquistar seu afeto, fazê-la rir, ver a felicidade, em vez da resignação, brilhando em seus olhos cor de lavanda. Com o peito apertado, Philip sorriu para a filha.

— Suzanne, minha linda, eu preciso falar com sua mãe. Você pode caminhar um pouco ao longo do rio para que possamos conversar por um momento?

Agarrando sua preciosa boneca ao peito, Suzanne olhou para o pai com olhos largos e desamparados.

— Eu vou dizer adeus a Daisy.

A culpa apunhalou Philip mais uma vez enquanto a filha se afastava. Isso o estimulou quando ele se voltou para sua esposa.

— Você pode ficar, Julia. Sabe disso, não sabe?

Sua garganta se apertou.

— Sim.

— Eu prefiro vê-la feliz do que prendê-la em um casamento contra a sua vontade.

— Nós conversamos sobre isso — ela sussurrou. — Suzanne te ama. Agora que ela tem o pai de volta, eu não poderia levá-la para longe de você uma segunda vez.

Ele enterrou sua dor por saber que ela só iria segui-lo por causa da filha e acariciou seu rosto.

— Talvez possamos começar de novo?

Ela engoliu em seco, sem fingir que não entendia o significado de suas

palavras. Não tinham dormido juntos desde que ele chegara a Forte Laramie. A presença de Suzanne na cama que ela dividia com a mãe proporcionara uma desculpa conveniente.

Seus olhos continham sombras escuras quando ela os levantou para ele. O sorriso que forçou nos lábios rasgou o coração de Philip.

— Talvez.





CAPÍTULO VINTE E CINCO

Os clarins anunciaram a iminente partida do pelotão do intendente. Como qualquer evento que quebrava a rotina diária, a partida atraiu uma multidão de espectadores para o campo de parada.

Julia subiu na traseira da ambulância e pegou um dos assentos voltados para o lado. Suzanne, fungando, pegou o outro. Seu rosto triste e seus ombros caídos lhe renderam um olhar simpático do pai.

— Eu vou te comprar outro pônei, querida.

Seu lábio inferior formou um biquinho.

— Eu quero Daisy.

Philip lançou um olhar para a esposa. Ele ainda não tinha aceitado o fato de que a criança delicada e adorável de quem tinha se despedido há dois anos havia desenvolvido uma vontade própria.

Estimulando o cavalo que pegara emprestado do estoque excedente do exército para a marcha ao sul, Philip foi em frente para conversar com o comandante do pelotão, um capitão da Companhia A. Suspirando, Julia passou um lenço limpo para a filha e encostou-se no banco. Os lados da lona do vagão foram erguidos para permitir a circulação da brisa da manhã. O ar estava tão claro que parecia crepitar, a luz do sol tão brilhante que doía seus olhos. Apertando-os, ela procurou na multidão por um vislumbre da figura alta e esguia de Andrew. Eles tinham se despedido no rio, no dia anterior, mas ela pensou... esperava que ele fosse ver Suzanne.

Era melhor que ele não fosse, ela disse a si mesma, engolindo o nó na garganta que ameaçava sufocá-la. Não podia olhar para trás, não se permitiria pensar no que poderia ter sido. Passaria os próximos anos vivendo um dia de cada vez, jurou friamente. Uma semana de cada vez. Encontraria uma maneira

de começar tudo de novo com Philip, como ele havia sugerido. Encontraria também uma forma de se despedir de Forte Laramie sem se desmanchar em lágrimas.

Mas isso se tornou impossível quando Maria Schnell se aproximou da carroça. Sem fôlego, ela passou a Julia uma cesta coberta com um pano. O aroma tentador de pão recém assado surgiu de debaixo do tecido.

— Eu coloquei um pouco de geleia de pera de cacto aí dentro — a esposa do médico bufou. Seus brilhantes olhos negros dispararam para Suzanne, que ainda fungava. — E uma lata de pêssegos para animar a pequena.

Julia mordeu com tanta força o lábio que sentiu o gosto de sangue. Como se tivesse acontecido no dia anterior, ela podia ouvir Augusta Hottenfelder gritando com o marido, repreendendo-o por ele ter comprado uma lata de pêssegos para Julia e Suzanne. Quão irônico, quão dolorosamente irônico, que ela e sua filha acabassem presas em Forte Laramie por causa de uma lata de frutas, e agora estivessem partindo com a mesma e preciosa mercadoria como presente.

Lutando contra as lágrimas que picavam suas pálpebras, ela apertou a mão de Maria.

— Obrigada.

Mary chegou momentos depois. As duas mulheres tinham se despedido mais cedo, mas a lavadeira não estava disposta a deixá-la partir sem um último conselho.

— Eu viajei do Arizona para as Dakotas e voltei em uma dessas carroças — ela anunciou, entregando um edredom de plumas a Julia. — Você e Suzanne vão precisar disso para ficarem confortáveis durante o dia e evitar o frio à noite.

Julia tentou recusar a colcha costurada à mão.

— Eu não posso aceitar isso. Você me disse que foi um presente de casamento.

— Oh, eu já me casei tantas vezes que nem me lembro quem me presenteou com isso ou aquilo. Aceite — ela insistiu. — O major não gostaria que você partisse pelas planícies sem algo para mantê-la aquecida durante a noite. E falando em major...

— Ele não está aqui — Julia disse calmamente.

— Mulvaney disse que houve algum problema no Old Bedlam há algum tempo. Um tiro disparou ou algo assim. O major deve estar resolvendo o assunto.

— Um tiro! O que aconteceu?

— Ninguém sabe com certeza, mas Mulvaney acha que tem a ver com aqueles homens podres ali. — Com um aceno de sua cabeça de cabelos laranja-avermelhados, Mary apontou para os pedaços de carniça aos quais se referia.

Para seu horror, Julia viu dois homens se arrastando em direção ao vagão de suprimentos. Ambos usavam ferros pesados nas pernas e nos pulsos, apesar de estarem com ataduras. Tropas com fuzis marcharam em ambos os lados, mas a mera visão de seus rostos machucados e sujos fez a pele de Julia se arrepiar.

Um dos guardas baixou o encosto do vagão coberto de lona. O outro cutucou os prisioneiros lá dentro. Quando a lona foi novamente colocada no lugar, o comandante do pelotão deu uma ordem.

— Corneteiro, som para os cavalos.

— Mary! — Com o coração acelerado, Julia se virou para encarar sua amiga. — Por que esses homens estão sendo transportados conosco?

— Eu não sei, a menos que seja porque são homens de George Beauvais e ele convenceu o coronel a enviá-los de volta aos Estados Unidos para julgamento.

Não fazia sentido para Julia. Certamente o coronel Cavanaugh poderia ter exercido sua jurisdição sobre os criminosos ali mesmo. A ideia de viajar no mesmo comboio com os homens que a atacaram e assassinaram Andarilha da Lua fez com que Julia se sentisse enjoada. Estava engolindo de volta o gosto amargo da bile quando as notas nítidas e claras do trompetista cortaram o ar.

— Aaaaa-diante, homens!

Com um tapa nas rédeas e alguns insultos bem escolhidos, o motorista da ambulância pediu às mulas que se movimentassem.

Mary recuou, seus olhos azuis marejados.

— Tenha uma jornada segura.

Outros na multidão gritaram um coro de despedidas finais.

— Boa sorte para você, senhora!

— Mantenha as costas retas e a mão leve nas rédeas, pequena soldado!

Atordoada com o rumo dos acontecimentos, Julia mal ouviu seus chamados. Mil pensamentos giraram em sua cabeça, mas apenas um emergiu com clareza cristalina. Ela precisava ir até Andrew. Ele não sabia da ordem de mandar os prisioneiros para o sul. Ele não permitiria que isso acontecesse.

Julia se afastou do banco, pretendendo agarrar o casaco ou a manga do motorista e exigir que ele parasse a carroça. Se a roda não tivesse atingido um monte de lama seca, ela poderia ter feito exatamente isso. O salto repentino a desequilibrou. Ela caiu no vagão, batendo no joelho com o osso direto na madeira, e o salto de sua bota ficou preso na bainha de sua saia listrada em tom de cereja.

No momento em que ela se soltou e se colocou de pé novamente, o vagão tinha começado a subir a inclinação que levava aos penhascos além do posto.



— Mantenha-o parado.

— Estou mantendo, senhor.

Andrew ouviu as vozes através de uma névoa grossa e cinzenta. Lutando contra ela, ele tentou abrir os olhos. Uma dor forte como aço atingiu sua têmpora. Instintivamente, ele se encolheu.

— Mantenha-o parado, merda!

Ele forçou seus olhos a se abrirem, mas ainda viu tudo cinza. Um borrão pálido inundou seu campo de visão e desapareceu. Aço afiado apunhalou sua têmpora mais uma vez.

— Pronto, este é o último ponto.

O borrão voltou e se transformou em um rosto carrancudo, emoldurado por um bigode cinza e espesso.

— Henry?

— Você está de volta conosco, não está?

Andrew franziu a testa para o médico e lutou contra a dor que martelava em sua cabeça. Lentamente, o nevoeiro cinzento se dispersou. As imagens retornaram para ele, obscuras a princípio, depois rápidas e afiadas. Cavanaugh. Um tiro. O rosto chocado do soldado.

Ele se levantou, amaldiçoando quando agulhas de fogo atingiram a lateral de seu corpo.

— É melhor você ficar quieto — aconselhou o cirurgião. — A bala passou perto de suas costelas. Não causou nenhum dano sério, mas você bateu forte essa cabeça. Eu tive que dar alguns pontos para fechar o corte.

Rangendo os dentes, Andrew lutou para se sentar. O barulho que acompanhou seu movimento atraiu outro xingamento selvagem. Ele precisava apenas de uma única olhada em seus pulsos e tornozelos para identificar a fonte. O bastardo o tinha acorrentado.

Piscando para afastar a dor que estilhaçava seu crânio, ele deu uma rápida olhada ao redor. Aparentemente, o coronel havia percebido que não podia confiar apenas na prisão domiciliar para manter o major na linha. Ele ordenou que Andrew fosse confinado a uma das úmidas e subterrâneas celas da prisão.

— Fique quieto enquanto eu o enfaixo.

Enxaguando as mãos em uma tigela de água ensanguentada, Henry colocou um pano dobrado na têmpora de Andrew. Seu auxiliar ajudava enrolando uma atadura de gaze em volta de sua cabeça. Feito isso, o cirurgião virou um olhar fulminante para o paciente.

— Agora, me diga por que Cavanaugh atirou em você e depois mandou que o acorrentassem antes de me deixar examiná-lo.

— Eu vou te contar mais tarde. — Grunhindo, Andrew encolheu um ombro para testar a ferida na lateral de seu corpo. Queimava como o inferno, mas não iria mantê-lo parado. — Primeiro tenho que falar com George Beauvais.

— Beauvais? Por quê?

— Eu não tenho tempo para explicar agora. Apenas encontre-o, Henry. Diga-lhe que é imperativo que eu fale com ele antes que o pelotão do contramestre saia do posto.

— Você ficou apagado por um tempo, homem. Os vagões e sua escolta partiram mais de uma hora atrás.

— Droga!

Ouvindo o barulho de correntes, Andrew jogou as pernas para a lateral da cama. Henry agarrou o braço dele quando se pôs de pé. As paredes de pedra cinza ficaram embaçadas. Grunhindo, ele lutou para vencer a escuridão.

— Os dois prisioneiros civis partiram com os vagões?

O médico lançou um olhar interrogativo para o soldado parado do lado de fora da cela. O veterano grisalho assentiu.

— Sim, senhor. Eles foram retirados pouco antes de termos trazido o major, pouco antes de o coronel ter ordenado...

Ele gaguejou até parar, com uma expressão miserável se destacando em seu rosto envelhecido.

— Eu realmente sinto muito pelas correntes, Major. O coronel estava muito irritado e insistiu em exigi-los, assim como exigiu que o trouxéssemos aqui para baixo.

Andrew deu de ombros à desculpa abjeta. Muldoon só tinha seguido as ordens de Cavanaugh, e essas não eram as ordens que o consumiam agora.

— Encontre Beauvais, Henry. Tenho que convencê-lo a anular as ordens do velho e trazer as carroças de volta.

As sobrancelhas espessas do cirurgião se ergueram.

— Beauvais é um civil! Ele não pode dar ordens sobre movimentos de tropas militares.

— Ele pode, se esses movimentos afetarem diretamente sua missão de paz, conforme ditado pelo Congresso e pelo presidente.

Com o maxilar cerrado, Andrew transmitiu suas suspeitas sobre os motivos de Cavanaugh para enviar Kincaid ao sul com o pelotão do intendente. Schnell abriu a boca em um protesto chocado, depois fechou-a. Como o major, ele vinha observando a deterioração do estado de seu supervisor nos últimos meses.

— Encontre Beauvais — repetiu Andrew. — Rapidamente.

Henry Schnell retornou menos de vinte minutos depois – sem o caçador de peles barbudo que virara embaixador da paz.

— Beauvais não está aqui — relatou o cirurgião. — Ele recebeu a notícia de que o agente do Ogalalla estava usando os suprimentos destinados aos Sioux e partiu ontem para verificar.

O estômago de Andrew se revirou. Ogalalla ficava a dois dias de viagem de Forte Laramie. Na penumbra da cela, o olhar sombrio de Henry encontrou o dele.

— Eu enviei um mensageiro atrás dele.

— Se Cavanaugh souber disso, ele também vai prendê-lo.

— Vou aceitar o risco.



A manhã se arrastou para a tarde. A noite desapareceu na escuridão. Nauseado demais para comer, Andrew deixou os ratos comerem a carne de porco e o feijão que lhe serviram. Os outros prisioneiros – um deles ainda com os olhos turvos pelos efeitos de uma noite selvagem no Rancho Coffee's Hog, o outro um desertor trazido de volta e sentenciado a cinco meses de trabalhos forçados – se amontoaram em suas celas e deixaram Andrew com seus pensamentos. Eles não sabiam o que fazer com o fato de que agora o major compartilhava de seus quartos sombrios e úmidos.

Andrew prestou pouca atenção a eles ou aos seus arredores. Aprendera a fechar sua mente em Andersonville, a fechar seus ouvidos aos gemidos e murmúrios inquietantes de seus companheiros de prisão. Depois dos primeiros meses, ele até aprendeu a apagar a imagem de Julia de sua consciência para não enlouquecer. Nenhuma dessas coisas que aprendera lhe concediam algum alívio da tensão que se arrastava por seu pescoço e amarrava seus músculos naquele momento.

Pela segunda noite consecutiva, ele ficou sem dormir, olhando para a luz do luar que penetrava as janelas estreitas e gradeadas, sentindo a umidade infiltrar-se em seu cobertor e em sua pele, desejando que George Beauvais retornasse.

Quando o clarim soou pela primeira vez, anunciando a hora de montar guarda na manhã seguinte, ele estava com os olhos vermelhos iguais aos de Cavanaugh em seu pior momento. Grunhindo ao mexer o corpo ferido, colocou-se de pé e se aliviou no balde fornecido para este propósito. Passos acima de sua cabeça indicavam o início do novo turno de 24 horas. Alguns momentos depois, o guarda apareceu.

— Afaste-se, por favor, senhor.

A porta da cela se abriu. Um soldado abaixou a cabeça e entregou a ração da manhã de café, feijões frios e pão.

— Então você está de guarda, Mulvaney?

— Sim, senhor. — O imponente jovem irlandês apontou por cima do ombro para o suboficial atrás dele. — Eu pedi ao sargento Muldoon para me designar, senhor. Ou melhor, minha esposa pediu.

— Mary?

Ele já deveria imaginar que a lavadeira decidiria ir direto ao fundo das coisas.

— Estamos ouvindo rumores, senhor. Todo o acampamento está zumbindo com eles.

Ele não duvidava disso.

— E há novidades.

— Que novidades? — Andrew perguntou bruscamente.

— O telegrafista de Cheyenne avisou que uma das equipes da estrada de ferro avistou um confronto. Estavam todos pintados e usando seus gorros de guerra. Duzentos, talvez trezentos, indo para o Norte. Eles vieram descendo a pista, mas os ferroviários aceleraram e escapam com todos os fios de cabelos intactos.

— Sioux ou Cheyenne?

— Um pouco dos dois, senhor.

O estômago de Andrew se apertou.

— Alguma notícia do nosso pelotão?

— Não, senhor, mas...

— Mas o quê, homem?

— Mary acha que o senhor deveria ir atrás de sua dama. Dela e da menininha.

O olhar de Andrew dirigiu-se a Muldoon. Sem pestanejar, o guarda grisalho entrou na cela e tirou uma chave de dentro da blusa do uniforme.

— Estou pensando o mesmo que o soldado Mulvaney, senhor.

Ajoelhando-se, ele tirou as correntes da perna de Andrew. Elas caíram, seguidas pelos ferros de seu punho um momento depois. O sargento sofreria consequências por isso, Andrew sabia. E ganharia algum tempo na prisão. Nenhuma das possibilidades pareceu preocupá-lo quando ele soltou o cinturão e passou sua Colt para Andrew.

— Seu cavalo está selado e esperando por você do lado de fora, senhor, junto com alguns dos nossos soldados que não querem ver seus companheiros perderem a cabeça por causa de uma pilha inútil de merda como Kincaid.

Assentindo, Andrew afivelou o cinturão e dirigiu-se para as escadas. Desceu os degraus de dois em dois e saiu da prisão, mas parou assim que colocou o pé para fora. A bandeira vermelha e branca da companhia C chicoteava na brisa da manhã. O trompetista estava sentado com a corneta apoiada no quadril, esperando por ordens. Atrás dele, quase toda a companhia, armada e pronta para agir. O tenente-soldado Stanton-Smith fez sua montaria avançar e o saudou.

— Lamento informar que o coronel Cavanaugh está indisposto, senhor. Ele tomou alguns remédios novos que o médico receitou para ele e sentiu-se tonto e desorientado. Assinou a ordem para a sua soltura pouco antes de ele cair na cama.

Um sorriso insinuante passou pela boca de Andrew. Henry Schnell devia ter dopado o velho com suas guelas para conseguir que ele assinasse tal ordem.

Montando em sua sela, ele correu um olho pela coluna. Conhecia todos os homens, do recruta mais bruto até o soldado encarquilhado que cuspiam por entre os cotos dos dentes enegrecidos. Águia Solitária estava ao lado de Arizona Joe Pardee, com seu rosto duro, enquanto Andrew se dirigia à tropa.

— Haverá consequências quando voltarmos... se nós voltarmos. Vocês sabem disso?

— Sim, *senhor*!

Apesar da tensão que amarrava seus músculos, o major sorriu para o coro ensurdecedor.

— Tudo bem, homens. Vamos seguir.



Uma tropa montada, que forçava seus cavalos ao máximo, poderia cobrir três vezes a velocidade de um pelotão lento que escoltava carroças puxadas por mulas. Com alguma sorte, Andrew percebeu, eles alcançariam o pequeno grupo antes do anoitecer.

No final das contas, eles ouviram o chocalhar distante do tiroteio no momento em que a bola de fogo do sol começava a afundar em um mar de pradaria.





CAPÍTULO VINTE E SEIS

Enquanto vivesse, Julia se lembraria do terror que a dominara quando as colinas ao seu redor de repente ganharam vida. Em quase um piscar de olhos, uma linha ininterrupta de cavaleiros coroou as colinas. Suas silhuetas pareciam negras contra o sol flamejante.

O soldado da coluna primeiro alertou a tropa do perigo. Ele desceu correndo uma colina, curvado sobre o pônei. As frases curtas em que consistiram em seu relatório fizeram com que os homens pegassem rifles e pistolas. Um a um, eles foram quebrando as fileiras.

O motorista da ambulância reagiu com a mesma rapidez. Chicoteando e xingando as mulas, ele puxou o grupo para a direita e aproximou-o da carroça na frente, formando a lateral de um quadrado rígido. No momento em que seus focinhos tocaram a carroça, ele alcançou por trás do assento para pegar as estacas de piquete e pulou para desatolar os animais. Com uma ordem severa para que Suzanne, que choramingava, ficasse onde estava, Julia desceu para ajudar.

Philip correu um momento depois.

— Quando o ataque chegar, você e Suzanne devem se deitar no fundo da carroça. Eu baixarei os lados da lona. Isso deve protegê-la de flechas voadoras.

A lona não as protegeria de balas, mas nem ela nem Philip admitiriam isso enquanto a filha os olhava com olhos enormes e assustados. Em silêncio, a menina implorava por proteção. Julia não podia dar. Em vez disso, ela puxou o marido a alguns metros da carroça e estendeu a mão.

— Você tem um rifle. Me dê sua pistola.

Com o rosto sombrio, ele tirou a arma e passou para ela.

— Não use a menos que... a menos que você tenha certeza de que é

necessário.

Julia compreendeu imediatamente o significado daquelas palavras. Com seus olhos brilhando, ela empunhou a arma com firmeza.

— Eu não tenho intenção de atirar em mim mesma ou em Suzanne! Posso sobreviver se for levada pelos Sioux, e ela também pode. Mas não pretendo permitir que levem uma de nós sem lutar.

Girando nos calcanhares, ela voltou para a carroça e entrou. Com a ajuda de Suzanne, ela reorganizou as malas para formar um escudo interno. Feito isso, mãe e filha se deitaram no chão duro.

Em poucos minutos, uma enxurrada de preparações foi feita. Os resmungos da tropa morreram. Um estranho silêncio surgiu. Com o coração batendo dolorosamente contra suas costelas, Julia viu-se encurralada entre os embrulhos altos e desejou fervorosamente que o espaço estreito não parecesse tanto com um caixão. Debaixo dela, Suzanne choramingava baixinho. Murmurando coisas sem sentido e insignificantes para a garota aterrorizada, Julia fechou os olhos. Se fosse morrer, que morresse rápido. De uma bala certa ou uma flecha no coração.

Mas não sua filha.

Por favor, Deus, não a sua filha!

Com cada fibra de seu ser, ela se agarrava à certeza de que os Sioux tinham mais tendência a levarem crianças como prisioneiros ao invés de matá-las.

A esperança cresceu violentamente quando ela ouviu um grito distante. Eles queriam conversar! Isso certamente significava que queriam negociar!

Ela não entendeu as frases Sioux gritadas através das planícies, mas a resposta do comandante do pelotão não deixou nenhuma dúvida em sua mente.

— Diga a Cauda Manchada que eu não tenho nenhuma autoridade para liberar os prisioneiros.

Outra sequência de frases irritadas se seguiu, depois o som de um pônei galopando. Algumas dúzias de batimentos cardíacos depois, a terra sob a ambulância começou a tremer. O que soava como mil cascos trovejou das colinas, e a primeira saraivada de tiros cortou o ar.



A companhia C perseguiu o eco do fogo de fuzil durante uns bons vinte minutos. O sol era uma bola vermelha flamejante que se afundava no horizonte ondulante da campina quando eles chegaram ao topo da última elevação e viram o pequeno e sitiado grupo.

— Soe a corneta!

O corneteiro tinha a trombeta nos lábios antes de Andrew gritar a ordem.

— Eeeeeem frente!

Cinquenta soldados dispararam suas montarias de galope para velocidade máxima. A terra trovejou sob duzentos cascos batendo. Segundos depois, fuzis e revólveres rugiram, cuspidos uma parede de fumaça.

Os cavaleiros convulsivos que circulavam os vagões sacudiam as rédeas, surpresos com o ataque por trás. Eles retornaram o fogo por alguns momentos antes de romperem e se dispersarem em uma dúzia de direções diferentes.

Andrew era muito experiente nos modos dos Sioux e Cheyenne para ir atrás deles. Seus pôneis eram mais resistentes e mais jovens do que as montarias de seus homens. Um grupo de soldados poderia facilmente conduzir a cavalaria em perseguição selvagem enquanto o corpo principal de guerreiros circulava de volta para atacar.

Em vez disso, ele apontou Júpiter para os vagões. O cavalo atravessou o espaço apertado entre as carroças, sobrevoando as barreiras que os soldados sitiados haviam erguido. O resto da Companhia C seguiu, xingando e gritando advertências quando suas montarias bateram umas nas outras ou nas mulas dos piquetes.

Sons de comemoração abafaram seus gritos. Quando o último dos tiros se dissipou, os soldados apressados se levantaram para dar socos nos braços de seus salvadores e bater os punhos em suas costas. O capitão encarregado do pelotão mal se conteve de fazer o mesmo com Andrew.

— Estou feliz em vê-lo, major! Eles estavam nos dando uma canseira.

— Percebi. Quantas baixas?

— Dois, até onde eu sei. Um soldado, um civil.

— Civil?

O peito de Andrew ficou vazio. Ele já estava partindo em direção à ambulância quando viu Julia debruçada sobre um corpo esparramado. Ela apertava um chumaço de anágua rasgada contra o ombro de Philip Bonneaux.

Sangue manchava o pano e pingava por entre seus dedos. Ela olhou para ele e soluçou algo que poderia ser alegria, alívio ou puro terror.

— Andrew! Me ajude! Philip foi baleado.

— Deixe-me dar uma olhada nele.



Quando o sol se pôs atrás das colinas, a noite desceu rapidamente. Com isso veio

um frio cortante e um vasto panorama de estrelas. Julia ergueu um cobertor até os ombros de Philip, depois se levantou. Cansada, levantou a aba da lona para verificar Suzanne, que estava adormecida. Entre cuidar de Philip e acalmar sua filha quase histérica, sentia-se exausta demais para dar atenção ao seu medo.

O aroma celestial de grãos de café queimados e gordura crepitante de carne de porco atraiu-a para a fogueira em uma extremidade do local. Reconhecia a maioria dos homens sentados em banquetas e caixas de munição ao redor do fogo, mas foi o oficial alto e esguio que a atraiu.

A sombra de uma barba se destacava em suas bochechas e queixo. A borda do chapéu cobria a maior parte de um curativo na testa. Ele contou a ela o que havia acontecido. Se não tivesse visto a evidência do ódio de Cavanaugh quando ele ordenou que ela não incluísse os Sioux em suas aulas, ela não acreditaria que ele fosse capaz de colocar toda a sua tropa em risco tão deliberadamente.

Andrew levantou-se e cedeu-lhe o assento, depois entregou-lhe uma caneca de lata.

— Como está Bonneaux?

Ele não conseguia chamá-lo de Philip, percebeu Julia, e muito menos se referir a ele como seu marido.

— Melhor. O sangramento parou, e o láudano que o motorista da ambulância deu a ele finalmente o fez dormir.

O grunhido de Andrew poderia ter algum significado. Suspirando, Julia tomou a bebida amarga. Como se sentissem que eles precisavam conversar, os outros foram se afastando da fogueira um por um.

Ele colocou algo pesado sobre os ombros dela. O cobertor cheirava a pó de cavalo e pradaria, mas Julia sentia-se grata pelo calor que proporcionou.

— Você acha que os Sioux vão voltar?

— Sim. Cauda Manchada quer Kincaid.

Seu olhar se deslocou para os homens amontoados ao redor do fogo do outro lado do acampamento. Os dois condutores de mulas ainda estavam acorrentados. Um tinha uma bandagem suja enrolada na coxa. O outro mostrava uma bandagem similarmente imunda sob os rasgos de sua camisa.

Na época do ataque, o capitão que comandava o pelotão não ouvira as exigências de armas para se defender, graças a Deus. Andrew nem se incomodou em escutar suas lamúrias. A única preocupação que ele demonstrou foi mandar Águia Solitária sair com Arizona Joe para ficar de sentinela em silêncio. O Arapaho saiu com um olhar que prometia a Kincaid que ele retornaria.

O motorista ergueu a cabeça e pegou Julia olhando para ele. Por alguns momentos, a noite se fechou sobre ela e tudo o que ela pôde ver foi Kincaid degolando Andarilha da Lua. Como se lesse sua mente, ele curvou seus lábios de

volta em um sorriso, então os repuxou, enviando a ela um beijo silencioso e nauseante.

Se estivesse segurado a pistola de Philip naquele momento, Julia teria atravessado a clareira e atirado no homem diretamente em seu coração.

Estremecendo, ela voltou a olhar para Andrew.

— Você vai entregá-lo para Cauda Manchada?

— Sim. Vou sair com ele e com o outro à primeira luz.

Julia só podia adivinhar as penalidades que Andrew enfrentaria por desobedecer às ordens diretas de seu comandante. Naquele momento, ela não se importou. Cerrando os punhos, proferiu um desejo curto e selvagem.

— Bom! Espero que o bastardo morra uma morte longa e agonizante.

Seu desejo foi concedido, mas não até que o motorista do frete tivesse levado mais duas vítimas para o túmulo com ele.



Kincaid agiu na hora mais escura antes do amanhecer. As fogueiras do acampamento emitiam apenas um brilho fraco. Sentinelas se debruçavam atrás de suas barricadas, olhando para o negrume além dos vagões. Aqueles que não estavam de vigília atiraram-se no chão exaustos.

O muleiro percebeu que não tinha nada a perder. Vira o olhar do major quando segurou a faca contra a garganta da mulher de Bonneaux naquele dia no posto. O mesmo olhar que aparecera em seu rosto naquela noite. Kincaid sabia muito bem que não sairia daquela confusão intacto. Se Garret não o levasse de volta a Forte Laramie e colocasse uma corda em seu pescoço, ele os entregaria aos Sioux, com certeza.

Bem, Billy Kincaid não tencionava ir para o túmulo sem lutar. Se o guarda que colocaram para vigiá-lo era burro o suficiente para lhe dar o cobertor que ele pedia, o estúpido barrigudo de uniforme azul também merecia morrer.

E ele morreu, sem tanto gemido. Sufocando o som de suas algemas com o cobertor que o tolo lhe dera, Billy tirou a faca do policial da bainha, colocou a mão sobre sua boca e enfiou a lâmina entre suas costelas. Um giro rápido, um único puxão dos membros do soldado, e foi feito.

Foi uma morte fortuita, com metade da tropa nas barricadas e a outra metade nervosa demais para dormir, mas a sorte de Billy durou o suficiente até começar a procurar nos bolsos do soldado a chave de suas correntes.

— Kincaid!

O sussurro rouco o fez girar a cabeça.

— Solte-me também!

— Solte-se sozinho — ele sussurrou, jogando a chave para Brewster.

Agradecendo a todos os diabos que possuíam sua alma por estar escuro, ele tirou o chapéu do soldado morto de sua cabeça e puxou-o para baixo em sua testa. Não era exatamente um disfarce, mas ele só o usaria por alguns segundos. Apenas o suficiente para pegar um cavalo e sair dali.

Agarrando a pistola do soldado morto, ele deslizou pelas sombras em direção aos cavalos. A mulher enrolada em cobertores ao lado do marido chamou sua atenção. Philip Bonneaux, ferido, não representava uma ameaça real. Billy o vira desmoronar, vira sua esposa lhe dar alguma coisa para fazê-lo dormir.

O olhar ávido de Billy permaneceu na mulher. Por um momento, apenas um momento, ele ficou tentado a agarrar o cabelo dela e arrastá-la junto com ele, como fizera com a índia. Deus, ele gostaria de ouvi-la gritar. Pena que não teria tempo para esse tipo de diversão agora. Enquanto olhava para ela, teve uma ideia, no entanto. O que precisava era de um refém para realizar sua fuga, e ele sabia exatamente qual tomar.



Um punho brutal envolveu o braço de Suzanne e a arrancou do sono. Aterrorizada, ela atacou com os pés enquanto era arrancada de seu ninho de cobertores e arrastada para o lado do vagão do hospital. O barulho de seus pés chutando a lateral da carroça soou como um tiro de rifle na escuridão.

— Suzanne! O que...?

Sua mãe dormia ao seu lado do vagão. Afastando o cobertor, ela ficou de pé só para cair novamente quando um braço espesso e pesado a atingiu em um arco vicioso. Então o mesmo braço grosso agarrou o pescoço de Suzanne, sufocando-a, mantendo-a fora do chão contra um corpo que fedia a suor. Soluçando, a menina lutou contra seu agressor. Seus calcanhares bateram contra as coxas duras. Algo frio e redondo foi encostado em sua têmpora.

— Solte-a!

A voz do major cortou a escuridão. Outros gritos soaram. Tropas se levantaram. Através de uma névoa vermelha de terror, Suzanne sentiu e peito grudado às suas costas se movimentar.

— O quê? Esta coisinha pequena? Não, eu acho que vou levá-la comigo para brincar.

— Merda, Kincaid, solte-a!

— Você acha que eu não sei que vai atirar em mim no segundo em que eu a soltar?

— Eu não vou. Nem eu, nem qualquer um dos meus homens.

— É verdade? Então por que você não prova suas intenções honrosas, soldado? Esvazie o coldre e jogue sua arma para mim. Bem lentamente! Use sua mão esquerda.

Através de um brilho de lágrimas, Suzanne viu o major alcançar o coldre desajeitadamente.

— O resto de vocês, seus filhos da puta, façam o mesmo. Brewster, pegue-os e os coloque nesta carroça. Vamos levar essa linda coisinha conosco.

A mente de Suzanne, enlouquecida pelo medo, registrou apenas dois fatos grosseiros. O homem que a segurava fora o mesmo que machucara sua mãe. E ele queria levá-la embora. Com um movimento frenético de seus punhos e calcanhares, ela tentou libertar-se.

— Atire nele, major! — ela choramingou. — Ele é um homem mau!

O cano da arma colidiu novamente com sua têmpora. Soluçando de dor, ela se debateu ainda mais. O braço que esmagava sua traqueia soltou-se apenas o suficiente para que ela deixasse cair o queixo e pudesse afundar os dentes na pele suada.

— Sua pequena...

O cano da arma se afastou. Suzanne mordeu o mais forte que pôde, prendendo as mandíbulas e esperando sentir a ponta da pistola desabar sobre sua cabeça a qualquer momento. De repente, o homem mau cambaleou para trás. Caiu com um estrondo. Suzanne foi com ele e alguém caiu por cima dela.

Papai! Aquele era o colete de seda de seu pai, e ele estava esmagando seu rosto!

Ainda assim, ela manteve as mandíbulas cerradas no braço do homem, sentindo o sabor de areia, suor e sangue. Esmagada entre seu pai e o homem mau, ela mal conseguia respirar. Durante todo o tempo, seu pai manteve-se grunhindo, e o homem mau uivava para ela.

De repente, o homem mau jogou o braço para fora, jogando Suzanne de lado como um furão ou uma cobra que se apossara dele. Ela bateu no chão com um baque, seu pai gritou alguma coisa e, então, um tiroteio explodiu ao lado de sua orelha.

Surda e aterrorizada, Suzanne fechou os olhos com força. Algo quente e molhado derramou-se sobre ela. Houve outro tiro, depois outro. Alguém a arrancou dali ou tentou. Ela não abriria os olhos, não abriria a boca.

— Suzanne! — sua mãe soluçou. — Solte-o, *ma petite*! Por favor, solte-o.



Andrew saiu na primeira luz. Águia Solitária cavalgava ao lado dele.

O alvorecer revirava-se no céu, um redemoinho de ouro e rosa, diminuindo o brilho das centenas de pequenos incêndios que disparavam brasas no céu púrpura. Tais incêndios dançaram no escuro a noite toda, lembretes constantes da força esmagadora que esperava pacientemente pela luz do dia para renovar seu ataque.

Andrew só podia rezar que fosse Cauda Manchada à frente do exército de guerreiros, e não Nuvem Vermelha ou Touro Sentado. Se o velho escutasse a razão, ainda haveria alguma chance de que eles pudessem salvar as esperanças de paz... e Andrew poderia honrar sua promessa ao Arapaho que cavalgava ao lado dele.

Os tons de rosa e dourado sumiram. O céu se iluminou o suficiente para que ele distinguisse uma figura distante montada em cima de seu pônei pintado, sentada imóvel sobre a crista de uma colina. Seu cocar de guerra de penas de águia coroava sua cabeça e se derramava às suas costas, seguindo os flancos de seu pônei.

Os Sioux não se mexeram, não desceram para encontrá-los no meio do caminho. Os guerreiros estendiam-se abaixo dele na colina, divididos em silêncio para permitir a passagem do major e do Arapaho, e então, silenciosamente, se fecharam atrás deles. O cabelo da nuca de Andrew se arrepiou com cada solavanco dos cascos de Júpiter sobre a sujeira da pradaria.

Ele parou a alguns metros de distância do chefe de rosto sombrio. Cauda Manchada não olhou para o Arapaho, nem com o canto do olho.

— Você veio me dizer que você vai me entregar os homens que mataram minha sobrinha, Homem Manco da Faca Afiada?

— Não.

— Então você não deixará este lugar vivo. Nem qualquer um dos outros soldados com você.

— Eu vim para lhe dizer que deixarei o bastardo aqui, nas planícies. Com Águia Solitária.

O desprezo torceu a boca do velho.

— Ele não tem o direito de vingar um Sioux.

O Arapaho falou pela primeira vez, com uma voz tão impassível e morta quanto seus olhos.

— Ela era minha esposa. Eu vou vingá-la, mesmo se eu tiver que lutar contra você e cada um de seus guerreiros por esse direito.

O olhar de Cauda Manchada dirigiu-se para o guerreiro pintado. Ele permaneceu imóvel e imutável como as montanhas cobertas de neve que se erguiam a oeste.

— Peço-lhe para pensar em Andarilha da Lua — Andrew disse calmamente. — Ela implorou que você a entregasse a Águia Solitária como esposa. Ela iria querer que ele a vingasse, pois desejava a paz entre nossos povos. Não destrua essa chance agora, com o general Sheridan pronto para embarcar em um trem no momento em que você der a ordem.

Cauda Manchada grunhiu. Por um momento, seus ombros caíram, como se carregassem todas as promessas feitas e quebradas pelos dois lados. De todos os chefes, ele era o que mais falava sobre paz com os brancos e de forma mais eloquente, pois participara de várias assinaturas de tratados. Viajara para Washington para se encontrar com o Grande Pai. A batalha entre sua cabeça e seu coração era dolorosa de assistir.

Cauda Manchada ficou em silêncio e imóvel por tanto tempo que seu pônei fungou impaciente e bateu na terra com um casco traseiro. Inclinando a cabeça, ele sacudiu o cocar para afastar os ácaros da pradaria que enxameavam seus olhos e narinas em uma nuvem nebulosa.

Sob sua camisa do uniforme, o suor escorria pelas laterais do corpo de Andrew. Ele estava se preparando para negociar sua vida em troca de uma passagem segura para Suzanne e Julia quando o velho chefe grunhiu novamente.

— Você vai deixar os que mataram a filha da minha irmã — disse ele a Andrew. — Sioux e Arapaho vão vingá-la.





CAPÍTULO VINTE E SETE

A brisa fresca da tarde levou o som dos clarins através das encostas rosadas até o forte. As lavadeiras curvadas sobre as bacias pararam de bater os uniformes molhados contra suas tábuas de lavar. Soldados da infantaria no campo de treinamento inclinaram a cabeça. Soldados em seus uniformes largaram suas esponjas e correram para fora dos estábulos.

Até Henry Schnell fez uma pausa. Cuidando de um paciente que sofria de um caso grave de hemorroidas, por conta de muitas horas no lombo de um cavalo, ele instruiu o auxiliar do hospital a administrar o remédio normal de um supositório de terebintina e deixou o pobre homem pulando como um coelho. Tirando o jaleco de lona manchada, o médico correu para fora para se juntar à multidão que fluía em direção à parada. Acabara de encontrar sua esposa quando um grito ecoou.

— Lá estão eles! É a Companhia C.

A longa fila de soldados a cavalo apareceu nos baixos penhascos acima do forte, cavalgando lentamente em colunas de quatro. A bandeira vermelha e branca da companhia tremulava na brisa.

As cornetas soaram novamente. Os ombros cansados se endireitaram. Os homens sentaram-se mais eretos na sela. O ritmo acelerou para um trote, depois um galope rápido. As colunas desceram pela estrada inclinada, passaram pelos estábulos, pela loja do comerciante, pelo alojamento do médico. Murmúrios de alívio ergueram-se da multidão quando não viram selas vazias.

— Soldados, eeeeees-querda!

A multidão que esperava aplaudiu quando as colunas foram para o campo de parada. Maria Schnell arfou e agarrou o braço do marido.

— Olha, Henry! Aquela é a Julia montando o cavalo ao lado do Andrew.

Ela está usando uma calça debaixo da saia! E Suzanne não está no colo do Andrew?

— Por que diabos elas não voltaram no vagão da ambulância? — o cirurgião se perguntou.

Ele logo descobriu o motivo, depois que o oficial encarregado desceu rapidamente os degraus de Old Bedlam e correu pela parada para ficar de pé diante do mastro.

As colunas diminuíram para um trote, passaram por ele, pararam e giraram novamente ao comando de Andrew. Sentado rígido na sela, o major devolveu a saudação do oficial.

— Os cumprimentos do coronel Cavanaugh — gritou o capitão. — Ele pede que você se apresente imediatamente ao seu alojamento.

— Diga ao coronel que estarei com ele assim que a Sra. Bonneaux e sua filha forem atendidas, e o corpo de seu marido seja levado para os fabricantes de caixões.

Assustados suspiros se ergueram da multidão. Todos os olhos se voltaram para os lados cobertos de lona do vagão da ambulância e depois se voltaram para Julia. Ela olhou para frente enquanto os oficiais terminavam suas formalidades e enquanto a tropa desmontava.

Andrew desmontou primeiro, depois estendeu a mão para Suzanne. Ela se jogou da sela sem cerimônia direto para seus braços, agarrando-se ao pescoço dele até que Mary Mulvaney atravessou a multidão.

— Venha comigo, pequenina. Venha comigo.

Com um murmúrio de agradecimento, Andrew entregou a menina aos cuidados de Mary. Os dias que passara na sela eram demonstrados em seu mancar, enquanto se movia para a montaria de Julia. Ela ergueu uma perna, vestida na calça, por sobre o lombo e deslizou para seus braços. Estava prestes a entregá-la também aos cuidados de Mary, mas Julia balançou a cabeça.

— Eu quero acompanhá-lo. Acho que Cavanaugh precisa ouvir o que aconteceu de alguém que não seja você.

George Beauvais conseguiu se aproximar, acotovelando as tropas embasbacadas.

— Eu preciso ouvir também.

Henry Schnell se juntou a ele.

— Para o diabo que eu não vou junto também. Não discuta, Garrett. Nós poderíamos também esclarecer a história, já que cada um de nós provavelmente testemunhará perante uma comissão de investigação.

A história, como Julia contou, deixou o coronel tremendo de fúria e incapaz de fazer algo a respeito.

— Kincaid matou meu marido — ela relatou com uma voz dura. — Ele tentou sequestrar minha filha, mas Philip lutou com ele. A arma de Kincaid ficou presa entre os dois e disparou.

— Onde diabos o prisioneiro conseguiu uma arma? — o coronel explodiu. — Alguém abandonou seus deveres.

— Ele a roubou do soldado cuja garganta ele cortou — Julia disparou de volta. — E se estamos a falar sobre abandono do dever, eu gostaria que você explicasse por que enviou esses assassinos para as planícies com apenas uma escolta de vinte homens.

— Eu também — grunhiu George Beauvais.

— Eu só respondo aos meus superiores — o coronel balbuciou —, mas Garrett precisa me dizer o que ele fez com Kincaid e Brewster! — Ele se virou para Andrew, enquanto ressentimento e ódio eram vomitados de sua boca. — Se você os entregou a Cauda Manchada contra minhas ordens diretas, você não vai sair de uma cela de prisão pelo resto de seus dias! Supondo que eu não atire em você por desobedecer às ordens e levar uma tropa para fora sem autorização.

— Você assinou a libertação dele — Henry Schnell informou, elevando de suas sobranceiras espessas.

— Depois que você me dopou com ópio!

— Claro que não, senhor. Eu o deixei com sua dose habitual, porém, infelizmente, o senhor tomou muito.

E ninguém poderia provar o contrário, era o que gritava a expressão do cirurgião.

Beauvais aproveitou a incoerência enlouquecida de Cavanaugh para entrar na briga. O comissário estava furioso com a virada dos eventos desde que o soldado O'Shea o perseguira para lhe contar a verdade.

— Se está discutindo sobre a ordem que deu a Garrett para não falar comigo, é melhor pensar duas vezes antes de abrir boca. O general Sherman vai querer saber por que você tentou amordaçá-lo.

Irritado, Cavanaugh voltou-se para Andrew.

— Não pense que está livre disso. Você ainda tem que responder por Kincaid e Brewster. Aqueles prisioneiros estavam nas mãos do Exército, sob jurisdição do Exército.

Eles ainda estavam nas mãos do Exército na última vez em que Andrew os vira. Mais ou menos. Kincaid estava vivo e gemendo quando Andrew o deixou cair no chão, com Águia Solitária de um lado, Cauda Manchada do outro, enquanto suas facas de caça com cabo de osso cintilavam ao sol. Um Brewster choroso se contorcia e tremia contra a terra ao lado de seu amigo.

— Vou levar o meu caso a qualquer comissão de inquérito que o Exército

escolher convocar — Andrew respondeu calmamente.



O tenente-general William T. Sherman chefiou a comissão de paz que chegou a Forte Laramie na primeira semana de novembro. Ele também serviu como presidente do conselho fretado pelo comandante do Departamento do Platte para determinar se as ações do major Andrew Garrett justificavam o julgamento pela corte marcial.

Andrew ficou detido em casa pelas três semanas anteriores à chegada do general. Ele não vira nem falara com Julia desde o seu retorno a Forte Laramie. Nem a viu durante o inquérito de uma semana, que era considerado um assunto do Exército e fechado a todos os forasteiros.

Quando o conselho finalmente chegou à conclusão de que não havia nenhuma ação inadequada, ele desceu os degraus da frente de Old Bedlam para uma tarde fria e clara. Flocos cristalinos de neve derivavam de um céu de chumbo. Foi a primeira nevada da estação, branca e macia. Limpa. Fresca. Cobriu as cicatrizes da terra deixadas pelo verão e outono.

Dennis O'Shea caminhara com Júpiter para cima e para baixo, no caminho do lado de fora do prédio da sede. Vapor soprava das narinas do cavalo e derretia a neve nos ombros do sobretudo de O'Shea.

— A senhora pediu para avisar que ela estaria esperando por você, senhor. No rio, logo depois da Suds Row.

— Com este frio?

— Foi só o que ela pediu para lhe dizer, senhor.

Andrew enfiou a bota no estribo. Momentos depois, Júpiter passou pelos aposentos das lavadeiras. Fumaça saía das cozinhas comunitárias atrás de Suds Row. Com o início do inverno, as mulheres tinham levado suas bacias para dentro.

Ele seguiu a margem do rio até avistar uma figura solitária. A neve abafou sua aproximação até que ele estava quase em cima dela. Mesmo assim, não teve certeza se era mesmo Julia. Um lenço cobria seu cabelo, e ela usava um casaco volumoso excedente do exército que a envolvia do nariz aos dedos dos pés.

— Julia?

Ela se virou. A preocupação vincava sua testa e escurecia seus olhos para um tom de roxo.

— Ouvi dizer que o general Sherman dispensou a comissão de inquérito — disse ela ansiosamente, a respiração perolando no ar gelado. — Qual foi o

veredito?

— Livre de todas as acusações. — Um sorriso irônico curvou seus lábios. — Eu acho que o fato de Cauda Manchada e Nuvem Vermelha terem indicado que estão prontos para falar teve mais a ver com as conclusões do conselho do que o meu testemunho.

Em vez da exclamação de alegria que Andrew esperava, ela o encarou por longos momentos, depois começou a chorar. Desmontando, ele diminuiu a curta distância entre eles e a tomou em seus braços.

— Não chore, querida. Você vai ficar com queimaduras nas bochechas e no nariz. Por que diabos decidiu me encontrar aqui fora, no frio, afinal?

— Aqui é tão bonito, e... — Ela levantou o rosto para ele, mostrando as faixas de prata que deslizavam por suas bochechas. — Eu não queria que Suzanne visse o quão assustada eu estava. Pensei que você poderia... que poderia...

Ele passou um dedo pelo rosto dela.

— Poderia o quê?

— Que poderia ter que deixar o exército. Ou Forte Laramie.

Ela respirou fundo, estremecendo.

— Ou a mim. Oh, Andrew, eu estava com tanto medo que eles pudessem recomendar uma corte marcial e mandá-lo para a prisão!

O sorriso que havia começado há alguns momentos tornou-se mais amplo e mais cálido.

— Eu já não provei que nenhuma prisão poderá me manter longe de você?

Ele havia segurado as palavras por tanto tempo que elas agora fluíam facilmente, livres, sem sombras. Os velhos fantasmas das mágoas dormiam pacificamente agora sob o cobertor de neve branca e limpa.

— Eu amo você, Julia. Eu a quis desde o momento em que a vi naquele salão de baile em Nova Orleans, e te amei quase instantaneamente.

Outro tremor longo a sacudiu.

— Eu sei que é muito cedo, depois da morte de Philip, para que isso seja certo ou correto, mas eu tenho que saber. Você estava falando sério quando disse que me seguiria para qualquer lugar?

Ela assentiu, mas Andrew precisava ouvir as palavras.

— Diga, Julia. Diga que vai se casar comigo. De novo.

— Eu vou me casar com você. De novo. — Ela deslizou os braços ao redor do pescoço dele, colocando-se na ponta dos pés. — E de novo e de novo, se necessário.

— Acho que só mais uma vez será necessária — ele disse asperamente, então se inclinou para unir seus lábios.

FIM





NOTA DA AUTORA

Você já entrou em uma sala ou ficou em uma colina e foi transportado para outro tempo ou lugar? Foi assim que me senti quando meu marido e eu entramos no terreno do Forte Laramie. Havia o Old Bedlam em toda a sua glória, a loja do comerciante, os alojamentos do médico, o quartel da cavalaria. Eu quase pude ouvir o som distante de clarins ao vento! Eu sabia que tinha que ambientar um livro no forte.

Pesquisar sobre o Forte Laramie e sua história foi uma viagem fascinante no tempo. Talvez você se interesse em saber que as pessoas e os principais eventos que fornecem o pano de fundo para essa história são reais. Embora o posto nunca tenha sido comandado por um coronel Cavanaugh, e Julia e Andrew tenham existido apenas nas páginas deste livro, o Chefe Cauda Manchada levou sua filha ao forte para ser enterrada. Ele foi um dos primeiros chefes dos Sioux a se reunir com a comissão de paz que chegou em novembro de 1867. Nuvem Vermelha resistiu até abril de 1868, quando o Exército concordou em queimar os fortes ao longo da Trilha Bozeman.

Infelizmente, a paz negociada em Forte Laramie em 67/68 só durou até 1874, quando Custer liderou uma expedição às Black Hills de Dakota e trouxe de volta relatórios de evidências de ouro. Hordas de garimpeiros ansiosos invadiram mais uma vez as terras prometidas aos Sioux. A guerra estourou novamente... uma guerra que custaria ao extravagante Custer e aos homens da 7ª Cavalaria suas vidas na Batalha do Little Bighorn dois anos depois.

Se você gostou de aprender sobre os homens e mulheres que viviam sob o som das cornetas, espero que fique de olho no próximo livro desta série. A FILHA DO CORONEL é a história de Suzanne. Toda crescida e muito em casa no recém-criado Território de Wyoming, ela fica cara a cara com um rufião de

olhos duros que logo descobre que ela aprendeu alguns truques surpreendentes com o soldado que a criou.

Tenha uma boa leitura!
Merline Lovelace



NOTAS

Capítulo Dois

1 Minha pequena borboleta; em francês.

2 Bastardo, em francês.

3 Traidor, em francês.

Capítulo Quatro

1 Dança típica irlandesa.

Table of Contents

[Sumário](#)
[Capa](#)
[Copyright](#)
[Dedicatória](#)
[Forte Laramie](#)
[Capítulo Um](#)
[Capítulo Dois](#)
[Capítulo Três](#)
[Capítulo Quatro](#)
[Capítulo Cinco](#)
[Capítulo Seis](#)
[Capítulo Sete](#)
[Capítulo Oito](#)
[Capítulo Nove](#)
[Capítulo Dez](#)
[Capítulo Onze](#)
[Capítulo Doze](#)
[Capítulo Treze](#)
[Capítulo Quatorze](#)
[Capítulo Quinze](#)
[Capítulo Dezesseis](#)
[Capítulo Dezesete](#)
[Capítulo Dezoito](#)
[Capítulo Dezenove](#)
[Capítulo Vinte](#)
[Capítulo Vinte e Um](#)
[Capítulo Vinte e Dois](#)
[Capítulo Vinte e Três](#)
[Capítulo Vinte e Quatro](#)
[Capítulo Vinte e Cinco](#)
[Capítulo Vinte e Seis](#)
[Capítulo Vinte e Sete](#)
[Nota da Autora](#)
[Notas](#)